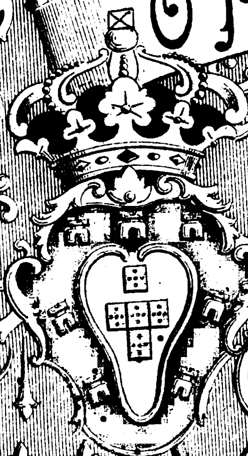
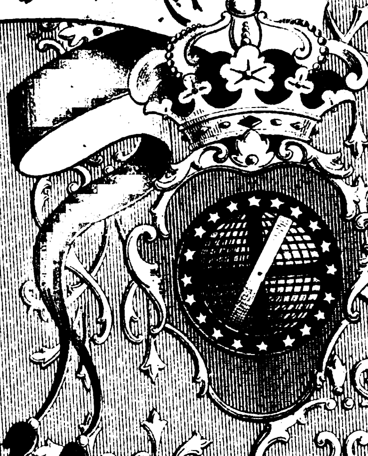


O PADRE ANTONIO VIEIRA





59





Padre Antonio Vieira

HOMENAGEM

DO

Instituto Geographico e Historico da Bahia

AO GRANDE E FAMOSO ORADOR

Padre Antonio Vieira

No bi-centenario de sua morte

ORGANISADA

Pelo 1.º Secretario Cons. João Nepomuceno Torres



BAHIA

1897

Commissão executiva do Centenario

Dr. José Francisco da Silva Lima.

Dr. Braz Hermenegildo do Amaral.

Dr. Filinto Justiniano Ferreira Bastos.

Dr. Joaquim dos Reis Magalhães.

Professor F. Torquato Bahia da Silva Araujo..

Conego Manfredo Alves de Lima.

Dr. José Julio de Calasans.

Mesa Administrativa do Instituto

Presidente—Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

1º Vice-Presidente—Dr. Satyro de Oliveira Dias.

2º Vice-Presidente—Cons. Pedro Mariani.

1º Secretario—Cons. João Nepomuceno Torres.

2º Secretario—Dr. Isaias de Carvalho Santos.

Supplentes—Aloysio de Carvalho e José Lopes Velloso.

Thesoureiro—Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga.

Orador—Dr. Braz Hermenegildo do Amaral.

Substituto — Dr. Filinto Justiniano Ferreira Bastos.

Programma do Centenario

11 de Julho, ás 8 horas da noite

Discurso inaugural pelo Presidente do Instituto, Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque; primeira conferencia pelo orador do Instituto, Dr. Braz H. do Amaral.

13 de Julho, á mesma hora

Segunda conferencia pelo Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro.

15 de Julho, á mesma hora

Terceira conferencia pelo Revd. padre Elpidio Tapyranga.

17 de Julho, á mesma hora

Quarta conferencia pelo Revd. Monsenhor Dr. José Basilio Pereira.

18 de Julho

A's 9 horas—Missa na Cathedral, celebrada pelo Exm. e Revm. Sr. Arcebispo, e em seguida benção de uma lapida commemorativa por S. Ex. Revma.

A's 10 horas—Procissão civica e collocação da lapida na fachada da Cathedral, antigo collegio dos Jesuitas; allocução do Vice-Presidente do Instituto, Dr. Satyro de Oliveira Dias; visita publica á cella do Padre Antonio Vieira no mesmo collegio, á antiga capella do Provincial dos Jesuitas e á exposição bibliographica no actual edificio da Faculdade de Medicina.

PARTE I

CONFERENCIAS SOBRE O BI-CENTENARIO

DO

Padre Antonio Vieira

DISCURSO INAUGURAL

Pelo Presidente do Instituto

Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque

Exmas. Senhoras:
Exm. Sr. Governador do Estado:
Meus Senhores:

ABRE hoje o *Instituto Geographico e Historico da Bahia* de par em par as portas do seu templo para recolher em sua nave soberba o que de mais selecto possue, pelo talento e pela bravura de seus filhos, a Athenas, senão a Sparta brazileira; mas o que symbolisa o brilho de tantas luzes, o esplendor desses ornatos, o perfume de tantas flores no meio de uma athmosphera tão serena e grave de que apenas se destacam visivelmente a curiosidade reverente, a inquirição muda de tão numeroso quanto respeitavel e luzido auditorio?

Quizera poder honrar-me abrindo-vos, com chave de ouro, aquelle portico augusto, quizera dispôr da extensa voz de Stentor para robustamente, de uma só inflexão, annunciar-vos o que significa tão apparatosa sessão cujos tons fluctuam entre o lugubre e o festivo, em que os espiritos como que ora expandem-se nas alegrias, que levam ao coração as gratas reminiscencias, ora parecem concentrar-se no sombrio recolhimento de uma commemoração funerea.

Seja, porém, o que for, ir-vos-hei a pouco e pouco descerrando o véo, não muito ávaro, dos fulgores que abrilhantam este recinto, cuja escolha, já de per si, dá a primeira indicação do objectivo de tão

imponente solemnidade. E si do recinto passarmos a contemplar o soberbo edificio em que acha-se elle encravado, ainda, através da justa admiração que produz a solidez de sua alvenaria, a singeleza de seus marmores, a belleza de sua architectura, a opulencia de seus relevos, divulga-se bem ao longe, como que extinguindo-se na penumbra do passado, os vultos de tantos heroes que, celebrados no mundo das lettras, não foram menos celebres na ingente obra da construcção de uma nacionalidade sobre o solido alicerce da cathechese e instrucção da gentilidade.

Sim, foi aqui, neste monolitho de marmore, que impavido vae atravessando a acção destruidora dos seculos que passam; foi aqui a séde de uma das provincias da mais celebre das ordens sacras do orbe catholico, a cujo gremio, entre outros, pertenceram Vasconcellos, Vicente do Salvador, Nobrega e Anchieta; daqui, centro de fé e de luz, foi que a virgindade das selvas brazilicas, tocada pelo sol das virtudes, abnegação e sciencia de tantos e tão inclytos martyres, fecundou a civilisação, que crystallisou a nacionalidade brazileira: era realmente um verdadeiro systema planetario a grande companhia de Jesus, essa vasta concepção de Loyola, da qual, de quando em vez, surgia, por entre as nebulosas de de seu infinito horisonte, um fóco de luz tão intenso que, ao lado do astro-rei, parecia irmão do sol!

*
* *

Estavam turvos desde fins do seculo XVI os horisontes da Europa, principalmente para os lados da Iberia; o dominio de Castella expandia-se para o norte e para o occidente, e a ambição adunca de seus reisapprehendera, e, entre suas garras, comprimia o esguio reino visinho desde 1580, quando, pela morte de D. Henrique, o cardeal, Felippe 2.º de Hespanha cingiu as duas coroas; o commercio, a lavoura e a industria sentiam-se vulcanicamente estremecidos; o espirito publico, profundamente abatido, tragava em silente odio as humilhações a que era submettido; os vastos dominios sobre os quaes galhardamente tremulavam, não havia muito, as

luzas quinas, eram presas da Hollanda, como da França e da Inglaterra, que os avassalavam não só na Europa, como em todo velho e novo continente!

Foi sob tão pesada athmosphera, que na cidade de Lisboa, a 6 de Fevereiro de 1608, soltára o primeiro vagido uma criança cujos pulmões, até os mais profundos capillares, recolheu na primeira insuflação, de envolta com o oxigenio necessario á vida, uma particula de todos os miasmas em suspensão naquelle meio em que, pela vez primeira, a luz crepuscular das amarguras luzitanas ferira a retina dessa criança, que recebeu no banho lustral o nome de Antonio Vieira Ravasco, gravando-se tão fundo naquella intelligencia embryonaria a lugubre vinheta, que desenhava aquella época luctuosa, que jamais poude extinguil-a a acção do tempo, e contra a qual o seu espirito, desdobrando-se depois em um possante talento, cuja cultura fez-se em apropriada retorta, entre a taciturnidade sombria do claustro e os perfumes de classica bibliotheca, tinha de arcar em todas as direcções e sentidos, patenteando as multiplas faces da sua omnimoda aptidão intellectual, a possança de sua illustração e facundia, tão vastas e admiraveis para aquelles tempos, que o não puderam reter nem os vergalhões da clausura claustral, nem os severissimos preceitos da passiva obediencia monastico inquisitorial: quiçá melhor interpretando o *ad majorem Dei gloriam*, divisa eterna da Ordem que professara.

Sinto, Senhores, que não vos possa ainda descerrar de todo o diaphano véo, que já não occulta somente uma criança predestinada, senão o vulto respeitavel de quem, no mundo illustrado, descreveu, sobretudo na larga zona luzo-brazileira, a mais fulgurante trajectoria, que abriu em constellado firmamento tão profundo sulco, tão lactea via que jamais conseguirão apagar nem os maiores phenomenos sideraes, nem a acção delecteria do elemento que tudo transforma, consome e leva, que o poeta latino desenhou nas palavras: «*tempus ferre omnia consuevit.*»

Sinto que a posição que immerecidamente occupo nesta solemnidade, cujo programma tão sabia e discretamente traçou a illustrada e operosa commissão, que foi della incumbida pelo Instituto e cujo desempenho, bem o vêdes, não poude ser mais surprehendente, não me permitta ir além de uma simples e breve allocução inaugural, em que antecipações que me escapassem seriam duplamente imperdoaveis: um attentado a vossa justissima anciedade, uma subtracção ingloria dos primores oratorios que vão dentro em pouco echoar neste recinto, ou talvez um rapto que debalde tentaria encontrar a justificativa que absolveu o immortal Franklin—quando *eripuit cœlo fulmen.*

Mas por menos que deva dizer eu não poderia conter sem fazer-me violencia, os estos do meu enthusiasmo diante da magnificencia desta solemnidade em honra do vulto, que alli vêdes, por tantos titulos veneravel, que para encomiar cada um delles foi commissionado um talento de primor dos muitos que possue a Bahia, dedicados á esmerada cultura das lettras, das sciencias e da historia, solemnidade tão imponente e deslumbrante que não sei si a qualifique de festiva ou funebre.

*
* *

Senhores, desde os tempos mais remotos, desde a aurora das civilisações primitivas, todos os povos prestaram sempre homenagens e respeitos aos seus homens doutos, como áquelles que pelo tino e perspicuidade levaram a melhor ao commum de seus compatriotas: é assim que os lettrados da China, os magos dos Persas, os padres dos Guebros, os druidas dos Gaulezes e até os pagés das tribus selvagens eram tidos como oraculos e tinham em torno de si uma aureola de venerações e acatamentos. Essa reverencia e culto tradicional aos sabios e notabilidades de todos os tempos é como um instincto da perfectibilidade que vae haurir na pureza das origens, elementos de progresso para a vida do espirito.

Mas os sabios não morrem, porque elles são, como

já o disseram, pharoes nos desertos da humanidade, irradiando sua luz sobre os ermos do espirito; e como immortaes, porque suas fulgurações não perdem a intensidade, a commemoração do traspasso de sua existencia material para a vida dos espiritos, deve, como um tributo de veneração, uma publica homenagem á sua memoria, antes revestir os estofos de gala de que o crepe da tristeza: eis porque na corôa de gloria que enaltece aquella fronte severa e pensativa, dentre os goivos da saudade destacam-se tambem purpureas rosas.

E que melhor interpretação poderse-hia dar ao pensamento que ditou a commemoração que hoje celebramos; si o vime tornou-se roble; si a timidez da infancia transformou-se em incoercivel coragem tantas vezes comprovada, ante a fereza anthropophaga do selvagem, como na presença das tempestades em que tantas vezes achou-se o homem, que aquelle vulto recorda, em frageis caravellas, em pleno oceano que parecia, sempre que o sentia sobre seu movediço dorso, disputar á terra o direito de possuil-o, e ao qual enfrentava com a stoica intrepidez de um verdadeiro lobo do mar, que «ou morre sem gemer no vortice espumante» «ou resurge astro ovante após o vendaval» (*); entre os inextricaveis enredos da côrte, como no meio das traças de arguta diplomacia; diante das injustiças e perseguições seculares ou ecclesiasticas, como nas luctas pela sciencia em um seculo em que desabrochavam talentos philosophicos, como os de Descartes e Leibnitz, genios astronomicos como o de Newton; si aquelle que celebramos com o nome de padre Antonio Vieira, cognominado «o Grande,» para honra e gloria de sua patria, que tambem era nossa, fez-se por si mesmo uma notabilidade universal «*one self made man*»; si após 200 annos a reminiscencia de seu nome, o brilho de seus feitos illustres, perdura indelevel nas lettras e nas sciencias, nas bibliothecas, como nos annaes de sua Ordem, na his-

(*)—R. Muniz Barreto.

toria universal, como é principalmente, na de Portugal e do Brazil?

E' que, Senhores, já o disseram com espirito, se deve julgar dos homens como das contas correntes; nem pelo debito, nem pelo credito, mas pelo saldo. Pois bem, aquelle vulto, cuja vida inteira vae ser submettida á sabia critica dos illustrados conferentes, teve a seu favor tão grande saldo que dois seculos não puderam dissipar; e é, como tereis de ouvir, dos poucos que, pelo rastro luminoso deixado em sua gloriosa passagem entre os homens, como pela rigidez de sua tempera, pela oceanica profundeza e vastidão de seu genio, admirado nas côrtes da Europa, onde relembrava Bossuet, e até pelo solio Pontificio, onde parecia un novo Chrysostomo, nem dissolve a extensão do espaço, nem destroe a acção do tempo.

As impressões fundamente gravadas no grande coração da humanidade são eternas, e assim a memoria do padre Antonio Vieira se perpetuará através dos seculos por vir, envolta em uma tão deslumbrante nebulosa que a universalidade dos povos cultos lhe renderá sempre respeitosa veneração; que Portugal se desvanecerá de haver produzido nelle um dos maiores genios, e que mais renome deu-lhe; que o Brazil, tendo sido o scenario principal de sua vida sacerdotal, sentir-se-ha por isso compensado de lhe não ter sido o berço; que a Bahia se ufanará sempre de ter illuminado o seu espirito, cultivado o seu talento, e de o haver, emfim, recolhido no seu regaço de preciosas gemmas, como em lindas colchas d'ouro o occaso recebe o sol; e finalmente, Senhores, o «Instituto Geographico e Historico», não menos ávido de uma parcella da honra, que tanto entre si pleiteiam suas duas patrias, de glorificar o bi-centenario da ausencia de tão homerico vulto, reservou para si apenas a honraria de, por entre as grinaldas depositadas hoje pelas lettras e sciencias em torno do monumento que lhe erige a humanidade, burilar no pedestal em que descançam as columnas de seu glorioso e immarcessivel renome, uma inscripção modesta que possa em pouco traduzir o muito, como pela voz da

poesia sabem dizer genios como foi o de Castro Alves.

« . . .Quando o tempo entre seus dedos
Quebra um seculo, uma nação,
Encontra nomes tão grandes
Que não lhe cabem na mão.»

Estão inauguradas as conferencias commemorativas do bi-centenario do padre Vieira; tem a palavra o primeiro conferente, o orador do «Instituto».



PRIMEIRA CONFERENCIA

11 de Julho de 1897

Orador.—Dr. Braz do Amaral

Exm Sr. Dr. Governador:
Senhores:

Encarregado da biographia de Antonio Vieira, a traço largo, não venho fazer um panegyrico encomiastico a um homem ou á sua memoria, mas procurar fazer resaltar a luz da verdade e da critica historica sobre uma das grandes individualidades do seculo XVII, que é o typo, que é o representante privilegiado da litteratura e da eloquencia portugueza, as quaes se tornaram pela força mesmo das coisas, pelas affinidades da lingua e do sangue, neste ponto de contacto, pelo menos, as proprias predecessoras da lingua e da litteratura nacionaes.

Ao morto illustre, cuja memoria fazemos realçar

D'esta conferencia disse o «Diario de Noticias»: «O Dr. Braz occupou-se brilhantemente da biographia do notavel jesuita.

Foi uma peça de alevantada eloquencia, de rutilancias de phrases aprimoradas, que deixou vivo deslumbramento no espirito de todos os ouvintes».

E ainda o «Diario da Bahia»:

«Assomando a tribuna, o orador, com aquella voz e scintillante eloquencia que lhe anima a palavra de homem estudioso, discorreu de modo soberbo, traçando a biographia de Antonio Vieira e analysando os factos e os acontecimentos historicos que se prendem á vida do notavel jesuita.

Durante todo o tempo em que se manteve na tribuna teve o auditorio preso de sua palavra, que mais uma vez conquistava um verdadeiro triumpho.»

com esta sincera homenagem, honra hoje de duas patrias, pelas mudanças que a politica e as exigencias da liberdade e da propria vida estabeleceram entre os dous povos, noutro tempo unidos sob uma mesma lei, e uma mesma fé, a este morto illustre temos razão de sobra para respeitar e para amar.

O arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas já deixou fóra de duvidas a questão aventada ha tempos de ser ou não Vieira nascido neste paiz.

A nossa patria, porém, nada perde por isso, porque para nós a magna questão, o facto de incontestavel importancia é que elle aqui se formou, robusteceu e se habilitou para os grandes feitos que illustram a memoria do espirito de escól que hoje commemoramos.

Um dos seus melhores biographos, que aliás não o poupa, João da Silva Lisboa, diz terminantemente: «Os fortes estudos começados no Brazil continuou-os elle em Portugal com o mesmo fervor, sem embargo dos multiplicados e graves negocios que lhe enchiam quasi o tempo, pois das suas mesmas missões politicas e diplomaticas tomava occasião para examinar na Europa as melhores livrarias e tratar homens eminentes.

Todas as novas publicações devorava com avidez e sendo sempre o bibliothecario da ordem nos collegios em que residia, mais era morador da livraria que da cella.»

Neste terreno, sob esta cobertura, sobre estas taboas passaram-se o principio e o fim daquella existencia dramatica, desenrolaram-se a aurora e o crepusculo dessa vida de um homem que foi sacerdote, pregador, litterato e publicista, que subiu aos cumulos a que podia aspirar a ambição naquella epocha, que gosou do favor, quasi da omnipotencia junto a um rei, para descer depois até a defender-se de crimes indignos que lhe imputaram e de ser profundamente insultado por um governador brutal; vida que não foi, porém, manchada pelos excessos da mesa como a de Pitt, pelo sangue das compressões como a de Cicero, nem degradada como a de

Rodney, mas fecunda, eminente e altiva, não secca e egoista como a de Gœthe, mas tão profundamente tragica, tão epicamente grandiosa e triste como as vidas de todos os grandes desequilibrados, de todos os homens de ambição e de genio, desde Pyrrho até lord Byron.

Subindo da modestia da sua infancia ao valimento de um throno, como Demosthenes tinha subido da loja paterna do alfageme até a paixão patriotica, até ser o interprete da independencia hellenica, até encarnar em si o resto da nobreza e da dignidade da sua grande patria decahida, da grande alma de Athenas, elle seguiu, já edoso, como o outro, tambem velho grego, o caminho amargo das quedas de gráo em gráo até chegar á humilhação de uma sentença ignominiosa como o heroe das Philippicas ao veneno de Calauria.

Tambem aquella outra aguia da tribuna latina, subindo victoriosa os degráos do fôro romano, precedida pelos doze lictores do consulado, acompanhada pelo sequito dos senadores e dos cavalheiros que, como clientes, o conjuravam para que não perdoasse Lentulus e Istatilius, a salvar a elles *da ordem equestre* e a elles patricios assim como as suas fortunas, mesmo pelas tramas, mesmo pelo sangue vertido mysteriosamente no Tullianum, para voltar a essa columna dos seus triumphos, tão illustre como os esporões de bronze dos *rostros* com a lingua espetada pela agulha de Fulvia, a esposa implacavel de Antonio, que vingava, com raiva de mulher, as imprecações da eloquencia contra o seu marido, a fuga precipitada de Roma, as decepções da ambição desmedida do general, e os perigos da guerra de Modena, tambem aquella aguia da tribuna latina não foi mais feliz do que elle.

Condemnado ao celibato pela sua roupeta nem teve ao menos o grande e desditoso jesuita na sua velhice, longa e triste, como a de Augusto, a consolação que elle confiava á fecundidade de sua irmã, aquella mesma Leonor Ravasco, de quem era de esperar, a continuação do nome dos Vieiras,

porque esta irmã foi esteril por alguma molestia ou por algum capricho da natureza. (*)

A esta memoria augusta pelas fulgurações do talento e pela intensidade dos soffrimentos temos razão de sobra para considerar uma genuina e das primeiras grandes intelligencias do nosso paiz, porque foi no Brazil que se desenvolveram e formaram a sua imaginação e o seu senso, o seu gosto e a sua vocação.

Não foi esta cidade, não foi esta mesma casa, não foi esta mesma argamassa que nos abriga que abrigou a mocidade estudiosa de Vieira?

E não foi ainda aqui que o genio, amadurecido pela edade e pelas desgraças, cortido pelas desillusões e pelas desesperanças, que o corpo abatido pelos achaques e pelas quedas veio reconciliar-se, abrir-se ás esperanças novas de sua fé, aprofundar-se na ideologia grandiosa das suas devoções, das suas ardentes crenças em Deus?

Não ha, pois, ponto do Brazil em que essa existencia se tivesse desenvolvido melhor, e que tenha mais razão para fazer-lhe a homenagem que ora emprehendemos, e não ha logar, inclusive a propria Lisboa, em que ella se possa fazer mais justa pela relação historica dos edificios, pela solemnidade terna que o theatro da infancia e da morte imprimem á vida de todos os homens!

Si não foi este o campo da sua gloria mundana, foi o do seu preparo e o da sua agonia.

Têm os homens demasiado grandes, como Vieira, dimensões que não se subordinam á intelligencia, ao modo de viver e pensar um tanto estreito dos seus contemporaneos.

Elles são, nas espheras da intelligencia e do caracter, á semelhança dos revolucionarios, separados do seu tempo, porque se adiantam a elle e o precedem nas idéas e nos sentimentos.

(*) E' possivel que existam ainda, entre nós, descendentes de Bernardo Vieira Ravasco, irmão do padre Antonio Vieira.

«N. do A.»

Por isso talvez, Vieira commetteu gravissimos erros e sacrificou algumas vezes tudo ao interesse do momento, quasi ambicioso como um Cesar, e vaidoso como uma creança, pois elle queria muito a gloria dos factos sabidos que elevavam a sua fama, mas é preciso confessar tambem, que havia sempre um objectivo nobre nas suas acções. Encontra-se o alvo de uma convicção honesta no fundo de todos os seus sentimentos!

Podia haver desvio, mas havia intenção meritoria, filha de um principio que se lhe afigurava bom ou genoroso.

Como quasi todos os homens de excessivo talento, nelle, não raro, a imaginação prejudicava a razão; mas quando isso se deu foi sempre de boa fé.

Sustentou por exemplo a causa impatriotica do abandono de Pernambuco, mas não o fez comprado pelo dinheiro do estrangeiro, mas porque exaggerava os perigos de Portugal, a braços com a guerra na fronteira e a guerra no mar, sem thesouros e sem frotas, visto no mundo inteiro como um pequeno principado rebelde, desconhecido como egual por todas as côrtes, repellido do congresso de Munster, humilhado por todas as recusas. Porque enxergou nesse abandono economia e interesse para a sua patria.

Não tomou, por exemplo, a si essa defeza impopular pelas causas que levaram Danton a enxovalhar-se nas concussões da Belgica, pelos excessos de agentes ou amigos seus como Fabre d'Eglantine e Lacroix.

*
* *

Nascido em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608, Antonio Vieira veio para o Brazil com sua familia, a qual aqui estabeleceu domicilio em 1615, ou porque seu pae viesse despachado para exercer algum cargo publico, ou por outro motivo que é desconhecido.

Frequentou logo as aulas da escola dos jesuitas que tinham naquella epocha, aqui e em toda a parte, grande reputação como educadores.

Provavelmente conheceram os professores a capacidade do discipulo e tentaram seduzil-o pelo agrado, ou a ambição propria do caracter do futuro amigo de D. João IV cedeu a essas preferencias por comprehender que era realmente entrando para a ordem que elle podia mais facil e seguramente seguir pela trilha da grandeza, da reputação e do poder.

O que é certo é que aos 15 annos fugiu da casa paterna para recolher-se a este collegio, onde professou dois annos depois.

Aos quatro lustros manifestou a resolução de ir pregar aos indios e africanos, provavelmente por uma dessas altruisticas irreflexões da juventude que nos assoberbam nas horas de enthusiasmo ou por um desses devaneios melancolicos, tão frequentes nas organisações nervosas e nos intellectuaes.

Os superiores, porém, não consentiram nisso, e o moço padre foi leccionar rethorica no collegio de Olinda.

Elle, porém, só celebrou em 1635.

Já a esse tempo tinha percorrido, por gosto proprio ou em serviço da ordem, quasi todas as aldeias de indios da Bahia e já o seu nome subia no conceito publico, entre os colonos, pelos seus sermões nas egrejas e arredores da cidade e mesmo aqui, na capella d'Ajuda e na Sé.

Os dois maiores inimigos de Castella, os Batavos e os Inglezes, acabavam de descobrir no mar o elemento em que se deviam expandir, livres e poderosas, a gloria e a vida daquellas duas raças do norte.

Os portuguezes tinham feito das ondas as estradas das suas conquistas; aquelles souberam fazer dellas o berço da sua pujança e um campo de exploração para o seu commercio e sua riqueza.

Vingavam os hollandezes as tyrannias do cardeal Granvelle e as atrocidades do duque d'Alba outr'ora na sua humida e laboriosa patria e, ao poder da infantaria hespanhola, a primeira do mundo até Ro-

croi, elles oppunham a fria bravura dos seus almirantes e o vigor valoroso dos seus marinheiros.

Não estava longe o dia em que um desses atrevidos leões do mar, Tromp, devia percorrer o mar da Mancha com uma vassoura no mastro grande, heroico e insolente, para mostrar que os marujos de Hollanda tinham varrido da superficie das aguas os inimigos de sua patria.

Elles vingavam-se do Escurial e de Felippe II, do sangue de Egmont e de Horn, derramado nos cadafalsos, flagellando a Bahia com as suas armadas, despejando nas praias desde a bocca do S. Francisco até o cabo de Orange os seus mercenarios e os seus mercadores.

Já Pernambuco todo era delles e Nassau tinha vindo trazer a esta colonia, conquistada por uma nação viril e nova, a capacidade de um habil administrador, a moderação, a justiça e as vistas largas de um reformador moderno.

Como si tudo, até a mesma natureza, estivesse fatigado do orgulho ignorante, da barbaridade regularisada e por isso mesmo ainda mais atroz da inquisição hespanhola e dos seus horrores, os ventos, as aguas e os rochedos levantavam-se contra as frotas de Castella como já tinham começado, no outro tempo, a bater a invencivel armada.

Foi por essa epocha que D. Fernando de Mascarenhas, Conde da Torre, veio ao Brazil com um exercito e uma esquadra; mas o exercito, desembarcado no porto dos Touros e perseguido pelos inimigos, pelos desertos e pela fome, alcançou a custo a fronteira da Bahia por uma marcha, que é uma das mais bellas retiradas que se tem feito na America, e a esquadra foi inteiramente destruida por Huyghens nas aguas da Parahyba.

Tendo-se feito orações publicas na Bahia por occasião de esperar-se esta batalha, pregou o moço sacerdote com tanto successo para a sua gloria e para a lingua portugueza quão pouco o obtinha então o conde da Torre para a sua bandeira.

Esse discurso, que é um primor pela forma e pelo

fundo, póde sem receio ser comparado aos mais celebres da antiguidade e dos tempos modernos.

Si elle peccou como crente, atrevendo-se a abandonar as formas reverentes de quem se dirige a Deus, si quasi apostropha a divindade nos arroubos de uma colera desconhecida e desusada na tribuna sagrada, si já se percebe a preoccupação de brilhar pela gala do saber e si se prejudica pelo abuso do estylo antithetico, que foi uma das suas forças de occasião e uma das suas principaes falhas, não ha duvida, porém, que se elevou até o sublime pelo vigor dos conceitos, pelo encanto das descripções, pelo arrojo da forma, pela pureza da linguagem e a força do talento de producção.

Como muitos dos homens illustres de imaginação e de genio que tem produzido os povos latinos, pode-se dizer, que elle nunca foi propriamente, verdadeiramente, um homem de estado.

Podia parecer tal em certas circumstancias, como quando aconselhou a instituição das companhias de commercio e a fogueira das caravellas, isto é, a reforma da armada e quando comprou navios e artilheria na Allemanha; mas faltava-lhe peso no espirito para mantel-o equilibrado em taes alturas.

Elle logo se desviava, vivo de mais para muita perseverança, attrahido por alguma coisa mais apparatosa e mais brilhante, como uma creança que abandona o caminho da escola, attrahida pelo fulgôr das azas de uma borboleta, ou pelo viço das petalas de uma flôr.

Vieira, porém, nunca prostituiu nem venalisou o seu talento, nunca deshonrou pela libertinagem a sua eloquencia nas orgias, nunca desceu ás abjecções da *Erotica Biblion* de Mirabeau, nem mereceu como esse o dito feroz attribuido ao Marquez de Riquetti, seu pae e seu inimigo, incisivo como a lamina de um gladio: «Meu filho! O vendilhão de palavras!

Era pundonoroso e honesto como os que mais o fossem e levava ao excesso, como tudo na sua vida, o que dizia respeito ao brio. Uma vez que se empenhava com el-rei sobre negocio de alta relevancia, levaram-lhe uma bolsa com seis mil dobrões de oiro,

sob pretexto de distribuil-os em esmolas, mas Vieira respondeu que agradecia o presente com deixar ir o portador pela escada e não pela janella como merecia!

Teve em Roma e Hollanda grandes sommas ás suas ordens, das quaes nunca se serviu em seu proveito, empenhando antes o credito do seu nome glorioso e da sua roupeta para obter um emprestimo de 300 mil cruzados, quando foi preciso aprestar a esquadra do Conde de Villa Pouca que devia vir soccorrer á Bahia, apertada por Sigismundo Von Sckoppe, e quando mandou de Hamburgo as tres fragatas que levaram a Portugal a artilheria que salvou Elvas dos Castelhanos.

Confundiu muitas vezes o seu orgulho com os interesses das causas que tomou a peito e ainda com maior frequencia confundia o amor a seu paiz com a obediencia ou antes a subserviencia aos seus monarchas.

As cartas dirigidas ao Marquez de Niza e ao Duque de Cadaval, de Maio e Julho de 1682 e de Maio e Julho de 1683, são provas exhuberantes de que o homem sacrificou algumas vezes a dignidade do seu grande nome ás aspirações do cortesão.

Mas quem veria no seu tempo as coisas por prysmas differentes.

E podemos exigir que pensasem os outros, ha dous seculos, como nós pensamos agora?

E póde até haver maior prova de ignorancia do que esta?

Não tinha sido pouco antes delle na Inglaterra Shakespeare o poeta da rainha?

Não deviam ainda por quasi dois seculos morrer os soldados, gritar os generaes na hora do perigo pelo seu rei e pelo seu Deus?

Não tinha expirado ha pouco Bayard, o cavalleiro sem medo e sem mancha, appellando para o rei e para Deus diante do inimigo que insultava a sua agonia?

A idéa da patria, separada da pessoa dos monarchas, a consciencia do dever cumprido perante a sua terra e a posteridade, os principios de humanitarismo

egualitario e de fraternidade não foram realmente postos em voga pelas theorias dos revolucionarios do espirito que deviam chegar 100 annos depois, os philosophos do seculo 18?

Não é propriamente depois delles que a sociedade os separa e distingue, que os povos os comprehendem nos elementos constituintes da democracia moderna?

Vieira, diz-se, humilhou-se muitas vezes diante dos reis e dos grandes, á cata dos favores das côrtes, após o brilho das embaixadas e do poder, á satisfação de um amor proprio, de uma sêde de salientar-se que não se saciava no pequeno reino em que tinha nascido.

Mas não era essa a regra então? E não se viam coagidos a seguil-a todos os que não tinham na nobreza o berço?

Eram bem diversos esses tempos dos nossos!

A philosophia insolente e desapiedada do seculo 18, o riso sarcastico de Voltaire, o espirito immenso de Locke, o humorismo fino e ironico de Bolingbroke, o desembaraço ingenuo de Rousseau ainda não tinham ensinado aos homens aquella altivez que fazia dominar, mesmo quando chacoteavam ou quando enganavam desaffrontadamente, como o grande Frederico ou Talleyrand.

Duzentos annos de soffrimentos, de revoluções, de livros, de idéas de philosophos, de palavras de oradores não tinham passado ainda por sobre a humanidade, melhorando-a e corregindo-a. Ainda Montesquieu não tinha escripto, Vergniaud e Abraham Lincoln não tinham morrido pela liberdade; ainda não tinham fallado Wilberforce e Brougham, Cobden e o bispo Strossmayer.

Quando os eminentes espiritos que agitaram e deram nos meiados deste seculo a verdadeira orientação aos estudos da historia e da critica, envolvendo nas narrações da politica e da guerra a vida intima, a plena e livre evolução das sciencias e das artes de um povo, a formação e o irradiamento da intelligencia de uma nacionalidade, foi quando se comprehendeu como esta força directriz tinha faltado ao estudo dos homens

e das coisas do passado e como esse estudo era falho por aquelle motivo.

Enviado em 1641 com o filho do marquez de Montalvão para dar parabens a D. João IV pela restauração de Portugal, o moço jesuita foi, com o filho do vice-rei, victima das violencias de alguns exaltados em Peniche logo que desembarcou e teve depois, no dia seguinte, como consolação, ser recebido pelo proprio rei no paço.

Dahi em diante data o seu favor na côrte, onde logo pregou e foi admirado pela sua prodigiosa capacidade em fazer realçar todos os assumptos, pelo magnetismo que exercia sobre todos os auditorios.

O governo era novo e precisava de homens novos, de actividade, talento e energia.

Os meandros da politica de um povo que não tinha tido administração propria durante sessenta annos devassavam vastos horisontes aos ambiciosos e aos habeis. Vieira lançou-se no abysmo seductor que se abria diante delle!

E' este, segundo parece-me, o periodo mais bello da sua vida, porque á magnitude da causa que abraçara, da independencia e liberdade da sua patria, juntava a pureza das intenções, o desprendimento dos interesses da sua individualidade litteraria e politica, a nobre e formosa generosidade da juventude.

Têm um sabôr agradavel os seus discursos e trabalhos outros dessa epocha como fructos bem sazonados, ou como as ondas de ar puro das manhãs luminosas do nosso clima.

Nos seus sermões é, porém, mais um tribuno do que um pregador. Lembra mais Castellar ou José Estevão nas suas cadeiras do parlamento do que um sacerdote estendendo-se sobre a vida dos santos e os pyrogenicos horrores do inferno.

Elle raciocina como um economista e discute como abalisado no traquejo do governo dos homens.

E' um propagandista da patria nova e dos meios de sustental-a com honra.

Elle falla do pulpito como quem quer formar marinheiros e soldados, transplantar das Indias para o

Brazil as especiarias para ferir de morte, no levante, o commercio hollandez e o hespanhol, esquipar frotas, organisar companhias de commercio, tão prosperas como as de Amsterdam e Haya, comprar garanhões, afim de fazer boas as raças equinas em Portugal, para rebater na guerra do Alemtejo a cavallaria hespanhola que levava sempre a melhor.

Falla ao povo e á nobreza, interessa a todos na ingente causa nacional, familiarisando, fazendo discutir, por todos, os problemas graves, as questões importantes que deviam tornar, bem resolvidas, a patria grande, prospera e feliz.

Coisa singular! Julgo Vieira aos trinta annos, superior na madureza do juizo, no vigor das concepções, pelo desejo de ser util, pela precisão dos raciocinios, superior ao que elle foi mais tarde em muitas occasiões, quando mesquinhas preoccupações de dominio na côrte, de futilidades de valido em declinio,de abstracções demasiado mysticas ou de preferencias astrologicas transparecem nas suas palavras e nos escriptos copias do seu pensamento.

E' interessante notar como elle atacava o fisco, como pedia a liberdade de commercio, achando-se com o principe de Nassau no mesmo terreno, como se levantava contra as iniquidades da inquisição, pedindo a abolição das distincções entre christãos novos e velhos tão contraria ao espirito do Evangelho, coragem que o grande jesuita espiou mais tarde, já ancião, nos carceres e pelas humilhações.

O estado de Portugal era um tanto semelhante ao nosso actualmente, em face da desordem financeira e do descredito no estrangeiro.

A cada nova imprudencia, a cada nova loucura que se commettia ali, contra o direito e a ordem normal das coisas, baixava a sua importancia, já tão pequenina, nos Estados prosperos da Europa.

Quando chegou, por exemplo, a noticia de que a inquisição perseguia com rigor aos christãos novos e que um auto de fé fizera victima o negociante Duarte da Silva, o cambio baixou logo cinco por cento e os embarques feitos em Hamburgo deixaram de ser

enviados, porque ninguem quiz mais naquella praça arriscar os seus capitaes em tal paiz.

E como o governo portuguez respondesse com desabrimento a uma reclamação dos Estados de Hollanda sobre esta desgraçadissima questão, quando aliás tragava sem protestos affrontas graves em muitas coisas em que tinha do seu lado razão e justiça, o nobre espirito de Vieira prorompia em um brado que vale um livro pela sua fina ironia, pela sua dôr patriotica: «Ora bemdicto seja Deus, que só para estas valentias temos resolução!»

Esse periodo das suas missões diplomaticas é o mais brilhante da sua carreira politica e do seu valimento.

Foi por esse tempo que elle provou que sabia sacrificar pelo interesse de Portugal até aquella vaidade excessiva, aquelle ardor de dominio, que é tão frequente encontrar nas superioridades ambiciosas, ou quando á superioridade se reune a ambição.

Foi na occasião em que, segundo alguns dos seus biographos, recebeu em presença de Francisco Coutinho as cartas que o nomeavam embaixador em Haya em logar daquelle ministro. Vieira não lhe notificou esta substituição e embarcou para Lisboa, onde provou ao rei, que não era só a sua roupeta negra que o incompatibilisava com o brilho das grandes recepções nas capitaes ricas, mas a dignidade, a fortuna e a segurança do reino que Coutinho estava defendendo com vigilancia e rara sagacidade perante o governo da republica batava.

Em que intrigas andou envolvido o Padre em Hollanda com o embaixador Coutinho e em França, um tanto como accessor do Marquez de Niza, é difficil dizel-o com certeza, ou melhor, será explicado daqui a alguns dias.

Ha neste particular muita coisa mysteriosa e sombria, mas a diplomacia sempre o foi, é e será; e sobre aquelles tempos com especialidade faltam documentos que desvendem cabalmente, plenamente, o que ha de ambiguo nas chronicas e narrativas.

A historia tem ás vezes perplexidades sobre certas

coisas, como os erros e leviandades que lhe attribuem por essa epocha, de modo que não podemos acreditar alguns delles sem muito severo, sem imparcialissimo exame.

Fallecem elementos precisos, por exemplo, sobre a insinuação a corsarios de Saint Malô para virem á Bahia auxiliar a guerra hollandeza e sobre os subterfugios de que se serviu para negar-se á responsabilidade de ter apoiado a promessa da entrega de Pernambuco aos hollandezes, promessa feita pelo embaixador Francisco Coutinho; servindo-se das firmas em papel em branco que possuia do rei, urgido pelas circumstancias, esmagado pela ameaça da partida immediata de uma poderosa esquadra, suspensa das ancoras no porto e que tinha força não só para saltear Lisboa, como para destruir a Bahia, desprovida e desarmada, ou tomal-a e anniquilar todas as veleidades de resistencia no Brazil.

Parece-me que ainda assim, de todas as increpações feitas a Vieira esta é uma das mais serias e das que mais pesam sobre a sua memoria.

O que é fóra de duvida é que elle tinha pleiteado por aquella má inspiração no *Papel Forte*, apresentado sob a forma de relatorio ao rei, talvez por ordem do mesmo monarcha, como affirmou mais tarde o padre, dizendo que traduzia apenas, sob a forma brilhante que o seu talento sabia dar a tudo, a convicção e os desejos do monarcha e da maioria da côrte.

O que é tambem incontestavel é que o governo portuguez approvou com açodamento o acto de que Coutinho desolado dava parte a seu paiz pedindo o seu julgamento e offerecendo a propria cabeça em holocausto a sua patria como satisfação ao amor proprio nacional tão justamente ferido, e que talvez não comprehendesse as razões formidaveis daquelle duro sacrificio, que elle fizera para impedir um perigo real e imminente e ganhar o tempo indispensavel, de que o povo portuguez precisava para preparar a sua defesa.

Vieira foi enviado a Paris em 1647 para tratar da questão nebulosa dos casamentos dos principes e, segundo dizem alguns, a dignidade e até a indepen-

dencia do reino estiveram em perigo pelo procedimento ligeiro, e pelos arrojos do padre a quem o rei tinha dado um papel de mentor, ou coisa que o valha, da embaixada.

A outra missão semelhante, á Roma em 1649, não foi mais feliz e até o jesuita correu serio perigo, porque o duque do Infantado, embaixador hespanhol, prometteu mandar matal-o, onde fosse encontrado.

Em 22 de Novembro de 1652 partiu para o Maranhão, após uma serie de peripecias que têm sido muito mal interpretadas pelos seus biographos mais severos.

Elles acreditam que o illustre jesuita affectava partir com os seus superiores e que se servia do pezar manifestado pelo rei, por causa de sua ausencia e dos perigos que ia correr, para ficar nas galas doiradas da côrte, no mundo de lisonja que os seus talentos e a privança real lhe garantiam.

Os processos de investigação historica falham muitas vezes quando chegam á beira desses mares insondaveis da consciencia humana e quando se vê o historiador arriscado á empreza temeraria de pronunciar-se sobre as intenções intimas de um individuo.

Somos tão capazes de pensamentos delicados no meio de más acções!

E quantas vezes desejos máos não nos accomettem, praticando os mais nobres actos?

Não é, emfim, o homem o irmão e o maior inimigo do homem?

Não é quasi sempre o preto quem vende o preto, o indio quem vende o indio?

Talvez seja amargura ou molestia do espirito pensarmos ás vezes como Shopenhauer; mas em todo caso, Senhores, por maior que seja o personagem de quem se escreve a historia, é sempre um bem para o biographado não ser considerado como extreme de defeitos, como uma organisação á parte na vida da humanidade, inaccessivel ás fraquezas e ás vacillações de todos os homens.

Teria elle vindo realmente de moto proprio ao Brazil, tomado de uma dessas paixões de isolamento, ou de

sacrificio, pela tendencia um tanto mystica dos 18 annos que voltava mais forte agora, pelo tedio a que são mui sujeitas essas naturezas susceptiveis e nervosas?

Ou seria ainda o desejo de figurar com honra em um novo tablado, nestas terras virgens da America que illustravam com a immortalidade os seus martyres e que dariam a seu nome uma nova aureola e realçariam a sua gloria na Europa, onde era tão conhecido?

Augmentar o seu prestigio pelo sacrificio, pelo longinquo do desterro, pelo ignoto das selvas verdes em que se encravava, por esses povos embrutecidos que ia submetter com pregações ou salvar com decretos alcançados do rei pelo seu favor, pelo mysterio das ondas desse immenso Atlantico que era preciso atravessar, não seria tudo isso adequado para tentar esse homem infatigavel, este argumentador brilhante e insaciavel de gloria e de renome?

Aqui, no Brazil, se abre para o eminente jesuita uma das espheras de actividade em que a sua energia, um tanto febricitante, expandiu-se com admiravel vigor.

O homem habituado ao conforto das côrtes, ás discussões palacianas das embaixadas, aos torneios do espirito a que era tão chegado, ás elevações orgulhosas dos pensamentos em que nós subimos quasi até a divindade, dormia nas palhoças dos indios, entre os igarapés do Amazonas, sobre as povoações lacustres dos Goyanás.

Attrahido pelo perigo e por aquella exaltada dedicação com que costumava lançar-se nas causas em que se empenhava, entrou na ilha de Marajó, inaccessivel até então ás armas dos portuguezes, rebelde ás tentativas dos missionarios, e obteve a paz e a catechese dos selvagens Nhengaibas.

A feracidade dessas terras ricas que a civilisação não sabia ou não podia aproveitar, e que tão mal aproveita ainda hoje, transportava-o, e o seu amor pelos pobres indios, que as enchiam como os labyrinthos dos seus mangues e cipoáes, crescia na grande alma do jesuita, que se abria aos largos ho-

risontes da moderação, da piedade, das branduras do Evangelho e da redempção pregada pelo seu Deus.

E então elle se tornou o patrono e o apostolo destes desgraçados, o enthusiasta da causa santa da sua elevação e da liberdade pela cathechese, embalado pelo sonho de uma grandiosa civilisação, brotando no meio deste povo pela luz da religião e pela paz com os brancos!

Então foi á serra de Ibiapaba, e tanto para leste como para oeste, nas tabas, entre os gentios simples e feros só se fallava no pae branco, no padre que tinha vindo de longe com palavras novas, com promessas que faziam dos perseguidos homens e irmãos!

Vieira soffreu tudo, a fome e a sêde, as viagens a pé pelos longos areaes, fustigados pelo vento duro do mar que escoria as palpebras e levanta a poeira fina que anniquila a vista.

Os Tobajáras receberam-no bem, apesar das desconfianças que n'elles já tinham incutido os máos tratamentos que lhes foram feitos pelos portuguezes e os conselhos dos indios dos sertões de Pernambuco, alliados aos hollandezes; mas o prestigio, o ascendente do missionario foi tal em pouco, entre os selvagens, que elle fez retirarem-se os de Pernambuco e sujeitou toda a serra, estabelecendo relações na costa com o forte de Camuci.

De volta ao Maranhão lança-se de novo aos rios do Norte, onde se entende com os Jurunas e Tupinambás e lança os principios de navegação regular e e trato dos portuguezes com os indios do Tapajoz e do Xingu, graças ao padre Manoel de Souza e ao padre Sottomaior.

Logo, porém, reconheceu as difficuldades formidaveis da empreza de libertação que intentava, e previo as tempestades que o jogo dos interesses devia desencadear; mas foi desprendido, perseverante e nobre.

Importancia, reputação, a estima da gente daquella pequena e alvoroçada terra, tudo, tudo elle sacrificou á causa magnanima que immortalisa tanto

a sua memoria como todos os dotes do seu espirito, e as torrentes da sua eloquencia!

Dos sargentos móres a quem se dava o dominio dos indios mansos, uns faziam delles escravos que trabalhavam nas suas searas, outros vendiam-nos abertamente a terceiros. E era essa toda a differença!

Quanto aos indios bravos só se entendia para com elles a guerra barbara e feroz, em que eram legitimas todas as atrocidades, todas as traições e todas as torpezas!

Contra tanta iniquidade e tanta injustiça se levantou imperterrita a figura homerica de Vieira e é força confessar que se bateu com sublime arrojo, em Portugal, onde foi buscar alvarás e leis para proteger os indios, e no Brazil onde veio promover a execução delles.

Accusaram-no de ter sacrificado a pureza dos principios em relação á escravidão, quando no Maranhão e no Pará pleiteou, ora com enthusiasmo, ora com desespero e dôr, por essa raça desditosa e proscripta!

Accusaram-no por ter lembrado, como Las Casas, a introducção de africanos em larga escala como um meio de alliviar os desgraçados indios e diminuir a espantosa mortalidade que fazia entre elles a servidão.

Perceberiam ambos que um captiveiro ia substituir a outro e que, nem por ser maior o capital empregado, o interesse devia diminuir a crueldade dos agentes do negocio infame e os habitos ferozes que o senhorio sempre contrahe?

Com certeza não!

A' alma impressionavel, nobre e apaixonada de Vieira tinha occorrido o mesmo pensamento em circumstancia identica, por falta de melhor alvitre no desespero de encontrar moderação e justiça para com os indios, desorientado por ver o despovoamento do paiz que ameaçava ruir tudo pelos alicerces, sociedade nascente, riquezas da patria, principio de humanidade, honra do seu povo, tudo!

Os acontecimentos provaram depois que não tinha feito bem.

Nós temos, porém, o direito ou devemos pretender que elle fosse mais previdente ha dois seculos e que visse as coisas como nós as vemos agora?

Reprehende-se a Vieira ter acceitado o principio da escravidão, baseando-se na divisão das guerras em justas e injustas, e procurando apenas moderal-a ou corrigil-a.

Não ha justiça na servidão, seja ella qual fôr, porque a escravidão é sempre iniqua, nem realmente se póde admittir a legitimidade de uma presa, porque o vendedor diz que a fez em guerra justa e a victima, que não conhece quasi sempre a lingua em que se estatue a sua posse como um direito e que está sob a pressão do latego, confirma asserção monstruosa.

Esta victima é, alem d'isso, muitas vezes uma creança de sete annosou de dez!

Mas, tinha outro allivio nas suas mãos para os condemnados o eminente jesuita?

Não eram todos os homens de guerra, todos os agricultores, toda a população, homens de calção e homens de sotaina os patrocinadores e os agentes da tremenda violencia?

Antonio Nolasco, um dos mais ferozes caçadores de *peças*, não era um frade?

Não teve sempre elle, padre Vieira, contra si em juizo, na celebre acareação e exame das victimas a maioria, isto é, o provincial do Carmo, o commissario das Mercês, e o custodio de Santo Antonio, todos filhos daquella religião do captivo do monte das Oliveiras e do suppliciado do monte Calvario?

Os dois primeiros porque estavam bem informados de que as guerras tinham sido justas por pessoas fidedignas e religiosos de sua ordem, o terceiro porque se as causas de guerra justa eram doze, segundo os doutores da Escolastica, seria impossivel que de tantas não tivessem os escravisadores alguma com que se justificassem.

Quanto ao vigario do Maranhão encerrava-se

n'uma obtusidade d'onde só sahia a palavra *captivos, captivos*, respondendo afinal á interpellação vehemente de Vieira, aos argumentos do seu genio, a toda inspiração do espirito e da bocca mais eloquente da lingua portugueza que, sendo christãos os homens que tinham ido fazer as presas, não se havia de presumir que fizessem cousa mal feita.

Que podia fazer o sacerdote em tal meio?

Que podia fazer o juiz liberal e justo com taes companheiros?

Havia felizmente para honra nossa n'aquella junta, constituida em tribunal, Senhores, permitti ao meu orgulho patriotico esta expansão, um homem que votava com Vieira pela liberdade e que era um dos soldados mais valentes e um dos filhos mais illustres d'esta terra do Brazil n'aquelles tempos:

O parahybano André Vidal de Negreiros!

E, entretanto, apesar de ser o governador do Estado, apesar da justiça da causa que elle sustentou n'aquella longa luta como o mais solido esteio de Vieira e da Companhia de Jesus, elle nem se atrevia a limitar o prazo da escravidão a cinco annos, como o jesuita, mas cedia sete, vencido pela razão de estado, pelo medo de subverter todo o elemento de trabalho no Maranhão e no Pará, de derrubar todas as fortunas e fazer seccar todas as fontes da riqueza publica e particular.

E podemos depois d'isto razoavelmente incriminar a Vieira porque cedia no captiveiro temporario, já que não podia impedir o absoluto?

Quando Rio Branco, duzentos annos depois, n'esta mesma terra, flagellada, regada por tanto sangue de captivo, livrou o utero da mulher escrava, para que ao menos a liberdade protegesse a maca ou a esteira que servia de berço aos innocentes que não deviam ao senhor de sua mãe d'elles o dinheiro que ella tinha custado, que não deviam soffrer como condemnados, expiando como uma culpa o contubernio que lhes dera o ser, quasi toda a camara e muita gente no paiz não blaterava e accusava de revolucionario o ministro libertador?

Quando mais tarde ainda a nação brasileira, abalada nos seus alicerces, como edificio construido sobre lava e sobre cinza, humilhada na sua honra, ameaçada na sua paz, pedia, pelo orgão do ministerio Dantas, que soltassem os grilhões dos velhos para que ao menos a liberdade alumiasse o leito de morte d'estes suppliciados durante a vida, não se levantaram os que tinham que perder, e não foi derrotado nas urnas o chefe liberal, que devia ser estrondosamente vingado, menos de tres annos depois, pela imprensa abolicionista, pelos brados de um povo inteiro, pela capitulação da corôa perante a revolução, pelo peso da espada do exercito, quando ella tambem se deitou na balança?

A' vista de tudo isto, Senhores, destas verdades que são eternas, porque esta é a voz da historia, poderemos incriminar Vieira?

Deixae-me, Senhores, que repita, como prova realmente prodigiosa da eloquencia humana, como joia da nossa lingua, pelo vigor da dicção, pela potencia do arrazoado, pela grandeza do assumpto, pela magnitude da questão, que é a da commiseração e da piedade para com aquelles perseguidos das brenhas, que pereciam ás centenas pela fome e pelo excesso de soffrimento e de trabalho, afim de encher os que não tinham nada, para dar mais aos que não se saciavam, a apostrophe, quasi que me atrevo a dizer, as estrophes com que o eminente padre, encanecido no serviço de seu paiz, advogava de um pulpito, em presença da rainha e da côrte, a causa dos desgraçados captivos.

Parece o proprio genio da liberdade e da luz que troveja e invectiva, espancando as trevas e a escravidão, o illustre missionario quando volta do deserto para pedir reparação e justiça por ter sido expulso com seus companheiros da terra que quizera libertar.

«Quem havia de imaginar, pronunciava elle, que aquella gloria tão heroicamente adquirida nas tres partes do mundo e esclarecida em todas as quatro, se havia de escurecer e profanar em um rincão ou arrabalde da America?

Quem havia de crer que n'uma colonia chamada de portuguezes, se visse a egreja sem obediencia, a censura sem temor, o sacerdocio sem respeito, e as pessoas e logares sagrados sem immunidades? Quem havia de crêr que houvessem de arrancar dos seus claustros aos religiosos, e leval-os presos entre beleguins e espadas nuas pelas ruas publicas e tel-os aferrolhados e com guardas até os desterrarem?

Quem havia de crêr que, com a mesma violencia e affronta, lançassem de suas Christandades aos pregadores do Evangelho, com escandalo nunca imaginado dos antigos Christãos, sem pejo dos novamente convertidos, e á vista dos gentios attonitos e pasmados?

Quem havia de crêr que até aos mesmos parochos não perdoassem, e que chegassem a os despojar de suas egrejas, com interdicto total do culto divino, e uso dos seus ministerios; as egrejas ermas, os baptisterios fechados, os sacrarios sem sacramento, emfim, o mesmo Christo privado dos seus altares e Deus de seus sacrificios?

Não fallo nos auctores e executores destes sacrilegios, tantas vezes, e por tantos titulos excommungados; porque lá lhes ficaram papas que os absolvam. Mas que será dos pobres e miseraveis indios, que são a presa e o despojo de toda esta guerra? Que será dos Christãos? Que será dos Cathecumenos? Que será dos paes, das mulheres, dos filhos e de todo o sexo e idade?

Os vivos e sãos sem doutrina, os enfermos sem sacramentos, os mortos sem sepulturas, e tanto genero de almas em extrema necessidade, sem nenhum remedio! Os pastores, parte presos e desterrados; parte mettidos pelas brenhas, os rebanhos despedaçados; as ovelhas ou roubadas ou perdidas; os lobos famintos, fartos agora de sangue, sem resistencia; a liberdade trocada por mil modos em servidão e captiveiro, e só a cubiça, a tyrannia, a sensualidade e o inferno contentes.

E que a tudo isto se atrevessem e atrevam homens

com o nome de portuguezes, e em tempo de rei portuguez?

Outr'ora sahiam pela barra de Lisbôa nossas náus carregadas de pregadores que voluntariamente se desterravam da patria para pregar nas conquistas a lei de Christo. Não se envergonhe já agora a barra de Argel de que entrem por ella os sacerdotes captivos e presos, pois o mesmo se viu em nossos dias na de Lisbôa. Certo, bem empregado prodigio fôra neste caso, si fugindo daquella barra o mar e voltando atraz o Tejo, lhe pudessemos dizer como ao rio e ao mar da terra, que então começava a ser santa: *Quid est, tibi, mare, quod fugisti, et tu Jordanis, quia conversus es retrorsum?*

Desengana-te, porém, Lisbôa, que o mesmo mar te está lançando em rosto o soffrimento de tamanho escandalo; e as ondas, com que, escumando de ira, bate ás tuas praias, são brados com que te está dizendo as mesmas injurias que antigamente a Sydonia: *Erubesce, Sydon, ait mare.*»

Eu só conheço igual, a esplendida imprecação impetuosa de O'Connell, na lingua ingleza, que é tambem, como a nossa, forte e rica.

Foi na occasião em que o grande orador irlandez na camara das communas de Inglaterra, indignado, inflamado no fogo de seu genio, inspirado na profunda piedade que as desgraças da sua patria lhe arrancavam dos labios e do coração, terminando um dos seus discursos com o gesto de quem repelle deante de si a visão de um monstro disforme, como a vingança ou o terror, que elle imaginava representados pelo monopolio que possue as terras da sua verdejante Erin, pela aristocracia estrangeira que exhaure o povo desditoso e haure delle as forças com que o estrangula, num tremendo brado de desafio, de colera e de dôr, por muito tempo contidos, exclama: «*Não, duque de Northumberland, vós não sois meu rei! Não, duque de Richmond, eu não sou vosso homem ligio; eu não vos pagarei taxa.*

Os mais acreditados dos seus biographos representam Vieira como um homem de estatura regular, com a tez tostada pelo sol tropical, um tanto moreno baço, como os brazileiros, com os cabellos negros que a idade e os desgostos embranqueceram mais tarde; o nariz aquilino, os traços finos.

Mas a revelação da intelligencia está nos cantos da bocca, onde se lê a mordacidade do espirito, porque elle tinha, como Cicero, o defeito de não perdoar aos seus inimigos ou mesmo aos indifferentes os epigrammas e ditos que ferem como punhaladas.

A sua superioridade tinha, como a do orador romano, dessas explosões invenciveis, filhas do proprio caracter e que o lisongeavam pela voga de que gosavam dentro em pouco.

Por estas coisas e porque o favor dos reis é ingrato como o das democracias, o padre, apezar do seu antigo poder, não conseguio a justiça que pedia para os seus indios. Arrastado pelas exaltações de seu caracter ou por ordem superior, encarregou-se ainda de umas tantas reprehensões que a rainha entendeu dirigir a seu filho D. Affonso antes da sua elevação ao throno.

Então os seus inimigos aproveitaram a occasião e o eminente jesuita foi nos começos do novo reinado perseguido pelo santo officio e encarcerado em Coimbra.

Processado como conspirador ou simplesmente por intriga politica, auxiliada talvez pelo ciume existente entre os dominicanos e os jesuitas, elle soffreu, parece que por ser a cabeça mais illustre da ordem e aquella portanto que seria mais lisongeiro ou mais grato ao odio de um inimigo ferir.

Deixado em abandono nas prisões da inquisição, o pobre condemnado sómente soube que já havia outro rei, quando se executava a sentença, que sobre elle cahiu.

Os partidos em todos os tempos e em toda a parte aproveitam os sacrificios dos homens que servem a seus interesses, mas fingem não perceber, quando

chegam a vencer, que elles se sacrificaram por sua causa.

Humilhado e revoltado dirigiu-se Vieira a Roma em 1669, onde a fecundidade do seu talento e os recursos da sua palavra lhe grangearam a admiração de toda aquella côrte faustosa e variada, taes eram ainda o vigor, a frescura e o luzimento do seu espirito que não enfraquecia.

Já eram, porém, chammas sem fogo! Procurando a repercussão da sua gloria no reino, elle só encontrava indifferença e hostilidade.

Foi então que o coração do grande velho se acolheu ao retiro singelo e ridente que tinha abraçado a sua infancia, e visto desferir os primeiros raios daquella existencia luminosa como uma constellação, e veio para a Bahia.

Foi na Quinta do Tanque que elle passou os ultimos annos da sua vida, commentando, corregindo, interpretando as passagens, elucidando alguns capitulos obscuros de suas obras.

Mas até no seu deserto, como elle chamava, a desgraça perseguia-o.

A fortuna não quer aos velhos! disse tristemente um dia Luiz XIV ao marechal de Villeroy que voltava da Italia derrotado e depois de ter sacrificado um exercito!

Vieira conheceu por dura experiencia a verdade desta especie de sentença.

E' quasi sempre na velhice que, os que possuem a fortuna de ter familia concentram nos seus a actividade e os ocios que a sociedade aproveitou n'outro tempo.

Vieira foi ferido justamente n'estas caras e ardentes affeições

No irmão, accusado falsamente de um assassinato que o obrigou a homisiar-se por muito tempo; no sobrinho, tão mal recebido pelo rei, que o idoso jesuita cahiu fulminado e ficou gravemente doente quando soube, como tinha soffrido duramente do descendente o enviado daquelle que tinha sido por

muitas vezes a cabeça aconselhadora do ascendente.

O padre Vieira não poude afinal permanecer mais na quinta do Tanque, onde tanto trabalhára e tanto soffrera.

Foi aqui mesmo, neste collegio, encerrado na pequena cella de que estamos separados por alguns passos apenas, que o eminente jesuita, ornamento do seu seculo, fulgor da litteratura de sua patria, viveu diante da esplendida paisagem da bella costa fronteira, das praias amarelladas da peninsula que se estende á direita, d'aquelle Monserrate cercado de alvas espumas como Miramar, diante daquellas ondas, ora verdes como esmeraldas, ora azues como o céo, no dorso das quaes arriscára tantas vezes as suas esperanças e os seus dissabores, no meio do bramido das tempestades ou no balouço brando das suas marêtas.

Depois, foi-se-lhe extinguindo a vista para o trabalho e um dos seus ultimos gosos era o deslumbrante espectaculo do formoso incendio do céo, por detraz de Itaparica, quando o sol desce todas as tardes para as aguas, cercado de faxas de fogo.

Como o sol elle foi tambem melhor admirado depois de desapparecido!!

A sua retina de velho entretanto já não podia mesmo distinguir; mas elle adivinhava a approximação deste amigo da sua juvenilidade, que o vinha visitar todos os dias, quando, lá defronte, no oeste, ia esconder-se por detraz dos macissos sombrios do arvoredo da outra costa, quasi atufado nas terras, mas do lado de cá, tornando encostas, casas e ladeiras, o perfil dos navios e os rochedos, tudo fulvo, tudo rubro; e ainda, quando, mais tarde, dominam os tons violetas, lilazes, levemente esverdeados ou alaranjados, como fios de oiro nas visinhanças do disco, destacando o escorço elegante das palmeiras na crista dos montes da ilha até o momento em que se estende uma como mancha pardacenta de um claro escuro indefinivel no céo e sobre a superficie das aguas, para que emfim em todo o occidente ha pouco inflammado, só se perceba a

curva rutilante do astro que se deita lenta e magestosamente no mar!

E foi tambem assim que aos 18 de Julho de 1697 Vieira se deitou no tumulo!!!

(Applausos geraes. O orador é vivamente felicitado.)



SEGUNDA CONFERENCIA.

13 de Julho de 1897

Orador.—DR. ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO.

O Padre Antonio Vieira considerado como classico da lingoa Portugueza

SENHORES:

Semper honos nomenque tuum,
laudesque manebunt.—(Virg.)

NUNCA é tardio o preito que os vivos rendem aos mortos illustres; nunca é excessiva essa homenagem, que o respeito e a admiração dos seculos ligão ao nome desses mortos, cuja memoria veneravel é sempre rediviva ao espirito das nações a que illuminarão com as luzes e scintillações de seo saber, com a claridade de suas virtudes, com os lampejos e clarões deslumbrantes de seo genio; sob cuja influição se formarão as nacionalidades, se robusteceo o amor da patria, se fortificou o civismo, crescerão os talentos, engrandecerão as sciencias e as lettras, se centuplicarão as aspirações generosas, se radicou e

D'esta conferencia disse o «Correio de Noticias»:

«O provecto professor e abalisado philologo desempenhou-se da honrosa e difficil tarefa de estudar o Padre Antonio Vieira como classico, de um modo tão cabal, tão na altura do assumpto, que o seu discurso constitue de hoje em deante um monumento de pureza de linguagem, de conhecimento profundo do idioma vernaculo, sagrando-se elle proprio classico, assim como o escriptor, cujo elogio lhe fôra incumbido».

E ainda o «Diario da Bahia»:

«O erudito professor, traçando, com a competencia que tem,

encarnou no coração do povo o sentimento do grande, do justo e do honesto, se nobilitarão e requintarão os conceitos, se aprimorarão e sublimarão as virtudes; são mortos que vivem mais para a humanidade, quando, sobre a rude carcassa que lhes encadeava o espirito soberano e genial, lhes pesa a fria e gelada lapida de um tumulo; porque ahi desapparecem os fumos da lisonja, com que muitas vezes em vida se incensão os grandes, os ricos e os poderosos, se bem que pobres em virtudes, falhos em saber; ahi se não ouvem mais essas alegres symphonias, esses hymnos estrepitosos que só subsistem com a vida, e são ephemeros, como os favores da fortuna; ahi a historia inexoravel, essa grande mestra da vida, com imparcial magestade, vem sobre a sepultura do merito inscrever, com sua propria mão, o epitaphio glorioso que fará perdurar na memoria dos vivos o nome daquelle que a noite taciturna e queda da morte alli esconde e clausura.

A morte só é adormecimento e olvido para os espiritos communs e mediocres; para os grandes engenhos, porém, é antes reviviscencia e resurreição; estes são astros que, em sua larga e immensa trajectoria, luzem e luzem sempre, ou assomem no horizonte, ou se escondão e sepultem para espargir seos raios sobre novas regiões; são mananciaes perennes d'agoa limpida e pura, os quaes sempre fecundão e fertilisão o solo donde vertem e por onde passão, e que nelles acertou de abeberar-se. O genio é essencialmente cosmopolita: não pertence a este ou áquelle paiz, a esta ou áquella nação, tem por patria o mundo, são luzeiros da humanidade, e, como esta, não envelhece elle, nem morre; porque se não perdem, nem morrem as vibrações a cujo poderio magico submette os espiritos, que arras-

a extraordinaria individualidade de Vieira, como mestre e classico da lingua portugueza, produziu uma oração verdadeiramente notavel, na qual ao substancioso do fundo corresponde a belleza e a magestade da forma.

O primoroso discurso, no qual o Dr. Carneiro, em largos vôos de eloquencia, acompanhou o dizer puro e elegantissimo de Vieira, de que leu trechos incomparaveis, de sublimidade e opulencia da dicção, foi ouvido com o attencioso silencio que o seu merecimento impõe».

ta, avassalla, subjuga e fascina, vivendo e revivescendo sempre, tirando da propria morte a vida, que o perpetúa e eternisa.

Nenhum homem mereceo mais de seos contemporaneos, nenhum tem mais titulos a ser appellidado genio nas lettras, nenhum é mais digno dos applausos e das ovações com que a posteridade genuflexa, ha dois seculos, lhe honra e venera a memoria, do que aquelle que constitue o assumpto do discurso que ora vos dirijo, e tão benevola e generosamente attendeis. E', Senhores, o Padre Antonio Vieira.

Permitti que, antes de vos delinear o vulto magestoso cujo nome commemoramos hoje, antes de vos apresentar o pallido bosquejo do grande engenho, que tanto honrou a roupeta do jesuita, quanto illustrou a penna do litterato e os agudos conceitos do politico e diplomata, do homem que a tantas luzes podemos estudar e considerar, me congratule com o *Instituto Geographico e Historico*, essa nobre instituição, que com tanto lustre vae enriquecendo os annaes litterarios deste Estado, me congratule com a Bahia, dê parabens a mim mesmo, por ter a ditosa e inesperada honra de ser, ante este luzido e selecto auditorio, o aprégoador de uma das variadissimas qualidades que enaltecem esse immortal burilador da palavra.

A Bahia, a *mater nutrix* do talento e dos grandes commettimentos, que jamais regateou louvores ao merito, nem honras ás virtudes peregrinas, a Bahia, coração largo, vasto, immenso, que vibra a todos os grandes sentimentos e estremece a todas as grandes commoções, a Bahia, que tem lagrimas e suspiros para todos os soffrimentos, flores e palmas de applausos para todas as conquistas das sciencias e das artes, do saber e da virtude, mãe affectuosa e estremecida, que no mesmo regaço amoravel aninha, como se forão seos filhos, todos aquelles em cuja fronte se estampa o sello divino com que se assignalão os espiritos singulares, seja qual fôr o aspecto por que os miremos e se elles nos manifestem, commemorando hoje o nome illustre de Antonio Vieira, vem pagar

uma grande divida de honra, jogando uma braçada de flores sobre a loisa veneranda do grande civilisador e evangelisador de seos sertões, que, no virginal de suas florestas, no caudaloso de seos rios, em sua viçosa, ridente e luxuriante natureza, no anilado de seo céo, sempre azul e puro, haurio as primeiras inspirações do genio, ensaiou os primeiros adejos d'aguia, alentou, aqueceo e inflammou os primeiros arroubos de eloquencia, com que mais tarde assombrava os ouvintes, nas praças, nas ruas, nas côrtes, nos templos, em toda a parte em que se fazia ouvir o facundo verbo que o immortalisou.

Celebrando, pouco ha, o tricentenario de Anchieta, que na historia dos tempos coloniaes do Brazil se destaca como proeminente figura, a operosa terra, berço dos Andradas, mostra, no brilhantismo com que solemnisou essa data, que o germen do bem, quando se planta no coração do povo, não é como a semente do semeador do Evangelho, que cahio em solo duro e safaro, e se dispersou nos ares, varrida dos ventos, senão como a que, cahindo em terreno fecundo e bom, brotou, se desenvolveo, floric e fructificou; celebrando hoje o bicentenario de Antonio Vieira, a Bahia onde lhe madrugarão os esplendores alviçareiros dos primeiros arrebóes da aurora do genio, não cede a palma a sua irmã do sul, e, com a magestade de dois seculos de gratidão e reconhecimento, vem unanime inclinar-se ante o nome que constitue o padrão monumental de duas nacionalidades, que se abração e confraternisão na mesma ideia e no mesmo sentimento.

Homens ha que o são tantas vezes, quantas as varias manifestações da actividade intellectual, a que especialmente entregão o espirito, manifestações que são os eixos polares de todas as suas producções, em cujo ambito gira todo o seo engenho fecundo e inventivo. Tal foi o padre Antonio Vieira: ao mesmo passo catechista e apostolo, orador e philosopho, professor e litterato, diplomata e politico, patriota e mestre da lingoa; sempre grande, sempre de intituitos alevantados, sempre igual a si mesmo, sempre o mesmo Vieira.

De feito, quem com mais fervor e zelo levou aos aborigenes da Bahia e do Maranhão a palavra e doutrina evangelica, pregando-a com aquella força de persuasão, que convencia o gentio, arrancando-o das trevas do erro, despertando-lhe no espirito amortecido a luz das verdades christãs? Que orador sagrado, com a magia de sua palavra, sempre animada, viva, garrida, insinuante e convincente, com o encanto e donaire de sua elocução, sempre facil e desempeçada, com os lances arrebatadores de sua eloquencia, vehemente e senhoril, com os conceitos philosophicos com que fulminava os reis e os grandes, com a ironia perspicaz e pungente com que lhes disfarçava a acrimonia da censura e lhes estigmatisava os vicios e desacertos, conquistou mais applausos entre seos contemporaneos, maravilhando até o estrangeiro, que o escutava com respeito e lhe admirava o vasto saber e a profunda noticia que em alto gráo possuia das sagradas escripturas? Quem, em tão verdes annos, supprindo com o saber o que lhe faltava em idade, preencheo com mais lustre e luzimento a cathedra de professor, illustrando a sciencia de Quintiliano, merecendo os applausos da culta companhia, de que era gloria e ornamento? Quem, em seo paiz e em seo tempo, versou com mais discreta diligencia os textos exemplares da litteratura antiga e da coeva, donde a longos sorvos haurio as sabias lições, e a finura de tacto de que entretecia as suas cartas e os seos discursos, e em que emmoldurava todos os escriptos que sahião de sua mão magistral? Que homem foi em seo paiz investido em mais espinhosa missão, honrando-lhe no estrangeiro o nome e as tradições?

Como patriota, em summa, tem o Padre Antonio Vieira lugar reservadissimo na galeria dos grandes homens; para elle é a patria o phanal seguro em que tem os olhos fitos durante toda a sua longa, tribulada e tempestuosa existencia; é um raio de esperança, de doçura e de amor, que o anima e conforta nos desalentos e desenganos da vida.

Mas não a mim, senão a illustres membros deste Instituto, é que toca fallar dessas qualidades e prendas

admiraveis de Vieira, que só de ligeiro e resumidamente mencionamos.

A mim coube tarefa mais estreita e modesta, se bem que honrosa: considerar este homem eminente como classico da lingoa portugueza; sob este ultimo aspecto é que vou encarar o emerito mestre da lingoa, que tão profundamente lhe penetrou nos veios opulentos, donde tirou os thesouros, as joias e louçainhas de que a vestio, esmaltou e enriqueceo.

Grato por extremo aos senhores socios do Instituto pela honra com que me distinguirão, proporcionando-me o ensejo para aquilatar os meritos deste insigne artista da linguagem, eu lhes dou neste momento solemne as seguranças sinceras de meo agradecimento, lastimando que seja o panegyrico tão tosco, desbotado, rude, sem lavor nem elegancia, quanto é grande e elevada a personagem de que é assumpto, cujos dotes como cultor exemplarissimo do idioma portuguez não ha louvores que possão encarecer, nem inveja que possa ensombrar e desdoirar.

Nem sempre se liga o mesmo sentido á palavra *classico*, e ás expressões *autores classicos, obras classicas*.

Desde o renascimento das artes, lettras e sciencias, em toda a Europa, uso foi applicar essa denominação aos escriptores modelos, que occupavão o primeiro plano na hierarchia litteraria, pela clareza, precisão, pureza, correcção e elegancia com que escrevião a lingoa, de feição que erão os verdadeiros guias e allumiados exemplares do bom dizer.

A expressão foi tomada aos Romanos, que, sob Servio Tullio, forão divididos em classes, sendo os da primeira appellidados *classici*, e d'ahi, por analogia, applicada a palavra aos escriptores que se relevavão dentre os seos contemporaneos, não sómente pelas qualidades apontadas, senão tambem pelo cunho de originalidade que os distinguia, e por uma feição inteiramente nacional, que deixavão transudar de suas obras, fossem artisticas, litterarias ou scientificas.

Seja, porém, qual for o sentido em que se tomem taes expressões, caracteres especiaes ha que as notão

e discriminão, entre outros, deve o autor classico reunir os seguintes: ter conhecimento perfeito da lingoa em que escreve, conhecer-lhe bem a indole, a physionomia particular, todos os seos modismos e nativos ademanes, todos os seos segredos, os reconditos thesouros de suas minas preciosas; fallal-a e escrevel-a com pureza e exacção, evitando adornal-a de vozes e locuções estranhas, e corrompel-a e adulteral-a com construcções que tendão a desvirtual-a e abastardal-a; ser claro, fugindo a esses torneios viciosos e obscuros, que tornão o discurso diffuso, frouxo, arrevesado e embaraçoso; ser elegante, pintando e representando as ideias e os pensamentos com belleza, distincção e certo sainete de graça, que tanto aviva, anima e robustece a elocução; adaptar e apropriar sempre as palavras e o estylo á natureza das ideias e dos pensamentos enunciados; de modo que todos os sentimentos nobres ou vulgares, todas as paixões violentas, todas as grandes commoções, todos os conceitos elevados ou obscuros, tenhão na lingoa, que os traduz e photographa, sua adequada e verdadeira expressão.

Assim como o pincel do pintor não desenha com as mesmas cores a tempestade e a bonança, as trevas e a luz, as lagrimas e os sorrisos, as magoas e a alegria, a crueldade e a ternura, a pusillanimidade e o heroismo, o rouxinol e o mocho, assim o escriptor, que é o pintor da palavra, a qual não é mais que o pensamento encarnado, deve, se conhece bem a lingoa que falla ou escreve, se sabe adivinhar-lhe e sondar-lhe os segredos, adaptal-a ás necessidades do pensamento.

Afóra esses dotes que deve ter a linguagem nos escriptos e discursos do classico, accrescentão alguns a vivacidade, a copia e abundancia, a brevidade, a fluidez, a naturalidade, um cunho manifesto do espirito nacional que este traduz e representa, e um certo equilibrio entre todas as suas faculdades, uma certa saude da intelligencia, que, segundo a feliz concepção de Brunetière, é para o entendimento o que é para o corpo a saude, isto é, o equilibrio das forças que resistem á morte.

Um classico é classico, diz esse profundo litterato,

porque em sua obra todas as suas faculdades achão cada uma seo legitimo emprego: sem que a imaginação prevaleça á razão; sem que a logica suste os vôos da imaginação; sem que o sentimento usurpe os direitos do bom senso; sem que o bom senso arrefeça o calor do sentimento; sem que o fundo se nos depare privado da autoridade persuasiva que deve tomar ao encanto da forma; sem que nunca, em fim, usurpe a forma um interesse que só se deve ligar ao fundo.

Esse é o padrão por que se aferem as qualidades, cujo conjuncto constitue o escriptor classico; por isso é que na Italia, no seculo de Leão 10, é Ariosto o corypheo da poesia classica, como Machiavel o é da prosa; na França são os grandes escriptores do seculo 17, epocha de oiro da litteratura classica nesse paiz, em que, por um concurso de circumstancias, honrarão as sciencias, as lettras e as artes, e illuminarão o throno de Luiz 14 poetas, como Corneille, Racine, Molière e Boileau; prosadores, como La Rochefoucauld, Sévigné, Pascal, Bossuet e Fénelon; artistas, como Lebrun e Girardon; na Inglaterra são Pope, Swift e Addison os representantes dessa cruzada litteraria, que derramou tanto lustre no throno dos Jorges e da rainha Anna; na Allemanha, no seculo 18, Herder, e Wieland; em Portugal é Luiz de Camões, que, por si só, como poeta, é a synthese do que de mais bello, de mais elevado, de mais sublime, de mais nacional poude produzir em portuguez a poesia epica no seculo 16; é ainda em prosa João de Barros, o autor das *Decadas*, o Tito Livio portuguez, de cujos labios, dizia um douto, corria a oração mais doce que o mel; *tuoque ex ore, (quod de Nestore scripsit Homerus) melle dulcior profluit oratio;* é Frei Bernardo de Britto e muitos outros, que forão os verdadeiros fundadores do bom fallar portuguez, arrancando nosso idioma da trilha onde o tinhão collocado seos predecessores, que o tornarão inculto, barbaro e rude.

No seculo 17, em que a nossa lingoa, como para descançar de jornada tão afanosa e brilhante nos caminhos da litteratura, parece começar a decahir da perfeição a que se havia elevado, surgem tres vultos,

que são os representantes e dignos continuadores do legado precioso que lhes havia deixado o seculo anterior; são, para não citar senão os mais illustres, o padre Manoel Bernardes, o elegante e mimoso autor da *Nova Floresta*, Frei Luiz de Souza, o famoso e correctissimo escriptor da *Historia de S. Domingos*, e o immortal Padre Antonio Vieira, cujos dotes como classico primoroso a nenhum critico ainda lembrou contestar. Estes tres notaveis escriptores constituem uma brilhante constellação, sendo o ultimo a estrella d'essa constellação que mais luz e refulge no céo da litteratura nacional, nada invejando á claridade que outros astros irradiarão no firmamento de seo paiz.

Não fallemos do seculo actual, em que uma radiosa pleiade de escriptores portuguezes, exercitando-se em diversos generos, se têm empenhado na doce e honrosa missão de não apoucar e desdoirar o precioso legado, cuidadosa e diligentemente guardando e mantendo a pureza de nosso formoso idioma, quaes sacerdotizas mythologicas guardavão e mantinhão o fogo do altar da deusa pagan.

Conhecidas são de todo o homem de lettras as paginas de oiro de que enriquecerão a lingoa portugueza os Castilhos, os A. Herculanos, os Garretts, os Latinos Coelhos, os Castellos Brancos, que esforçadamente sempre timbrarão de portuguezes, desprezando os falsos ouropeis e atavios estranhos com que o pouco estudo e a ignorancia da formosura nativa de nosso rico idioma lhe afeavão a gravidade e compostura.

Isto posto, vejamos se o autor, que é o objecto deste desalinhado discurso, resume em si as qualidades inherentes a todo o escriptor que deve reputar-se classico.

Para proval-o e demonstral-o, é o mesmo Antonio Vieira, cujos trechos aqui apontamos, quem vae fazel-o, mostrando que o seo nome é o seo maior panegyrico, e que com razão é collocado entre o daquelles mestres da lingoa, daquelles textos desenganados, que souberão polir e aperfeiçoar o idio-

ma, cuja rudeza havia já desbastado João de Barros, o fundador da boa linguagem portugueza.

Em verdade, que escriptor fallou nunca com mais pureza que o Padre Antonio Vieira? Quem com elle corre parelhas na correcção da phrase, na sensata escolha e propriedade dos termos, na finura, delicadeza e primor de linguagem com que enunciava o pensamento?

Folheem-no, leião-no e meditem-no os amantes da lingoa, e nos seguintes trechos se lhes depararà ensejo para admirar esse notavel engenho:

«Não se pode dizer nem imaginar, diz elle, a desordem, a confusão e dissonancia horrendissima daquelle cháos, concorde só no tumulto perturbadissimo dos affectos e paixões com o estrondo confusissimo dos bramidos e alaridos tremendos com que daquella multidão immensa de lingoas sacrilegas é incessantemente blasphemado o céo: arde o odio, morde-se a inveja, escuma a ira, raiva a desesperação, grita furiosa a dor e desaffoga-se sem nunca desaffogar-se a vingança em injurias, em opprobrios, em maldições contra o sempre mais e mais odiado Deos. De todos os attributos e de todos os beneficios divinos se ouve ali em desentoados clamores a sua affronta: a justiça se chama injustiça; a bondade iniqua; a sabedoria ignorante; e até a omnipotencia, fraca e covarde, como empregada só contra manietados e miseraveis».

Que escriptor, que pintor da palavra soffre confronto com Vieira na propriedade dos vocabulos, na força e energia da dicção, no vivo colorido da phrase com que finamente nos debuxa o fogo do odio, que arde, a raiva da inveja, que se morde, o furor da ira, que escuma, os impetos mal soffridos da desesperação, que se enraivece, a furia e delirio da dôr, que se desata em gritos e clamores, o desaffogo da vingança, que nunca se farta e satisfaz?

Como é vivissimo o quadro que nos apresenta, quando falla da difficuldade e repugnancia de realizarmos na pratica da vida o *diligite inimicos vestros* do Christo? Ouçamol-o: «A memoria, sem jamais se esquecer, representa o aggravo; o entendimento pon-

dera a offensa; a phantasia afêa a injuria; a vontade implora e impera a vingança. Salta o coração, bate o peito, mudão-se as cores, chameão os olhos, desfazem-se os dentes, escuma a bocca, morde-se a lingoa, arde a colera, ferve o sangue, fumeão os espiritos; os pés, as mãos, os braços, tudo é ira, tudo fogo, tudo veneno.»

Que mimo, que ternura, que suavidade de colorido, que perfume de poesia, que doce estrophe de melodia, se não derrama na seguinte passagem deste profundo conhecedor das joias e arrecadas preciosas de nosso idioma? E' o quadro da vida humana, em que tudo passa, tudo é contingente, e ephemero e perecedouro e mortal.

«Desde a terra até o céo, diz Vieira, está estabelecida esta lei: Na terra a rosa, rainha das flores, é ephemera de um dia; toda aquella pompa branca, toda aquella ambição encarnada de que se veste, pela manhã são mantilhas, ao meio dia galas, á noite, mortalhas.

No céo, a lua, rainha das estrellas, quem a vio cheia, retrato da formosura, que logo a não visse minguante depois da mudança?

Quando resplandece com toda a roda, então, se eclipsa; quando faz opposição ao sol, então a encobre a terra. Ajunte-se a formosura da terra com a do céo e na união de ambas veremos o mesmo exemplo.»

«A aurora, diz noutra parte o mesmo escriptor, é o riso do céo, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e alento do mundo. Começa a sahir e a crescer o sol, eis-o gesto agradavel do mundo e a composição da mesma natureza toda mudada.»

Ha em todos esses painéis primorosos do padre Antonio Vieira um vivo frescor, uma desaffectada naturalidade, um como que suave e doce aroma campesino, que enleva e arrebata o leitor.

Não ha a quem não admire a propriedade de termos, a belleza de dicção, a elegancia e viveza de estylo e a profundeza dos conceitos com que, animando Vi-

eira uma missão de religiosos, que de S. Luiz do Maranhão partia para o Amazonas, assim se exprime:

«Concedo-vos que esse indio barbaro e rude seja uma pedra: vêde o que faz em uma pedra a arte. Arranca o estatuario uma pedra dessas montanhas, tosca, bruta, dura, informe, e depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem: primeiro membro a membro, e depois feição por feição até a mais miuda: ondea-lhe os cabellos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a bocca, avulta-lhe as faces, tornea-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos: aqui desprega, alli arruga, acolá recama, e fica um homem perfeito e talvez um santo, que se pode pôr no altar. O mesmo será cá, se á vossa industria não faltar a graça divina. E' uma pedra, como dizeis, esse indio rude? Pois trabalhae e continuae com elle; applicae o cinzel um dia e outro dia; dae uma martellada e outra martellada; e vós vereis como dessa pedra tosca e informe fazeis não só um homem, senão um christão, e pode ser que um santo».

Em que lingoa, em que autor já se elevou tanto a prosa? Quantos fios de perolas se ennovelão aqui para dar relevo e realce ás bellezas nativas de nosso opulento e donoso idioma?

Falla o autor do sitio de Betulia, e assim viva e elegantemente se exprime com relação a Judith, sua libertadora: «Despe o cilicio de que estava toda coberta, enxuga as lagrimas com que orava ao céo, manda vir cheiros, joias, galas, espelho: veste, compõe, enriquece, esmalta os cabellos, a garganta, o peito, as mãos, os braços e até os pés, não de todo cobertos, e feita Judith um thesouro de cobiça, um pasmo de formosura e mil laços do appetite, sáe confiada pelas portas da cidade; salta o fosso, passa as sentinellas, entra pelo exercito inimigo e vae direita á mesma tenda de Holophernes.»

Aqui é tudo vivo, conciso e animado: na collocação das palavras, no tecido das phrases, observou bem o escriptor a ordem das ideias; a ellipse das con-

juncções communica ao discurso um certo gráo de rapidez, concisão e vivacidade; que bem se casa e concerta com as disposições de espirito de que se achava possuida a heroina, segundo nol-a descreve o autor.

As expressões *thesouro de cobiça, pasmo de formosura, mil laços do appetite* são empregadas com muita felicidade e attestão um espirito conhecedor do coração humano, que, por vezes, submette a humanidade á animalidade, dando a esta o sceptro que só devia empunhar aquella, cedendo e curvando-se com volupia aos molles impulsos das paixões desenfreadas, e dos appetites insoffridos, e cerrando os ouvidos aos reclamos e brados imperiosos da razão e do dever.

Trata Vieira da fragilidade e caducidade da formosura e com que mimosa delicadeza nol-a define e descreve! Como se affeiçôa ao pensamento e com elle se ajusta o estylo desse grande homem! Como a lingoa portugueza se dobra flexivel a sua inspirada penna! Quanto de vivo, fino e afinado resalta da pintura bem acabada desse Raphael da palavra!

Passagens ha em que parece não é o escriptor que cede e obedece á lingoa em que escreve, senão a lingoa que lhe obedece e submissa lhe desdobra, desfia e traduz os sentimentos e as ideias, ante seos proprios olhos que se ufanão altivos dessa obediencia.

Acompanhemol-o e ouçamol-o ainda:

«A formosura é um bem fragil e quanto mais se váe chegando aos annos, tanto mais váe diminuindo e desfazendo em si e fazendo-se menor. Seja exemplo desta lastimosa fragilidade Helena, aquella famosa e formosa grega, por cujo roubo foi destruida Troya. Durou a guerra dez annos, e, ao passo que ia durando e crescendo a guerra, se ia juntamente com os annos diminuindo a causa della. Era a causa a formosa Helena, flor em fim da terra e cada anno cortada com o arado do tempo.

Estava já tão murcha e a mesma Helena tão outra, que, vendo-se ao espelho pelos olhos, que já não tinhão a antiga viveza, lhe corrião as lagrimas, e não

achando a causa por que duas vezes fora roubada, ao mesmo espelho e a si perguntava por ella. . . . . . .

. . . .

Os primeiros tyrannos da formosura são os annos, e a sua primeira morte é o tempo. Debaixo do imperio da morte acaba, debaixo da tyrannia do tempo muda-se; e se alguem perguntara á formosura, qual lhe está melhor, se a morte ou a mudança, não ha duvida, que havia de responder, antes morta que mudada.»

A linguagem de Vieira, sempre tersa, castiça, apropriada ao assumpto, viva, substanciosa, clara e elegante e por vezes maviosa e melliflua, evitando com ajustada parcimonia o baixo e o guindado, o excessivo antiquado e as innovações excusadas, é ás vezes de um vigor brilhante, de um arrojo, de uma valentia, de uma masculinidade admiraveis, pondo em luz os inexhauriveis recursos de seo aguçado engenho.

Servem de exemplo os seguintes passos, colhidos em seos sermões:

«E' a guerra aquelle monstro, que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta. E' a guerra aquella tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as villas, os castellos, as cidades e talvez em um momento sorve os reinos e monarchias inteiras. E' a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum, que ou se não padeça ou se não tema; nem bem que seja proprio e seguro: o pae não tem seguro o filho; o rico não tem segura a fazenda; o pobre não tem seguro o seo suor; o nobre não tem segura a honra; o ecclesiastico não tem segura a immunidade; o religioso não tem segura a sua cella; e até Deos nos templos e nos sacrarios não está seguro.

. . . .

Falla o escriptor da náo de Noé e deste modo se enuncia:

«Como pode ser que coubessem em tão pequeno lugar tantos animaes, tão grandes e tão feros? O leão,

para quem toda a Libia era pouca campanha; a aguia, para quem todo o ar era pouca esphera; o touro, que não cabia na praça; o tigre, que não cabia no bosque; o elephante, que não cabia em si mesmo».

No trecho seguinte, sobre ser correctissimo na dicção e disposição das phrases, é notavel esse benemerito da lingoa portugueza na harmonia imitativa.

Trata-se do sermão pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda, em que avultão em todo o sermão os maiores rasgos de eloquencia, os mais sublimados lances oratorios. «Finjamos pois, diz Vieira, (o que até fingido e imaginado faz horror), finjamos que vem a Bahia e o resto do Brazil a mãos dos Hollandezes: que é que ha de succeder em tal caso?

Entrarão por esta cidade com furia de vencedores e de hereges: não perdoarão a estado, a sexo, nem á idade; com os fios dos mesmos alfanges medirão a todos; chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decóro a sua modestia; chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito as suas cãs; chorarão os nobres, vendo que se não guarda cortezia a sua qualidade; chorarão os religiosos e veneraveis sacerdotes, vendo que até as corôas sagradas os não defendem; chorarão finalmente todos e entre todos, mais lastimosamente os innocentes, porque nem a estes perdoará (como em outras occasiões não perdoou) a deshumanidade heretica».

Que effeito maravilhoso não produz nesse passo do grande orador a harmonia imitativa! Como parece ao leitor estar a ouvir os dobres funebres dos templos da Bahia, que compassadamente, tristemente, pesadamente soarão aos ouvidos da imaginação do portentoso rei da palavra! Com que engenho sobe elle todos os degráos que medeião entre o bello, que encanta, e o sublime, que assombra!

Como penetrão dentro d'alma e ferem as fibras de coração, uma a uma, as tetricas consonnancias do repetido *chorarão*, que se succedem no discurso como as monotonas, doridas e plangentes vibrações dos sinos de finados.

Como nas producções de todo o escriptor classico seja qual for o seculo que o vio abrir os olhos á luz, nos sermões de Vieira, em suas cartas, em todos os seos escriptos, transpira, como nos *Lusiadas* de Camões, na *Divina Comedia* do Dante e nos dramas de Shakespeare, aquelle espirito nacional, que faz, fez e fará sempre delles verdadeiros padrões da gloria de sua nação, conquistando uma popularidade, que os seculos não apagarão, e fazendo sempre vibrar a alma nacional, que os alentou e inspirou.

No genero epistolar, um dos mais difficeis da espinhosa e trabalhosa arte de escrever, se bem que não ostente aquella singela e engraçada jovialidade, aquella doce, expansiva, affectuosa e cordial effusão de amizade com que se dirige Cicero a Terencia e a Tullia, mostra-se Vieira, comtudo, um consummado escriptor, no castigado e primoroso da phrase, na elegancia e perspicuidade do estylo, na nobreza e vivacidade das metaphoras, no relevo das imagens, no substancioso das sentenças, na cadencia numerosa do discurso, no apropriado do dizer, sempre terso, genuino e correcto. Se as cartas do orador romano são copiosos e ricos mananciaes para a historia litteraria e politica da epocha tumultuosa em que vivêo, não o são menos as do escriptor portuguez para a historia portugueza de sua epocha, igualmente agitada e tempestuosa.

Podemos, em summa, applicar em tudo a Antonio Vieira o que avisada e judiciosamente escreveo este com refrencia a Frei Luiz de Scuza, na censura á 3.ª parte da Historia de S. Domingos: «O estylo é claro com brevidade, discreto sem affectação, copioso sem redundancia e tão corrente, facil e notavel, que, enriquecendo a memoria e affeiçoando a vontade, não cança o entendimento.

. . . .

A linguagem, tanto nas palavras, como na phrase, é puramente da lingoa em que professou escrever, sem mistura ou corrupção de vocabulos estrangeiros, os quaes só mendigão de outras lingoas os que

são pobres de cabedaes da nossa, tão rica e bem dotada, como filha primogenita da latina.

. . . .

A propriedade com que falla em todas as materias é como de quem a aprendeu na eschola dos olhos. Nas do mar e navegação, falla como quem o passou muitas vezes; nas da guerra, como quem exercitou as armas; nas das côrtes e paço, como cortesão e desenganado; e nas da perfeição e virtudes religiosas, como religioso perfeito.»

Verdade é que em alguns dos escriptos do Padre Antonio Vieira se nos depara um uso excessivo de equivocos, antitheses e trocadilhos, que lhe empannão e ensombrão o estylo, levando não raro o espirito do leitor a um emmaranhado enleio e intrincado labyrintho, onde muitas vezes se quebra o fio das ideias, e se turva a claridade do pensamento do escriptor; taes defeitos, porém, e os sophismas, subtilezas e argucias pueris de que o accusão, não se devem só lançar á conta do escriptor, senão á do seculo em que viveo: nenhum escriptor ha, por singular e original que seja, que não comparta em subido gráo os defeitos, os preconceitos do seculo em que vive, submettendo-se insciente e inconscientemente á influencia poderosissima das opiniões e costumes de seos contemporaneos, não podendo della sequestrar-se nem triumphar. Socrates, o grande Socrates, o philosopho atheniense, lega ao morrer um gallo a Esculapio. Boudin, famoso historiador, que foi o primeiro francez que mirou a historia á luz da philosophia, Boudin, que, segundo Robert Flint, nenhum rival teve entre seos contemporaneos, que foi profundo conhecedor das lingoas, da historia, do direito, da philosophia e da politica; esse espirito agudo, e penetrante, que era sceptico relativamente a toda a religião positiva, acreditava puerilmente no maleficio, na virtude dos numeros, na influencia das estrellas. João de Lucena, quinhentista famosissimo e elegantissimo escriptor, Manuel Bernardes, contemporaneo de Vieira, garboso e guapissimo conhecedor do idioma

portuguez, não se escoimão de todo desses defeitos, apresentando a trechos varios exemplos das mesmas faltas, que ainda mais concorrem para fazer sobrelevar as bellezas de seos primorosos escriptos.

Em Vieira não ha porque se negue um certo numero de locuções e phrases, tidas hoje em dia por antiquadas, bem que em voga no seo tempo; mas a lingoa não é um instrumento passivo e sem vida: é um organismo vivo, que se forma, nasce, se desenvolve, cresce, principia a decahir, e morre como tudo o que vive; liga-se de tal modo ao pensamento, com elle se identifica, a ponto que o acompanha em todas as suas vicissitudes, elevando-se ou descahindo com elle, com elle engrandecendo-se e aprimorando-se, sendo sempre em tudo seo fiel transumpto. Se, por um lado, ligada intimamente ao espirito, nelle influe e actùa, tornando possiveis todas as suas manifestações, aclarando-o em seos processos intimos e profundos, excitando-lhe as energias, provocando-lhe os sentimentos, desdobrando-lhe as ideias, desfiando-lhe e analysando-lhe os conceitos e as noções; por outro lado, obedece e cegamente se submette ao espirito, de cuja vida vive e se nutre.

Ha uma dupla correnteza de acções e reacções, de influencias, a que chamaremos centrifugas e centripetas, as quaes se ligão á vida mesma dos idiomas, e que a todos arrastão fatal e instinctivamente. (*)

*
* *

Sombra do grande orador, rei e gloria do pulpito, o peso esmagador de dois seculos comprime-te a argila caduca, donde desprendeste o vôo para as infindas e insondaveis regiões do infinito; mas o echo de tua voz ainda vive e parece reboar pelas abobadas de nossos templos, que abrazaste com o fogo dos raios de tua eloquencia pujante e vigorosa; ainda as naves sagradas a quarenta lustros de distancia parece lobrigarem teo vulto sereno e magestoso a despedir torrentes caudaes, que as inundarão de luz e de fé. Nosso céo de purpura e anil, que tantas vezes te sorrio, nossos cer-

(*) Dr. Carneiro Ribeiro (Serões gram.)

ros e penedias, as fragas de nossas serras, nossos rios gigantescos, nossas alpestres florestas, que te sentirão os passos, te perceberão os movimentos, te ouvirão as queixas e os segredos e forão testemunhas de tuas luctas, de teos esforços, de tua abnegação, das ingratidões e injustiças que soffreste, de teo heroismo em favor dos indios escravos, guardão ainda indelevel tua imagem veneranda, e quaes harpas eolias ou immensos orgãos suspirão e repetem teo nome e teos louvores.

Insigne e nunca assaz celebrado escriptor, quantos reis, quantos fidalgos e grandes, a despeito das censuras com que os verberavas, gostosamente trocarião pelo cinzel de tua inspirada palavra a purpura que trajavão, os titulos nobiliarios que os distinguião, as galas e telas de que se ornavão, os arminhos e brocados de que os enfeitava a vaidade e porventura a ignorancia frivola, presumpçosa e vã? Se muitas vezes no pulpito sagrado tua palavra, como a de Bossuet, era um raio, que feria e fulminava; de tua penna, outras vezes, como da de Bernardes, distillava o mel, com que commovias e enternecias.

Aprimorado sacerdote do dizer castiço e de bom cunho, que pintor da palavra achará em sua palêta cores para traçar e desenhar condignamente teos finos quilates na lingoa vernacula?

Assim como as notas e producções musicaes de Mozart erão mais elevadas e sublimes, quando, tangendo os dedos o dilecto instrumento, não parecião obedecer ao esforço voluntario do artista, senão á actividade automatica a que se submettião, e a que deve o mundo as mais inspiradas producções desse singular compositor, assim, grande mestre da lingoa, os termos, os vocabulos, as phrases que escrevias, nunca os procuraste com esforço ou empenho affectado, vinhão por si cahir submissos de teo calamo inimitavel; escrevendo na lingoa de que eras desvelado cultor, a actividade automatica de teo cerebro anticipava, porque assim o digamos, a actividade consciente de teo espirito. Como a Mozart, te sellou a natureza com o sinete do genio, o qual, em que

pese a Buffon, não é uma longa paciencia, senão um fructo e producto espontaneo, a que o esforço educa e aperfeiçôa, mas não cria.

Fonte inexgotavel, em que se têm inspirado tantos engenhos, no crystal de tuas agoas a nossa lingoa mira-se altiva e se desvanece e rejubila de se ver tão formosa e louçã.

Grande benemerito da patria, é por demais justa a homenagem que ora te rendemos, os tributos de admiração consagrados a tua memoria; a apotheose que te fazem duas nações que se abração, proclamando em unisono tua gloria e teo renome. Se em Portugal tiveste as mantilhas que te enfaixarão a infancia, na Bahia tiveste a eschola, onde começaste a soletrar o verbo de tua grandeza; aqui provaste e acrisolaste teos dotes geniaes; aqui, no meio de teos irmãos, que te entoarão o *requiem*, nesta terra, a quem não esquecem teos triumphos, tiveste a mortalha, que te envolveo as reliquias venerandas.

Se a Bahia te não sentio os primeiros vagidos, ouviote os derradeiros suspiros, recebeo em seo seio, amorosamente maternal, as tuas ultimas lagrimas, e soluçando, recolheo no cofre de seo coração as ultimas phrases que murmuraste no bello idioma que soubeste honrar e engrandecer.

Emquanto do mappa ethnologico não desapparecerem a nação portugueza e a brazileira, vinculadas por laços que as identificão no convivio commum dos povos; emquanto no quadro das lingoas subsistir a que brazileiros e portuguezes fallamos; emquanto palpitar um coração verdadeiramente portuguez ou brazileiro, inflammado do fervoroso patriotismo que resumbra de todas as tuas paginas immortaes, não morrerá tua gloria, nem teo nome, nem os louvores e louros immarcesciveis de que a humanidade inteira te corôa, podendo applicar-te o verso que nos labios de seo heróe põe o poeta mantuano:

Semper honos, nomenque tuum laudesque manebunt. (VIRG.)

(*Ao terminar, o illustre conferente recebeu do auditorio applausos geraes e prolongados*).

TERCEIRA CONFERENCIA

15 de Julho de 1897

Orador. — Revd. Padre Elpidio Tapyranga.

O Padre Antonio Vieira, catechista no Brazil

Exm. Sr. Dr. Governador:

Senhores:

No vasto cyclo do percorrer das éras só resistem ás nortadas devastadoras dos seculos as grandezas incalcinaveis da intelligencia, quando esta se encumêa ás alturas das glorias.

Pericles povôa a capital da Grecia de afamados monumentos, e esses desappareceram no sumidouro dos tempos, sem escapar ao menos uma pedra de suas ruinarias tristonhas. Mas a Odysséa do celebrado epico ainda faz o deslumbramento dos que abrem aquellas paginas illuminadas pelo genio, que nellas compendiou todas as modalidades sentimentaes do coração humano; e a Iliada ainda faz palpitar com vida o peito aguerrido de Achilles, o heroico vencedor de Heitor.

O « Diario da Bahia » dando noticia d'esta conferencia assim se exprime:

« Occupou a tribuna das conferencias o illustrado padre Tapyranga, que ainda uma vez, confirmando os bellissimos dotes que possue, de orador eloquente e homem de estudo, em phrase vibrante e vivacissima, salientou o apostolado de Vieira, nos sertões do Brazil.

A' descripção dos factos que se prendem a essa phase da vida daquelle homem extraordinario, não faltou o criterio historico, nem o colorido da palavra lampejante do orador, por vezes interrompida com espontaneos applausos do auditorio. »

De Thebas e de Memphis, de Epheso e do antigo Egypto, não nos restam senão a memoria de suas sumptuosidades artisticas, emquanto as producções arrebatadoras de Theocrito e os carmes dulçorosos de Virgilio ainda infiltram no espirito a mellifluidade de seu estylo; e Juvenal, bem como o satyrico amigo de Mecenas esgarçam, ainda em nossos dias, com espinhos de ironia, a muita pequenhez que se envaidece, a muito zelo de correcção, que enfarda vicios de todos os tempos.

O genio que deixa, pois, no livro as fulgurações de sua riqueza, escalando as alturas do assombro, desafia mais o transporte enthusiastico das gerações, que se succedem, que no marmore ou na tela, onde se estampe a magnitude de sua pujança.

O bronze não passa com egual seguridade a fama e a memoria aos povos de todas as edades, nem ha mais certeiro vehiculo para levar aos angulos do mundo as magnificencias excepcionaes da intelligencia, como esse poderoso meio de eternisar a gloria de um nome. Tem a vantagem de sua vulgarisação rapida, como de sua perduração, para a critica não encarreirar pela trilha da benevolencia ou da vehemencia injusta, para ser austera, mas desprevenida, intransigente, mas verdadeira.

As estrellas têm o céo onde engastadas derramam o pallor de seu clarão. A intelligencia do homem tem um firmamento onde fulge o brilho de sua luz, o livro, que revela aos posteros os esplendores adamantinos desses espiritos de eleição.

Podem, pois, as gerações todas levar á balança do criterio e da justiça os documentos que legou-nos o cerebro tres vezes portentoso do padre Antonio Vieira, desde os annos de florescimento de sua mocidade, até os dias em que a edade enlourou-lhe a fronte de cabellos brancos, quando a gloria já a tinha circumdado de seu fulgor perennal.

Ficaram-nos os volumes de suas obras, orações sacras e cartas politicas, que enfeixam as irradiações de seu espirito, bastando por si sós para sopezarmos a superioridade de seu merecimento como homem de

lettras, não duvidando Ferdinand Dinis, em sua profunda competencia, comparal-o em oratoria a Aguia de Meaux, mas ainda que todos seus contemporaneos e compatriotas, continuador mais saliente que o admirado bispo de Evora, D. Garcia de Menezes, em que Pomponio Leto achara a maior elegancia de latinidade, sendo filho aliás da Lusitania. E a *Clavis Prophetarum*, sua collossal obra, que não teve acabamento, testifica assás a erudição, que não se encontra entre os coévos da milicia de seu grande patriarcha, alteando-o entre todos como a fronde que busca na arvore ramosa as regiões supernas do além.

Como batalhador indefesso na liça da eloquencia, seu verbo que desafiava parallelo na precisão e subtilidade, como na facundia inexhaurivel e na largueza doutrinaria, nunca menos feliz, nem menos admirado, soube sempre desferir

« O claro lume que apagar não podem
« Nem a descarnada mão da triste inveja,
« Nem fouce cruel do voraz tempo. » (*)

Não tenho, porém, como escôpo estudal-o por essa face radiosa de sua mentalidade, embora que o elasterio emprestado a muito pensamento biblico, os brocados rhetoricos excessivamente trabalhados e profusamente esparsos, serzissem algumas vezes suas maravilhosas peças oratorias de peccadilhos, que esquecido o periodo de sua florescencia, não passam indemnes da causticidade critica nos dias correntes.

Mas o sol tem tambem suas fáculas e nem por isso sua photosphera deixa de ser tão esplendida e luminosa.

Vieira se excedia muita vez nos corollarios desdobrados ao martellar de um talento especioso, opulento de recursos para convencer e attrahir, vibrando as mais arrojadas proposições, o que não o apêa, entretanto, da supereminencia do merito em meio de seus pares do seculo XVII.

A meu vêr, Senhores, Antonio Vieira deve mais

(*) F. Gomes, A Restauração da Arcadia.

avultar-se na estimação dos brazileiros pelos beneficios reaes e summamente relevantes, que prestou na phase de nossa vida colonial, como missionario civilisador de nossas raças aborigenes e como director infatigavel dos catechistas, que nas terras da Santa Cruz desbravaram brenhas incultas e espiritos selvaticos.

Quando mais férvidas eram as demonstrações de enthusiasmo por sua pessoa em toda parte e a nação portugueza inteira acercava-o de palmas e ovações; quando em sua volta triumphante de espinhosas incumbencias, em as quaes se mostrára sempre destro diplomata, na resolução de embaraços na França, na Hollanda, na Hespanha e na Italia perlustrando o estádio escorregadio da politica internacional, honrando o nome de sua patria; quando a confiança de toda côrte de Lisboa lhe era testemunhada pelas provas de affectos de D. João IV e do povo, Vieira concebe o plano de procurar os confins das mattas do Brazil.

A riqueza de seu espirito estava na mesma recta da grandeza de sua correcção. Por isso elle não se prende ás seducções que a outros poderiam escravisar, deixando-se ficar num meio, em que sua palavra era uma decisão, sempre um ensejo de arroubos, e sua autoridade tinha um culto de indefectivel respeito, onde conhecia a estima sellada pela preferencia e a necessidade que tinham de seu tino, o caracter duplamente escudado nas virtudes religiosas e civicas.

Mas desde que aportára ás terras de Portugal em 1650, Antonio Vieira affagava a ideia de vir de novo ao Brazil evangelisar tribus indianas e nesse terreno ubertoso fazer brotar a sementeira opima da fé christã, conquistando intelligencias para a civilisação e braços para o trabalho nobilitador.

Já em Torres Vedras ensaiára os primeiros passos n'essa vida de agruras, mas abençoada e proficua, em que o grande jesuita tinha de pôr á prova de sacrificios a constancia e a tenacidade, todo atilamento de seu espirito e toda sua abnegação.

Aquelle que creou o sol como insignificante frésta

por onde mal se escapa um raio de sua sabedoria; o mar como uma pagina minuscula, que não chega para descripção pallida de seu poder; os astros como uma infinidade de diamantes, esmaltando a limpidez do espaço e que reunidos todos não valem uma alampada mortiça ante o infinito de seu resplendor; as selvas povoadas de arvores giganteas, com suas comas de espessura enorme, que só os ventos desgrenham para nellas gemer suas queixas sentidas em mysterios da dôr; Aquelle que creou o homem como uma lettra apenas do grandioso livro de sua Omnisciencia, mas não deixando a razão lêr atravéz de sua sombra os segredos que se escondem em seu seio eterno e de immensurabilidade incomprehensivel; Aquelle finalmente que modelou o homem á feitura de sua imagem, em que pese o descomedimento theorico das escholas darwinianas e suas variantes, quiz que um luzeiro que atrahia a admiração do mundo culto espraiasse tambem raios bemfazejos, por sobre os primitivos habitantes de nossas florestas, vencendo-lhes a braveza, para leval-os ao convivio da civilisação. (*Applausos*).

E assim, como que era Antonio Vieira arrastado por força ignota, inesquivavel, não cedendo ás rogativas de seu rei, nem cogitando das incommodidades e quiçá da perda de vida para seguir caminhos asperosos; ter por alento os infortunios, em procura de indios, cuja ferocidade elle não desconhecia.

Doirava-lhe o céo do pensamento o plano de dedicar-se á catechese das tribus bravias com o ardor do zelo que lhe inspirava toda sua fé, esse elemento animador das almas bem formadas.

Poderiam surgir deante de sua empreza muralhas de obstaculos que lhe cortassem o passo ousado; todas as difficuldades poderiam emmaranhal-o em trama de desanimo e desesperanças, restar-lhe-hia o espaço de sua vontade, para acoroçoar-lhe o esforço, «pelos ares intentaria voar,» como se exprime seu melhor biographo, tal como Dédalo preso por Minos no labyrintho de Créta, exclamando:

Terras et undas obstruat;
Omnia possidea, non possidet æthera Minos!

Colombo para descobrir a porção mais venturosa do universo, Vasco da Gama para atravessar o cabo das Tormentas, Saussure para subir o cume nevado do Monte-Branco, não teriam por certo mais resoluta firmeza em seus emprehendimentos, que a alma desse inspirado luctador, impondo-se á resolução de um novo mourejar, dos mais extrenuos trabalhos, em nome de seu sentimento christão.

Sua palavra que tantas gemmas de valor havia conquistado para a corôa de imperecibilidade de seu nome, aquella palavra que em cada dicção valia uma sentença, e em cada sentença deixava transluzir o brilho magestatico do genio, não devia fazer-se ouvir somente nos grandes circulos de illustração e de saber, produzir incendidos arroubos na capital lusitana e maravilhar até mesmo os mestres na vetusta cidade dos Cezares; devia como a flauta de Pan nos valles da Thessalia arrastar ao seio da civilisação milhares de seres esquecidos nos braços da barbaria.

Bem no amago das florestas maranhenses . . . lá onde o jequitibá robusto, com sua viridente folhagem não nega uma rama para o ninho de seus habitadores alados, teria tambem pousada amiga, á sua sombra, a aguia que se arrojára de longes terras, sem temor de setta que a prostrasse sem vida.

Depois buscaria o cabeço de uma de nossas mais elevadas serras, a Ibiapaba, brandiria as azas e no rumor do vôo altaneiro acordaria as raças selvicolas adormidas ao pé da mancenilha lethal da ignorancia. (*Applausos*).

Muito maior somma de sacrificios pareceria exigir seu temerario intento que o conservar-se Vieira entre affeiçoados e companheiros que o estremeciam, na quadra em que preponderava seu espirito esmeradamente polido de homem de lettras e politico, quando sua experiencia era buscada como directriz de difficuldades embaraçosas, cabendo-lhe mais de uma vez a gloria de resolvel-as facilmente; pareceria melhor o partido da contra resolução. Mas as almas de seu quilate não conhecem o que são as pretenções estreitas dos validos da mediocridade, nem sonham no

regaço flacido da vaidade com as grandezas, que o egoismo fita com olhos de cobiça.

Esquecendo tudo Antonio Vieira se determina em 22 de Novembro de 1652 a demandar plagas americanas, levando comsigo, como companheiros de luctas, os padres Manoel de Lima, Matheus Delgado e Manoel de Souza. (1)

E sua actividade que não concedia tregoas á lassidão, mesmo apezar de todas as inclemencias de uma penosa viagem, levava-o a congregar os habitantes daquella «povoação nadante» para instruil-os na fé, implantando n'alma de viajantes e tripolantes os estimulos da honra e do dever.

Eram os ligeiros primordios do luctar afanoso em beneficio de espiritos que precisavam tanto da caridade da instrucção, como de quem lhes ensinasse os rudimentos da arte para o progresso do trabalho.

As repetidas peripecias que lhe advieram durante a longa viagem por sobre o dorso do oceano, longe de desanimar aquelle espirito de tempera inquebrantavel serviam ao em vez disso para retemperal-o na coragem e obstinal-o no proposito de levar avante a empreza da catechisação.

Pode-se, pois, avaliar bem seu aprazimento ao avistar terras de S. Roque e mais dias a formosa ilha de S. Luiz do Maranhão, onde aportou a 17 de Janeiro de 1653 (2).

O zelo apostolico, que lhe accendia no coração o desejo de resgatar centenas de victimas immoladas á tyrannia da ignorancia, ia achar mésse fecundissima para dar largas a seu ardor; e como as labaredas que incinerassem vasto e secular edificio, as chammas de sua fé fariam desapparecer naquellas paragens a ferocidade de indigenas de familias differentes.

A extensa e graciosa ilha descoberta por Luiz de Mello Silva acolhia com mais auspiciosa gentileza o seguidor corajoso do padre Manoel da Motta, que entrára pelo Tocantins até suas cabeceiras, desco-

(1) Op. cit. pag. 42.
(2) Op. cit. pag. 48.

brindo as tribus taquanhunas (*) e quararizes, raça de indios agigantados, conseguindo arrancar muitos á selvajaria, chegando por fim ao espesso daquelles sertões, onde jamais penetrara um raio debil de civilisação.

*
* *

Não sei, Senhores, si neste globo sublunar, onde tamanhas aperturas se enfrentam a cada passo no estradar da vida, não sei se ha missão mais meritoria que essa de atirar-se o homem ás aventuras do imprevisto, para diffundir o ensino christão, aguardando somente o martyrio em troca de cuidados e sacrificios.

Para devotar-se uma existencia inteira com heroico desprendimento ao exercicio do bem, faz-se preciso alguma cousa mais que as forças humanas, sempre desarrazoadas, compellidas pelos desatinos da propria natureza, que só capitula deante de um poder unico, irresistivel—o da religião do amor.

E' o crótalo sanhudo desarmado na furia dos instinctos pela sonorosa flauta do canadiano, de que nos falla o litterato francez.

A natureza desaçaimada pela instinctividade não conhece outra potencia que a subjugue, que a conforme com as leis da adaptação civilisadora, senão a religiosa, e essa concebida á feição christã, como unica que pode conduzil-a aos fins de seu aperfeiçoamento.

A verdade é que a fé religiosa de Teutates na Gallia, a de Odin e dos deuses escandinavos na Germania, a de Isis e de Osiris no Egypto, a de Jupiter e dos deuses do Olympo na Grecia e Roma antigas, a de Zoroastro na Persia, a de Vichnu e de Brahma em parte do Oriente, a de Fó e de Confucio na India, a de Allah na Arabia e Asia Menor e tantas seitas que alimentam extravagancia de repulsivas crenças, como as doutrinas dissolventes das escholas de negação, não conse-

(*) Op. cit. pag. 56.

guiriam nunca o que a custa de seus imperterritos soldados alcançou para a civilisação a dynamica mysteriosa da Regeneradora dos povos, fóco que ainda continúa até hoje a projectar na ampla peripheria do mundo os effeitos beneficos de sua irradiação.

Não se destaca uma aldeia ainda na infancia do desenvolvimento, ou paiz que escale as grimpas do progresso, em todos os ramos de cultura scientifica, como em todos os recantos menos conhecidos da terra, em que não se culmine entre os factores primeiros de seu alargamento o vigoroso influxo christão.

Sirva-nos de exemplo, como mais proximo, esta mesma patria que todos nós amamos com extrema dedicação, onde os primeiros e mais operosos semeadores do germen de seu engrandecimento moral, social e intellectual foram os audazes propagandistas da lei evangelica, que nunca retrocederam deante da fauce da mais barbara morte, os edificadores do templo que tem abertas as portas á concurrencia de todas as nações, para se reconhecerem irmãs na ara augusta da liberdade e do progresso e na communhão dos principios que decerram-lhes a cuspide da perfectibilidade idéal.

O Brazil, como todas as terras do continente novo, não deixou de ter como sua generosa nutriz a bemfeitora universal, quando nenhuma potestade tinha força de domar a indole de seus naturaes.

Uns tantos homens inspirados unicamente na fé que compellia-os á renuncia de toda gloria terrena, tomavam aos hombros a pesada tarefa de romper por meio a densidade da ignorancia, não como as aguias romanas em seus dias triumphaes e dilacerando o manto dos soberanos da Asia, ou devastando as florestas da Germania para aplainar a rota escolhida por uma civilisação manca.

Mas o que a razão e a espada, esses dous aphelios do poder, o terror ou a seducção não lograriam certamente, a presença humildosa e mansa do missionario e a cruz arvorada nas arestas das montanhas alcançaram em decidida victoria, convertendo tribus selvagens á adopção de todos os costumes civilisados.

Emquanto os aventureiros das plagas de além mar deixavam seus lares, esqueciam as doçuras da paz no seio da patria, para se lançarem avidos á exploração de riquezas que a mão da natureza guardara nesse escrinio americano, quaes Argonautas a sonharem com o tosão de ouro, confiando-se á mercê do elemento salso em procura da Colchida; emquanto esse extenso mundo brazileiro era repartido em capitanias para doações a cortesãos que mediam seus escrupulos pelas curvas do egoismo; emquanto as nacionalidades européas apparelhavam-se para a conquista do paiz mais cobiçado da America meridional e cruzavam de norte a sul as quilhas cortadoras, fundeando em varios pontos, na esperança de um quinhão partilhado mesmo á custa de piratagem; emquanto se entrechocavam a ambição, a sordicia, a indignidade, o crime emfim cortejado pelas miserias que não faltam, recamadas nos costumes de todos os povos, mais despertas pela cegueira de interesses farejados em afastadas regiões, quando tudo isso effervecia, homens inteiramente alheios á influencia das agitações dominantes, almas voltadas somente para as sublimidades do infinito, peitos vulcões que arremessavam lavas de fé ás alturas inaccessiveis do sacrificio, illuminando os descalvados alcantis das verdes serras, como os sombrios esconderijos das mattas, eram os portadores da semente evangelica, que devia transformar em sociedade cultivada as multidões erradias no fundo de nossos bosques.

Senhores, conteste-o somente o despeito e a ausencia do criterio historico.

Os membros da companhia de Jesus foram os mais dedicados constructores de nossa grandeza moral e até material, porque ninguem como elles tinha o ardor, a perseverança além do estoicismo, a resignação orçada pelos soffrimentos para o serviço verdadeiramente evangelico da catechese dos indios, não obstante as incriminações rabidas de seus inimigos, que, digamos incidentemente, jamais prestarão em sua maioria um negalho de beneficio, que se equipare de longe ao menos a alguns dos sacrificios por elles ex-

perimentados em pról deste sólo, em que todos vimos os primeiros albores da existencia. Não será da critica estouvada, rebentando todo fél de sua malquerença contra uma classe inteira, que se ha de aferir a denegação da gloria, que lhe cabe.

Após os Nobregas e Anchietas, que a mais trabalhosa campanha encetaram contra os abusos de exploradores, d'onde originaram-se contra elles calumniosas aggressões, destaca-se nos capitulos da historia de nossa colonisação o vulto ingente do padre Antonio Vieira, o catechista de toda região do norte, propugnador corajoso da liberdade dos pobres indios domesticados, reduzidos á vilania da escravidão por aventureiros gananciosos e desnaturados.

Era precisamente quando aquella zona ubere mais necessitava de um espirito superior, para dirigir-lhe os destinos que ali achou-se Antonio Vieira.

A licença e a avareza desmensurada sopeavam os principios racionaveis do direito e da justiça entre os compatriotas adventicios, exigindo portanto maneirosa perspicacia para serem supplantados os males em vigor.

Sua palavra, porém, consorciando a prudencia á severidade, poude como a lyra de Orpheu acalmando as Furias do Averno, senão destruir, pelo menos modificar aquelle pandemonium de abominações criminosas.

Urgia egualmente uma medida para maior segurança do ministerio da evangelisação, o conhecimento dos idiomas, o que fal-o ordenar que os missionarios recebam lições, que em breve os tornem capazes de se entenderem com as tribus, ensinando os indigenas já domados por outras catecheses.

Uma vez vencido esse obice, foram designados a acompanhal-o os padres Francisco Velloso, Antonio Ribeiro, Manoel de Souza e Sotto-Maior, (*) o qual se constituira seu fiel Achates nas lides rudes do apostolado. E para mais facil aprendizagem dos indios, aquelle soberano espirito, destinado á invejadas con-

(*) A. de Barros pag. 88.

quistas, não se dedigna de compôr compendios de cathecismo, (1) fazendo-se tão grande n'esse mister como o notavel estadista inglez (2), occupando-se em escrever livrinhos de civilidade para seus filhos.

O que é certo é que sem custo, os que não obstante estarem civilisados ignoravam os elementos basicos da religião, aprendiam rapidamente o que lhes era ensinado.

Corria o mez de Janeiro do anno de 1653 (3) quando Vieira destinou-se a internar-se pelos silvados maranhenses com os companheiros escolhidos, tentando subir o rio Tapicurú.

Mas o capitão-mór, como não lhe convinha o abandono dos indios que tinha em seu serviço de lavoura, poz-lhe embaraços, instruindo os conductores de modo a demorarem até o mez de Agosto, quando a enchente e correnteza impetuosa do rio não permittiam mais a navegação.

Em face d'essa remora traidoramente preparada, teve o destemido evangelisador de passar-se ao Pará, com intuitos de seguir pelo Amazonas. Mas as mesmas difficuldades lhe sortiram, obrigando-o a voltar ao reino, onde todas as providencias foram estrictamente ordenadas, demittidos os governadores e por carta regia restituida a liberdade aos indios escravisados, supplica especial que fizera o mais desinteressado amigo das victimas do despotismo avarento.

E d'essa vez para tornar ao Brazil, foi caprichosa a lucta que Vieira teve de travar com as côrtes, que não queriam privar-se de suas luzes.

Seu zelo ardentissimo de missionar os gentios brazileiros fluctuava á tona de toda corrente de seducções.

De volta para o Maranhão, seu primeiro cuidado foi, de posse das aldeias de indios, distribuil-as por seus subordinados, emquanto o novo governador André Vidal de Negreiros, impunha a coerção dos abusos e da cobiça.

(1) Vieira compoz um cat. em 6 linguas. Disc. de F. de Menezes.
(2) Lord Chattan.
(3) André de Barros, Op. cit.

Assim as varias aldeias que tinham numerosas tribus, salientando-se a dos arnós mamayanazes e anajazes, possuiam um director para inteiramente confiante, descer Antonio Vieira mais ao sul, até o centro do Ceará.

Para logo nas boccas do Tocantins foram, sob sua direcção, convertidas as tribus dos tupinambás e guarajás, sendo os padres Francisco Velloso e Thomé Ribeiro os mais incansaveis n'essa cruzada penivel, mas gloriosa e immortalisadora.

Demorava tambem no interior de Marajó uma raça mais inimiga que todas dos colonos, revoltada pelas suas injustiças.

Era necessario enfrental-a com a linguagem doce da paz e dominar em toda sua extenção a bella e luxuriante ilha que estrella a foz do Amazonas.

Os catechistas enviados são recebidos á frechadas pelos nheengahibas na mais sanguisedenta demonstração de hostilidade.

Tornando-se dessa vez inconquistaveis os naturaes de Marajó, foram entretanto assás fecundos os labores apostolicos entre as porções que marginam o Xingú, Gurupá e Tapajós.

Desceram então no anno de 1655 Vieira e mais companheiros o restante do Tocantins, levando ás gentilidades daquellas distantes paragens as luzes do bem em suas scintilações mais puras, os raios divinaes da civilisação a tantos seres profugos na escuridade das mattas, menos trevosas todavia que o negrume da ignorancia que lhes envolvia o espirito, terrorifica e triste, como a noite que vela a alma dos eternos condemnados, pintada ao vivo pelo poeta mantuano.

Deviam seguir rumo talvez sem termo, viseira levantada ás eminencias da virtude, corações em desafio ás rajadas do destino, mas guardando um alento inextinguivel para todos os sacrificios—a fé, uma arma para todos os combates, unica para derribar bem segura o monstro cruel da barbaria, mais forte que o tacape, a setta, a machada, arma que tem vencido milhões de exercitos em loucura de furor des-

crente, que a desfilada dos seculos não tem conseguido gastar-lhe a inflexibilidade, porque defende a triade eterna da justiça, da verdade e do direito,—a Cruz da Redempção.

E foi assim que Vieira tomou caminho do Ceará para subtrahir almas ao imperio do obscurantismo, banhando-as nos clarões do Evangelho.

Os fructos da gloriosa missão da serra de Ibiapaba, onde um seu venerando irmão derramara seu sangue nas mãos de indomados cannibaes, fazem os mais formosos laureis que cobrem-lhe a fronte. As inclemencias da viagem maritima, gastando cincoenta dias em estreita sumaca, pouco velleira, até chegar ás praias de Fortaleza, foram os prodromos de uma serie de martyrisantes vexações, por amor ao cultivo dos indigenas serranos.

A fome, a sêde, o cansaço (1), as tentativas de morte de que foi victima, e toda sorte de padecimentos no Calvario de sua jornada até chegar a Ibiapaba, não desalentaram seu animo heroico e de intrepidez já provada.

A catechese foi grandemente laboriosa, mas de effeito satisfactorio, sendo a edificação de uma egreja, onde ergueu-se o labaro da cruz o meio de fazer perdurar a memoria daquelles trabalhos apostolicos.

As creanças eram instruidas nos rudimentos indispensaveis, muitos adultos recebiam as aguas lustraes e com ellas o ensino regenerador, que lhes marcava um logar digno no banquete da civilisação.

Por essa occasião um acontecimento veio por assim dizer compensar os transes soffridos naquellas plagas ingratas.

Os bellicosos nheengahibas, ramificados no norte, dos quaes acabamos de falar, convencidos da bondade paternal do padre Antonio Vieira, pelas noticias divulgadas, mandaram-lhe emissarios patenteando-lhe toda estima e obediencia, chamando-o seu grande pae (2). A paz celebrada foi então de modo solem-

(1) A. Barros, Op. Cit. pag. 141.
(2) A de Barros. Op. Cit. pag. 150.

nissimo, ficando concertado por juramento a vassalagem de toda tribu á corôa de Portugal e sua dedicação á religião. E ainda uma vez salvara tambem A. Vieira os interesses politicos do reino, porque os nheengahibas valentes e mais numerosos, alliados aos hollandezes, aos quaes votavam expansiva sympathia, perderiam totalmente os portuguezes em numero relativamente reduzido, na impossibilidade de uma resistencia prolongada, ficando a colonia privada das tres ricas capitanias do norte: o Pará, Maranhão e Ceará.

Engrinaldado de tantas victorias, impulsionado por zelo apostolico, para visitar as aldeias deixadas, partiu do centro cearense, onde fôra mais que heroe, conseguindo ainda a submissão dos tobajarás, achando-se no Maranhão em Janeiro de 1660.

Mas não estava de vez terminada sua carreira extenuante de missionario. As visitas constantes aos nucleos de indios já civilisados, animando os prepostos na continuação de suas lides, não lhe exigiam menos cuidados e forças. Neste comenos, revoltados os colonos europeus, por terem sido arrancados os indios ao seu captiveiro, depois de engendrarem as mais abjectas calumnias, fizeram ser presos Vieira e seus companheiros e expulsos para a mesma patria donde tinham sahido, para glorifical-a com seus innumerosos trabalhos e provações.

Era mais uma pedra preciosa achada entre os espinhos do martyrio, para augmentar o valor do diadema rutilo de seu renome. Mas a indignação de todo povo de Lisboa e das côrtes serviram de conforto a sua nobre alma, que pedia com empenho uma graça unica, o perdão para todos os seus offensores.

Por fim forçado a acceitar a nomeação de Visitador apostolico, fixou sua residencia nesta cidade da Bahia, proseguindo na cadeira sagrada sua missão de batalhador intemerato, o Briareu nunca vencido, e que nunca curvou a fronte irradiada por celicas resplendencias deante do mais pavoroso abysmo das adversidades, no mais intenso dos embates, assignalando em cada infortunio, que si era grande pelo genio, era

admiravel pelo coração; si seu nome dignificava um seculo, sua vida honorificava a classe, tantas vezes zurzida, pelo latego das malsinações.

* * *

Já está decorrido o tempo mais sufficiente para illuminar em seu nome os reflexos vivazes da justiça.

Mas ahi está o fanatismo politico ultra-radical, rugindo espumante contra a benemerencia de seus successos por sobre as syrtes da vida diplomatica; ahi está a caturrice pseudo-historica de novelleiros estragados, o falseamento de suas intenções mais puras, o odio systematico em grita desatinada contra todos os primeiros cultores de nossa civilisação primeva, e a lente das prevenções exaggerando nugacidades despresiveis; ahi estão a mentira vomitando queixas, e, desvairadas como as Eumenides de Eschylo, a injuria, a calumnia, a malevolencia planejando mais enliços, a cobardia espreitando o ensejo de descarregar a clava da imputação aleivosa, a vesania irreligiosa esbaforindo-se para plantar o estandarte da victoria até nas ameias do edificio indestructivel da Historia, e tudo isso para abocanhar-se o merecimento desses varões, que têm um crime unico, odiento, imperdoavel, o de vergar a roupeta negra de filhos da Companhia de Jesus.

O padre Antonio Vieira não escapou á generalidade, na terra mesma que ouviu seus primeiros vagidos de filho, que lhe emprestara glorias e sómente glorias.

Mas, Senhores, as grandes estatuas não se esculpem senão a golpes de cinzel, e a esfusiada de faiscas que cruzam o espaço de momento em momento pelas noites horridas de tempestade não fere a face alvinitente do astro que brilha depois, mais deslumbrante ainda, na cupula azulada do infinito.

Não morrerá, pois, na memoria dos povos de aquem e alêm-mar o nome desse evangelisador, que os mais proveitosos serviços prestou á civilisação dos indigenas brazileiros, fosse na piróga fragil, scindindo a superficie dos rios, que, quaes arterias de vida desse

gigante das Americas, buscam as entranhas do oceano, fosse percorrendo as devezas de nossos bosques incultivados, dominando fadigas e temores, até penetrar na taba do selvagem, para falar-lhe de uma lei de bondade e sabedoria infinita—o Evangelho, da cultura de todos os principios de aperfeiçoamento para o homem—a civilisação christã. (*Muitos applausos*).

QUARTA CONFERENCIA

17 de Julho de 1897

Orador. — Mons. Dr. José Basilio Pereira

O Padre Antonio Vieira como politico e diplomata

Senhores:

Não pergunteis ao humilde orador porque se arroja a levantar a voz neste recinto, deante de tão luzido e respeitavel auditorio, quando parece ainda resoar por entre salvas de applauso a palavra electrisadora de oradores laureados,—para discorrer sobre um vulto eminente que prendeu a veneração e o reconhecimento de dois povos, para victoriar um nome que subjugou a inconstancia e o olvido de dois seculos. Não o interrogueis: sob as indiziveis emoções que o dominam, só poderia dizer-vos que elevou-o tão alto e alenta-o para tão nobre audacia, como bahiano a sua adhesão plena á brilhante homenagem que rendem os bahianos á memoria de um benemerito do povo brazileiro, e como sacerdote o culto respeitoso que vota ao egregio varão que exerceu por doze lustros com honra, edificação e realce as augustas funcções do sacerdocio catholico.

O «Diario da Bahia» dando noticia d'esta conferencia assim se exprime:

«Não nos é dado descrever o que foi aquella solemnidade de honra.

O Dr. Basilio Pereira, para quem se voltaram todos os olhos ao assumir o orador a tribuna, quando já não fosse possuidor de tantos titulos á admiração de seus contemporaneos, não precisava de prova mais completa para firmar a reputação de escriptor emerito, em quem concorre com o conhecimento dos segredos da palavra, admiravel senso critico.

A sua conferencia foi a critica historica dos factos que

Velada embora, jorra tanta luz essa figura magestosa, que não tacteará na escuridão quem se avisinhe a contemplal-a; e todos vós, trazidos aqui por generosos e elevados impulsos, recebereis de certo com a gentileza de espiritos superiores, com a animação de julgadores benevolos, o concidadão, o consocio, o irmão, que não poude fugir ao honrosissimo appello, e tudo envida para corresponder á distincção da vossa confiança; porque estão nisto empenhadas, alem de um imperioso dever pessoal, a dignidade e a grandeza de um preito a que se associam a religião e a patria.

Se aggravaram os riscos, se dobram o peso da tarefa, a illustração notoria e a provada superioridade dos vossos outros eleitos que vieram compartilhal-a, sinto-me tambem mais forte e mais altivo a seu lado, saudando-os como a guias experimentados e mestres emeritos, certo de que o surto rasgado e altaneiro de seus talentos pujantes já suppriu a timidez e incerteza dos passos do obscuro companheiro, sem desdouro para elle, com exultação, porque vê triumphante o objectivo commum. Vós os vistes, radiantes de convicção e enthusiasmo, assomarem a esta tribuna e illuminal-a com os lampejos da inspiração, juncando-a de louros. Rico do patrimonio precioso da historia e forte pelas aspirações e conquistas do talento, o primeiro personificava as tradições, representando o Instituto que dedicou-se á reconstrucção e á guarda dos monumentos da vida patria. Trazia o

se prendem á vida de Vieira, como politico e como diplomata».

O «Jornal de Noticias» tambem disse o seguinte:

Bem fundada anciedade.

Seduzindo o auditorio durante duas horas, pela riqueza de imagens, pela abundancia de conceitos, pelo fino lavor da phrase e pelo profundo do estudo, o Dr. Basilio Pereira, garantindo a sua nomeada de estylista e de pensador, produziu um trabalho notabilissimo.

Estudando a individualidade do Padre Antonio Vieira, como politico e como diplomata, a sua conferencia foi um tratado completo, lavrado á mão de mestre, uma dadiva preciosa feita ás lettras brazileiras, dest'arte enriquecidas de brilhante gemma».

segundo a aurea credencial da palavra e das lettras, e é um sabio encanecido nas lucubrações do estudo e nas lides fecundas de honrado magisterio. O terceiro veiu em nome das crenças, inflammado de zelo e de fé, e nobremente orgulhoso de sua missão e do merito do heroiço operario evangelico que elle sabe comprehender e imitar.

Cabe hoje a representação aos fracos e aos pequenos, ás classes inferiores, ao povo, que intervem de pleno direito e poderiam disputar larga parte no tributo prestado á memoria daquelle que em todas as phases da sua vida de labor e de combate soccorreu aos desprotegidos e humildes, e por não abandonal-os sacrificou posições e interesses, e desafiou o odio e a perseguição de inimigos poderosos. E' por elles que ouso falar: não possa embora imprimir ao meu tosco discurso as vivas scintillações que soem produzir o vôo da eloquencia e o cinzel do estylista; elle offerecerá com o respeito escrupuloso á justiça e á verdade a singeleza de expressão que é propria da alma popular, e a lucidez intrinseca do assumpto, que é de si inoffuscavel.

* * *

Disse algures um notavel estadista francez, que não pertencia ao gremio catholico: «Tem a religião christã um caracter que admiro: é o de reunir á mais sábia metaphysica a simplicidade mais perfeita e efficaz. O *Timeo* de Platão e o XII Livro da Metaphysica de Aristoteles são maravilhas, sem duvida; mas não sahe de nenhum delles um symbolo que se possa fazer recitar ao povo e á infancia. Até aqui só a religião christã já deu a um tempo a *Summa de S. Thomaz* e um *Catecismo.*» (1)

A justa e profunda observação, que fazia Julio Simon, acudiu-me sob um novo prisma, ao contemplar o vulto de Antonio Vieira, nobre e altivo a impôr-se á admiração ciosa das côrtes, a captar o valimento esquivo e inconstante dos reis; humilde e abnegado ao

(1)—Jules Simon, «Liberté de Conscience», Introduction.

ponto de assentar a sua habitação á beira de florestas inexploradas e querer por seu irmão o selvagem. Affigura-se que o evangelisador das selvas foi tibio, contrafeito e desasado, ou o conselheiro dos principes mal escolhido e inapto. Crer-se-ia que o sacerdote prcfesso decahiu numa dessas transcendentes missões, e desconheceu ou sacrificou a vocação que o talhava para a outra. Ao envez disso, a orientação, a proficiencia e o merito de Vieira foram notorios e identicos nos dois campos, aliás tão distinctos, em que se desdobrou a sua admiravel actividade. Servir a religião e a patria,—eis o objectivo supremo, a tarefa ininterrupta dessa vida operosa e fecunda, que nos cumpre agora apreciar na sua phase politica.

Ao limiar deste assumpto, a muitos de vós occorrerá uma duvida: entrando em tão extranho scenario, não infringiu o novel jesuita a regra do instituto que livremente abraçára, não esqueceu as lições do seu Patriarcha, o exemplo do bravo e galhardo cavalheiro que trocou a espada pela cruz e despiu as reluzentes divisas da milicia para cingir até á morte a pobre e malsinada roupeta? Senhores, a funcção propria do sacerdote não é, certamente, redigir constituições e dictar leis politicas; não é bater-se nos campos de batalha nem solicitar do voto dos seus concidadãos ou do favor dos governos parcellas do poder publico. Ainda recentemente um sabio prelado, em carta dirigida ao seu clero, ponderava que «as populações christãs olham com secreta desconfiança o padre que se immiscue nas luctas partidarias, e suspeitam-no quasi sempre de agir por motivos mundanos, de se desviar de sua missão, de ser menos sacerdote, menos pastor, menos digno da confiança e do respeito de todos. A sua neutralidade, a sua abstenção,—concluia elle—,é, por assim dizer, uma condição, um penhor do exito do sagrado ministerio». (2)

Mas todos estes judiciosos conceitos se referem ás condições ordinarias e condemnam só os extremos e

(2)—M.or Hugonin, Bispo de Bayeux. «Carta Pastoral» de 8 de Setembro de 1891.

excessos; não podem abranger os casos particulares e as situações anormaes em que, a beneficio de interesses connexos e communs, e por grangear os serviços de uma aptidão superior e provada, a patria reclama e a religião permitte e abençoa a presença e a acção sacerdotal nos comicios politicos.

O dever então é indeclinavel; o chefe do catholicismo o assignalou numa encyclica (*Immortale Dei*):

«E' louvavel collaborar na gestão dos negocios publicos, quando circumstancias especiaes não imponham outra conducta. E um alto dignitario da Egreja, commentando taes palavras, dizia: «Nem todos são chamados a este dever. Guarde-se o christão contra o prurido que leva a disputar funcções publicas para as quaes não se tem o conveniente preparo. Não é o bem da sociedade que a ambição visa, é o interesse pessoal; e o christão deve buscar na consciencia o testemunho de que, acceitando taes commissões, tem em mira sobretudo ser util aos seus concidadãos. Por outro lado, porém, não recue, por apêgo a seus lares ou temor de embaraços, aquelle a quem a Providencia chamar a algum posto na escala da administração do paiz.» (3)

Pois, se é assim hoje, quando, rôta em muitos paizes e noutros violada ou combalida a alliança entre a Egreja e o Estado, soffre tão frequentemente o sacerdote na arena politica o embate inimigo, não deveria ser menos disso ha dois seculos, sob o regimen em que os dois poderes, independentes mas unidos, se deviam attenções e auxilios reciprocos. Não pudéra ser diversamente, não o foi; provam-no os successos da epoca, a partir da França, a nação christianissima, onde o Cardeal Mazarini succedia a Richelieu no cargo de primeiro ministro, e Bossuet, o Bispo de Meaux, compunha ad usum Delphini a *Politica extrahida da Sagrada Escriptura*. E' em taes circumstancias que surge na vida publica o Padre Antonio Vieira.

O quadro que então offerecia a Europa era o de uma

(3)—M.or Richard, Arcebispo de Paris, «Carta Pastoral» de 25 de Fevereiro de 1889.

conflagração quasi geral: sopitada a flamma de generoso enthusiasmo que levantára as cruzadas, as nações, esquecidas do inimigo commum de vigia ás portas do Oriente, exploradas e divididas pelos odios da Reforma, ensanguentavam-se em luctas fratricidas. Os principes protestantes, depois de se ligarem aos Bourbons para abaterem a casa d'Austria em declinio, faziam alliança com a Austria abatida para atacar a França preponderante. Os pequenos Estados, cahidos no dominio de reis poderosos, por suppostos direitos hereditarios ou por annexação pelas armas, consumiam-se em tentativas heroicas para sacudirem o jugo estrangeiro. O congresso das grandes potencias, que poz termo á guerra dos 30 annos, concertava a paz de Westphalia, sem conseguir mais do que um ephemero equilibrio europeu, desconhecendo por transacções a autonomia do reino lusitano, e provocando impassivel o protesto do Summo Pontifice (Innocencio X) contra a violação dos direitos da Egreja. Deslumbrado pelos esplendores de sua côrte opulenta, desvanecido pela facilidade e extensão dos triumphos politicos da França, Luiz XIV emplumava esse mal disfarçado cesarismo que se trahiria afinal no seu famoso—*L'Etat c'est moi*. Portugal, reatando suas tradições gloriosas, desprendia-se das garras do Leão de Castella, e esse arranco libertador operava-se com o auxilio do clero, das ordens religiosas (4), da já illustre Companhia de Jesus, num poderoso concurso prestado sem os excessos que inimigos da Companhia engendraram para lhe imputarem

(4)—«A igreja tinha-lhe aplainado todos os caminhos, e o Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha e o seu clero, dando uma das mãos á nobreza e a outra ao povo, pozeram a corôa na cabeça do duque de Bragança, e riscaram da existencia politica em duas horas um dominio de sessenta annos.

Sem a conspiração lenta e perseverante dos claustros e do clero menor, seria possivel dispor e enthusiasmar assim desde as aldeias mais obscuras até as cidades mais importantes? De certo não».

Rebello da Silva, «Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII», tomo 4.º pag. 640.

insidias e crimes, (5) de facto com dedicação e perseverança bastante para responderem a seus accusadores de hoje que a *patria para o Jesuita não é uma terra estrangeira!* (6)

Emancipada a nação lusitana, restaurado o seu throno, a consolidação dessa obra desafiava as sympathias e os serviços de Antonio Vieira; teve-os sinceros, constantes, e desde o primeiro momento mais reclamados em prol do bem publico do que offerecidos por quem possuia real competencia. O joven jesuita não se introduziu nos paços reaes, sahindo furtivamente do claustro, e meneando a intriga dos pretendentes vulgares ou a lisonja dos aulicos; foi percebido, foi buscado do alto, e para as commissões que lhe confiou a politica indicaram-no as qualidades superiores com que exercia o sacerdocio. Subindo ao pulpito da Bahia em 1640, á chegada do 1.º Vice-Rei, Marquez de Montalvão, o egregio pregador lhe dizia: «A doença do Brazil é *falta da devida justiça*, da justiça punitiva que castiga os máus, como da justiça distributiva que premia os bons.

— Nenhuns serviços paga S. M. com mais liberal mão que os da guerra, e a guerra enfraquece, porque acontece nos despachos o de que o mundo se queixa, que os valorosos levam as feridas e os venturosos os premios. Como se animará o soldado a buscar a honra por meio das bombardas e mosquetes, se vê num peito o sangue das balas e noutro a purpura das cruzes?

—Como se havia de restaurar o Brazil, se ia o capitão levantar uma companhia, e, por não lhe fugirem

(5)—«E' provavel que a Companhia de Jesus representasse nesta cruzada a parte principal. Imputar-lhe, porém, exclusivamente todo o plano, e a execução inteira delle, como fez um escriptor do seculo XVIII, pode ser acto de apaixonada parcialidade, mas não de sincera critica.»

Rebello da Silva, «Obra citada», tomo 1.º pag. 116.

(6)—Theophilo Braga, em carta publicada no «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro nos dias 8 e 15 de Março do corrente anno, sobre o «Centenario de Vieira», conclue assim:

«Pela vida do grande varão vemos que não procedeu como portuguez, seguindo a maxima jesuitica: «Toda a patria é uma terra estrangeira, e toda a terra estrangeira é uma patria.»

os soldados, trazia-os na algibeira? Como se havia de restaurar o Brazil, se os navios que sustentam o commercio e enriquecem a terra, haviam de comprar o descarregar, e o dar querena, e o carregar e o partir e não sei se tambem os ventos? Como se havia de restaurar o Brazil, se o capitão de mar e guerra fazia cruel guerra a seu navio, vendendo os mantimentos, as munições, as enxarcias, as velas, as entenas, e se não vendeu o casco do galeão, foi porque não achou quem lh'o comprasse?—Acontece a V. Ex. o que a Christo com Lazaro. Chamaram-no para curar um enfermo, e quando chegou, foi-lhe necessario resuscitar um morto. Morto está o Brazil e ainda mal, porque tão morto e sepultado; fumeando estão ainda e cobertas de suas cinzas essas campanhas. E' verdade que nunca se viu esta provincia tão auctorisada; mas podem lhe servir os titulos de epitaphios; que pois a vemos levantada a reino entre as mortalhas, bem se pode dizer por ella tambem: Que depois de ser morta foi rainha.» (7)

Falava assim o Padre Vieira ao Governador, que veiu a escolhel-o para acompanhar a seu filho D. Fernando na missão de saudar em nome da colonia o rei acclamado.

Circulando na côrte a fama de seus eminentes dotes oratorios, estréa na capella real com o discurso dos bons annos, e, nesse encontro solemne com o soberano, a altivez respeitosa de sua palavra sacerdotal não se rende em homenagens que a baixeza possa nunca dictar a um servil: «Se o dia dos bens é vespera dos males,—diz elle—, se para merecer uma desgraça basta ter sido ditoso; quem fará confiança em glorias presentes para esperar prosperidades futuras? Se a campanha é mesa de jogo, onde se ganha e se perde; se as bandeiras victoriosas mais firmes seguem o vento contrario que as menea; quem se prometterá firmeza na guerra que derriba muralhas de marmore? E como a guerra e a felicidade são dois accidentes tão

(7)—Sermão pregado na capella da Misericordia da Bahia, a 2 de Julho de 1640.

varios, como a fortuna é arbitra do mundo tão inconstante, como poderei eu seguramente prometter bons annos a Portugal em tempo que o vejo por uma parte com armas nas mãos, por outra com as mãos cheias de felicidades?» (8)

E desse tom vigoroso, desse apostolico diapasão não desceu a voz eloquente do insigne orador, ouvida frequentemente com apreço manifesto da parte do rei, avida curiosidade e applauso geral das classes sociaes. Nota um dos ultimos historiadores portuguezes que Vieira parece não ter subido nunca ao pulpito senão para envolver nas vestes da parenetica um discurso politico. (9)

Podereis verificar o contrario: o sabio doutrinador rara vez se occupou de um assumpto politico que não puzesse em evidencia as suas estreitas relações com as verdades religiosas; elle tinha deante de si, mesmo na sociedade civil, uma ordem de coisas na qual os interesses da patria casavam-se aos da religião, as leis do Estado, reforçavam as prescripções do culto, e, refreando os impetos da liberdade humana, velava a Egreja em que ella se regesse no vasto e luminoso circulo dos principios christãos.

Nesse meio inspirava-se o illustre sacerdote, agitando a trechos os problemas politicos, mas pelas novas correntes que poderiam abrir á vida social, e para acudir á sua solução com o appello ás virtudes christãs e a projecção das luzes do Evangelho. O seu programma tinha um ponto de partida seguro e invariavel: a lei de Deus; e não perdia de vista um fim, remoto embora, supremo: os nossos destinos eternos. Velha politica, idosa de muitos seculos, mas rica de sua experiencia, senhora das maiores grandezas e glorias da tradição nacional, e consagrada leal e heroicamente nas quinas do pavilhão portuguez. Vieira a definia em largos traços: «Toda a politica de um Rei christão se reduz a quatro respeitos: do Rei para

(8)—Sermão pregado em Lisboa, na capella real, a 1º de Janeiro de 1642.

(9)—Pinheiro Chagas, «Historia de Portugal», 6º volume, pag. 69.

com Deus; do Rei para comsigo; do Rei para com os vassallos; do Rei para com os estranhos. Tudo isso achará o Rei na lei de Deus. De si para com Deus a religião; de si para comsigo a temperança; de si para com os vassallos a justiça; de si para com os estranhos a prudencia. Para todos estes quatro rumos navegará seguro, se os seus conselhos levarem sempre por norte a Deus e por leme a sua lei». (10)

—O que perde não só o governo, mas as consciencias e almas dos principes, é cuidarem que tudo podem, porque podem tudo. Se assim lh'o dizem, é lisonja; e se o creem, é engano . . . Seja a resolução do principe justo tratar as suas leis como suas, sustentando-as e mantendo-as em seu vigor inviolavel; porque as leis são os muros da republica, e se hoje se abriu a brecha por onde possa entrar um só homem, amanhã será tão larga que entre um exercito; e o que a lei nega a todos sem injuria, depois que se concede a um não se pode negar a outro sem aggravo. (11)

—Este mundo, composto de tanta variedade de estados, officios e exercicios publicos e particulares, politicos e economicos, sagrados e profanos, nenhuma outra coisa é senão uma praça ou feira universal, instituida e franqueada por Deus a todos os homens para negociarmos nella o reino do céo. Para as negociações da terra a muitos falta o cabedal; outros têm cabedal, e falta-lhes a diligencia; outros têm cabedal e diligencia, mas falta-lhes a ventura. Na negociação do céo não é assim. A todos dá Deus o cabedal, a todos offerece a ventura e a todos pede a diligencia. O cabedal são os talentos da natureza, a ventura são os auxilios da graça, a diligencia é a cooperação das obras. (12)

—A lei da restituição é lei natural e lei divina. Emquanto lei natural obriga aos Reis, porque a natureza fez eguaes a todos; e emquanto lei divina tambem os

(10)—Sermão sobre o «conselho», pregado na capella real, na penultima sexta-feira da Quaresma.

(11)—Sermão sobre o «não», pregado na capella real, na 3a quarta-feira da Quaresma.

(12)—Sermão da Rainha Santa Isabel.

obriga, porque Deus, que os fez maiores que os outros, é maior que elles. Esta obrigação de restituir incorrem os principes pelos roubos que commettem os que são eleições e feituras suas; porque lhes dão os officios e poderes com que roubam, porque os conservam, porque os adeantam e promovem a maiores». (13)

Eis como o preclaro jesuita *armava* á confiança de D. João IV, e com que *artificio* mantinha o prestigio conquistado: falava franca e destemidamente a verdade. E, como dando arrhas publicas de não sacrificar por nenhum interesse o dever que sua posição lhe creara, achado o ensejo, elle media das eminencias da tribuna sagrada as graves responsabilidades da escolha dos validos, o peso e o vasto alcance da missão dos conselheiros do rei. «Da verdade de cada um pode o principe julgar o seu amor; com advertencia, porém, que não deve esperar, como Dalila, pela terceira mentira. Pela primeira falsidade em que o vassallo for achado, ha de cahir logo da graça do principe e cahir para sempre . . . Não sei que influencias tem o lado do principe, que em todo este elemento em que vivemos, não ha parte tão fertil e tão fecunda, como aquelles dois pés de terra: tudo ali se dá, tudo ali medra, tudo ali cresce. Crescem os parentes, os amigos, os creados; crescem as honras, os postos, os titulos; cresce a casa, a fazenda, o regalo; cresce o poder, o dominio, o respeito, a adoração; e sobretudo cresce a estatura dos mesmos adorados. Cuidam os homens que só tem a graça do principe, quem lhe leva até os vestidos; que tem a graça despojos, como se fôra guerra . . . No coração do principe se ha de estimar o rendido, e não o rendoso. (14)

—Nenhum negocio mais deve tirar o somno a um principe, que a eleição dos grandes ministros; porque desta eleição depende o bom governo da republica. Aqui se faz ou se desfaz tudo. Direis que é necessario fazel-as com grande consideração. Tambem assim o

(13)—Sermão do Bom Ladrão.
(14)—Sermão pregado na festa do principe D. Theodosio na capella real, em 1644.

digo: com consideração, sim; com considerações, não; e as considerações são as que levam e as que gastam o tempo. Não deve eleger nem o mau nem ainda o bom, senão o melhor. E a razão é porque o que elege não só é obrigado a procurar o bem publico, senão o maior bem. Ha de fazer neste caso a balança da justiça o que a balança da cubiça nos seus. Ha de fazer a cubiça do bem publico o que faz a cubiça do bem particular, que dá as dignidades a quem vê que tem mais, porque recebe ou espera mais. Assim ha de attender ao mais e ao menos a cubiça do eleitor, ambicioso só do bem publico». (15)

Deante de tanta isenção e hombridade, quem dirá jamais que Vieira introduziu-se por portas escusas, cortou rumos tortuosos da *Monita Secreta*, para captar os favorés do rei? (16)

Vejamos quanto D. João IV o distinguiu, e de que modo o inclyto varão correspondeu.

Honram-no primeiro as funcções de mestre e educador do principe D. Theodosio, o herdeiro da corôa; e a estatura moral que attingiu o real pupillo, como a respeitosa affeição que sempre votou ao eximio e dedicado mentor, são penhores valiosos da esmerada execução da tarefa. «A educação que o herdeiro do throno recebeu,—escreve um contemporaneo—, assegurava ao reino um futuro prospero, e consolidava a nova dynastia. O principe conhecia muitas linguas, e havia adquirido já conhecimentos notaveis nas sciencias militares e administrativas, quando a morte o arrebatou aos 19 annos! Estes estudos alliavam-se a qualidades superiores de caracter; basta lembrar que foi elle um dos que mais energicamente defendeu no conselho de Estado os principes cuja entrega Cromwell pedia como partidarios de Carlos I». (17)

Se algum historiador divergiu de tão honroso juizo

---

(15)—Sermão de S. Bartholomeu.

(16)—«Conforme o espirito da Companhia, por este tempo condensado na «Monita», Vieira alcançou a sympathia dos principes e pessoas importantes.» Theophilo Braga, «Carta» citada.

(17)—Plutarcho Portuguez, «D. João IV», esboço biographico por Joaquim de Vasconcellos.

e taxou-o de lisonjeiro a um principe dado a estudos astrologicos e exercicios asceticos, resalta a sem razão da censura desde que frisa os factos. O critico (18), ou, condemnando o acolhimento dos principes Palatinos em Lisboa, por voto de D. Theodosio, desconhece o merito daquelle abrigo generoso offerecido pelo fraco ao perseguido e exilado; ou, reprovando a partida furtiva do principe a se unir ao exercito em Elvas, a despeito da contrariedade paterna, commette a flagrante injustiça de increpar um acto patriotico de D Theodosio, depois de haver estranhado severamente os seus habitos de vida estudiosa e recolhida. Ha só um ponto em que a penna dos arguidores de Vieira parece armar-se de justiça, é quando verbera o topico de uma carta do illustre jesuita ao principe real sobre a sua jornada ao Alemtejo, exhortando-o a se approximar dos pequenos para ganhar-lhe os corações, a repartir por sua mão dobrões entre os soldados e operarios, não acreditar que todos o sirvam só por fineza, porque é *mais natural* o interesse, e «deve contentar-se de que se queiram vender aquelles que fôr necessario comprar.» (19)

«Maravilha-nos que Vieira reduza dest'arte a questão de patriotismo ao simples cobrir do lanço num leilão de consciencias!» — Escreve o historiador Pinheiro Chagas, vivamente indignado. (20)

Mas é uma indignação facil, precipitada, que já se desvanecerá ao pleno conhecimento dos factos. Um testemunho insuspeito, o do Conde da Ericeira, faz a luz sobre este incidente, no seu *Portugal Restaurado*: «Escreveu o principe a el-rei lhe mandasse dinheiro, para satisfazer as muitas pagas que se deviam aos soldados, pois parecia mal baldarem-se

---

(18)—Pinheiro Chagas, «Historia de Portugal», 6.º volume, pags. 109, 110 e 164.

(19)—Carta escripta de Roma a D. Theodosio, datada de 23 de Maio de 1650.

(20)—Pinheiro Chagas, «Obra citada», vol. 6.º pag. 157.

ao exercito as esperanças de sahir naquella occasião da estreiteza em que até aquelle dia passava.» (21)

Daqui se vê que o Padre Vieira não propunha a D. Theodosio o emprego de meios de corrupção, o suborno do soldado portuguez, que elle tantas vezes proclamara um dos mais leaes e valorosos do mundo. O que fazia era tão sómente inclinar o animo do principe á munificencia e á popularidade, insinuando, cortez, a inconveniencia e perigo de faltar o governo ao exercito com o que lhe devia por justiça, mormente havendo entre as forças tropas mercenarias.

Cultivando solicito o espirito e o coração do herdeiro do throno, tinha o Padre Vieira attentas as vistas ás necessidades e aos soffrimentos do povo. Por sua vez, o rei não se contentava de associal-o aos seus cuidados e responsabilidades de pae, entregando-lhe aquelle educando; ia alem, e chamava-o a auxilial-o na gestão dos negocios publicos, incumbindo-o de altas e espinhosas commissões dentro e fóra do reino. Revestido de poderes especiaes, foi enviado ás côrtes de França e Hollanda, onde os interesses de Portugal demandavam o ajuste de uma paz honrosa e definitiva, e a conclusão de uma alliança poderosa. Para um e outro fim havia já negociações entaboladas e inicio de accordo, mas ainda sem vantagens reaes. As treguas de dez annos alcançadas por Tristão de Mendonça, em 1641, encerravam a clausula de não perder a Hollanda as conquistas feitas no Brazil durante a dominação castelhana. (22)

A liga celebrada no mesmo anno com a França, por Francisco de Mello, a despeito de Richelieu *offerecer muito mais do que lhe era pedido*, por im-

(21)—«Historia de Portugal Restaurado», tomo 1.º pag. 746.

(22)—«O tratado constava de trinta e cinco artigos. Pelo 21º foi reconhecido, ao governo hollandez, o dominio adquirido pela conquista; assim como pelo 22º o foi aos subditos hollandezes, o direito ás propriedades e engenhos de que estavam de posse.»

Visconde de Porto-Seguro, «Historia Geral do Brazil», tomo 1.º pag. 593.

previdencia nos agentes de Portugal proporcionara a este paiz *muito menos do que lhe era necessario* (23), reduzindo-se tudo á promessa de mandar o rei christianissimo alguns navios de guerra em reforço da armada portugueza. Depois disso, por morte de Richelieu succedera-lhe na chancellaria de França Mazarini, menos favoravel que seu antecessor á causa de Portugal; e a Hollanda, em via de sellar pazes com a Hespanha, firmava o proposito de não entregar as praças brazileiras que havia tomado. (24)

No proprio campo das negociações, os embaixadores de D. João IV não encontravam a lisura, e de uma hora a outra as propostas mudavam, as concessões fugiam: o governo francez com mil subterfugios procrastinava a conclusão do novo tratado de alliança, já pretendendo que o rei de Portugal se fizesse reconhecer primeiro em Roma e Veneza,—o que reputavam difficillimo (25); já onerando tanto o

(23)—«Usou o Cardeal com os Embaixadores agradaveis termos e excessiva cortezia, offerecendo-lhes muito mais do que lhe pediram; porém elles acceitaram muito menos do que era necessario á defensa de Portugal, dizendo que nada lhes faltava.» Conde da Ericeira, «Portugal Restaurado», tomo 1.º pag. 151.

(24)—Nassau, delegado do governo hollandez no Brazil, em carta aos Estados Geraes de 1.º de Junho de 1641, confessa que, «prevendo a revolução de Portugal deveria necessariamente conduzir ás pazes, e aproveitando-se do que pactuara e da retirada dos nossos guerrilheiros das fronteiras, havia disposto que das forças até ahi destinadas a fazer-lhes frente, passassem umas a occupar Sergipe, e se embarcassem outras contra Loanda.» E assim, já depois de restaurado Portugal e quando ratificava as treguas com a Hollanda, Nassau fazia occupar quasi de surpreza o Maranhão, Sergipe, Loanda e a ilha de S. Thomé.
V. de Porto-Seguro, «Hist. do Brazil», tom. 1.º pag. 591.

(25)—Em despacho de 26 de Fevereiro de 1645 dizia o Conde de Brienne, Secretario d'Estado, aos Plenipotenciarios de França em Munster, que para os desembaraçar, e a si, das importunações do Embaixador Portuguez, lhe insinuara que era mister fazer-se em Roma e Veneza diligencias, afim de que o Papa e o Senado reconhecessem o Duque de Bragança por Soberano de Portugal; e lhe dera tal conselho, por julgar seria difficil conseguil-o.
Visconde de Santarem, «Quadro Elementar das Relações Politicas e Diplomaticas de Portugal», tomo 4.º parte 1.ª pag. 126.

auxilio a que se obrigavam, que o ministro portuguez vinha a não poder acceital-o, porque seu paiz *não soffresse maior oppressão no soccorro do que padecia na guerra.* (26)

Afferrados á primitiva proposta, os negociadores da Hollanda tentavam peitar o secretario do embaixador portuguez para surprehender a correspondencia do rei (27); e seus prepostos em Olinda fabricavam cartas apocryphas de D. João IV ao governador da Bahia, prohibindo-lhe soccorrer o movimento restaurador que rebentára já em Pernambuco. (28)

Da côrte portugueza, seguia o rei, impaciente, a marcha de tão melindrosos negocios: os plenipotenciarios francezes em Munster formulavam queixas contra um de seus embaixadores alli, Francisco de Andrade Leitão (29); e o marquez de Niza pedia a S. M. que retirasse tambem a Luiz Pereira de Castro, para que ambos fossem em suas casas *descansar do muito que haviam trabalhado um contra o outro.* (30)

Vai então o Padre Vieira áquelles Estados a inforformar-se da situação dos interesses portuguezes, e com instrucções para actival-os, ou ao menos impe-

(26)—«O Marquez de Niza, entendendo que a politica dos Francezes era fazerem paz com Castella, e mandarem quantidade de tropas a Portugal, para aliviar a França do peso dos soldados, e prejudicar a Castella por parte mais sensitiva; mostrava ao Cardeal que El-Rei não havia de acceitar tantas tropas, porque os povos de Portugal não podiam consentir maior oppressão no soccorro que na guerra».
Ericeira, «Obra citada», tomo 1.º pag. 631.

(27)—Ericeira, «Obra citada», pags. 734 e 735.

(28)—Fr. Raphael de Jesus, «Castrioto Luzitano», pags. 422 a 425.

(29)—Em officio de 7 de Janeiro de 1645 ao Secretario d'Estado em França diziam-se receiosos de «não poderem amoldar-se com o genio» de Andrade Leitão.
V. de Santarem, «Quadro Elementar», tomo 4.º parte 1.ª pags. 120 e 121.

(30)—Ericeira, «Obra citada», tomo 1.º pag. 634.
V. de Santarem, «Quadro Elementar», pag. 69.

dir que a Hollanda rompesse em novas hostilidades. (31)

Regressa prestes e dá por escripto o parecer de que se trate de rehaver Pernambuco por compra, sugge-

(31)—Diz o illustre jesuita, em sua carta de 23 de Maio de 1682 ao Conde da Ericeira, que o rei mandou-o ás duas côrtes por «não estar satisfeito com os avisos pouco coherentes que lhe faziam os embaixadores.

A tal proposito, João Francisco Lisbôa («Vida do Padre Antonio Vieira», pag. 151,) nota que este, pelos «meios tenebrosos e subservientes» com que desempenhou a tarefa, pouco menos fez que o «papel de espião»; mas, está mui longe de proval-o.

Que reinava a discordia entre os agentes do governo Portuguez, attestam-no as queixas apresentadas pelo Marquez de Niza e pelos plenipotenciarios Francezes. Que não eram coherentes os avisos que expediam, deprehende-se da propria narração do Conde da Ericeira («Portugal Rest.» tomo 1.° pag. 659, dizendo «ser tão inconstante o Cardeal Mazarini em suas proposições, que, mal se entendia estarem seguras, já se desvaneciam.» Tinha razão, pois, o rei em mandar alguem a informar-se.

—Como se houve nisto o Padre Vieira? Com Andrade Leitão, de tal modo que, e 6 de Abril de 1648, escrevendo ao Marquez de Niza, communica-lhe ter aquelle embarcado a 28 de Março, e que, embora não tencionasse partir tão depressa, «como bom servidor d'el-rei cortou pelo gosto ou conveniencia que tinha em se dilatar mais na Hollanda». Com Sousa Coutinho, procedeu com tanto desinteresse e lealdade que, nomeado para substituil-o, guarda a «patente» e pede excusa; abona e remedéia a sua concessão relativa a Pernambuco; e insta junto ao rei para que seja elle mantido na embaixada. Com o Marquez de Niza, a sua conducta pode-se aferir pelo trecho seguinte de uma carta que a 11 de Março escreveu ao referido Ministro: «Na devassa em que V. Ex. me falla, tenho já tirado por testemunhas a toda França, que por toda ella não ouvi fallar mais que nos grandes delictos daquella pessoa que S. M. saberá, referidos não como elles merecem, mas por boca de quem S. M. cuida que lhe ha de fallar verdade. Viva-nos V. Ex. muitos annos para honra da nossa nação e bem de todo o reino.»

—Taes conceitos significarão que Vieira siga em tudo o parecer do Marquez? Não, e elle o declara mais de uma vez: «Hade me dar licença para me não conformar com que a confiança de V. Ex., que deve estar tão segura, désse entrada a semelhante escrupulo. Antes entendo que o pode fazer de se não pôr em pratica o negocio («Carta de 12 de Janeiro de 1648)»— «Baste o exemplo do marquez que, tendo sido de tão contraria opinião, retractou-se; e antes de eu vir tinha escripto a S.M., pedindo com grande aperto o mesmo de que nós tratamos, e se présa muito

rindo os meios de effectual-o (32); e, a sustentar essa proposta ou descobrir alvitre melhor, parte de novo, sendo nessa viagem annunciado a Mazarini pela legação franceza como o *confidente do rei*. (33)

Por esse tempo, a Hollanda apparelhara uma esquadra de trinta navios para a guerra a Portugal em todas as suas possessões, e dirigira um *ultimatum* a Sousa Coutinho, que, um dia, vendo em aprestos ultimos de partida a frota poderosa, conhecedor de que o seu governo não tinha com que defrontal-a, serviu-se de ordens em branco que trazia com a rubrica do rei, e prometteu a cessão de Pernambuco. Participando logo o occorrido, pedia elle ao governo que o punisse como entendesse pelo que fizera sem prévia ordem régia (34); mas D. João IV, convocando o conselho de Estado, attenta a conjunctura em que se vira o seu leal embaixador, approva a resolução tomada. O successo da Hollanda e a notificação em Lisboa davam-se de Setembro a Novembro, e o

---

de ser este o seu voto». (Carta de 25 de Outubro de 1647, a um ministro da côrte de Lisboa).—«Sobre os navios que V. Ex. me encommendou, já tenho avisado que não ha dinheiro, e que se V. Ex. o não mandar, não se fará compra. Comtudo se mandar dinheiro para um navio, eu farei com que se comprem dois.» (Haya, 27 de Janeiro de 1648). Entretanto, sem mencionar siquer um facto que importe em hostilidade ou intriga de Vieira contra o marquez, João Lisboa, «pag. citada», taxa-o de baixa adulação para com este, porque, dando-lhe pesame pela morte da marqueza (Carta de 16 de Março de 1648), trata-o por «meu senhor de minha alma «e diz-lhe que não se acha capaz de mais que de sentir e chorar».

(32)—Esse parecer tem a data de 14 de Março de 1647, e é dividido em cinco pontos. «O primeiro: como se ha de introduzir a pratica da compra. O segundo: que praças entregarão os hollandezes, em que forma, e por que preço. Terceiro: que effeitos darão esse dinheiro. Quarto: com que fianças se ha de segurar emquanto correrem os prazos. Quinto: que composição ha de haver nas dividas dos homens de Pernambuco.»

A Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro», tomo LVI, parte 1ª. publica-o integralmente.

(33) —«Dá M. Lanier parte a sua Côrte, em officio de 17 de Agosto de 1647, que o Padre Vieira, *Confidente* d'El-Rei, havia partido para o Havre no dia 12.

Santarem, obra citada, tomo 4.º parte 2ª. pag. XVIII.

(34)—Ericeira, «Port. Rest,» tomo I.º, pags. 639 e 640.

padre Vieira sahira de Portugal em Agosto, e só nos ultimos dias do anno se reencontrava com Sousa Coutinho. (35)

Levara instantes recommendações para adeantar a conclusão da liga com a França e das pazes com o Batavo. As industrias que usou nesse intuito na côrte de Versailles deprime-as o Conde da Ericeira em seu historico de taes negociações, (36) dizendo serem tão *exorbitantes* algumas promessas que Vieira *determinava* fazer ao Cardeal, que o marquez de Niza declarou *antes havia de deixar cortar as mãos que firmal-as.* Mas, aparte a clara confissão de que, podendo valer-se de extensos poderes, e auctorisado a acompanhar o ministro residente a qualquer audiencia que lhe désse a rainha ou Mazarini (37), Vieira não formulou officialmente as promessas a que se inclinava; o Conde da Ericeira não declina quaes fossem. Refere, entretanto, que de uma feita, e por iniciativa propria, o marquez offerecera a cidade de Tanger, e de outra

(35) J. F. Lisboa, «Vida do Padre Vieira», reproduz á pag. 681 a carta do ministro Pedro Vieira da Silva a Sousa Coutinho, accusando recebidas na vespera «12 de Novembro» suas cartas de 15, 18, 25 e 30 de Setembro, 6 e 9 de Outubro, nas quaes elle «Coutinho» communicava a promessa que havia feito de se entregar Pernambuco. Na referida carta o ministro participa que nesse mesmo dia «12 de Novembro», o rei em conselho approvara o que seu embaixador tinha feito. Lisboa pretende ter provado que Vieira se contradisse nas explicações que deu sobre esses factos, esquivando-se á toda a responsabilidade por elles, e ao mesmo tempo confessando que ainda estava detido em Paço d'Arcos quando chegou a participação de Sousa Coutinho, e o Conselho d'Estado ratificou o promettido. O escriptor maranhense equivocou-se: a communicação de Coutinho a que Vieira se refere versa ainda sobre exigencias que fazia o hollandez e a reunião do Conselho d'Estado foi para tomar conhecimento dellas e decidir como se haveria o embaixador. A promessa deu-se posteriormente ao aviso alludido e antes da resposta do governo portuguez chegar á Hollanda. Como implicar em taes successos quaesquer poderes que Vieira levasse, e de que não usou porque estava ou no mar «em Agosto», ou em Douvres «30 de Setembro», ou «até fins de Dezembro» em Paris?

(36)—«Portugal Restaurado», tomo 1.º pag. 659.

(37)—Padre Vieira, Carta de 23 de Maio de 1682 ao Conde da Ericeira.

dois milhões e meio, não se fechando então o tratado, porque veiu tarde a resposta do rei. (38)

Por outro lado, pondere-se que Vieira estacionou

---

(38)—Referindo-se vagamente a divergencias entre o marquez de Niza e o Padre Vieira, o Visconde de Santarem, «Quadro Elementar», que na primeira Parte do Tomo 4.º (pag. 251) defendera o Padre, na segunda censura-o com acrimonia (Introd. XIII), affirmando que a elle se devia o desanimo do rei e que, por ambição que tinha de dirigir os publicos negocios, reduzia á nullidade os embaixadores do reino. Sem articular como e quando isto fez, cita em seu apoio o ministro de França em Lisboa que até aconselhava D. João a dispensar como prematura e inutil a viagem de Vieira a Paris (XV e XVIII»). Ora, esse testemunho é o do representante de um governo que estava sempre a adiar a conclusão da alliança, e que em documento official (Santarem, tomo 4º. pag. 153), recommendava aos seus agentes que «no proteger as pretenções de Portugal contra a Hespanha se houvessem com tactica de modo que, a convir affrouxar o fervor de tal protecção, tudo redundasse em proveito da França». E' crivel que em taes circumstancias o ministro francez se mostrasse contrario ao «confidente» d'El-Rei D. João, se elle deveras fizesse a Mazarini promessas exorbitantes, ou mesmo vantajosas? Accresce que no correr de sua exposição, relata Santarem que D. João IV se queixava a M. Lanier de que, não podendo um só homem dar razão a tantos negocios, o abandonavam Francisco de Mello, Pedro de Mendonça e outros que o tinham feito renunciar ao seu socego de Villa-Viçosa (pag. XIII); e por lh[illegible]xigir a verdade, o mesmo Santarem (pag. XVIII) «declara que desde o principio de seu reinado se achou D. João IV envolto nas maiores difficuldades; e exasperou-se o estado das cousas com as consequencias da morte de Richelieu, e juntamente com as conjurações promovidas pelo partido castelhano, com as escabrosas negociações externas e os apuros terriveis da fazenda; assim que não é para admirar que apezar de sua firmeza e constancia tivesse accesso no animo d'El-Rei a inquietação e até as suspeitas». Seria então Vieira o causador de tudo isto?—Vem em seguida as intrigas com o marquez de Niza, a quem ainda no dizer de M. Lanier, Vieira causara muitos desgostos, e de tal ordem que —o Visconde de Santarem o affirma positivamente (Parte 1ª. CCXLI),—quiz o marquez deixar a embaixada. Eis, todavia, o que sobre este ponto informa o Conde da Ericeira: «Esta confusão e variedade de successos faziam ao marquez crescer umas vezes, diminuir outras nas esperanças da liga: porém entendendo que se difficultava, queria ver-se alliviado daquelle trabalho, o que El-Rei lhe não permittiu». (Tomo 1.º pag. 634)—«O marquez, vendo tanta variedade em todos os negocios, pediu a El-Rei com grande instancia licença para se voltar a sua casa». (Pag. 659). —«Exasperado escreveu a El-Rei que se

em Paris menos de dois mezes (39), e em todas as cartas, dirigidas de Haya ao proprio marquez de Niza, logo após, ópina francamente contra as concessões estipuladas pelo governo francez, dizendo sempre: «Nem terras nem liberdade para commerciar em nossos portos parece razão que se conceda á França, pois como haviamos de dar de graça o que á custa de tanto sangue e dinheiro estamos defendendo? (40)

«Não serei de voto que se lhes offereça nada sem resposta de S. M., nem ainda que se falle em Tanger. Emquanto V. Ex. espera resposta, se declarará o estado em que fica a França, e se for o da paz, não nos aproveitará darmos-lhe agora Tanger, senão para depois nos pedirem Lisboa, se quizermos que nos soccorram poderosamente.» (41)

Quanto á paz com a Hollanda e proposta sobre Pernambuco, da alludida correspondencia evidencia-se que, assente embora a preliminar da entrega de accordo com o promettido por Coutinho, por sobrestar ao damno que causaria, tão pouco vantajosa a tornaram em sua execução os embaixadores de Portugal que as conferencias com os Estados succediam-se sem que estes chegassem á conclusão; e a frota que a promessa de Coutinho havia retido em Setembro do anno anterior, já cruzava o oceano com destino aos portos do Brazil. (42)

O padre Vieira o noticiava ao marquez: « Os negocios daqui estão da parte dos Estados em silencio,

---

partia no mez de Fevereiro, como executou, justamente molestado do grande trabalho que havia padecido «sem ajustamento algum» pela variedade que houve naquelle tempo dos successos de França.» (Pag. 652)—E ahi está, em summa, como Vieira foi a causa dos embaraços e da retirada do marquez de Niza!

(39)—Escrevendo de Douvres a 30 de Setembro, diz que espera chegar a Paris a 4 de Outubro, e a 3 de Dezembro escreve de Calais, já de regresso.

(40)—«Carta» de 20 de Janeiro de 1648.

(41)—«Carta» de 10 de Fevereiro de 1648.

(42)—«Resultou da arrojada deliberação de Coutinho dilatar-se a armada de Julho até Dezembro. Neste tempo vendo os Hollandezes que Pernambuco se não restituia mandaram sahir a armada». (Ericeira, Tomo 1º. pag. 640).

posto que da nossa faz o Sr. embaixador todas as instancias. (43)

Houve conferencia, em que se experimentou menos rigores que nas passadas, e vieram todas as provincias; mas não se concluiu nada.» (44)

Ao mesmo tempo, attento ás occurrencias e postas em contribuição as suas relações e credito pessoal, o eminente politico, de mãos com os ministros, ia fazendo acquisição de armamento, contractando a compra de barcos artilhados, remettendo provisões de guerra e viveres que escasseavam em Portugal, sempre ancioso por noticias do Brazil, porque, escrevia elle, «até não saberem o successo de sua armada, não ajustarão os hollandezes cousa que os obrigue, e de lá vencerem ou serem vencidos, depende o ficarmos aqui ou em paz ou em guerra para sempre». (45)

Assim correram as negociações até que, avisado de que o congresso de Munster se dissolveria sem vantagem para Portugal, (46) Antonio Vieira voltou

(43)—«Carta de 23 de Dezembro de 1647.

(44)—«Carta» de 3 de Fevereiro de 1648.

(45)—«Cartas» de 30 de Dezembro de 1647, 12 e 20 de Janeiro, 10 e 17 de Fevereiro, 16 e 30 de Março de 1648.—Da correspondencia de Vieira com o marquez de Niza collige-se que até Abril de 1648 nada se havia firmado com a Hollanda. Portanto, foi posterior a conferencia a que elle se refere em sua carta ao Conde da Ericeira; finda a qual, Sousa Coutinho lhe dissera e a Feliciano Dourado que havia concluido a paz O repente de Vieira, acudindo-lhe que o hollandez lucrava mais com uma conferencia destas do que em mandar frotas ao Brazil, se explicava desde que Sousa Coutinho fôra ainda alem de sua primitiva promessa, e daquillo que o rei autorisara e estava combinado entre elle, Vieira e Feliciano Dourado, que era apenas sustentar a proposta da cessão de Pernambuco e pagamento de trezentos mil cruzados. Ha todo o fundamento para crer-se que isto se deu ao receber-se a noticia de que a esquadra hollandeza, que de passagem fizera muitas presas, havia chegado já ao Recife, aonde ella só aportou em meiados de Março, como consta da «Historia Geral do Brazil» pelo Visconde de Porto Seguro, (tomo 2º. pag. 651).

(46)—Dizem todos os biographos de Vieira que elle trazia tambem a missão de acompanhar a Munster D. Luiz de Portugal; o que não se effectuara por ter-se dissolvido o Congresso. Parece-nos todavia, que outra foi a causa de se frustrar essa missão, da qual desde muito antes o rei o dispen-

a Lisboa, onde o rei, em decreto de 21 de Outubro de 1648, manda que seja elle ouvido pelo conselho da fazenda sobre as capitulações ajustadas com Hollanda, e que nisso tenha-se em vista que a paz da França com Hespanha *está muito perto de se concluir sem inclusão de Portugal.*

Dahi surgiu o importante documento archivado na historia com a denominação, que D. João IV lhe deu, de *papel forte*, ainda hoje commentado com insolita severidade. (47)

Foi uma causa ruim a que Vieira serviu com o seu grande talento (48), dizem os accusadores.

Nós o contestamos.

O governo portuguez, na pessoa do seu representante Sousa Coutinho, vira-se na collisão de soffrer a guerra em todas as suas possessões ou renunciar a Pernambuco. (49)

Decidindo-se pela guerra, correr-lhe-ia o dever de enviar promptos soccorros, e o governo não o podia; para combater Castella, era já preciso alliciar soldados mercenarios, os arsenaes estavam desprovidos, a defeza das praças do reino fazia-se já com enorme

---

sara, como se lê na sua carta de 13 de Março do 1648, por motivos que elle «havia representado em nome do marquez». Não será difficil atinar com a razão, considerando que o neto do Prior do Crato fôra designado para tal embaixada no supposto de reunir á nobreza do sangue o mais alto prestigio; quando, entretanto, o embaixador tivera de acudir-lhe em extrema pobreza e segundo as informações de Vieira logo á sua chegada em Haya (Carta de 23 de Dezembro de 1647), «demandavam-no não ja os acredores maiores, mas os de pão e d'outras miudezas sendo tal o aperto e a impossibilidade sua, que estava arriscado a o executarem».

(47)—«O Papel Forte» vem estampado na Revista do «Instituto Historico e Geographico Brazileiro», tomo LVI, 1o. e 2.o» trimestres.

(48)—A phrase é de Pinheiro Chagas na sua «Historia de Portugal», 6o. volume pag. 89.

(49)—«Communicando o marquez ao Cardeal «Mazarini» a duvida que El-Rei tinha em entregar Pernambuco aos Hollandezes, foi de parecer que se lhes concedesse por não arriscar todo o reino». (Ericeira, tomo 1o. pag. 632).

sacrificio, o erario publico esgotava-se e para acudir ás despezas de campanha até joias da corôa se tinham vendido. (50)

Acceitar o repto para abandonar as colonias e deixar que ellas se defendessem só por si, fôra indigno: seria sacrificar, seria trahir. Por isso o rei capitulava, resalvando as garantias de vida, a liberdade de consciencia, o direito de propriedade e a emigração dos nacionaes que a preferissem. O seu acto, que lhe tirava a responsabilidade de impor a seus subditos uma guerra que elle não poderia sustentar, deixava-os livres para a emprehenderem a todo o transe e com os recursos proprios, até conquistarem plena autonomia. Que não tinha outro intuito a capitulação imminente, o governo significava-o com as explicações do occorrido e aviso ao Brazil, á cada expedição inimiga que partia (51); os insurgentes percebiam-no, respondendo nobre e corajosamente ás communicações mais desanimadoras, e guardando fidelidade sem embargo de não serem soccorridos. (52)

(50)—E' a propria Rainha D. Luiza de Gusmão quem o diz em 1665 ao Enviado de França M. De Jant. (Santarem, Quadro Elementar, tomo 4.º, pag. 385).

(51)—«Carta» de Vieira ao marquez (23 de Dezembro de 1647).—«Coutinho mostrou aos Estados que, sendo elles os offensores, se davam por offendidos, só porque determinavam dar côr a maiores excessos. Mostrou-lhes tudo o que haviam executado em damno de Portugal depois da tregua ajustada, e que eram tão injustas as suas queixas, que não passavam de que El-Rei lhes não sujeitasse os moradores de Pernambuco, que elles com todo o seu poder não podiam extingir». (Ericeira, tomo 1.º pag. 701).

(52)—«Lidas as ordens, João Fernandes Vieira disse que El-Rei não estava bem informado dos progressos que nossas armas haviam feito; ponderou que havia casos, em que os decretos dos reis eram condicionaes, e concluiu: «Assim que me parece repliquemos a S. Magestade com a informação do estado das cousas, continuando com a guerra na forma presente até nova ordem sua.» («Castrioto Lusitano» pag. 433)—«De 8 a 9 de Setembro de 1647 atacaram a frota de Serrão de Paiva no Recife, tomando por abordagem o navio em que este se achava. Não teve Paiva occasião de ir á sua camara destruir os documentos importantes que ahi tinha, e que vieram a descobrir ao inimigo que não só o governador da Bahia, como até o

Não era, pois, uma causa ignobil a da cessão de Pernambuco em taes condições.

Sel-o-iam os meios de que usou Vieira para defendel-a? Tão pouco. Diz-se que ultrajou o caracter patriotico dos insurrectos a replica de que muitos se haviam levantado por não pagarem o que deviam aos hollandezes. (53)

Ora, alem de que não se estendia a todos aquella referencia, as dividas eram provadas, o governo consultava sobre os meios de solvel-as, e em nenhum caso se poderia acreditar como patriotismo sem jaça o que descera a tomar o inimigo por credor. (54)

---

rei se achavam implicados nas tentativas de Pernambuco. Entre esses documentos se achava uma carta regia de 9 de Maio para Salvador Correa (já por elle recebida), afim de ajudar a restauração; carta que, traduzida em hollandez, foi dada á estampa em Amsterdam em 1647» (Porto-Seguro, «Historia do Brazil», pag. 632).—Era chegada para os nossos a hora das represalias. Os hollandezes, fiados na validade do pactuado em virtude das ratificações, iam dormir o mesmo lethargo em que os nossos tinham jazido, fiados na honra de Nassau, e da mesma sorte que elles tinham abusado da boa fé, iam ser victimas da sua confiança nella. A elles, que haviam ensinado o caminho, cabe toda a responsabilidade.» (Porto Seguro, pag. 596).

(53)—Pinheiro Chagas «Historia de Portugal», 6o volume, pags. 89 a 94.

(54)—Em seu parecer de 14 de Março de 1647, a favor da compra de Pernambuco, o Padre Vieira já ponderava o seguinte: «A composição das dividas entre uma e outra parte, não é menos embaraço deste negocio, porque não estão empenhados nelle só os das companhias, mas muitos outros mercadores e pessoas particulares de Hollanda, de quem os Portuguezes teem recebido tão grandes sommas de dinheiro; e não falta quem cuide, que a cubiça de se levantarem com ellas, ou a impossibilidade de as pagarem, foi um dos principaes motivos daquellas capitanias se levantarem; e todos os que em Hollanda estão interessados nestas dividas, é certo que hão de resistir aos concertos, si delles não entrarem em melhores esperanças de cobrar o perdido. Mas a circumstancia que mais difficulta, são os modos illegitimos, por que as fazendas de Pernambuco se venderam e se possuem ainda hoje. E porque muitos dos que as compraram e receberam dos Hollandezes, que não tinham nellas mais direito que o das armas com que as occupou o inimigo, e, por ser a guerra injusta, seus primeiros e antigos senhores não perderam o dominio dellas, e teem direito e acção para as repetir, principalmente sendo os mais delles tão benemeritos, que por guardar maior fidelidade

Murmura-se que foi preconisado o direito da força, e reputados fracos e nullos os foros de Portugal como descobridor do Brazil: não é isso o articulado, senão que taes allegações não desarmam sempre o mais poderoso, e muito valiosas no fôro da consciencia, eram triviaes e impotentes no caso.

—Vozea-se: *indignidade!* commenta-se *o escandalo,* quer-se atirar sobre a memoria de Vieira o espesso crepe com que na galeria dos Doges em Veneza o pudor patriotico sumiu o retrato de Marino Faliero (55): porque o jesuita na composição de umas pazes admittiu que os hollandezes tivessem por seu aquillo que occupavam e estendiam, e se atreveu a observar que elles receberiam estragado e em ruina o que puzeram luzido e florescente. E os documentos da epoca, o testemunho dos coevos, a palavra do chronista official daquellas memoraveis luctas (56),

---

as deixaram; de maneira que no mesmo tempo se ha de pedir ao possuidor da fazenda, por parte do legitimo senhorio, as propriedades; e por parte dos Hollandezes o preço dellas e tudo o mais que sobre ellas lhes vendeu ou ficou; e faltar ao primeiro. tanto seria offensa da justiça, como faltar ao segundo, impossibilitando a composição; pelo que se devem buscar meios, ainda que custosos. com que se possam concordar estas difficuldades.»—Ao concluir pazes com a Hollanda, em Junho de 1661, Portugal no art. 25 do tratado regulou ainda o modo como seriam satisfeitas quaesquer indemnisações, a que podessem ter reciprocamente direito os subditos das duas partes contractantes, nos bens possuidos ou dividas contrahidas no Brazil. (Porto-Seguro, «Historia do Brazil», pag. 754).

(55)—«A musa da historia cobre-se de luto ao pensar que o Padre Vieira, um homem de superior talento, quasi um genio, foi do parecer do rei nesse negocio! E se o não excluimos da galeria de nossos grandes homens, é porque antes e depois deste errado passo, elle nos prestou grandes serviços e sentiu mais tarde bem amargamente o arrependimento de seu grande erro.» (Sylvio Romero, «A Historia do Brazil ensinada pela biographia de seus heroes, «pag. 41).

(56)—Fr. Raphael de Jesus, mongo benedictino, auctor do «Castrioto Lusitano»—O Visconde de Porto-Seguro (Historia do Brazil, pag. 683), diz que esse escriptor faz gala de rhetorico attribuindo aos cabos de guerra discursos que elle compõe: o que, em seu entender, ainda quando bem desempenhado, desvirtua a indole da historia. Mas não pode este juizo diminuir o valor historico de um livro escripto por uma testemunha dos

acodem em confirmação, e, inventariando os estragos e os despojos da guerra de Pernambuco, dizem isto: «Melhorou o flamengo o que no Brazil adquiriu, e só para o deixar melhorado o augmento. Muito foi o que Hollanda na conquista do Brazil adquiriu, e muito mais o que entregou. Successivamente foi expulso de duzentas leguas de costa, que deixou com as fortalezas que nellas levantou e possuiu. Em uma tarde nos rendeu dez fortalezas, os castellos do mar e da terra, cidade Mauricea e o Recife com todos os fortins, plataformas e baterias de que se guarneciam». (57)

Não o teve em nenhum peso a critica estimulada contra o *papel forte*, e foi até a ponto de acoimar de dissimulado e contradictorio o padre Vieira, porque se deu como simples relator das *forçosas razões* que o rei tivera para annuir á cessão de Pernambuco. (58)

Descobriram-se ahi desfallecimentos para os quaes só deparou explicação a decrepitude do auctor da carta ao Conde da Ericeira: trataram com somenos attenção e respeito e como a um octogenario vulgar

---

acontecimentos, em homenagem ao mais celebre dos seus protogonistas, João Fernandes Vieira, e por este dedicado ao Principe Regente em 1676.

(57)—Castrioto Lusitano, pag. 602.—«Viu-se, como por encanto, durante o governo de Nassau, levantar-se na ilha de Santo Antonio um novo bairro tendo pessoalmente o mesmo Nassau o cuidado de traçar e alinhar as ruas. Por todo o Brazil não houvera anteriormente obras tão consideraveis e tão habilmente executadas.... As obras publicas emprehendidas levavam em si mesmas o cunho da boa administração: e essas paginas do livro da civilisação de um paiz que primeiro lê um forasteiro, eram em Pernambuco todas em abono do chefe hollandez» (Porto-Seguro, «Obra citada», pags. 560 e 562).—«Chegaram ao districto de Pernambuco os capitães Paulo da Cunha e Henrique Dias, e disposeram o modo mais seguro e melhor encaminhado ao fim pretendido; dividiram-se em troços de dez e quinze soldados; a cada um se consignou o lugar e a hora para a invasão e para o retiro. Desta sorte espalhados pelas freguezias pozeram fogo a tudo que podia ser materia para o incendio, com o que, sem tempo nem distincção, se viam arder os engenhos e edificios, os campos e os mattos em uma mesma chamma. («Castrioto», pag. 151).

(58)—João Francisco Lisboa, «obra citada,» pags. 126 e 685.

esse que nas vesperas da morte, em 1697, produzia ainda uma oração genethliaca da qual julgou um critico eminente:—foi a chave de ouro de uma pregação de 60 annos, e nunca saudaram-se tão airosamente a aurora e o occaso. (59)

Entretanto, Senhores, a carta do Padre Vieira resiste á mais minuciosa syndicancia. O insigne sacerdote viajava no dia em que Sousa Coutinho, enchendo a ordem em branco, se obrigou á cessão exigida. (60)

Achava-se em Paris quando, informada, a côrte de Lisboa referendou a promessa do seu embaixador. Chegando a Hollanda, as negociações não se adeantam. (61) Como, pois, responsabilisal-o pela entrega de Pernambuco?

Surde uma prova esmagadora,—a carta do padre a Sousa Coutinho, escripta de Lisboa em 10 de Novembro de 1648 que reza: «Já tenho dito a V. Ex. como fui bem recebido de S. M., e muito approvada assim delle como de seus conselhos a resolução de V. Ex se não abalar. Não são mais de quatro os votos que temos *pela nossa parte*,—mas para V. Ex. *e eu nos consolarmos* basta que tenhamos o d'el-rei, o da rainha e principe, e do secretario d'Estado que são resolutissimos e firmissimos *no que convém*». E

---

(59)—Padre Antonio Honorati, «O Chrysostomo Portuguez», 4.º vol. Prologo, pag. XXXIX.

(60)—O V. de Porto-Seguro («Historia do Brazil» pag. 651), diz que a proposta da entrega de Pernambuco realisou-se em Agosto e cita o seguinte documento. «Propositio facta... in concessu publico 16 Augusti &, Haya J. Breevelt, 1647.

(61)—Mesmo depois da restauração de Pernambuco o hollandez mandava ainda em 1657 á foz do Tejo uma esquadra reclamar a restituição das terras do Brazil e d'Angola e o pagamento de pesados tributos. Pedro Vieira da Silva, em nome do governo, respondeu que não se lhes cederia territorio nenhum; e os commissarios hollandezes se retiraram deixando nas mãos do ministro a declaração de guerra. Um folheto publicado então (Razões da guerra entre Portugal e as Provincias Unidas dos Paizes Baixos, 22 pags. 4º. Lisboa, por João Alvares Leão, 1657), conclue: «Dissimulou-se a offensa quanto foi decente; offereceu-se pela paz quanto foi possivel; e o contrario mostra-se surdo á justiça... Esperamos que o Deus dos exercitos, que conhece os corações e razão de ambas as partes, pelejará pela justiça. (Porto-Seguro, pag. 749).

conclue um arguidor:—Aqui temos como elle censurara tão asperamente o ministro portuguez em Hollanda! (62)—Aqui tendes, direu eu, como o Padre Vieira veiu a abonar Sousa Coutinho, conforme lhe promettera na occasião mesma em que dizia ganhar mais o hollandez nas conferencias com elle Coutinho do que em mandar armadas ao Brazil. A chave da conducta do grande estadista se vai achar numa carta de 10 de Fevereiro de 1648, dirigida a proposito de outras negociações ao ministro portuguez em Paris; está aqui: «Nem á reputação de S. M. nem á de V. Ex. convém que na ratificação se altere o que agora se capitular, pela fé publica dos embaixadores com que não se dará credito ao que os nossos daqui por deante disserem». Sousa Coutinho havia empenhado a palavra do Rei; D. João IV honrara o compromisso do ministro tomado em seu nome; o Padre Vieira acudia a abonar, quanto cabia em suas forças, a promessa do ministro, a solidariedade do Rei e os creditos do reino; e fazia-o, amparando tambem proficuamente os proprios interesses da colonia. O *Papel Forte* é como que a ordem do dia de uma grande batalha em que se dirigem as sortidas, os ataques de flanco e até a simulação de uma retirada para melhor assegurar a victoria: é o traçado estrategico de uma porfiada campanha politica, no qual ao mesmo tempo que são indicados os meios e os modos de assentar a paz, se possivel; são tambem previdentemente discorridos os modos e os meios de fazer-se a guerra, se vier inevitavel. (63)

---

(62)—Pinheiro Chagas, «obra citada», pag. 93.

(63) João F. Lisboa (Vida do Padre Antonio Vieira) analysa cada periodo, esmiuça cada linha, pesa cada palavra do «Papel Forte», acabando por lançar-lhe a nota de «solemne palinodia e acervo de contradicções e incoherencias flagrantes para desfigurar a verdade e justificar o erro» (pag. 113). Veja-se quanto é injusto o illustre escriptor. Começa por não considerar que os preopinantes impugnadores da proposta de Sousa Coutinho, a despeito de conhecerem as gravissimas circumstancias em que fôra apresentada, pretendiam que se a repudiasse como desleal para com os vassallos, deshonrosa á corôa e offensiva á religião; e assim não poderia Vieira fazer menos do que de-

Patriota e sagaz, era ao mesmo tempo um homem de fé viva o habil negociador.

Escrevendo ao agente portuguez em Paris, elle dizia: «Sabe V. Ex. que ninguem mais do que eu deseja a paz, mas ha de ser como convém . . . Querem estes senhores (os francezes) nos vender a liga por terras das nossas conquistas, mas espero em Deus que nem elles *nem outrem* hade possuir *nada dellas.*» (64)

E, referindo-se particularmente aos motivos de sua vinda a Hollanda, assim se pronunciava: «Para dizer francamente a V. Ex. o que sinto é que de nenhum conselho que derem a S. M. seus ministros, nem de

---

monstrar que não eram taes inimigos da religião e da patria os que em lance tão afflictivo se tinham daquelle modo empenhado. Referindo-se ás minudencias a que desceu o Padre Antonio Vieira, Lisboa caustica-lhe «a incrivel mania de argumentar e disputar» (pag. 121), mas esqueceu-se de que pouco antes (pag. 93) assignalara que esse memorial é «inteiramente moldado sobre o parecer de Pedro Monteiro, que refuta palavra por palavra, e como elle dividido em partes, pontos e artigos, subdivididos, classificados, numerados, posta a competente resposta em frente de cada facto, argumento e objecção allegada». Pondera que «o territorio cedido constitue o centro e o coração do Brazil, e é por sua posição avançada no oceano o dominio mais asado para o inimigo receber promptos soccorros da Europa e se estender facilmente para os lados» (pag. 119); mas, quando Vieira discutia o assumpto, a occupação de Pernambuco pelos hollandezes durara já mais de dez annos, e nesse decurso havia sempre recuado; e o que só por esse facto se poderia deprehender, hoje melhor se deve apurar com o testemunho insuspeito do ajudante-general Sigismundo Van Schkoppe no officio de 24 de Maio de 1651 (V. de Porto Seguro, «Historia do Brazil», pag. 668), dirigida ao governo hollandez, no qual declara que, si fôr decidida a guerra, será essencial tomar a Bahia, «sem o que nunca fariam fincapé no Brazil».—Chasquéa da argumentação de Vieira, porque disse que «o hollandez, tendo arte para tudo, não a tinha para lavrar assucar»; mas a observação do illustre jesuita deixará de parecer tão futil, quando se pensar que Nassau, organisando uma expedição contra Loanda em Junho de 1641 (Porto-Seguro, pag. 591), justificava-se perante o seu governo com «a necessidade de adquirir escravos para os engenhos de Pernambuco». Hoje mesmo, não rirá da allegação do Padre Vieira nenhum dos agricultores brazileiros que tenha a experiencia dos serviços do colono europeu na lavoura da canna.

(64)—«Cartas» de 6 e 27 de Janeiro de 1648.

nenhuma resolução que tomárem nos devemos espantar, porque a experiencia vai mostrando que ainda das menos consideradas se aproveita Deus para conseguir por meio dellas os fins occultos de sua providencia.» (65)

Alentavam-no, portanto, a cada emergencia o patriotismo e a crença, mas crença bem orientada, que na pratica não poderia jamais conformar-se com o desprezo ou com a incuria dos meios humanos; e sensatamente advertia que, sendo tão frequente neste mundo o opprimir a força ao direito e conculcal-o, é sempre de bom aviso guardar a justiça publica e assistir aos pleitos nacionaes com bons mosqueteiros. (66)

A entrega de Pernambuco fôra promettida, as condições em que se effectuaria não estavam assentadas: nesse terreno é que agiria o diplomata, assegurando as vantagens e conjurando os perigos do passo dado: e a evolução executou-se com tanta pericia e felicidade que o hollandez, apparentemente victorioso, na realidade nada tinha avançado e hesitava em ac-

---

(65)—Carta» de 17 de Fevereiro de 1648.

(66)—Porque Vieira no «Papel Forte», referindo-se á victoria de Guararapes (2500 portuguezes sobre mais de dez mil soldados de Hollanda.—«Castrioto», pags. 492 e 496), qualificou-a de successo milagroso, e disse que «os milagres é mais certo merecel-os que esperal-os, e fiar só nelles depois de os merecer, é tentar a Deus»; João F. Lisboa («obra citada», pag. 114) incriminou o Padre e inferiu que elle soccorria-se á maxima de que «Deus sempre se põe da parte dos mais mosqueteiros». Mas é manifestamente forçada tal interpretação, ainda mais quando Vieira nunca reproduziu essa phrase sinão para accentuar que ella é falsa. «E' pratica mui ordinaria entre os politicos, que sempre Deus se põe da parte dos mais mosqueteiros. Esta proposição nasceu nas guerras de Londres e não é muito que seja heretica. Dias ha que a desejo tomar entre mãos para a confutar: agora o farei brevemente.» («Sermão» pelo bom successo das armas portuguezas contra Castella)—«Dizem os nossos emulos que a fortuna e a victoria sempre se põe da parte dos mais mosqueteiros; posto que ella não o fez assim, ao menos nos nossos campos. As victorias dos portuguezes nunca se alcançaram por arithmetica, sempre vencemos poucos a muitos, com a vantagem só da nossa união.» («Sermão» do SS. Sacramento, pregado em 1662).

ceitar a capitulação inimiga. Não recuar da concessão, porque o impedia a honra; della auferir todo o proveito, porque o reclamavam a dignidade nacional e o interesse politico, era ao que visava o Padre Vieira, lavrando o seu parecer; era o que elle convencionara em Haya com Sousa Coutinho, era o que lhe recommendava de Lisboa, dizendo *continuasse lentamente com o tratado sem conceder mais do que o accordado e não concluindo sem ordem de S. M.* (67)

Alheia aos acontecimentos e longe delles, a opinião publica em Lisboa manifestou-se contraria; mas do valor desse pronunciamento se póde ajuizar pelo que refere Vieira nessa mesma carta, escripta no abandono da intimidade: «Os artigos do tratado se viram logo no conselho d'Estado, e se resolveu que delles se fizessem copias e se enviassem a todos os conselheiros, . . . que foi o mesmo que publicar-se por toda a côrte, e não haver conversação, tenda nem taverna, em que se não discorresse sobre as tristes capitulações e seus autores; cada um as referia como as tinha ouvido, accrescentando e interpretando clausulas . . ., e chegaram a andar varios papeis escriptos com o nome de propostas de Hollanda, em que nenhuma só palavra havia que jamais fosse lá, não digo escripta, mas nem ainda imaginada.»

Senhores, a estrategia dos mais invictos generaes, como a diplomacia dos estadistas de mais alto descortino tem soffrido sempre o abocanhar do vulgo na palestra familiar e no rumor publico. Ao mais experimentado cabo de guerra dão lições de tactica militar, e alvitram ou condemnam operações e manobras sem cogitar da topographia local e dos movimentos do inimigo no campo da batalha. Ao diplomata mais fino e atilado suspeitam de falso patriota e arguem de politico desastrado, criticando planos e negociações de que não têm o preciso conhecimento e que ainda estão longe de seu termo. Um dos mais illustres diplomatas deste seculo, escrevendo suas memorias, assignalava espirituosamente essa balda vulgar de com-

(67)—«Carta» de 10 de Novembro de 1648.

bater e deprimir os expedientes de exito duvidoso ou arriscado, sempre com sahida a applaudil-os e partilhal-os, quando porventura vingaram. Era um inoffensivo exemplar da especie o seu creado Giroux. «Quando lhe demonstravam o contrario do que elle affirmara não falhava a resposta: «Era isso mesmo que eu dizia.»

Os diplomatas dessa estofa não se contam, notava o Principe de Metternich, eu os encontrei ás centenas; «cada vez que era bem succedido em qualquer negociação, não havia ninguem em desaccordo commigo, a coisa era muito clara e muito simples, não se poderia proceder diversamente, todos tinham previsto e desejado isso mesmo; tal qual o meu creado Giroux.» (68)

O Padre Vieira não requestou os applausos dos Giroux de Lisboa, ouviu impassivel a grita dos odios e intrigas, e deixou correr sem o mais leve desmentido *a voz popular que lhe perfilhava a entrega de Pernambuco.* A' mingua de outros, seria isto por si só um titulo ao respeito publico em prol de sua palavra, um penhor de sua sinceridade, quando já serenadas as paixões que o incidente agitou, rebatendo censuras descabidas, interpellado mais de uma vez por quem lh'as irrogara, o venerando sacerdote, em resposta sobranceira, protestou que o *seu feito não foi negocio seu, senão resoluto e mandado expressamente por S. M.* (69)

O que alem disso cumpre assignalar, é que as negociações como foram conduzidas surtiram effeito, afastando o perigo proximo, que era a quebra das treguas, e o damno emergente, que seria a effectiva entrega de Pernambuco.

---

(68) «Lorsqu'on lui soutenait le contraire de ce qu'il venait de dire, il ne manquait pas de répondre: C'est ce que je vous disais.»—«Chacun avait tout prévu, tout prèdit. Personne n'admettait qu'on eût pu procéder autrement... La chose était si simple et si claire! Tout s'est passè trés simplesment, tous ont constamment désirè et voulu la même chose, comme mon valet de chambre Giroux». «Mémoires du Prince de Metternich», (III volume).

(69)—«Carta» de 23 de Maio de 1682, ao Conde da Ericeira.

O valimento de Vieira cresceu, e, grato á dedicação e finura com que o servira e á patria em lances tão apertados, o rei lhe confiou nova e não menos ardua e importante missão. Desacoroçoado de concluir paz vantajosa com a Hollanda, e illudido em suas esperanças de liga com a França, D. João IV divisou um meio prompto, decoroso e nobre de pôr termo á guerra com a Hespanha: seria o casamento do herdeiro do throno portuguez com a filha unica do rei de Castella. Vivos como estavam ainda os resentimentos dos Felippes contra os antigos vassallos que haviam sacudido o seu jugo, e com resistencias indomaveis traziam-os humilhados, difficuldades e obstaculos quasi invenciveis erriçavam a empreza, que requeria tactica superior, instrucções especiaes e secretas, e recursos extraordinarios. Foi o Padre Vieira o escolhido para aplainar-lhe a execução. (70)

(70)—O Padre Vieira foi procurado como prestigioso medianeiro ou constituido negociador official de outros casamentos na familia real, mas por nenhuma proposta pugnou quanto por esta; e sobre as outras são tão vagas e encontradas as noticias que se colhem dos documentos da epoca e dos biographos do Padre, que por ellas não se pode fazer obra historica nem critica detida. Nem por isso abstiveram-se alguns escriptores de considerar «criminosas de lesa-nacionalidade as missões secretissimas» em que Vieira se occupou deste assumpto, ou «aventuradas», senão «abertamente sacrificadas» a independendencia de Portugal e a soberania de seus dominios coloniaes nas negociações entaboladas (Theophilo Braga e J. F. Lisboa). Entretanto, logo a respeito da primeira, ha duvida si a pretendida foi a filha do plenipotenciario francez em Munster, o duque de Longueville, ou Melle de Montpensier, ou uma depois de outra. O documento de accusação contra o Padre é a simples minuta de uma representação do marquez de Niza ao Principe Regente D. Pedro «allegando ter livrado Portugal de ser entregue aos francezes, quando em sua primeira estada em Paris o Padre Vieira lhe apresentara instrucções regias, escriptas do punho do secretario d'Estado, ordenando-lhe (a elle marquez) propuzesse ao Cardeal o casamento de D. Theodosio com Melle de Longueville, com a garantia de poder seu pae acompanhal-a e reger Portugal durante a menoridade do principe herdeiro, porque D. João IV passaria a governar o Brazil (Lisboa, «obra citada», pag. 719). Além de que este documento se refere a uma commissão na qual todo o papel de Vieira foi o de mero portador das instrucções do rei, escriptas pelo punho do secretario d'Estado; surge em contrario, como observa Lis-

Não havia nisso o minimo deslize do decoro sacerdotal. Os consorcios entre as dynastias reinantes correspondem a pactos de alliança entre as nações interessadas. Vieira o ponderava no discurso, que foi o seu canto de cysne: «Os reinos e os imperios conservam-se e sustentam-se em duas raizes: das portas a dentro com a successão dos Reis naturaes; das portas a fóra com a confederação dos Reis estrangei-

boa, o facto do que Vieira nunca esteve com o marquez no decurso de sua primeira embaixada, pois ao chegar a Paris havia elle partido já para Lisboa (Carta de Vieira, de 4 de Fevereiro de 1646), donde só voltou com a segunda embaixada em Janeiro do anno seguinte (Santarém, tomo 4, pag. 199). Emquanto á segunda missão do marquez, diz o Conde da Ericeira (pag. 530): «El-Rei tornou a mandar este anno (1647) por embaixador de França ao marquez de Niza... Levou ordem para tratar com o Cardeal o casamento do Principe com a filha mais velha do Duque de Orleans. O Cardeal approvou o intento, e assim o mandou assegurar a El-Rei por Francisco Lanier, assistente em Lisboa, porém sem mais poderes que tratar dos soccorros que a França podia dar a El-Rei». Ora, o Padre Vieira só tornou a Paris em Outubro de 1647, donde sahiu logo nos primeiros dias de Dezembro. Assim, tudo quanto conjecturam Lisboa e outros não é bastante para destruir a simples affirmativa produzida por André de Barros (Vida do Padre Antonio Vieira, pag. 19), de que o illustre Jesuita nessa occasião «impediu a vinda do Condè (tio de Melle de Longueville) a Portugal, o que não importou menos que ficar illesa a soberania da Corôa. E' ainda por estas negociações e om a alludida minuta que o Visconde de Santarém (tomo 4, parte 2.ª, pag. XIV) argúe o Padre Vieira de ter aconselhado o rei a largar o reino e entregal-o a um principe estrangeiro! Em tudo quanto foi proposto pelo governo portuguez o fito unico era conseguir a «alliança», e, portanto, não poderia nunca se reduzir ao sacrificio da propria autonomia. O proprio Santarém dá o testemunho (2ª parte, pag. XXXIV): «Lanier escrevia ao Cardeal Mazarini em 22 de Junho de 1648, que a Côrte de Portugal approvava o projecto do casamento da Princeza Luiza com o principe D. Theodosio, mas «com a condição da Liga», pela obtenção da qual estava El-Rei resolvido a dar seis milhões. Para este effeito foram mandados plenos poderes ao marquez de Niza para ajustar o dito casamento «no caso de se fazer a Liga», ou pelo menos uma tregua de vinte annos com a Hespanha, de maneira que a mesma Potencia não a podesse romper». Lanier escrevia isto em Junho, quando o Padre Vieira desde Dezembro do anno anterior se retirara de Paris. Das concessões «exorbitantes» que se dizem feitas ou iniciadas pelo eximio sacerdote, os unicos documentos diplomaticos que se

ros. Por isso dá Deus ao Rei seu favorido filhos e mais filhas; os filhos, para que não faltem Reis ao proprio reino; as filhas, para que possam dar rainhas aos reinos estranhos; os filhos, para que por meio da successão se conserve o dominio dos vassallos; e as filhas, para que por meio dos casamentos se conserve a amisade dos alliados. Como nenhum reino se póde conservar sem Reis amigos e sem Reis herdeiros,

encontram não lh'as imputam; mas, ao contrario, relatando-as como aconselhadas ou propostas em diversas epocas, ja por agentes do governo francez, ja por emissarios da Hespanha, consignam que Portugal rejeitou-as todas peremptoriamente, seja a de ficarem D. João IV e seus successores como vice-reis perpetuos de Portugal; seja a de ir elle para o Brazil, dando-lhe a categoria de reino; e quer a de conservar, alem do Brazil, o Algarve; quer a de passar-se para a Sardenha na qualidade de rei. (Santarém, parte 2ª pags. 459, 478, e CXVI, CXIX, CLI). Criticando a intervenção que nestes negocios attribue ao Padre Vieira, diz Theophilo Braga que nada menos se tratava do que de «entregar Portugal em dote da noiva à França ou à Hespanha», mas não attende a que o «noivo, meeiro e administrador» dos bens do casal, era portuguez, e o contracto esponsalicio deveria ser ao mesmo tempo um tratado de alliança na paz e na guerra. Santarém (tomo 4º, pag. 650) diz que em 24 de Agosto de 1676 o Embaixador de França em Portugal communicara a seu governo ter sabido que «o jesuita Vieira, passando por Florença de volta de Roma, havia, de moto proprio e sem missão, feito ao Gram-Duque a proposição de casar com a Infanta de Portugal seu filho primogenito, e que chegado a Portugal o dissera a El-Rei que lhe ordenara de proseguir na negociação; mas que, passados mezes, o Gram-Duque renunciara aquelle casamento por saber que El-Rei Christianissimo e o de Hespanha á porfia demandavam a mão da infanta, o primeiro para o Delphim, e o segundo para si.» Eis, todavia, o que sobre o referido projecto informa o Padre Vieira em carta de 5 de Novembro de 1675 ao proprio Gram-Duque da Toscana: «Tenho por mui provavel que poderá prevalecer o partido de V. A. e eu vigiarei sobre a occasião opportuna em que mais immediatamente o possa introduzir....Mas porque a união dos Estados de V. A. com a corôa de Portugal, na consideração dos interesses communs, é a que deve dar grande pendor á balança, será necessario que V. A. me advirta do modo com que devo responder, em caso que se me opponham duas duvidas, as quaes estão muito a flor da terra e não pode deixar de se reparar muito nellas. A primeira é ter V. A., alem do principe primogenito, outros dois filhos, de cujo estado se deve tambem deliberar, para que de presente e de futuro não possam ser de impedimento á firmeza do tra-

nos filhos dá-lhe os herdeiros e nas filhas dá-lhe os amigos.» (71)

Estimulavam outrosim a Vieira nessa missão as tradições do throno portuguez, partilhado com lustre admiravel pelas rainhas que tantas vezes foram nas discordias da familia e nas sublevações do povo as medianeiras da justiça e da paz. Mais lhe pesariam no animo taes considerações, tratando-se do principe que elle educara, e que dentre os casamentos que se lhe propunham tinha por melhor o *que mais consultasse as conveniencias do reino.* (72)

Sahiu, pois, a esta nova campanha, e por centro de suas operações tomou Roma, a côrte do mundo catholico, a metropole da fé e da paz, como sendo o abrigo mais seguro, o fôro mais independente para o julgamento de uma causa que affectava os destinos de dois povos, avisinhados pela natureza, inclinados á união pela communidade de muitos interesses, e todavia separados para se exterminarem numa lucta sangrenta que durara já dez annos, tudo pelo desmedido orgulho e despeito de um rei. Tão nobres eram os intuitos que levava o Padre Vieira, tão licitas e confessaveis foram as traças que usou para fazer vingar o seu plano, que, perto de 40 annos depois, os relatava em pleno templo, com essa isenção de respeitos

---

tado e perpetua e irrevogavel união de ambas as nações, vassallos e coroas, uma de que o principe da Toscana ja é herdeiro, outra de que será, casando com a herdeira de Portugal. A segunda é da parte dos mesmos vassallos de V. A., os quaes por ventura se quererão conservar desunidos e debaixo de principe particular, de que em nós mesmos temos vivo e presente exemplo, posto que os interesses communs entre elles e os portuguezes, com a largueza de conquistas, commercios e empregos de pessoas e fazendas, parece que sejam um vinculo muito forte e de sua natureza indissoluvel.» Deante de tudo isto, onde o fundamento para a grave accusação de que Vieira subordinou a liberdade e a integridade do reino a interesses da casa de Bragança?

(71)—«Sermão» pelo nascimento da Infanta Thereza Francisca Josepha.

(72)—«Os outros principes consultam os casamentos com os retratos, o nosso consultava-o com as conveniencias do reino.» Vieira, «Sermão» nas exequias do Principe D. Theodosio.

humanos que deve caracterisar o ministro do Evangelho e a serenidade de espirito que ás bordas do tumulo só pode ter aquelle que diz a verdade. (73)

A guerra não poderia destruir todos os laços, não estorvava todas as relações entre os filhos de Portugal e os de Castella: haveria campo neutro em que lhes fosse dado approximar-se e entender-se. Vieira buscou a seus irmãos de habito e de sacerdocio; falou aos sentimentos de humanidade e religião, contrarios naturalmente ás violencias e aos horrores da guerra, e propensos por dever a toda a obra de congraçamento e pacificação. O meio conciliatorio existia, e honroso para uma e outra parte: era o enlace conjugal entre os herdeiros das duas coroas. Pela antiguidade e lustre da nobilissima estirpe e excellencia de seus predicados pessoaes, o primogenito de Bragança era o mais digno esposo para a Infanta de Hespanha. As condições seriam que, não tendo El-rei de Castella filho varão, lhe succedessem nos dois thronos D. Theodosio e a Infanta, fixando-se a côrte em Lisboa como cidade maritima; diversamente, reinariam os dois em Portugal separado politicamente mas unido a Hespanha por uma alliança offensiva e defensiva. No caso de Felippe IV não reconhecer como rei a D. João, este abdicaria logo nos Principes. (74)

(73)—«Vejo que estão notando a El-Rei, de que quizesse neste acto desfazer o que tinha feito e tornar a unir o que tinha desunido. Mas é porque até agora calei uma clausula do projecto, sem a qual eu tambem não havia de acceitar a commissão. A clausula é que no tal caso a cabeça da monarchia havia de ser Lisboa; e deste modo se conseguia para o nosso partido a segurança e para o governo da monarchia a emenda.» «Sermão» pelo nascimento do novo Infante em 15 de Março de 1695.

(74)—Pinheiro Chagas, «Historia de Portugal», pag. 106.—Entre as diversas criticas a esta missão diplomatica do Padre Vieira surgiu ainda a accusação de que elle propoz a retirada de D. João IV para o Brazil, mas não se diz si o facto importaria a emancipação politica da colonia. Ainda nesta hypothese, considerado o risco de cahirem as possessões portuguezas em poder de Castella ou de Hollanda, não seria de nenhum modo condemnavel a idea do Padre Vieira, que poderia dizer, como escreveu recentemente Oliveira Martins: «A inde-

O monarcha portuguez provava o seu desprendimento, e o de Castella era satisfeito no *empenho* que fazia junto ás côrtes estrangeiras para que não dessem a seu contrario o titulo de Rei de Portugal. (75)

Compensariam os beneficios da paz quaesquer constrangimentos que soffresse o amor proprio. As razões expendidas calaram no espirito dos assistentes, prestigiosos varões, entre os quaes se encontrava o doutissimo e afamado Cardeal João De Lugo (76); e a idéa entrou de ser em mais largo circulo ponderada e acceita. Fôra temeraria, antipatriotica, insidiosa a proposta? Dizem-no alguns escriptores deste

pendencia dos filhos nunca foi hostilidade para os paes, senão quando estes insensatamente pretendem prolongar uma dependencia anachronica. Na vida dos filhos se continúa e se prolonga a vida dos paes, e a successão das gerações é para os homens e para as sociedades a pura expressão da immortalidade». (O Brazil e as colonias portuguezas). Não o mereceriam aquelles que, quasi por si sós, tão heroicamente se haviam defendido contra os hollandezes? Seria até uma reparação prestada pelo Padre Vieira, se elle deveras tivesse errado no parecer sobre a entrega de Pernambuco.

No caso de tratar-se apenas da mudança de residencia do soberano, resignatario ou não, tudo se resumiria na interrogativa com que J. F. Lisboa «despede-se deste assumpto», cuja resposta não pode hoje ser duvidosa: «Lucraria o Brazil se naquella occasião se tivesse effectuado a emigração da familia real, que cento e sessenta annos mais tarde «foi resultado de acontecimentos analogos»? (Pag. 141). Fica tambem assim confutada a censura feita a Vieira por não ter sido extranho aos planos de refugiar-se a familia real em Pernambuco em 1659, quando com o tratado de paz dos Pyreneos, que deu só tres mezes de treguas a Portugal, ficou este isolado em sua lucta contra Hollanda e Hespanha.

(75)—Quando ja reinava D. Affonso VI, em 1660, o Enviado de França, offerecendo-se para mediador entre Portugal e Hespanha, dizia ainda que El-Rei de Castella desistiria da pretenção do Portugual «com condição que D. Affonso não se chamasse Rei delle»; e por isso o aconselhava que, «fosse embora Senhor do reino mas annuisse a governal-o com o titulo de Rei do Brazil». (Santarém, tomo 4º pag. 486).

(76)—Entre os favoraveis a idéa contava-se tambem o Padre Pedro Gonzales de Mendoza, tio do embaixador Duque do Infantado. (Padre André de Barros, «Vida do Padre Vieira», pag. 27).

seculo (77), mas por injustas supposições, e com fracos argumentos, que vós julgareis. Annunciaram uma prova fornecida pelo proprio punho do Padre Vieira, e exhibiram o seu parecer, lavrado em 1676, reprovando formalmente o projecto de casamento da Infanta filha de D. Pedro com o herdeiro do throno hespanhol; mas a allegação não procede pela disparidade das circumstancias. Num dos casos o representante dos direitos de Portugal é o principe D. Theodosio, e pesa em favor desse reino toda a superioridade social e civil do varão com respeito á mulher: o que no outro caso inclina a vantagem em prol de Castella. Demais, as conveniencias que, ainda por entre alguns riscos, faziam a primeira proposta igualmente acceitavel aos dois povos empenhados em crua guerra, não bastariam de certo para decidir em seu favor a nenhum dos dois reis, quando em plena paz e alliviados para attender mais seguramente á consolidação do throno e aos interesses do paiz.

A' consideração de que nada se effectuaria sem a previa convocação e o voto das côrtes, acudiu-se com a replica de que tal consulta seria somente um apparatoso sacrificio em que a vontade nacional render-se-ia esmorecida ante o cortejo bellico das ambições colligadas! Veiu afinal o pavoroso phantasma da união iberica, revolvendo os odios e as paixões que se procurava desarmar e extinguir, e avivando as tristes recordações de um governo despotico e sanguinario, quando se lançavam os alicerces de um throno liberal e bemfazejo. Augurou-se fatalmente o illusorio da mudança da côrte, avançando que na liga das duas nacionalidades o elemento portuguez seria o absorvido e transformado; e não perceberam tão acres accusadores que assim deprimiam o caracter do povo lusitano, malsinavam-lhe os destinos e o condemnavam ante a lição da sciencia moderna, que nas suas observações sobre a lucta pela vida garante a selecção aos mais idoneos e aos mais

---

(77)—J. F. Lisboa, pags. 173 a 178; e Pinheiro Chagas, pags. 106 a 108.

fortes. Gemeram e se escandalisaram de que, em crise tão angustiada para a patria, descortinasse o Padre Vieira um fio salvador nessa idéa de uma confederação da peninsula; quando hoje mesmo tantos patriotas (78) a affagam como um penhor de progresso e de gloria, e elles proprios que se lhe mostram infensos chamam-na a complicada e espinhosa questão, sempre pendente e sempre ameaçadora! No polo opposto a esse em que se acastellam os modernos accusadores de Vieira, do outro extremo vigiou Felippe de Hespanha o singular emissario do soberano rival: a seus olhos, aquella pretenção trazia no bojo só desdouro, humilhações e ruina para o throno e o povo castelhano. Historiando o facto, Vieira diz apenas: «Como a questão se havia de decidir não no juizo do Capitolio romano, senão em outro muito distante, onde a dor e a ferida estava ainda fresca e o progresso das nossas armas não tinha amadurecido as verduras do pundonor, que depois humanou a experiencia e a necessidade; não foi acceita a proposta.» (79)

Os biographos do preclaro varão accrescentam que o governo hespanhol, informado da crescente acceitação que ia tendo o projecto, mandou instrucções a seu embaixador para empregar todos os meios até fazer sahir de Roma o Padre Vieira; o que foi tomado tanto a peito, que este houve de retirar-se presto para não sacrificar ingloriamente a vida. O poderoso rei das Hespanhas temia-se do humilde religioso, inerme, pacifico e respeitoso! Surpresas taes, factos

(78)—Magalhães Lima, Director do jornal «O Seculo» de Lisboa, em seu livro «La Fédération Iberique (Cap. V.), inscreve como campeões da idéa da «Federação Iberica» Henriques Nogueira, Oliveira Marreca, Souza Brandão, Latino Coelho, o Visconde de Ouguella, Teixeira Bastos e outros. O distincto escriptor conclue assim: «Ou esclaves avec l'Angleterre, ou fédérès avec l'Espagne! nous ne cesserons jamais de le répeter. Le Portugal n'a qu'un moyen pour conserver ses colonies, c'est la féderation avec l'Espagne. E, defendant la cause de la Fédération ibérique, l'Europe defenderait sa propre cause; en nous aidant dans notre entreprise, l'Europe aiderait aussi le grand œuvre de l'humanité et de la civilisation moderne». (Pag. 180).

(79)—«Sermão» pregado em 15 de Março de 1695.

assim quasi inexplicaveis, consigna mais de uma vez a historia. Ainda nos primeiros dias deste seculo Napoleão o Grande, o leão da guerra, o vencedor de cem batalhas, mandando recolher a um castello o velho Pontifice que não curvara a soberania da egreja ao aceno de seu braço invasor, determinava fosse em aposento «com uma só sahida exterior, e guardas á porta com ordem positiva de tel-o incommunicavel»! (80)

Mas o attentado com todas as suas deponentes circumstancias deixou macula indelevel na vida illustre do grande batalhador. Nas commemorações da epoca nodoará tambem o nome de Felippe IV a violencia commettida contra o Padre Vieira, e sua prudente retirada terá os louros do mais admiravel triumpho,—o triumpho alcançado á arma branca da palavra sobre a negra bastilha da prepotencia e do despotismo.

Com esse gladio poderoso vai agora o bravo luctador fazer mais largas conquistas em regiões uberrimas ainda inexploradas. (81)

---

(80)—«Le local sera disposé de manière qu'il n'yait qu'une «issue exterieure». Il sera placè une garde á la porte; elle aura la consigne de ne laisser entrer personne. Le prèfet exercèra une grande surveillance sur tout ce qui se passera dans l'intérieur du palais de Sa Sainteté et aura soin d'avoir parmi ses secrètaires et domestiques des gens sur lesquels il puisse compter. On armera la forteresse de Savone; il y sera plaçè 400 homens de garnison; il y aura aussi un détachement de 50 gendarmes, pour la garde du Pape, commandè par un colonel. (Correspondance de Napoléon Ier «Lettre du 21 Août 1809, au Prince Borghèse).

(81)—Das instrucções que o rei deu a Vieira nesta missão e da carta que este escreveu ao Conde da Ericeira em 1682, consta que ia tambem encarregado de examinar e responder á proposta que insurrectos de Napoles faziam de entregal-a á corôa portugueza. João F. Lisboa (pag. 168) julga que o Padre, «habituado a recuar deante das crises imminentes», não teve audacia e resolução para levar a cabo esta empreza, que Sousa Coutinho, entretanto, reputava «facil» e o marquez de La Caya e outros napolitanos affirmavam só se ter mallogrado pela «indiscrição e falta de tino» do agente Rodrigues de Mattos. O facto é que, ante as informações prestadas pelo Padre Vieira, D. João em carta de 16 de Abril de 1650 (André de Barros, pag. 31) approvou que elle não tivesse levado avante esse negocio, e louvou-se de lh'o ter confiado. Para aquilatar melhor a

Se furtou prudentemente a vida ao golpe do sicario assalariado pelo temor do inimigo, é para consagral-a melhor ao serviço da religião e da patria, affrontando enormes perigos que só a abnegação dos apostolos soube até hoje vencer. Eil-o nas plagas brazileiras, desprendido de todos os vinculos que poderiam atel-o á terra natal e exemplificando mais livremente os costumes simples e austeros que guardara irreprehensivelmente no meio dissipador e luxuoso das côrtes. E da mesma sorte que ainda nas mais caracterisadas missões diplomaticas sempre exercitou o dever e a influencia do ministerio sagrado, nas peregrinações bemfazejas do zelo evangelico serve ainda com devotamento exemplar os magnos interesses sociaes e politicos. Attestam-no as perseguições que soffreu imperterrito, as viagens penosas e trabalhos sobrehumanos que heroicamente curtiu, as luctas ardentes que sustentou pela civilisação e liberdade dos indios. O desenvolvimento e progresso do novo mundo não se poderiam realisar só pelo esforço de seus descobridores e sem o concurso das raças que o povoavam: assegurar-lhes todas as vantagens da sociedade culta seria a condição justa e efficaz de lhes merecer o sacrificio dos costumes selvagens de sua vida errante e independente. E nessa comprehensão os reis decretavam que na dilatação de suas conquistas pelo continente descoberto os incolas domesticados gozassem de liberdade a egual de seus outros vassallos, exceptos só aquelles que nas tribus vencidas ou alliadas estivessem já em captiveiro e con-

---

sensatez com que se houve em semelhante incumbencia o illustre jesuita, basta reler as paginas de Cesar Cantú em que se narram as peripecias dessa revolução em Napoles, ou, ao menos, o seguinte episodio com que um de seus mais conhecidos heroes estreou na carreira politica: «Un di questi capi era Tommaso Aniello d'Amalfi, pesciaiuolo di venticinque anni, ridotto a miseria da una multa imposta dai doganieri a sua moglie perchè trovata con una calza di farina in contrabbando. Armò egli di canne ed arpioni la sua banda, e passando avanti al palazzo, scopersero a quei signori di Corte la parte che l'uomo suol nascondere.» («Storia Universale», volume XVI, pag. 680).

demnados á morte: a esses poderia o explorador livrar da pena capital a troco de servidão. (82)

Era justa, a excepção? deveria o Padre Vieira combatel-a? cumpria-lhe toleral-a? E' certo que de instituição universal, que foi nos seculos pagãos, o captiveiro se tornou por obra do christianismo um alvo da reprovação universal; mas este resultado se obteve por um trabalho perseverante de lenta e sabia demolição. Nenhum poder corta de golpe os abusos geraes e inveterados; não o tentaria o Estado, pela certeza de encontrar a sua força—invencivel reacção; não o tentaria a Egreja, porque o ensino, que é a sua espada avassaladora, não obra com a velocidade do raio. A Egreja, portanto, combateu a escravidão, tomando-lhe palmo a palmo os dominios, e fazendo da propria posse dos escravos o ponto de partida e arma poderosa na sua campanha infatigavel. Possuindo escravos, ella offereceu ao mundo o espectaculo da auctoridade e da sujeição bem reguladas, e mostrou a uma sociedade quasi incredula que é possivel organisar o trabalho e installar a vasta machina economica sobre outras bases que não a violencia legal; depois de haver feito comprehender como cumpria tratar os escravos, fez a exhortação e deu o exemplo de os libertar.

A Egreja não poderia destruir de um arranco a rija e enorme cadeia do captiveiro; quebrou-a, elo a elo. Isso foi o que ella entendeu e executou desde os primeiros seculos, e ainda recentemente proseguia pelo zelo de um de seus mais generosos e estrenuos apostolos, o Cardeal Lavigerie. Solicitando a acção dos *comités* anti-escravistas em favor de sua obra que, triumphante, *daria o quarto de nosso globo á civilisação e á vida,* o inclyto arcebispo advertiu: «Suppuzeram alguns que eu pretendia cortar desde logo não só o trafico, mas a servidão, o captiveiro domestico, tal como existe ainda em alguns paizes orientaes, em Madagascar, por exemplo. Eu só tenho recla-

(82)—D. Francisco Alexandre Lobo, («Memoria Historica do Padre Antonio Vieira», pag. 61)

mado a suppressão immediata do trafico, isto é, da caçada ao homem, da venda publica ou secreta, e do transporte dos escravos para os mercados turcos. E' isto, de facto, o que dá pasto ás crueldades sem nome, á destruição atroz, contra as quaes protestei do alto das tribunas da Europa. O resto hade vir pouco a pouco pelo progresso dos costumes.» (83)

Não poderia agir diversamente o Padre Vieira: respeitou a excepção feita na lei, mas não transigiu quanto á regra que a lei estabelecia. Cumpria assim um dever; encandeou, porém, contra si a cupidez insaciavel e o interesse feroz dos colonos que, senhores faceis de vastos lotes de terra, quereriam arrebanhar tribus inteiras e reduzil-as á condição de instrumentos sem outro uso e destino que o de augmentar-lhe os bens grangeados. As incursões violentas aos sertões brazileiros succederam-se frequentes, fazendo a cada vez levas numerosas de captivos, e afugentando ainda mais, raivoso ou espavorido, o selvicola. Notavel historiador portuguez traça um rapido quadro dos acontecimentos que então occorriam nas missões ultramarinas:

«A lucta dos missionarios com os erros dos povos barbaros foi em muitos logares prolongada e em outros esteril. Derramou-se o sangue dos que vinham pregar o perdão das offensas, e não poucas vezes paixões e cubiças villãs lançaram o fogo á seara, quando ella principiava a medrar. O santo nome de Deus, falsamente invocado por homens de armas sedentos de oiro, serviu para cobrir violencias e expoliações, que deshonrando a bandeira portugueza, fizeram odiosos os ministros evangelicos. Accresciam ás difficuldades quasi insuperaveis de climas insalubres e de linguas ignoradas os obstaculos das distancias, e da braveza dos homens e das selvas. Em varios lances os missionarios affrontaram perigos e trabalhos, que excedem quanto a phantasia póde

(83)—Cardeal Lavigerie, «Carta» de 19 de Janeiro de 1889, publicada a 25 do dito mez no «Boletim da Sociedade Anti-escravista de França.»

imaginar de arriscado. Desamparados nas solidões ou embrenhados nas florestas, sem outro soccorro alem da fé dubia dos guias, padecendo fomes e miserias, sentindo as forças esmorecidas e quebrantadas, os religiosos, só com a esperança no céo, e sem outro escudo mais que o sentimento do dever, cingiam os rins, como os antigos apostolos, e á maneira delles encaminhavam-se alegres para o martyrio, na idéa de que a arvore plantada por suas mãos, embora pequena e enfesada no começo, mais tarde havia de erguer-se forte e frondosa.» (84)

Era um continuador dessa gloriosa tarefa o Padre Vieira; herdara de seus antecessores o mesmo zelo apostolico; não poderia jamais conformar-se a que estorvassem e desfizessem a propaganda civilisadora aquelles que tinham por dever auxilial-a. Ergueu a voz em S. Luiz do Maranhão, e dirigiu um appello vibrante, em nome de Deus: «Sabeis, christãos, sabeis, nobreza e povo do Maranhão, qual é o jejum que quer Deus de vós esta quaresma? Que solteis as ataduras da injustiça, e que deixeis ir livres os que tendes captivos e opprimidos. Estes são os peccados do Maranhão, estes são os que Deus me manda que vos annuncie. Direis que os vossos chamados escravos são os vossos pés e mãos; e tambem podereis dizer que os amais muito, porque os criastes como filhos, e porque vos criam os vossos. Assim é, mas já Christo respondeu: se a tua mão ou teu pé te for motivo de escandalo, corta-o fora. Não quer dizer Christo que cortemos os pés e as mãos, mas quer dizer que se nos servir de escandalo aquillo que havemos mister como os pés e as mãos, que o lancemos de nós, ainda que nos dôa, como se o cortaramos. Quem ha que não ame muito o seu braço e a sua mão? Mas se nella lhe saltaram herpes, permitte que lh'a cortem por conservar a vida. O mercador ou passageiro que vem da India ou do Japão, muito estima as drogas que tanto lhe custaram lá, mas se

(84)—Rebello da Silva, «Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII», 5º volume, pag. 180.

a vida perigar, vai tudo ao mar para que ella se salve. O mesmo digo em nosso caso. Se para segurar a consciencia e para salvar a alma, for necessario perder tudo e ficar como um Job, pereça-se tudo. Mas, bom animo, senhores meus, que não é necessario chegar a tanto, nem a muito menos. Venho a reduzir as coisas a estado, que entendo com muito pouca perda se podem segurar as consciencias de todos os moradores deste Estado, e com muito grandes interesses se podem melhorar suas consciencias para o futuro.» (85)

E proseguiu dominando tão poderosamente o auditorio, que nesse mesmo dia muitos dos ouvintes deram liberdade a todos os escravos que possuiam. (86)

Mas, desvanecida a impressão, acordou o egoismo offendido e a lucta recrudesceu. As antigas provisões regias e as novas que aos reclamos de Vieira (87) se expediram em reforço, foram violadas ou illudidas pelos encarregados de sua execução. Contra o Padre Vieira e os religiosos da Companhia surgiu a intriga de que monopolisavam o serviço dos indios, levando o seu producto aos mercados em tão baixo preço, que não podiam os colonos concorrer com elles e logo se arruinavam. E a penna de mais de um historiador acolheu e divulgou o aleive; mas, por esse irresistivel imperio que sempre exerce a verdade, com taes increpações, e a contrastar com ellas, vem preso o testemunho de que *o gentio só se prestava a lavrar as terras dos padres, e as tarefas ahi eram suaves, a alimentação sadia e abundante, sendo elles em grandissimo numero.* (88)

A um escriptor não repugnou repetir em fé dos

(85)—«Sermão» pregado no anno de 1653 no Maranhão.

(86)—André de Barros, pags. 78 e 79.—João F. Lisboa, pag. 450.

(87)—«Cartas» de 20 de Maio de 1653, 4 de Abril de 1654, 6 de Dezembro de 1655, 20 de Abril de 1657, a El-Rei; e de 1º de Setembro de 1658 á Rainha.

(88)—Rebello da Silva, «Hist. de Portugal», tomo 5.º, pags. 175 e 177.—V. de Porto-Seguro, «Hist. do Brazil», tomo 1º, pag. 313.

inimigos dos jesuitas, que estes não foram contrarios ao captiveiro dos africanos, porque não pretendiam o dominio d'Africa, nem lhes agradava esse clima; e, por conta propria advertiu que, vindo a recobrar a sua vitalidade d'outrora, tinha a Companhia que desaffrontar-se da accusação, passando a missionar nos sertões africanos. (89)

Injusto! Não mereciam a lição aquelles que o primeiro governador enviado a Angola teve a seu lado, e de quem poude attestar que pela propagação da fé não recuam nem ante o martyrio. (90)

Não attingiu tampouco o Padre Vieira, que no curso de suas viagens ao Brazil mais de uma vez evangelisara com fructo copioso as ilhas de Cabo-Verde e Açores. (91)

Os documentos da epoca, e os proprios historiadores contrarios aos jesuitas, o consignam todos: a razão de preferirem os colonos o captivo indio ao africano, era a de achal-o mais perto e sahir menos caro. (92)

Não podendo por si abolir a escravidão, o jesuita descarregava-lhe golpe destruidor, combatendo para

(89)—V. de Porto-Seguro, tomo 1º, pag. 319.

(90)—«Resolveram os jesuitas acceitar a nova missão, entrando em Angola com o primeiro governador Paulo Dias de Novaes. . . A palavra dos missionarios da Companhia operou em Loanda e seus arredores bastantes conversões, elevando-se alli a christandade em algum tempo a 20,000 almas. . . . . . Em 1560 sahiram de Goa os primeiros jesuitas destinados áquellas regiões (Africa Oriental), e, apostolos e martyres, deixaram assellado com o sangue do seu chefe, Gonçalo da Silveira, o testemunho glorioso da sua fé nos dominios do Monomotapa.

(Rebello da Silva, tomo 5º, pags. 166 e 170).

(91)—Em carta escripta ao confessor do Principe, em 25 de Dezembro de 1652, pede-lhe o Padre Vieira que «de lá queira ser apostolo desta antiga e nova conquista e aggregal-a á provincia (dos jesuitas) do Alemtejo»; e diz tambem:

«Ha aqui clerigos e conegos tão negros como azeviche, mas tão compostos, tão auctorizados, tão doutos, tão discretos e bem morigerados, que podem fazer invejas aos que lá vemos nas nossas cathedraes.»

(92)—João F. Lisboa, pag. 441.—Porto-Seguro, (pags. 312, 313, e 319).

que os exploradores do trafico só se fornecessem á custa de sacrificios que poucos arrostassem. (93)

Estimulasse este exemplo as classes dirigentes nas possessões africanas, servisse-lhes para defenderem tambem os naturaes, impedindo as correrias barbaras que se faziam contra elles para acudir á conservação do braço escravo: mais se adeantaria a obra da civilisação das colonias, e a suppressão do ignobil e deshumano mercado! Esse, porém, era o abominavel crime dos jesuitas: chamar para o convivio dos povos cultos o incola das regiões da Africa e America. (94)

Um eminente publicista contemporaneo disse-o sem rebuço: «A erronea philosophia da natureza, a illusão espiritualista que suppunha inherente, á falla e á forma humana, uma alma divina, essencialmente identica em todas as especies de homens, eis ahi a causa primaria das antigas doutrinas coloniaes dos jesuitas, e ainda hoje o motivo das opiniões sentimentaes dos philantropos biblicos. O platonico empenho de civilisar uma raça inferior vem dessa illusão antiga... O indio domesticado vem a valer menos, porque, sem ganhar nada em capacidade, perdeu na natureza esthetica da liberdade bravia e selvagem. Melhor lhe fôra morrer independente, do que prolongar uma existencia artificial que não póde impedir o curso das leis de uma natureza sem piedade». (95)

---

(93)—Entre as accusações que nesta parte faz ao Padre Vieira, diz Lisboa (pag. 441) que elle até suggeriu a idéa de que o governo á sua custa mandasse buscar escravos africanos; mas não considerou que o Padre com esse alvitre prevenia maiores abusos do trafico, mormente quando propunha essa medida por uma só vez e limitando a duzentos o numero dos escravos a remetter para todo o Maranhão.

(94)—Os colonos fazem todas as concessões aos jesuitas, comtanto que elles «não se intromettam em questões de liberdade de indios.» (V. de Porto-Seguro, pags. 700, 724, 768 e 936).—O que o Padre Vieira quer e reclama é que essas questões se resolvam de accordo com as leis e regulamentos expedidos pelo governo, ou sejam submettidos a uma «Junta das Missões» com séde na côrte, e nella tendo representação e voto os principaes interessados.

(95)—Oliveira Martins, «O Brazil e as colonias portuguezas», pags. 145 e 149.

A conclusão é—que os descobridores da America deveriam occupal-a, afugentando ou perseguindo os naturaes como féras bravias, quando não se reduzissem ao prestimo automatico e incondicional de bestas de carga! Outro conceito, orientação muito opposta foi a dos missionarios, e do acerto e coherencia com que nella se houveram, como da fidelidade que os indios lhe guardaram, dá testemunho ainda Oliveira Martins: «Em 1757 o poder temporal das missões foi supprimido: as aldeias dos indios transformam-se em villas de direito commum, separa-se o espiritual do temporal... O plano jesuita estava destruido... Se aos padres se retirava o poder...como haviam de elles converter o indio? As duas missões eram inseparaveis; e nisto os jesuitas demonstravam,—como em tudo,--um conhecimento da alma humana, nunca excedido, nem antes, nem depois. A prova é que as aldeias se despovoaram, que os indios regressaram á vida selvagem, fugiram de novo para o sertão, quando em 1768 os seus padres foram expulsos do Brazil.» (96)

Registremos esta insuspeita homenagem; venha embora o seu autor amesquinhal-a, articulando que se os colonos não vencessem, o Brazil seria como o Paraguay, «a obra prima da colonisação jesuita, miseravel canto do mundo, povoado por uma raça inferior, que só perde os instinctos de féra selvageria, para cahir num torpor de cretinismo idiota.» (97)

Contra esse conceito injuriosamente desdenhoso sobre as *Reducções,* protestava ha cinco annos um illustre viajante, Theodoro Child, escrevendo o seguinte, em seu livro— *As Republicas Hispano—americanas:* «O Paraguay tentou os jesuitas, que lá estabeleceram suas *Reducções*, ensaiando nellas um systema de communismo cujos resultados foram muito consideraveis no ponto de vista da felicidade collectiva. Os estabelecimentos dos jesuitas prosperaram durante dois seculos, depois foi a ordem expulsa em

---

(96)—Obra citada, pag. 77.
(97)—Pag. 76.

1765, e quando os architectos communistas abandonaram o bello monumento em que os indigenas guaranys haviam aprendido os elementos de uma civilisação quasi idyllica, o monumento cahiu em ruinas, e paiz e população declinaram rapidamente.» (98)

A voz imparcial do estrangeiro não convence? Fale a de um compatriota eminente, a quem o povo brazileiro, pela iniciativa de seus homens de lettras, acaba de erigir uma estatua, saudando-a *como a brilhante e gloriosa imagem do espirito americano.* (99)

«Se a posição geographica excepcional do Paraguay o entregou inerme ao despotismo de um Francia e de dois Lopez, diz José de Alencar, os jesuitas não tem culpa dessa degeneração de sua obra; elles foram expulsos, o seu poder foi abatido muito antes. Quaesquer que sejam os erros commettidos por elles, especialmente no Paraguay, é preciso não esquecer que esse paiz é talvez, pelo menos na America do Sul, a unica nacionalidade em grande parte formada pela primitiva raça dos habitadores deste solo. A quem se deve isto? Aos jesuitas que lá puderam salvar da barbarie dos aventureiros aquelles restos de uma raça, que foi destruida em todo o vasto continente americano.. Não é um serviço relevante prestado a humanidade? Os jesuitas em todo o Brazil pugnaram sempre pela liberdade da raça indigena, luctaram tenazmente contra a avareza dos colonos que queriam escravisal-a. A democracia é um pouco ingrata para com a Companhia de Jesus, que, apoderando-se de uma das cidadellas que dominam o espirito publico, da escola, e instruindo as massas, foi quem preparou o grande movimento do seculo actual.» (100)

Esse é o testemunho soberano da historia, é o depoimento desinteressado e leal da verdade; o outro é ainda o echo das paixões desenfreadas dos colonos

---

(98)—Obra citada, pag. 385.

(99)—Discurso pronunciado por Coelho Netto, na cerimonia da inauguração da estatua de José de Alencar, a 1.º de Maio do corrente anno.

(100)—Discurso proferido no Parlamento Brazileiro, em sessão de 28 de Maio de 1873.

que, insurgindo-se contra a pregação e os actos do Padre Vieira a favor dos indios, cobriam-no de calumnias e ultrages, e prendendo-o como a um vil malfeitor, baniam-no do Maranhão.

Mas a memoria do preclaro jesuita vai á posteridade por entre benções e applausos, emquanto o nome de seus aggressores, os mais declarados adversarios da Companhia não ousam relembral-o, e a patria só não os esquece, porque pelo crime delles já não poderá exclamar como a França pela voz de um dos seus Immortaes: «Se, pensando em tudo que temos possuido e em tudo quanto perdemos, não nos é possivel ler sem magua e saudade a chronica de nossas colonias, poderemos ao menos lel-a sem remorsos. Nenhum dos nossos reis fez gemer a alma de um Las-Casas; nenhum dos nossos costumes suscitou insaciaveis desejos de vingança no coração de um Montbars; nenhum dos nossos governadores com a furia da rapacidade inflammou a eloquencia indignada de um Burke e um Sheridan.» (101)

Não poderá dizer tanto a nação luzitana, mas póde replicar desaffrontada que sahiu de seu seio o Las-Casas que representou destemido contra a deshumanidade e a fereza, e foi um grito de filho o que pediu balsamo á chaga, fazendo echoar sob as abobadas sagradas, ante a Rainha Regente, os gemidos da raça opprimida e a queixa energica e vibrante de seus defensores aggravados. «Não se envergonhe já a barra de Argel,—pregava o Padre Vieira deante da côrte em dia da Epiphania,—não se envergonhe a barra de Argel de que entrem por ella os sacerdotes de Christo captivos e presos; pois o mesmo se viu em nossos dias na barra de Lisboa. Gloriava-se o Tejo, quando nas suas ribeiras se fabricavam e pelas correntes sahiam as armadas conquistadoras do Imperio de Christo; hoje envergonhado de tão affrontosa mudança devera tornar atraz e ir-se esconder nas grutas de seu nascimento. Não fôra grande injustiça, não fôra grande mpiedade trazer os Magos a Christo e depois entre-

(101)—Xavier Marmier, «En divers pays», pag. 293.

gal-os a Herodes? Pois são estas as culpas daquelles pregadores de Christo; e esta é a causa porque se vêem tão perseguidos. Querem que tragam os gentios á fé e os entreguem á cubiça; querem que tragam as ovelhas ao rebanho e as entreguem ao cutello; querem que tragam os Magos a Christo e os entreguem a Herodes. E porque encontramos esta semrazão, somos os desarrazoados; porque resistimos a esta injustiça, somos os injustos; porque contradizemos a esta impiedade, somos os impios.—Mas como o fundamento e base do reino de Portugal é a propagação da fé e conversão das almas dos gentios, não só perderão infallivelmente as suas todos aquelles sobre que carrega esta obrigação, se descuidarem della; mas o mesmo reino, tirada e perdida a base sobre que foi fundado, fará naquella conquista a ruina que em tantas outras tem experimentado.» (102)

Eis como o illustre jesuita Padre Antonio Vieira entendia a missão e os deveres dos descobridores do Brazil, e advogava a causa da liberdade dos indios, praticando christãmente o cosmopolitismo, e ensinando que a *terra estrangeira* póde tambem ser amada *como uma patria!*

Patrono dos pequenos e dos fracos, defensor dos condemnados e perseguidos, o Padre Vieira o foi até em frente a uma instituição poderosa e temida, que se armara a um tempo com os anathemas da Egreja e com as justiças do Estado, e, não podendo ser destituida por um sem o outro, serviu frequentemente ao mais forte, exorbitou de seus fins, rasgando por mãos ungidas, e algures contra innocentes, o canon ecclesiastico que sagra a inviolabilidade da vida! Vieira falou e agiu em soccorro dos judeus e christãos novos, pugnando esforçado pela reforma dos estylos injustos e odiosos da inquisição portugueza, para que adoptasse os que regiam a de Roma, onde não havia distincções entre os christãos e viviam livremente os judeus. (103)

(102)—«Sermão» pregado na Capella real no anno de 1662.
(103)—Razões e Propostas que o Padre Vieira apresentou em favor dos christãos novos e judeus (Lisboa, pags. 56 e 63).

Frustrado embora tão nobre empenho, a sua magnitude moral, a sua correcção christã avulta deante dos seculos o merito de Vieira, e glorifica a resignação e serenidade com que um dia, após longa estada em um carcere e as humilhações de um processo que o inquinava de judaizante e blasphemo, com os olhos cravados no grande Crucifixo pendente da parede, ouviu impassivel a sentença de sua condemnação lavrada por esse pavoroso tribunal, onde os jesuitas não compareceram nunca senão como victimas, e o mais encarniçado inimigo da Companhia, o famoso ministro de D. José I, quiz o odiento papel de guarda e executor!

Emprezas assim arriscadas e luctas renhidissimas parece deveriam consumir-lhe todo esse minuto mortal que se chama—a vida—; mas a sua actividade assombrosa achava ainda monções de repartir-se por varios outros cuidados do bem publico, revelando até nos lazeres a sua intuição genial. Dest'arte vemol-o hoje empenhado em attrahir capitaes para supprir as necessidades e mobilisar as riquezas das futurosas colonias, propondo e conseguindo a creação da Companhia de Commercio, num plano que mais tarde Colbert adoptaria para a França, e com resultados tão promptos que, no dizer de Warnhagen, foi essa instituição valiosissimo elemento para se restaurar Pernambuco. (104)

Logo após, desce attento ás conveniencias da producção agricola, explorando a liberdade do solo brazileiro, e annunciando minas verdadeiras á flôr da terra com a transplantação das arvores asiaticas de mais alto preço; tão deveras interessado nessa adaptação de especies estimadas e exoticas, que lhe dava prazer olhal-as a se enraizarem e crescerem, e já nos fins da vida, escrevendo a um ex-governador da Bahia, ainda o informava de que na quinta dos Padres a canella que elle deixara só em tronco era já uma arvore desafogada e a pimenta subia pelas esta-

(104)—«Hist. do Brazil», 2º tomo, pag. 665.

cas, mas retardando os signaes promissores de fructo. (105)

Aqui, elle ponderava a desvantagem e os riscos das caravellas, presa facil de qualquer inimigo, que mal sabiam fugir, e insistia em que se traçasse outra bitola para a construcção dos navios; fazendo-o tão acertadamente que, diz um historiador portuguez (106), a marinha mercante poude com isso transformar-se de improviso em poderosa marinha de guerra e bater o hollandez. Além, vindo em auxilio do governo exhausto de recursos para soccorrer a Bahia, levantava um emprestimo de trezentos mil cruzados sem outro abono mais do que o de sua roupeta remendada (107); como um seculo antes fizera o mais celebre dos vice-reis da India, D. João de Castro, empenhando as proprias barbas, para reedificar a fortaleza de Diu. (108)

Um dia em 1668, secundava as solicitações do Procurador do Brazil perante ás côrtes reunidas, e o rei deferia que nos cargos do estado que ahi vagassem os filhos da terra fossem preferidos. Outra vez, dirigia-se ao duque de Cadaval, ao ex-governador Costa Barreto e outras personagens, pedindo-lhes remediar a extrema escassez de numerario que difficultava as minimas transacções nas colonias, e o governo da metropole providenciava, mandando montar casa de moeda para cunhagem de dinheiro provincial na Bahia (1694).

A cada ensejo, lavrando pareceres sobre questões em que era consultado, ou explanando na cadeira evangelica as verdades moraes e religiosas, o Padre Vieira traçava sabias normas de governo, vulgarisava os mais sãos principios que podem formar alicerce ás instituições de um povo culto, e defendia as medidas, ainda morosas e vexatorias, que fossem reclamadas

(105)—«Cartas de 28 de Janeiro de 1675 a Duarte de Macedo e de 23 de Junho de 1683 a Roque da Costa Barretto.

(106)—Pinheiro Chagas, «Obra citada», pag. 126.

(107)—Carta ao Conde da Ericeira.

(108)—«Diccionario Popular», dirigido por Pinheiro Chagas vol. 4o, pag. 191.

por justos motivos de ordem publica. Deste modo, na vespera da reunião das côrtes em 1642, pregando em honra a Santo Antonio, figura o santo comparecendo á asssembléa para tratar da salvação commum, e propondo a votação dos impostos, com doutrinas e preceitos que, segundo observa J. F. Lisboa (109), revelavam já a luminosa intuição dos principios da sciencia economica e politica que hoje tem mais voga.

Numa dominga da quaresma, na capella real, lembrando o que era de costume pregar-se *quando as côrtes eram mais christãs ou os pregadores menos de côrte*, procede a um exame de consciencias, e entrando no assumpto, demonstra ao auditorio os inconvenientes, os riscos e os males da accumulação de cargos. «Quem sou eu? Isto se deve perguntar a si um ministro ou seja secular, ou seja ecclesiastico. Eu sou um desembargador do paço; sou um procurador da corôa; sou um regedor da justiça; sou um conselheiro de guerra; sou um presidente da camara; sou um secretario de estado; sou um deputado; sou um governador; sou um bispo, etc. Bem está, já temos o officio;...mas tendes um só desses officios ou tendes muitos? Ha sujeitos na nossa côrte que teem logar em tres ou quatro tribunaes; que teem seis, que teem oito, que teem dez officios. Este ministro universal, não pergunto como vive nem quando vive; não pergunto como acode a suas obrigações nem quando acode a ellas. Só pergunto como se confessa?—Quando Deus deu fórma ao governo do mundo, poz no céo o sol e a lua, e deu a cada um delles uma presidencia: ao sol a presidencia do dia e á lua a presidencia da noite. E porque fez Deus esta repartição? Porventura porque sé não queixasse a lua e as estrellas? Não, porque com o sol ninguem tinha competencia nem podia ter justa queixa. Pois, se o sol tão conhecidamente excedia a tudo quanto havia no céo, porque não proveu Deus nelle ambas as presidencias? Porque ninguem pode fazer bem dois officios, ainda que seja o mesmo sol. O mesmo sol, quando allumia um he-

(109)—Pag. 42.

mispherio, deixa o outro as escuras. E que haja de haver homem com dez hemispherios! E que cuide e se cuide que em todos pode alluminar! Não vos admiro a capacidade do talento, a da consciencia, sim.» (110)

Pregando nesta cidade, na capella da Misericordia em dia da Visitação, a 2 de Julho de 1640, presente o vice-rei, desenrolou o sudario das miserias e abandono que iam pelo Estado, atacando a centralisação, como não o fizera mais afoitamente quem pugnasse pelo regimen federativo e, como que, em raptos de vidente, presentiu e saudou o dia duplamente glorioso de nossa emancipação politica: «Muito deu Pernambuco; muito deu e dá hoje a Bahia, e nada se logra; porque o que se tira do Brazil, o Brazil o dá, leva-o Portugal. Com terem tão pouco do ceo os que isto fazem, temol-os retratados nas nuvens. Apparece uma nuvem no meio daquella bahia; lança uma manga ao mar; vae sorvendo por occulto segredo da natureza grande quantidade de agua; e depois que está bem cheia, dá-lhe o vento e vae chover daqui a 30, daqui a 50 leguas. Pois, nuvem ingrata, nuvem injusta, se na Bahia tomaste essa agua, se na Bahia te encheste porque não choves tambem na Bahia? Se a tiraste de nós, porque a não despendes comnosco? Se a roubaste aos nossos mares, porque não a restitues a nossos campos? Taes como isto são muitas vezes os ministros que veem ao Brazil.

«Partem de Portugal estas nuvens, passam as calmas da linha; e em chegando, (*verbi gratia,* a esta Bahia,) não fazem mais que adquirir, ajuntar, encher-se (por meios occultos, mas sabidos) e no cabo de tres ou quatro annos em vez de fertilisarem a nossa terra com a agua que era nossa, abrem as azas ao vento e vão chover a Lisboa, esperdiçar a Madrid. E o mal mais para sentir de todos é, que a agua que por lá chovem e esperdiçam as nuvens não é tirada da abundancia do mar, como noutro tempo, se não das lagrimas do miseravel e dos suores do pobre, que *não sei*

(110)—«Sermão» pregado na Capella Real em 1655.

como atura tanto a constancia e fidelidade destes vassallos. Muitos trances destes tens padecido, desgraçado Brazil, muitos te desfizeram para se fazerem, muitos edificaram palacios com os pedaços de tuas ruinas, muitos comem o seu pão ou o pão não seu, com o suor do teu rosto: elles ricos, tu pobre; elles por ti vivendo em prosperidades, tu por elles a risco de expirar. Mas agora alegra-te, anima-te, torna em ti, e dá graças... tudo o que der a Bahia para a Bahia ha de ser, tudo o que se tirar do Brazil, com o Brazil se hade gastar.»

Quando o evangelho diurno lhe deparou o texto—*si vis potes,*—o eminente orador desdobrou-o em considerações as mais dignas de se produzirem num gremio de legisladores, evidenciando, contra a vangloria do lemma que o genio de Napoleão o Grande não logrou fazer triumphar, a sensatez e o acerto da politica moderada e ordeira que saiba descortinar e não deixe perder a boa opportunidade:—«O querer e o poder,—disse elle,—se divididos são nada, juntos e unidos são tudo.—O querer sem o poder é fraco; o poder sem o querer é ocioso; e deste modo divididos são nada. O querer com o poder é efficaz, o poder com o querer é activo, e deste modo juntos e unidos são tudo.—Começando pelos maiores corpos politicos, que são os reinos, qual é a causa de tantos se terem perdido, de que apenas se conserva a memoria; e outros se verem tão arruinados e enfraquecidos, senão o appetite desordenado e cego de quererem os reis mais do que podem? Daqui se seguem as guerras e a ambição de novas e temerarias empresas, como as de Membroth; daqui as fabricas de edificios magnificos e insanos, como Babel; daqui a prodigalidade de excessivas mercês, amontoando em um o que se tira a todos; daqui as festas e jogos publicos mais que extraordinarios, sem outro fim que a falsa ostentação e vaidade do que não ha, nem é. E quando as despesas de tudo isto deveram sahir do que sobejasse nos thesouros reaes; que será onde se vêem tiradas e espremidas todas do sangue, do suor, e das lagrimas dos vassallos, carregados e consumidos com tributos sobre tributos, chorando os naturaes para que se ale-

grem os estranhos, e antecipando-se as exequias á patria, por onde se lhe devera procurar a saude?— Vejo que me estão dizendo os prezados de grande coração, que este discurso quebra os espiritos e acovarda os animos, para que não emprehendam e façam o que é grande. Emprehendei e fazei coisas grandes, mas dentro da esphera e proporção do vosso poder porque fóra della não fareis nada.»

Ahi está, em conceitos simples e claros, a mais criteriosa e justa sentença contra os povos pelas revoluções em que o impeto de demolir não se acompanhou, em grau egual, do zelo e capacidade de fundar; e não menos contra os governos pelas leis e reformas, cuja largueza e superioridade de intuitos se frustraram com a escassez ou incuria dos meios de execução. E' a lição de todos os tempos, é a experiencia de todos os paizes; foi o erro da França que um publicista eminente assignalava quando, com a lei do suffragio universal, o nivel moral da representação politica desceu pela proponderancia do eleitorado incapaz. Lembra o conto de Goethe, a que Maxime du Camp referiu-se (111): 'o aprendiz de magia, senhor da palavra mysteriosa que ia buscar a agua ao rio, profere-a na ausencia do mestre, e a agua corre, a cisterna enche e transborda, inunda-se a casa; cheio de terror, mas não sabendo a palavra de contra-ordem que pode conter os espiritos e represar a torrente, o temerario aprendiz morre afogado. A lição da allegoria é a do eloquente e sentencioso discurso proferido ha mais de dois seculos pelo Padre Vieira na Sé de Lisboa.

* * *

Eis, Senhores, em pallido esboço, a personalidade civica daquelle que um eminente escriptor brazileiro (Conselheiro Pereira da Silva) reputou «o mais fiel representante do seu tempo, da nacionalidade, da lingua, da litteratura e até da politica de Portugal»

(111)—Discurso proferido na Academia Franceza a 28 de Março de 1882.

(112), e que o foi, additaremos nós, com orientação tão superior e iniciativa tão adeantada a seu seculo, que poderiamos chamal-o um contemporaneo do futuro e um precursor dos mais benemeritos estadistas e reformadores modernos. A sua politica foi a politica da paz e do trabalho em côrtes agitadas pelos ruidos da guerra e pela corrente das conquistas; foi a politica da persuasão e da liberdade de consciencia em epocas invadidas pelo terror e pela intolerancia; foi a politica da emancipação e da igualdade civil, quando imperavam os preconceitos de raça e o erro da imprescindibilidade do escravo. Diplomata correcto e admirado, elle soube-o ser; já calçando os *cothurnos de chumbo* medidos pela arte para demorar-lhes os passos (113), já revestindo a envergadura da aguia para os surtos arrojados quando o ganho se prendia á occasião, e sempre fazendo capitular ou fugir o contendor na liça das negociações.

Deante desse vulto colossal, os criticos e historiadores, como que assombrados de tanta grandeza, soffreram por vezes a tentação de representar com elle o papel que no cortejo dos antigos triumphadores coube ao escravo que lhes recordava a sua condição de mortaes. Nessa ingloria tarefa extranharam como sentimentos habituaes o que não foi mais do que desfallecimento passageiro, fizeram feição dominante do caracter o que seria apenas a falha da natureza, e, ao envez de imitarem a nobreza do velho julgador que não se offendia das leves maculas, crivaram de tão graves senões o merito de Vieira, que descel-o-iam á esteira

(112)—Nacionalidade, lingua e litteratura de Portugal e Brazil, pag. 312.

(113)—«Des talents donc; mais une chaussure de plomb plutôt que des ailes. D'abord, pour prévoir les consequences d'un engagement ou d'un traité; et ensuite pour éviter les déffèrends et les pièges...... Mais entendons nous bien touchant la chausure de plomb. Elle ne consiste pas á faire le minutieux qui fatigue, ni l'indecis qui ne conclut jamais, ni le paresseux qui perd les occasions. Elle a été mieux comprise par le poète, lorsqu'il a dit: «Guarda quel che tu di..... E va piu lesto, e col calzar del plombo».

Audisio, «Diplomatie Ecclesiastique», Introduction.

das glorias as mais contestaveis, das virtudes mais suspeitas; se no descomedimento do critico não se desvendasse a infidelidade e o erro do historiador; se ao golpe violento que cavava a ruga ou imprimia a nodoa á effigie admiravel, não succedesse logo, como a um impulso irresistivel, o toque do pincel a reviver o traço desfigurado.

A todos esses é applicavel a resposta do insigne sacerdote a seu contemporaneo, autor do *Portugal Restaurado*: seus livros *louvam-no com descreditos ou desacreditam-no com louvores*. (114)

Louva-o com descreditos e desacredita-o com louvores o visconde de Porto Seguro, taxando-o de ambicioso, indiscreto e immodesto; negando-lhe o merito da creação da Companhia de Commercio, porque o respectivo decreto não traz a sua assignatura (115), e não duvidando responsabilisal-o pelas propostas da cessão de Pernambuco á Hollanda, quando nem estas nem o chamado *Papel Forte* são por elle firmados; e qualificando-o de politico sem tino pratico, espirito visionario, nas proprias paginas da historia em que memora ter o Padre Vieira «*recommendado o Brazil á Europa* com o seu genio desenvolvido nos embates da guerra e a sua embaixada officiosa na Hollanda». (116)

Refuta-se por si proprio João Francisco Lisboa, emprestando ao illustre jesuita «uma ambição precoce, uma vaidade jactanciosa que reivindicava glorias e perigos, requintes de dissimulação indignos de homem tão eminente» (117); e, todavia, apurando elle mesmo dos factos que o seu biographado «se escusa de acceitar honrarias e titulos por não assentarem em seu habito, mostra um desinteresse tão completo em materia de riquezas que até os

(114)—«Carta» de 18 de Agosto de 1668, ao Conde da Ericeira.

(115)—Na primeira edição da sua «Historia Geral do Brazil», tomo 2º, secção XXXIII. Reeditando esse livro, o auctor supprimiu os topicos que formulavam essa contestação; mas não disse uma palavra em reparação da injustiça commettida.

(116)—«Obra citada», pags. 655, 726 e 680.

(117)—«Vida do Padre Antonio Vieira, pags. 11, 414, 223 e 150.

proventos licitos engeitava», e tão pouco se captiva a respeitos humanos que ao proprio escriptor que o julga neste seculo parece *imprudente e ousado* na sua resistencia aos colonos do Brazil e na attitude sobranceira em que ouviu os interrogatorios e a sentença da inquisição! (118)

(118)—«Obra citada», pags. 154, 191, 445, 267, 466 e 470. O illustre escriptor brazileiro, sob o influxo de certa prevenção injusta accusou frequentemente a Vieira, sem razão. Na questão do captiveiro dos indios, por exemplo, (pag. 431) diz que o Padre «fez concessões em materia que não as admittia, pois o principio da liberdade é absoluto»; mas, poucas paginas adeante (pag. 439), nota elle que «os espiritos absolutos se encontram a largos seculos de distancia» e irmana com o missionario do Maranhão o Deputado á Constituinte Franceza em 1790 que declarava preferir a ruina de todas as colonias ao sacrificio de um só principio!—Diz tambem (pag. 340) que em todo o curso da vida de Vieira sempre o achou mais portuguez que jesuita, mais amigo da patria que da sua ordem»; e depois (á pag. 431) vem denunciar que foi o jesuita «quem planeou seriamente a introducção da escravatura africana, para que podesse a companhia mais desimpedida de estorvos, exercitar uma jurisdicção exclusiva sobre os indios».—Commenta maliciosamente a sahida «sem caridade» (pag. 343) com que o Padre um dia respondeu «cozessem» então os ministros o negocio que haviam desprezado por «crú» quando elle o propuzera; e rebaixa-o a cortezão incorrigivel (pag. 317), porque «vergado ao pezo da regia desgraça, pregou nas exequias da Rainha, para não ficar muda a solemnidade do dia».—Verberou a linguagem e a conducta de Vieira (pag. 127) attribuindo-lhe haver dito que «ainda quando o Brazil se désse de graça, era muito para duvidar se convinha acceital-o, ficando com elle Portugal, alem da guerra de Castella, o encargo da de Hollanda». Entretanto, o que o Padre escreveu em carta ao Marquez de Niza, em 11 de Março de 1646, foi que «era materia muito digna de ponderação acceital-o com os encargos da guerra com Hollanda, em tempo que tão embaraçados os tinha a de Castella»; e tanto isso importava quanto dizer que dal-o em taes condições era expol-o a ser perdido logo depois.—Responsabilisa a Vieira como propagandista de doutrinas extranhas e de moralidade equivoca (pag. 73), porque prégou que «a bondade das obras está nos fins, e não nos instrumentos; as obras de Deus todas são boas; os instrumentos de que se serve, estes, sim, podem ser bons e maus». Lêra menos attentamente e não ponderara esse trecho e o contexto que o explica. Vieira accrescentava que «bons e maus todos podem servir a Deus: os bons servem a Deus, os maus serve-se Deus delles». («Sermão de S. Roque» prégado na Ca-

Louva-o com descreditos e desacredita-o com louvores, refuta-se por si proprio Theophilo Braga, desconhecendo espirito apostolico no Padre An-

---

pella Real em 1641). Não ha em taes conceitos nenhuma insinuação de que os fins por si sós justifiquem os meios.

Tratava-se da creação da companhia do commercio, e o Padre demonstrava não haver inconvenientes, senão vantagens, em que nella fossem admittidos os chamados christãos novos e os judeus. O dinheiro não é uma coisa má de si, mas indifferente, de tal modo que o seu uso é que pode fazer bem ou mal. A interpretação que á citada phrase deu Lisboa e a censura que faz levam à conclusão de que nas boas obras não se deve acceitar jamais o concurso, ainda material, dos reputados maus ou siquer suspeitos.—O primoroso escriptor condemna o jesuita pórque este disse ter extranhado a Sousa Coutinho a sua larga promessa aos hollandezes, e mais porque veiu dizel-o, quando o outro, ja havia trinta annos sepultado, não lh'o poderia rebater (pag. 128); mas o que é que faz J. F. Lisboa em tres quartas partes de seu livro, senão processar apaixonadamente a Vieira, de quem já nem as cinzas, por desapparecidas, lhe podem responder? A verdade, quando offendida, tem sempre o seu reivindicador, que é as vezes ainda mais pequeno do que o era David ante o gigante. Lisboa foi injusto, excessivamente e inexplicavelmente injusto com o Padre Vieira, não só interpretando mal tantas vezes o que o digno religioso intentou e fez, mas até imputando-lhe o que elle não fez.

Discorrendo sobre as medidas tomadas pela Rainha Regente para a entrega do governo a D. Affonso VI (pag. 223), affirma que «o papel monitorio» contendo exprobrações severissimas, lido perante a côrte, havia-o redigido o Padre Vieira, e não só o redigiu, mas o assignou, e como para chamar a si toda a gloria e perigo da empreza, inserira estas palavras entre as que havia de ler o secretario d'Estado: «Senhor, isto que tenho referido, o mais breve que pude, não é meu, nem em substancia, nem ainda em palavras!—Eis, entretanto, em resumo, como narra as occurencias o Conde da Ericeira, coevo do illustre jesuita, e insuspeito em semelhante defeza: Reuniu a Rainha em Conselho os ministros e alguns nobres e ecclesiasticos, entre os quaes o Padre Vieira, e consultou-os sobre os meios de arrancar o Principe á influencia da gente indigna de que elle se acompanhava e estimulal-o a corrigir-se de sua conducta escandalosa. Foram de parecer que se prendesse e banisse Conti e outros dissolutos e perniciosos companheiros do Principe, e a este o Secretario d'Estado lesse em publico as razões de tal procedimento. O livro de Ericeira reproduz na integra o alludido «papel monitorio», que não é mais do que uma exposição respeitosa das justas queixas que subiam á presença da Rainha, e em nome desta e do povo um appello aos mais

tonio Vieira porque trajou a secular na Hollanda (119): mas registrando que «a sua vida de acção consumiu-se em lutas de côrte e fadigas de catechese; condemnando de impatriotica e sem escrupulos

---

nobres sentimentos que podem alentar o coração de um rei; e conclue deste modo:

«Senhor, isto que tenho referido o mais brevemente que pude, não é meu na substancia, nem ainda nas palavras: é, como tenho dito, dos Ministros e dos vassallos, a que o zelo, a consciencia, a honra e o desejo da saude publica obrigou a representar á Rainha, e são tudo cousas tão conformes á razão e á justiça, de que V. Magestade é tão zeloso, que esperamos muito confiadamente do juizo de V. Magestade, da sua clemencia e da inclinação, que todos conhecemos em V. Magestade para o melhor, do muito que aborrece a lisonja, e estima a liberdade e inteireza dos Ministros que não só approve o que com tão boas considerações está disposto, mas que conheça a igualdade e o socego do seu Real animo, a boa tenção e o cordeal affecto, com que o aconselhou, e obrou o Reino por meio de tão grandes vassallos: assim o pedimos prostrados humilissimamente deante do Real acatamento de V. Magestade.» (Ericeira, tomo 2.º pags. 471 a 477.)

Portanto, em reparação á verdade, seja expungida do livro de J. F. Lisboa a pagina 223, em que elle tão provadamente faltou ao mais comezinho respeito e justiça para com um morto illustre por muitos titulos. O livro do insigne maranhense tem o valor do testemunho prestado por um admirador que é ao mesmo tempo um inimigo. A sua suspeição está confessada na pag. 199, onde se lê: «A escacez dos documentos, nestas discussões intestinas, é cousa quasi infallivel, quando se trata de jesuitas, que sendo tão avezados a destruir, dissimular, adulterar, e mesmo a inventar documentos, não se descuidariam de seu mister em dissensões de cuja publicidade podesse resultar desar ou da corporação, ou d'algum dos seus membros.» A derradeira pagina dessa biographia do Padre Vieira é por assim dizer, a excusa, senão a retractação do auctor. Diz assim: «Para que esse homem extraordinario possa ficar mais bem conhecido, o seu caracter e talentos se hão de apreciar pelo todo das suas acções e escriptos, condensado em um painel mais resumido e coherente do que o soffrem as contrariedades de uma vida tão longa e tão agitada. Esse quadro vamos nós agora esboçar, ja substanciando o que deixamos escripto, ja accrescentando.»

A obra aqui promettida não se executou, como o declaram os editores da que foi estampada.

(119)—O Padre Vieira vinha ao encontro deste reparo quando, em sua carta de 12 de Janeiro de 1648 ao Marquez de Niza, dizia-lhe que «mais se lembrava do habito que professava que desse que então vestia».

a sua diplomacia, quando consigna que sabe-se pouco sobre o objectivo de suas missões (120); e denunciando que a politica do eximio religioso foi a da *Monita*, para fechar o despiedado libello com este honrosissimo pregão: «Plinio escrevendo a Tacito dizia-lhe: «Felizes os que sabem praticar coisas dignas de serem escriptas, ou escrever coisas dignas de serem lidas». Tal é a caracteristica do grande homem. Vieira possuiu esta dupla capacidade». (121)

Quem desconhecerá a um povo o direito de honrar aquelle que escreveu coisas dignas de serem lidas, e se distinguiu por feitos dignos de serem escriptos? Justificada está, pois, a celebração deste centenario, e justificada por aquelle que não a reputou merecedora da sympathia social, e presumiu amesquinhal-a, chamando-a *festa da Companhia*. E' outro o vosso julgamento: rendeis justa homenagem a um varão que não disputou posições nem recusou serviços e, devotado igualmente á religião e a patria, elevou-as o mais alto que é dado á acção prodigiosa de um genio, e mereceu de uma e outra um reconhecimento illimitado e perenne. «O ideal que deve ter o cidadão, dizia em recinto nobre como éste e em solemnidadade analoga o ministro da instrucção e dos cultos em França, Bourgeois,—o ideal que deve ter um cidadão é um ideal de actividade generosa e fecunda. O homem deve desenvolver em si todas as forças de sua intelligencia e da sua vontade, viver da actividade a mais intensa, e, de accordo com a lei de todos os seres, esforçar-se por augmentar a quantidade de vida que lhe coube em legado. Mas este accrescimo de energia é para os menos favorecidos que o adquirimos, é por elles que devemos despendel-o; e a porção de nós mesmos que assim damos aos outros, aos que nos amam, a nossa

(120)—Ainda isso é um testemunho honroso que rende ao Padre Vieira, comprovando a sua discrição como diplomata.

(121)—Plutarcho Portuguez (pag. 48), «Esboço biographico do Padre Antonio Vieira», por Theophilo Braga.—E', com ligeiras alterações e omissões, uma reproducção desse estudo a «carta» que o mesmo escriptor endereçou ao «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro, e foi ahi publicada nos dias 8 e 15 de Março do corrente anno.

familia, á nossa cidade, á nossa patria, á sociedade inteira, essa é que é o padrão de nosso merito, e, quando a morte nos colhe em suas azas, é o peso valioso que deixamos nas conchas da balança. Os conquistadores enchem o mundo com o estrepito de suas armas; seus nomes duram algum tempo na memoria dos homens, objecto de admiração e de terror; vem depois o olvido. Ha immortalidade mais certa e mais elevada: é a dos que são bons e são uteis». (122)

Essa é a do Padre Antonio Vieira, que a simples recordação de seu nome attestaria, se a vossa festa não a proclamasse de um modo tão solemne. Homens de lettras, vós recolhestes o espolio preciosissimo do genio, inventariado tambem por um sabio, reunindo cabedaes os mais variados e thesouros inestimaveis, desde a chave leve e subtil para abrir ás luzes da instrucção o cerebro mal conformado e inculto do indio, até as peças massiças e primorosas de finissimo lavor que desafia a admiração dos mais peritos mestres da arte. Homens de crenças, conduzidos por um guia esclarecido, seguistes o luminoso trajecto do eloquente e zeloso propagador do Evangelho, brandindo o facho da fé e semeando as messes do bem desde os paços reaes até a choça miseravel do bravio aborigene. Homens de acção, vistes agora em tela pobre e vulgar, traçado com respeito e amor, mas sem as côres brilhantes com que a oratoria os realça, o quadro dos feitos illustres, a resenha dos commettimentos heroicos, das pugnas valorosas, e das campanhas longas e arriscadas que o batalhador da liberdade, da paz e do progresso arrostou, leal e desinteressado, ao serviço da patria.

A nobre instituição que promoveu estas commemorações elevou-se ainda mais, e, galgando, á voz de seu digno chefe, a mais alta culminancia, abrangeu o largo horisonte, reviu em seu conjuncto a obra triplice, a utilidade multipla, a virtude integral do varão eminente. Como a alma de um povo não é só o numero e a labutação dos habitantes que se albergam no

(122)—Discurso pronunciado na Sorbonna em Agosto de 1891.

torrão natal; é tambem a tradição dos que nelle viveram; a lição e o exemplo daquelles que desbravaram o campo e construiram o solar, é a estreita união dos vivos com os mortos, estabelecendo a continuidade da idéa de patria; o Instituto Geographico e Historico resolveu a glorificação publica do eminente operario da evangelisação e do progresso da terra brazileira, daquelle que seu brilhante orador, num arroubo de inspiração e a traços de artista primoroso, desenhou a a gyrar no ceo patrio. admirado e magestoso até sumir-se, como no firmamento o sol nos dias de seu mais doirado arrebol e occaso mais iriado e esplendente. A esse fim convocou os representantes de todas as classes e aqui os tem reunido; não poderia, pois, não quer excluir os dignos irmãos do insigne commemorado. Seria uma injuria á memoria daquelle que declinou todas as honras e grandezas por não romper o vinculo de sua profissão. Seria grave injustiça contra os esforçados continuadores da missão do Padre Vieira e do seu zelo pelo engrandecimento deste paiz, onde o braço de ferro que os dispersou não poude aniquilar os padrões immorredouros de sua actividade operosa. Assim creio ser fiel intrepete dos vossos cavalheirosos sentimentos, affirmando que mesmo aqui onde o jesuita Vieira não vê presente o irmão, a commemoração de seu bi-centenario é tambem, pelo mais legitimo dos titulos, uma festa da egregia Companhia; e me calasse eu embora, o diriam todas as preciosas reliquias que vós aqui reunistes para reviver a sua lembrança; clamal-o-ia cada pedra deste edificio que foi a sua habitação, resurgiria o passado para proclamal-o. Representado por toda esta luzida galeria de varões illustres, eu o vejo como que reanimar-se, e, formando selecto e imponente cortejo, acompanhar-vos neste elevado e justo preito, coroar o benemerito jesuita, e dizer-lhe que o seu nome e o de seus cooperadores foi sempre abençoado e querido, e, quando o arbitrio de um despota não trepidou em arrancal-os de seus lares brazileiros, como em reparação do attentado, como em eloquente e viva homenagem ás grandes causas servidas com dedicação infa-

tigavel e por assim dizer personificadas em Vieira e em seus successores, as portas de sua habitação deserta e sequestrada só se descerraram para dar entrada e offerecer digno abrigo á sciencia e á caridade.

Ao fraternal testemunho dos mortos associa-se o voto affectuoso dos vivos ainda pela voz dessas duas forças bemfazejas e salvadoras que velam pelos destinos do homem: a caridade e a sciencia, consorciadas no appello que um duplo representante do illustre corpo docente e da nobre instituição hospitalar installadas no velho collegio dos jesuitas, dirigia em hora solemne em prol da «conservação piedosa, reverente e grata ao coração brazileiro das reliquias desses grandes batalhadores do bem» (123), no recinto assignalado que foi o centro de suas operações pacificas e civilisadoras e o campo sagrado em que dormiram o somno derradeiro.

Os echos dessas manifestações espontaneas, unidos aos da acclamação tocante em que vos congregais nestes dias, sobem á região mysteriosa em que pairam os espiritos de eleição; aquella grande alma se inclina agradecida, revive e pulsa vigoroso o nobre coração que impulsionou tantas causas humanitarias e patrioticas; e a voz immortal do Padre Antonio Vieira, traduzindo os sentimentos generosos e puros com que outrora lembrava ao delegado da metropole portugueza o *amor e o patrocinio que o Brazil lhe merecia*, e de seu governo bem inspirado confiava a prompta resurreição da colonia decadente (124), hoje concita os brios dos filhos da Bahia para que assegurem vida pacifica, prospera, fecunda e gloriosa á nação livre e altiva, á terra opulenta e abençoada, á qual tambem elle, Antonio Vieira, *pelo segundo nascimento deve as obrigações de patria.*

(O orador é victoriado com uma prolongadissima e unanime salva de palmas.)

---

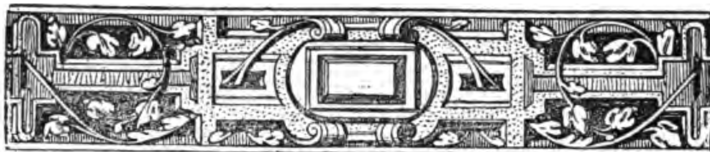
(123)—Discurso proferido pelo Dr. Pacifico Pereira, Mordomo da Santa Casa da Misericordia e Cathedratico da Escola de Medicina, na sessão solemne da inauguração do novo Hospital, a 30 de Julho de 1893.

(124)—Carta de 9 de Setembro de 1673, ao Marquez das Minas.

PARTE II



A COMMEMORAÇÃO DO CENTENARIO



ANTONIO VIEIRA (*)

NA COMMEMORAÇÃO DO SEU BI-CENTENARIO

Volvei o olhar aquem do sol que hoje irradia
E contemplae, na tela escura do passado,
O vulto colossal de um homem, levantado
Sobre a montanha altiva e bella da Bahia.

Seu corpo, já curvado ao peso do lidar,
Velha roupeta negra unicamente cobre;
Ao peito um Crucifixo—a venera mais nobre
Que o serviço do bem póde condecorar.

Movem-se os labios seus ao fluxo impetuoso
Da eloquencia christã que pasma as multidões;
A fronte larga e branca, em gesto magestoso,
Tem-na erguida p'ra o céo, bebendo inspirações.

Em torno delle, a matta; em cima, o firmamento,
Onde o sol espadana o brilho prateado;
Em redor o gentio, o seu gentio amado,
Que lhe escuta a palavra e aprende o ensinamento.

Que quadro. . . Estou a vel-a, essa immortal figura,
Dominando a montanha, augusta e sobranceira,
Como estatua de luz, que a brenha brazileira
Envolve numa enorme e esplendida moldura.

. . . .

Vieira! . . . eu não te sigo a esteira rutilante
Na culta Europa, em frente ás testas coroadas,

(*) Recitada após a Conferencia de 17 de Julho.

Nem te vou escutar nas cathedras doiradas
De Roma e de Lisboa o verbo triumphante.

Não quero aquilatar-te o ouro precioso
Da linguagem de escol na olympica opulencia;
Nem é perante o sol de tua intelligencia
Que eu agora me curvo, ó genio portentoso

Enumere-te a historia os dotes singulares,
Grandeza colossal em tudo, homem—prodigio;
Vejam-te outros subir das honras ao fastigio
Eu quero apenas ver-te á sombra dos palmares.

Quero ver-te, encurtando os vôos ao pensamento
Para falar de Deus ao incola tupy;
Quero que me deslumbre a luz que sae de ti
Nesse humilde, sublime e heroico abaixamento.

Rei que desce do throno, abraça o vil plebeu,
Ou senta-se de par co' o triste proletario,
Foste tu, reclamando a cruz de missionario,
P'ra derramar na tabaa luz do ge nio teu.

Meteóro que cae dos rutilos espaços
Dentro de escuro abysmo em que se perde e morre;
Caudal que esconde ao sol os seus possantes braços
E no seio da terra a sepultar-se corre,

Foste tu, desprezando o hymno da homenagem
Que te cantava aos pés a fama universal
Para arriscar o peito á frecha do selvagem
E abrir tambem caminho ao labaro immortal!

Como és grande, ó Vieira, erguido na peanha
Do amor ao Bem, á Fé e á civilisação!
Amor que vem de Deus, e cuja força estranha
Ao martyrio e á morte arrasta o coração!

Como és bello, arrancando ao intimo do peito
O grito, a onda de luz, a hosanna á liberdade,

E, da raça infeliz proclamando o direito,
Como és bello a soffrer em nome da Verdade!

Bem hajas tu, heroe, prodigio, apostolo, santo,
De duas patrias filho e de ambas lustre e gloria!
Bem haja o teu labor, eterno na memoria
Do brasileo paiz, por quem luctaste tanto!

Rebrilha o nome teu, gravado na largueza
Da historia, que te aponta aos moços como exemplo!
Hão de dizel-o sempre o lar, a escola, o templo,
Onde quer que se fale a lingua portugueza!

Defensor da justiça, estrella da tribuna,
Latego ardente contra a tyrannia vil,
Tua gloria estará no cimo da columna
Que aos seus heroes erguer o povo do Brazil.

Tardos embora, vêm os justos preitos nossos
Cumprir o seu dever, sagrando-te um trophéo
E, se a sombra do ignoto esconde-nos teus ossos,
A luz de nosso amor será teu mausoléo!

Julho de 1897.

AMELIA RODRIGUES.

Padre Antonio Vieira (*)

Pregador, ou S. Paulo ou Vieira
(*D. Luiz de Sousa*, primaz das Hespanhas.)

Vinte decenios faz que aquella vóz potente
Deixou de reboar nos ambitos do templo;
E quanto mais se engrossa aos annos a corrente,
Mais os triumphos seus podem servir de exemplo.

E' que naquella voz havia tal grandeza
Que a orador mais nenhum a eclypsar será dado;

(*) Recitada após a Conferencia do dia 17 de Julho.

O genio innovador da lingua portugueza,
Imprimiu-lhe um quilate e brilho desusado.

Vieira era a palavra em toda a magestade!
Enunciando a idéa, ou es ulpindo a imagem,
Convertia a tribuna em solio da verdade,
E obtinha até dos reis pasmados vassallagem.

Naquella bocca de oiro a voz fez-se um prodigio;
Quer propagasse a fé, quer combatesse o crime,
Tomava do condor as azas no remigio
Para se alar dos soes á região sublime.

Na tela a scintillar do vasto sermonario,
Não pintou, fez viver homericas figuras.
O eleito do Sinai, o martyr do Calvario
Destacam-se d'alli como nas escripturas.

Seu altivo desdem pela riqueza e o fausto
O tornou singular na face do planeta;
Tinha sagrado a Deus a vida em holocausto,
Via um manto de luz na frigida roupeta.

A sua vida foi um interminavel brado
Dos fracos em favor: elle imitava o Christo.
Não tendo a quem vencer no ardor do apostolado,
Vencia-se a si mesmo. . . Oh! homem nunca visto!

Tutelando o direito em todos os sentidos,
Imperterrito, audaz, no transe mais acerbo,
Tornou-se o vingador dos indios opprimidos,
Sem mais armas que a penna e o raio de seu verbo.

A morte que sellou do padre o labio augusto,
Escondendo na fossa o que era a cinza inerte,
Do pulpito não tira o levantado busto,
Que o tem por pedestal donde a eloquencia verte.

Se te é dado transpor, ó grande jesuita,
A distancia da terra á sideral morada,

Onde gosas de Deus, como suprema dita,
A presença eternal aos justos reservada,

Vem, no mesmo logar, á sombra deste tecto,
Que alegre te acolheu inda creança um dia,
Para te ver depois, astro de luz repleto,
Brilhar entre os demais da excelsa companhia,

Que Loyola fundou, essa arvore pujante,
Que arraigada no chão da gloriosa Roma,
Sorriu dos vendavaes para, num dado instante,
Todo o mundo abrigar sob a frondante coma,

O preito receber que a humanidade deve
Aos varões como tu, portento de seu seio,
Que embora na velhice acha a existencia breve
Para espalhar o bem, ser da sciencia o esteio.

As honras que hoje tens, após duzentos annos,
No templo do saber mudado em capitolio,
Não conseguem lograr da terra os soberanos,
Que julgam do valor pelo que pesa um solio.

Á Roma, á Hollanda, ao mar, á secular floresta,
Onde os vestigios teus o tempo não consome,
Possa um echo chegar da estrepitosa festa,
Na qual se funde inteira a gloria de teu nome.

Bahia, 1897.

João de Britto

Ao Padre Antonio Vieira

NO SEU SEGUNDO CENTENARIO

Não foi somente a espada do guerreiro
Que dos seculos rompendo o nevoeiro
Do Capitolio na entrada se mostrou;

Nem das quinas a flamma do estandarte
Deslumbrando as Nações em toda parte,
Que o progresso do Mundo conquistou!

Não foi da cemitarra o golpe agudo,
Que preparou do povo o novo escudo
E nas trevas do crime se envolveu!
Alvejada de golpes repetidos,
Ella sangrava em cima dos vencidos,
Como o abutre rasgando Prometheu!

Não foi somente a aguia dos Romanos,
Que, levando o terror aos Musulmanos,
Nas Mesquitas pousava a triumphar;
E, lançando nos pontos do universo
As primeiras centelhas do progresso,
Via os cirios sagrados d'um altar!

Foi o verbo da Igreja omnipotente,
Que, salvando os humanos da torrente,
Do Evangelho nas folhas estampou
A virtude, a justiça, a caridade,
A força, convertida na humildade
Ante a Cruz, onde Christo descançou!

No centro dessa luta, o povo escravo,
Não via a mesma luz que olhava o bravo
No vermelho luzir, tingindo o chão...
Foi preciso um martyrio ao novo solio
E vôa a pomba branca ao Capitolio
Onde o ninho se faz da Redempção.

E os obreiros da lenda do Calvario,
Conquistando do Mundo o itinerario
Que se via, brilhando sobre a Cruz,
Caminhavam, sublimes forasteiros,
Nos desertos enormes sobranceiros
Levando á toda terra a nova-luz!

. . . .

. . . .

Despônta o centenario de Vieira,
Festejado, na Athenas brazileira,
Da mocidade no paço Triumphal.
São passados dous seculos e a memoria
Deste sabio nos conta a sua historia
Que pertence ao Brazil e a Portugal!

Bahia, 17 de Julho de 1897.

FRANCISCO LEIRIA.

Extracto do discurso do sr. consul de Portugal proferido após a ultima conferencia

O orador começou dizendo perceber ainda na sala o vibrar do enthusiasmo, o resoar dos applausos ao illustre orador precedente, os sons do hymno portuguez, o fulgurar de tantas luzes, o rescender de flores, o brilhar das galas e o sorrir das festas deixando por toda a parte entrelaçadas a formosa bandeira auriverde e o historico pendão das quinas. Disse ter ouvido naquelle salão a voz eloquente de oradores muito distinctos que haviam feito relembrar com primor as altas qualidades do grande genio de Vieira, um principe da eloquencia e das lettras portuguezas, e que entre tantas louçanias, longe da sua patria, distante, tinha chegado a ter por momentos, como que num doce sonho, a illusão fagueira das frescas brisas do seu Tejo a oscular-lhe a fronte, e do seu dulcissimo pôr do sol do Heria a acalentar-lhe a alma. Mas era isto porque longe, bem longe da patria, elle orador sentia a patria ali, pois circulava nas veias de todos o mesmo sangue, batiam em todos os peitos corações que eram irmãos do seu, e articulava cada garganta as mesmas palavras que elle orador primeiro articulara nos braços de sua mãe.

Era por isto que se reuniam ali portuguezes e brazileiros com o mesmo pensamento, prestando aquella

homenagem a Vieira, bem traduzindo a força dos laços que uniam os dous povos, tão estreitamente ligados que nem esse oceano tão vasto, profundo e revoltoso que os separava, poderá nunca afrouxar.

Que apesar de Vieira ser um amigo do Brazil e ter escolhido para seu tumulo frio esta terra mais calida, elle orador era obrigado a considerar sempre, que aquella festa é uma apotheose feita em terra extranha a um vulto da sua patria e que por isso não pudera pôr de parte o direito de pedir a palavra para agradecer, em nome do seu paiz e do seu governo, em nome da republica das lettras lusitanas e da commissão que aquella hora celebrava tambem em Lisboa, o mesmo centenario, em seu nome e no da colonia portugueza ali largamente representada, aquellas homenagens que tanto honravam o bom nome portuguez.

Agradecia muito reconhecido ao Instituto Geographico e Historico da Bahia a iniciativa daquella brilhante festa, á illustre commissão executiva os seus valiosos esforços para leval-a a effeito com tamanho esplendor, aos oradores que com tanto talento tinham salientado as geniaes qualidades do grande portuguez as suas palavras, ás dignas autoridades brazileiras a honra da sua presença e a todos aquelles que patenteando a sua admiração por um principe da eloquencia, das lettras e da sciencia portugueza, aqui vieram, prestando ao mesmo tempo um alto preito de estima e consideração por aquellas cousas que constituem tradições e glorias da grande nacionalidade que encerra no pequeno paiz do orador.

Esta phrase carecia ser justificada, mas explicava-se porque a grandeza das nacionalidades estava na elevação intellectual e moral do seu ser, no valor do seu trabalho, na grande obra da civilisação, e não na largueza do seu territorio; e que si tem havido nacionalidades que tenham dado bastante prova para a obra desta civilisação que o velho oriente nos legou no berço, Portugal foi uma dellas.

Em seguida o orador expoz qual tinha sido o valor do legado dos grandes povos para a civilisação, a

Grecia, Roma, a idade média, a Italia, Allemanha, Inglaterra e França, concluindo por dizer que Portugal tinha com as descobertas, as navegações e as conquistas trazido para o gremio dessa civilisação, para a luz do christianismo metade do mundo que era desconhecido e vivia envolto nas mais tenebrosas lendas.

Disse que a historia portugueza era rica de pergaminhos de gloria que muito honravam o Brazil, e que a amizade de Portugal e Brazil era um facto imposto pela propria natureza que determinava uma união inquebrantavel expressa na raça, nas tradições, no caracter, na lingua. . . ,e que si permittido fosse naquelle momento ao orador fazer uma comparação imaginosa diria que essa união era tão intima, como intima era a harmonia das côres das duas bandeiras nacionaes.

Disse que uma tinha o azul, o puro azul que era a côr do céo e a alvura immaculada das nuvens de primavera, outra tinha o verde, o verde esmeraldino das campinas ferteis e o amarello fecundo das margaritas estivaes. Que ambas estas côres se ligavam, numa mesma e esbatida côr lá no horisonte distante como na alma nos liga a affeição reciproca dos dois povos; e que finalisando as suas palavras pedia licença para dizer ali a brazileiros e portuguezes que deveriam amar-se e estimar-se, como podiam e deviam amar-se e estimar-se dous povos que durante seculos tiveram o mesmo nome e a mesma historia.

(O orador foi muito applaudido.)

A PROCISSÃO CIVICA (*)

18 de Julho de 1897

As magnificas festas celebradas nesta capital, para commemorar o segundo centenario do notavel jesuita Padre Antonio Vieira, tiveram brilhantissimo remate no dia 18 de Julho, por ser esse o dia em que se completava a data do facto rememorado.

(*) Noticia extrahida do «Correio de Noticias» de 19 de Julho e do «Diario da Bahia» do dia 21.

A's 9 horas da manhã, com a assistencia de uma commissão do Instituto, composta dos Srs. Drs. José Francisco da Silva Lima, Dr. Filinto Justiniano Ferreira Bastos, Dr. Antonio Calmon du Pin e Almeida, Dr. Joaquim dos Reis Magalhães, Dr. Isaias de Carvalho Santos, professor Austricliano Coelho, capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, e com o concurso de senhoras e cavalheiros, que em avultadissimo numero alli se notavam, celebrou o venerando Sr. arcebispo D. Jeronymo Thomé da Silva uma missa na Cathedral, em intenção do Padre Vieira, com assistencia dos alumnos do seminario archiepiscopal, membros do clero e religiosos franciscanos.

Finda a missa, procedeu S. Ex. Revma. á benção da lapida commemorativa do centenario, que tinha de ser collocadada na frontaria dessa egreja, que é a do antigo Collegio dos Jesuitas, onde professara Vieira.

Concluida essa cerimonia, retirou-se o arcebispo para seu palacio, acompanhado da commissão do Instituto.

—

Na praça da Piedade á essa hora começavam a chegar incorporados e acompanhados de seus professores e directores as escolas, collegios e academias, convidados para a procissão civica annunciada.

Ahi compareceram egualmente S. Ex. o Sr. Dr. governador do Estado, seus secretarios e official de gabinete, consul e vice-consul de Portugal, o presidente e membros do Instituto, commissões do senado e da camara dos deputados, intendente municipal, commissões de varias associações, membros da colonia portugueza, imprensa, funccionarios e representantes de todas as classes.

Na praça era consideravel a agglomeração de povo, que se apinhava para assistir á sahida do cortejo.

A's 10 1/2 da manhã, organisado o luzidissimo prestito festivo, a que deu o mais vivo realce a presença de innumeras e encantadoras creanças, e gentis senhoras, fallou da janella central da secretaria do

interior o Dr. Octaviano Muniz Barretto, em cujo espirito illustrado encontrara a commissão executiva o mais franco apoio para a realisação dessa festa.

O illustre funccionario, salientando o objectivo de sua solicitação ao professorado, para secundar o pensamento da commissão, produziu eloquente discurso, ouvido no meio de geraes applausos.

A procissão desfilou, volteando o jardim da Piedade, pelas ruas seguintes: Portão da Piedade, S. Pedro, S. Bento, praça Castro Alves, rua de Palacio, praça do mesmo nome, ruas da Misericordia, Collegio, largo do Terreiro, vindo collocar-se em frente ao pavilhão erguido ao lado direito da Cathedral, em cuja fachada ia ser collocada a pedra.

O cortejo foi constituido dos alumnos dos seguintes estabelecimentos:

Collegio Spencer, collégio S. Salvador, collegio Septe de Septembro, com estandarte, collegio Carneiro, collegio Florencio, collegio S. José, collegio de meninas União, de Nazareth, collegio de meninas Nossa Senhora da Piedade, collegio de meninas Nossa Senhora da Boa-Esperança, collegio de meninas *Oito de Dezembro*, Gymnasio da Bahia, acompanhado da congregação, Orphãos de S. Joaquim, com sua banda, escola de Bellas-Artes com a sua congregação e estandarte, Lyceu de Artes e Officios com a respectiva direcção, escola Treze de Maio, escola annexa ao Instituto Normal, acompanhada de seu professor o Sr. Argemiro Cavalcante, director e professores desse estabelecimento, escola primaria municipal da Rua do Paço do professor Barreiros, 1.ª escola municipal de Sant'Anna do professor Leopoldo dos Reis, uma commissão de alumnos da escola do professor Casimiro, escola particular de Sant'Anna da professora D. Maria Joanna Gomes de Mello, Faculdade Livre de Direito com o seu estandarte, Escola Polytechnica, Escola de Medicina e Pharmacia com o seu estandarte.

No cortejo tocaram alegres marchas as musicas do regimento policial, 5.º de artilheria, Orphãos de S. Joaquim e Philarmonica do Lyceu de Artes e Officios.

Fechavam-no o *Instituto Geographico e Historico* junto ao qual vieram os Srs. Dr. governador do Estado, consul e vice-consul portuguez, associações, imprensa, intendente municipal, membros da camara e do senado, magistrados, homens de lettras, etc.

O *Instituto Historico e Geographico Brazileiro* estava representado n'esta solemnidade pelo Dr. Silva Lima. A commissão nomeada compunha-se dos socios Dr. Silva Lima, Dez. Montenegro e Barão do Desterro.

Uma multidão de pessoas de todas as classes acompanhou o prestito, que apresentava aspecto deslumbrante.

No Terreiro, tomando logar no pavilhão as autoridades e a mesa do Instituto, o presidente, membros da commissão executiva, e as redacções dos jornaes, o Sr. Dr. Satyro de Oliveira Dias, vice-presidente do Instituto, proferiu entre os applausos de todos vibrante discurso de alevantado patriotismo, e que era um ensinamento á mocidade a quem se dirigiu principalmente.

Após S. Ex., seguiram-se os poetas Silva Senna e Costa e Silva, e o academico Eutychio Maia, sendo todos applaudidos.

Por ultimo o Sr. conselheiro Salvador Pires, presidente do Instituto, agradeceu ao publico o seu comparecimento áquella festa da intelligencia.

Collocada pelo artista Sr. Domingos Silva, presidente do Centro Operario, a pedra no logar talhado na fachada do mencionado templo, foram as escolas e o publico visitar a cella do Padre Vieira, onde fora collocado o retrato do preclaro orador sagrado, o salão da Faculdade, onde se realisaram as conferencias e estavam expostos obras e documentos sobre a vida de inclyto sacerdote, e a antiga capella do provincial dos jesuitas no actual edificio da Faculdade.

A visita a esses logares foi extraordinaria, e prolongou-se até hora adiantada depois da cerimonia.

—

Ao alto da pedra destaca-se o escudo do *Insti-*

tuto, com o lemma *Urbi et orbi*, e abaixo a inscripção:

A'. Memoria do

Padre Antonio Vieira

Nascido em Lisboa em 6 de Fevereiro de 1608
Fallecido neste Collegio em 18 de Julho de 1697
No 2º centenario da sua morte
Mandou collocar aqui esta lapida
O Instituto Geographico e Historico da Bahia
Em 18 de Julho de 1897

—

A cella do Padre Vieira fica no extremo direito do corredor terreo do Collegio entre a egreja e a Faculdade de Medicina. Termina, portanto, o edificio deste lado, ficando como vertice de um dos seus angulos, e tem duas janellas, uma deita para o pateo da Faculdade e a outra para o mar.

A forma da cella é quadrangular. Em meio ao lanço de parede que enfrenta com esta janella já celebre, está collocado o retrato de Vieira, trabalho a oleo, destacado por um modesto docel formado de bandeiras portuguezas e com as côres symbolicas da nossa nacionalidade.

No plano inferior viam-se duas modestas columnas encimadas por simples cestas com flores artificiaes, onde estavam expostos exemplares da *Cidade do Salvador, Diario da Bahia* e *Jornal de Noticias* com artigos commemorativos.

—

A' tarde, por convite do Sr. Dr. Salgado, digno consul de Portugal neste Estado, visitou a cella do Padre Vieira, no antigo collegio dos Jesuitas, crescido numero de portuguezes, que para alli se dirigiram incorporados.

O Sr. consul proferiu ante o retrato de Vieira expressivo discurso, em que salientando a obra extraordinaria daquelle grande principe da eloquencia e da litteratura do seculo XVII, externou o agradecimento da colonia portugueza ao *Instituto Geographi-*

co, promotor da brilhante commemoração que se celebra.

—O Terreiro apresentava aspecto festivo, ornado de bandeiras e vistosas flammulas.

—O bello chafariz dessa praça jorrou agua abundantemente durante toda a cerimonia.

—As redacções de jornaes e innumeros estabelecimentos e edificios particulares içaram a bandeira nacional.

—Em todas as ruas por onde passou o prestito viam-se as janellas apinhadas de senhoras.

Discurso do Dr. Octaviano Muniz Barretto

Eu vos saúdo, amigos, e pela vossa presença vos envio os meus sentimentos de louvor, applaudindo a espontaneidade com que correspondestes ao convite, que tive o grande prazer em dirigir-vos, por intermedio dos vossos dignos directores.

A estes, aos illustrados professores, egualmente saúdo e agradeço, e perante todos dou testemunho de minha satisfação.

Avaliae a intensidade do meu jubilo, ponderando que eu divulgo, na romaria civica ao Padre Antonio Vieira uma das mais expressivas revelações do impulso vital, que nos anima a um grande destino, entre os Estados nossos co-irmãos.

Festa a que não concorrem paixões de outra natureza, senão as que promanam do amor dedicado ás lettras, numa homenagem de elevação em justa apotheose, rendida sem caracter pessoal, mas como tributo devido ao verdadeiro merito, assignalado no valor litterario e nos serviços do insigne luctador.

Muito ha que fazer para a mocidade, a qual, ao envez de quedar-se deante dos descommedimentos, de toda ordem, por que o paiz está passando, deve, attenta ao meio que a envolve, concentrar-se na preoccupação do futuro, reunindo forças na imitação do merecimento verdadeiro, traçando-se normas pela es-

cala superior dos cidadãos legitimamente bons, trabalhar, estudar e produzir, afim de que seja vantajosamente definido o nosso caracter de nacionalidade.

Vós, mocidade, varões do futuro, deveis considerar quão insignificante é o homem, isolado dos seus feitos. Um dos mais debeis animaes, o que seria delle, depois de arredado da vida selvagem, sem a cultura intellectual e moral, sujeito á perversidade aleitada na tara hereditaria das ambições, e á fragilidade oriunda de sua contingencia physica?!

A solução do problema está na actividade productiva, philantropica, humanitaria.

Ponderae que a sua menor acção lhe sobrevive, e que o ser bom ou ser mau, o ser fecundo ou esteril não póde ser indifferente para a sociedade.

A humanidade vive por millenarios, e deante deste tempo é um instante a vida de um homem, cujos feitos, entretanto, duradouros, ás vezes immortaes, aqui ficam prejudicando ou beneficiando.

O homem, compenetrando-se de si mesmo, deve viver para a sociedade; que, de seu lado, lhe fica a dever a consagração dos seus feitos, revivendo as suas datas em solemnidades significativas.

A esta festa, pois, de caracter realmente social, fazem bem os moços em concorrer, porque deste modo assignalam a sua fé na divindade do trabalho; o seu enthusiasmo nas demonstrações altivas e desinteressadas; e da esperança que a todos, no momento actual, devem infundir, dão uma das provas mais expressivas, mais satisfactorias, mais vibrantes.

Ha pouco Antonio Fratti, rico, instruido, na flôr dos annos, estimado, deputado no Parlamento, um dos oradores mais ouvidos, armado, portanto, dos meios mais certeiros para desfructar uma existencia egoista, deixou a Italia, sem dizer ao menos um adeus aos amigos, e foi morrer como soldado da legião garibaldina em Damoco, varado por uma bala turca.

Um grito de dôr e de admiração echoou no Parlamento e em todo o paiz, e honras pomposas lhe foram celebradas em sua memoria em todas as ci-

dades, desde Forti até a Roumania e até a extrema Sicilia.

Este facto, estupendo em sua singeleza, mas não excepcional em sua sinceridade, faz transluzir, mesmo aos olhos dos que não sabem o que é patria, nem civismo, que o fervor desinteressado pelas causas collectivas e phylantropicas, tem raizes profundas no coração da humanidade.

Deante de taes exemplos e no meio destas festas, levantae o vosso espirito á altura dos ideaes, afim de manterdes em sua elevação magestosa o nome da Bahia; terra que tem nas entranhas as maiores riquezas conhecidas, e na sua verde e fresca superficie um povo intelligente, arrojado e capaz; cujos destinos poderão ser os mais ambicionaveis, confiados a esta geração que tantas esperanças alimenta; que emquanto nos horisontes da patria vislumbram-se duvidas, ameaças, agitações, odios, temores, num movimento de sombras sinistras, sabe abstrahir-se de tudo, para, acudindo ao appello patriotico do Instituto Geographico, vir rememorar, num transumpto de fraternidade e de amor, o nome de um varão illustre, cuja fulgurante intelligencia glorificou as nossas lettras, e a cuja energia devem-se, em grande parte, os fundamentos de nossa civilisação.

Daes assim conforto, alento aos que têm fé, confundindo os incredulos e os desanimados.

A prova ahi está, pujante de exhuberancia, no vosso tão expressivo comparecimento a esta festa, mais vossa do que mesmo de outros.

Nella celebram-se honras, no nome do Padre Antonio Vieira, ao talento fecundo, cultivado e util, ao culto do dever, ao amor da patria, ao desinteresse pelo bem commum, a ambição da felicidade dos homens e dos povos: e vós sois aqui a semente destas mesmas virtudes. Por isso eu vos applaudo. Vós sois mais: o sacrificio de nossas virentes esperanças de que ellas se confirmem entre nós, e continuem a fructificar. Por isso eu vos exalto.

Vós sois, ainda como Vieira, o genio, o valor, o altruismo que são os deuses desta solemnidade; e

que, se acaso não estiverem reunidos em um só, estão ahi espalhados em vossas cabeças e em vossos corações, e que hão de abrir os nossos horisontes, até que delles se despenhem, como realidades palpitantes, as divinas promessas da democracia. Por isso eu vos sublimo.

Bahia, 18 de Julhc de 1897.—Dr. *Octaviano Muniz Barretto.*

Discurso do Dr. Satyro Dias

NO ACTO DA COLLOCAÇÃO DA PEDRA COMMEMORATIVA

> «Urbi et orbi»: á patria e ao mundo (Lemma do escudo do «Instituto Historico» da Bahia.)

Ha dois seculos, Senhores, dia por dia, hora por hora, reboavam os sinos deste templo tocando a finados. Os echos desta cidade repetiam ao longe, em larga vibração sonora, o chamamento plangente e saudoso; e a Bahia enlutada, o seu clero, o seu governo, o seu povo, apinhavam-se aqui, nesta mesma praça, a quem a lisonja cortezan roubou o nome duplamente sagrado de Terreiro de Jesus, para levarem á treva da sepultura o despojo mortal do Padre Antonio Vieira Ravasco.

Imaginae o dó, o desconsolo, o pranto desatinado daquella geração, ao contemplar, como agora mesmo estão vendo os olhos do meu espirito, numa vigorosa evocação do passado, ao contemplar esse esquife que passava, conduzindo aos segredos da eternidade o corpo mirrado e inerte do velho augusto, cuja figura luminosa dominara, e enchera de fama e renome, as terras virgens da America e as velhas côrtes da Europa.

deAcabou-se o Padre Vieira, clamava essa geração, svairada pela sua dôr profunda e inconsolavel; acabou-se o Padre Vieira!.. Como si a carne e os ossos

do grande jesuita valessem mais que a terra, que se abria a devoral-ós; como si esta faminta feroz e insaciavel, podesse tambem consumir a obra imperecivel, que aquelle cerebro de eleição legara á humanidade!

Não, Senhores, o Padre Vieira não acabou, nem acabará jamais. Dorme, é certo, o somno eterno da materia debaixo deste mesmo chão da sua gloria, mas despertará hoje para esta apotheose, e em cada seculo se alevantará do seu tumulo, envolto nas sombras mysticas das naves desta Cathedral, para sentir que o coração da patria brazileira, a quem tanto amou, pulsa ainda e sempre, maravilhado e reconhecido, ao calor das fulgurações do seu genio immortal.

Nascido em Portugal, nesse «jardim da Europa á beira mar plantado», de onde, pouco mais de um seculo antes, sahira a frota de Cabral para o acaso da descoberta do Brazil, que este fidalgo navegador conquistara para a corôa de D. Manoel, e a cruz de Fr. Henrique para o diadema de Christo, o Padre Antonio Vieira deve á seiva deste solo feraz, ás scintillações magicas deste firmamento, á magestade incomparavel da natureza americana, ás doçuras deste clima, aos deslumbramentos mirificos deste sol tropical, deve as inspirações do seu espirito, que aqui desabrochou e expandiu-se num raio de luz tão intenso e poderoso, que sobrou a derramar claridades immortaes sobre a terra do seu berço e sobre a patria de seu genio.

Providencia ou fatalidade, lei divina ou natural, consoante o aprazimento de crentes ou scepticos; em todo o caso, certamente, phenomeno extraordinario, como tantos outros que escaparão sempre ás cogitações da sabedoria humana, tanto mais vaidosa, quanto mais ignorante dos mysterios da vida e da morte na terra e no céo, parece que este Padre, destinado a encarnar, no seculo 17.°, a suprema potencia intellectual de dois povos, devia ter o berço repartido, entre ambos, porque, para sua grandiosa missão social e evangelica, precisava haurir de um o sangue da velha e intemerata raça lusitana, e do outro os su-

blimes idéaes deste infinito azul, e as energias indomitas do aborigene americano.

Só assim, Senhores, podia este homem percorrer na vida a trajectoria de esplendor intellectual, que lhe traçara a mão irreductivel do destino.

E foi uma existencia cheia, e gloriosa e excepcional, a deste Padre.

Attesta-o de modo irrefragavel a commemoração solemnissima, que lhe promoveu o *Instituto Historico da Bahia* nesta semana de honra para as lettras bahianas; confirmam-no as vozes de egual apothéose, que neste mesmo instante parece trazer-nos, das bandas do Tejo, a vaga do oceano, deste mesmo oceano, de cuja furia tantas vezes elle zombou, librado nas azas da fé, e escudado na sua couraça de amor pela patria e pelo indio brazileiro.

A palheta de Braz do Amaral, o biographista brilhante, esboçou-lhe o vulto, desde que abriu os olhos de aguia ao scenario da vida, até que se deitou para dormir o somno derradeiro, illuminado pelos arrebóes da gloria, tal qual o sol se deita na montanha ou no mar, por entre as nuvens de oiro do poente em chammas cambiantes. O verbo magistral de Ernesto Carneiro erigiu-lhe o pedestal de summo pontifice da lingua, em que falaram nossos paes, e em que se perpetuará, com a historia da nossa raça e civilisação o patrimonio sagrado do nosso porvir. A palavra eloquente e imaginosa de Elpidio Tapiranga arrastou-nos ás selvas maranhenses, o grande theatro de suas luctas apostolicas em prol do selvagem, contra a ignorancia do proprio indigena, mas principalmente contra a cobiça e a perversidade do colono portuguez, que timbrava em reduzir o indio á besta-fera ou escravo. A alta competencia de Basilio Pereira, um verdadeiro doutor da egreja catholica, digno dos seus tempos heroicos, completou afinal o perfil do grande jesuita, do mestre da lingua vernacula, do apostolo, do orador incomparavel, com o painel perfeito e acabado, em que avulta a figura genial do politico e do diplomata.

Que me resta, pois, a mim, para dizer do Padre Antonio Vieira, e porque subo a esta tribuna, expondo a humildade da minha palavra ao contraste desta commemoração magestosa?

Porque não venho aqui para vós, mestres da historia e da sciencia, senão para estes, para esta mocidade das nossas academias, dos nossos collegios, das nossas escolas, para estes filhos do nosso povo, aos quaes mandou-me o *Instituto* confiar este marmore, que o martello do operario vae em breve encravar na rocha deste monumento christão, e que elle deseja se grave no espirito e no coração destes jovens cidadãos, para espelho, lição e ensinamento civico.

Sim, meus jovens amigos, esta pedra é vossa. Ella vos recordará primeiro esta glorificação pacifica e cidadã, serena e desapaixonada, em que todos os olhos se encontram sem lampejos de odios ou ambições; em que todos os peitos batem num isochronismo patriotico, arfando de gozo nesta homenagem impessoal prestada á soberania do genio.

Depois ella vos dirá que é desta sorte que a altiva e generosa Bahia ensina a seus filhos o cathecismo domocratico. Açoitada de todos os lados pelos ventos da ironia ingrata e suspeitosa, calumniada na sua fé republicana, embora esgotando o seu sangue na defeza da sua lei e do seu territorio; conturbado o seu animo varonil, não tanto pela desgraça que a afflige, porque ella, a vencerá, quanto pela injustiça da aggressão isolita e descommunal, ella a mãe adoptiva de José Bonifacio, a patria de Cayrú e Sabino Vieira, de Ferreira França e Rio Branco, a heroina dos voluntarios da Patria pousa sobranceira a fronte senhoril no brazão do seu passado, e offerece ao Brazil este exemplo soberano de luz, de paz e de fraternidade.

E só então este marmore vos ensinará que o Padre Antonio Vieira não illuminou sómente as abobadas dos nossos templos com os fulgores de sua eloquencia de tamanho prodigio, que ousava approximar-se do solio de Deus, em inimitaveis apostrophes; nem deixou sómente assignalada no seio das nossas mattas

seculares a sua grande figura de bemfeitor da humanidade no apostolado sublime da libertação do gentio.

Mais do que isto, se é possivel, legou-nos elle a cella em que viveu, e que ides a breve trecho visitar, povoada das creações geniaes do seu espirito, e cheia de seu profundo e sincero amor pelo Brazil e por esta querida patria bahiana; porque elle foi mais brazileiro que lusitano, mais bahiano que portuguez, e merece as honras de vidente e precursor da independencia e liberdade politica.

Quereis a prova? Eil-a:

Era a 2 de Julho de 1640. Reparae na coindidencia providencial desta data bahiana. Celebrava-se na Misericordia a festa da Visitação. Vieira sobe á tribuna sagrada, e, desafiando a colera do rei absoluto na metropole, despede do pulpito estes raios de corajosa eloquencia nativista diante do vice-rei, ainda mais absoluto na Bahia:

«Aconteceu a V. Ex. com o Brazil o que a Christo com Lazaro. Chamaram-no para curar um enfermo, e quando chegou, foi-lhe necessario resuscitar um morto. Morto está o Brazil, senhor, porque alguns ministros de Sua Magestade não vêm cá buscar nosso bem, vem cá buscar nossos bens. . . Muito deu em seu tempo Pernambuco, muito deu e dá hoje a Bahia, e nada se logra; porque o que se tira do Brazil, tira-se ao Brazil; o Brazil o dá, Portugal o leva ! . . Partem de Portugal estas nuvens, passam as calmarias da linha, e em chegando a esta Bahia, em vez de fertilisarem a nossa terra com a agua que era nossa, abrem as azas ao vento, e vão chover a Lisboa e esperdiçar a Madrid. Cá se padecem as fomes dos apertadissimos cercos, e se derrama o sangue, e lá se cortam as galas e vestem as purpuras: cá se batem á viva força, e se derrubam as muralhas, e lá se levantam os palacios; cá se dão as tremendas batalhas, e lá se vae ás comedias; cá se padecem as feridas e as curas nos hospitaes, e lá, nas casas de prazer, se régam e cheiram as flores».

E concluiu essa oração admiravel com este repto de incisiva ironia ao poderoso vice-rei:

«Mas agora alegra-te, anima-te, torna em ti: tudo o que der a Bahia, para a Bahia ha de ser; tudo o que se tirar do Brazil, com o Brazil se ha de gastar»!

A alma do patriarcha da nossa independencia não vibraria mais eloquentemente nos santos arroubos do seu patriotismo.

Eis aqui, meus jovens concidadãos, quem foi o Padre Antonio Vieira Ravasco.

Quando nós, os mais velhos, os vivos de hoje e mortos de amanhã, nos houvermos recolhido áquelle repouso fatal, de que se não torna mais; quando, como no momento actual, surgirem nuvens de convulsão no horisonte da republica; quando da triste vasa social ousarem alçar o collo os odios e as paixões, ameaçando as instituições, a honra e a integridade do Brazil; apontae a vossos filhos esta memoria, para que elles a transmittam ás outras gerações, ensinando-lhes a amar, como esse grande cidadão amou, a Deus e a patria, a paz e a fraternidade brazileira!

(*Applausos geraes*).

Padre Antonio Vieira

Quando o seu verbo de oiro irradiava,
A multidão attonita pasmava,
Ouvindo attentamente;
De sua bocca as phrases dulçurosas
Brotavam, como nos jardins as rosas
Brotam naturalmente.

Ninguem mais soube, envolto na sotaina,
Das grandes causas se envolver na faina,
Honrando a patria sua
No pulpito—era maior do que um propheta;
Seus conceitos feriam como setta
A calumnia que estúa.

Flammejavam-lhe os olhos quando abria
O cofre perolado da magia
Que tinha o seu talento;
E assim cada palavra que seus labios
Semeavam na terra, era para os sabios
Um sabio pensamento.

Diplomata—ninguem jamais venceu-lhe,
Foi o seu verbo sem rival que encheu-lhe
O nome de respeito.
Elle sabia, aos risos da alliança,
Brandir a penna como brande a lança
Um guerreiro perfeito.

Sabio—elle engastou no diadema
De principe do estylo a rara gemma
Da erudição brilhante;
Se fallava—seu verbo era um flamma,
E se escrevia—elle ateiava a chamma
Do genio a todo instante!

O genio é sempre assim: não morre nunca,
Muito embora lhe cravem garra adunca
Os seculos atrozes!
Cosmopolita—elle pertence ao mundo,
E no seu vão triumphal, profundo
Não teme os albatrozes.

Bahia, Julho de 1897.

COSTA E SILVA.

No bi-centenario do Padre Vieira

I

Viestes collocar, obreiros do progresso,
Aqui ao grande genio a pedra e dar ingresso
A toda a multidão...

—Pyramide não é do legendario Egypto,
E nem pedaço algum de antigo aerolitho
Cahido da amplidão.

Da velha cathedral na lucida fachada
Do sol um raio beija a pedra levantada
Em meio de ovações.
Poetas, lêde vós, do ninho do talento,
Uma strophe de luz, um loiro pensamento
Ao berço de Camões.

Seu nome immorredoiro o tempo não apaga;
Nem vae alli bater a solitaria vaga,
Bramindo de furor:
E' pagina de um livro aberta para o povo,
Que se inspira e seduz, num pensamento novo,
Com azas de condor.

Romeiros, levantae bem alto monumento
Ao genio, que subiu da terra ao firmamento
Por espiraes de luz.
Ainda não é tarde. A pedra está na estrada.
Romeiros, carregae-a ao toque da alvorada
Voltados para a cruz.

Levantae esse véo do tumulo do morto:
Elle já descansou. Além, do ethereo porto
Inda a voz lhe escutaes,
Dois seculos já lá vão que o bronze de seu verbo,
Refundido, tenaz, indomito, soberbo,
Tem brilhos immortaes.

II

Deixando o patrio lar ainda bem creança,
Aqui, sob este céo, em sonhos de esperança,
Talhou o seu porvir;
Mas do naufragio a vaga, horripilante e louca,
No mar da Parahyba abriu a larga bocca
Feroz p'ra o engolir.

Como de ave bravia, a asa da procella
Arrebatara a náo; mas deslumbrante estrella
No horisonte accendeu:
Era o supremo olhar que a onda castigava...
E, attonito, o mar que, pasmo, recuava
De medo se escondeu.

Por uma inspiração uniu-se aos Jesuitas,
De que bebeu a luz em lettras de oiro escriptas
Nas taboas de Moysés.
Sereno, elle entoou á musica dos ventos,
Na estante da floresta os grandes mandamentos,
Em côro aos Aymorés.

Diz-nos a tradição que um dia, ajoelhado,
Com os olhos no altar, achou-se illuminado...
Maravilha dos céos!
Lá dentro de seu craneo uma impressão sentira:
Foi o Anjo da Fé, que lhe accendeu a pyra
Quando elle orava a Deus.

Para levar perfume ás aras magestosas
Enchia as debeis mãos de petalas de rosas,
De lume os olhos seus.
Das grandes orações do pulpito vetusto
Fez o seu pedestal, onde eu fito o seu busto
Enlaçado em trophéos.

No alto mar da vida, abriu as brancas vélas
A náo do seu saber ás lucidas estrellas,
Das ondas ao vae-vem.
Quem poude se altear no estylo immorredoiro?
Quem mais enriqueceu a lingua em phrases de oiro
Do que elle?—Ninguem.

Erecto e varonil, o vulto soberano,
Oh! nunca deu a mão por cima do oceano
Para a Hollanda beijar:
Em prol da catechese aos indios mais selvagens,
Com a Cruz deu-lhes a fé, symbolicas imagens,
Reliquias e um altar.

Patriota, se fez eximio diplomata,
Politico de fé na opinião sensata
Por onde viajou.
Fez de Paris—degrão para subir aos astros,
De Roma—capitolio.... Enormes vivos rastros
De seu genio deixou.

Quebrando da inveja o dente envenenado,
Jamais deixou de ter seu nome aureolado,
Limpa aquella altivez,
Com que elle defendia a raça brazileira,
Contra a negra oppressão de uma horda aventureira,
Contra o povo hollandez.

Brazil e Portugal, no mais estreito abraço,
Olhando aberta em luz a solidão do espaço,
Falam do filho seu...
Tão sabio que elle foi! em astro transformou-se,
Ao levantar seu nome o mundo ajoelhou-se,
O Genio reviveu!

Bahia, 18—7—97.

SILVA SENNA.

Exposição Bibliographica

O Dr. Director da Bibliotheca Publica enviou o seguinte officio á commissão executiva:

«Bibliotheca publica da Bahia, 10 de Julho de 1897.—Tenho a honra de vos remetter junto a este a relação das obras que a bibliotheca publica, por ordem do Dr. secretario do interior, justiça e instrucção publica expõe na justa commemoração promovida pelo patriotico Instituto Historico da Bahia ao 2º centenario da morte do Padre Vieira; exposição esta que tiveste a gentileza de acceitar para abrilhantar a homenagem que no salão nobre da

Faculdade de Medicina prestaes á memoria de tão illustre pregador e homem de lettras.

A bibliotheca só remette obras do mesmo Padre Vieira, ou de auctores que delle se occuparam.

Aproveito a occasião para vos testemunhar os meus respeitosos protestos de toda estima e consideração.

Saude e fraternidade. Illms. Exms. Srs. Dr. José Francisco da Silva Lima.—Dr. Braz Hermenegildo do Amaral.—Dr. Filinto Justiniano Ferreira Bastos.—Dr. Joaquim dos Reis Magalhães.—Professor Torquato Bahia da Silva Araujo.—Conego Manfredo Alves de Lima.—Dr. José Julio de Calasans, dignissimos membros da commissão do Instituto Historico da Bahia, incumbida da commemoração do centenario do Padre Antonio Vieira.—Do bibliothecario *José de Oliveira Campos.*»

Relação das obras que foram remettidas pela Bibliotheca Publica para serem expostas na commemoração do 2º centenario da morte do Padre Antonio Vieira.

1.º Um volume contendo diversos trabalhos do padre Antonio Vieira manuscriptos pela curiosidade do padre Manoel Thomaz Machado.

2.º Bibliotheca Luzitana por Diogo Barbosa Machado em quatro grandes volumes, publicada em Lisboa em 1741 com todas as licenças necessarias.

3.º A mesma obra em duplicata.

4.º Vida do Apostolico padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus, chamado por antonomasia o Grande—pelo padre André de Barros da Companhia de Jesus, publicada em Lisboa em 1746, com permissão dos Superiores e Privilegio Real.

5.º A mesma obra em duplicata.

6.º Historia de Portugal restaurado, por D. Luiz de Menezes Conde de Ericeira, editada em Lisboa em 1679 em dous volumes.

7.º A mesma obra em duplicata.

8.º Diccionario da Lingua Portugueza publicado

pela Academia Real de Lisboa em 1793 com licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre o exame e censura dos livros, onde vem o catalogo dos Authores e Obras que se levam e de que se tomárão as autoridades, para a composição do Diccionario da Lingua Portugueza.

9.º Gasparis Barlœi Historia Mauntii Nassoviœ et comitis.

10. Synopsis annalium Societatis Jesu in Lusitania ab anno 1540 usque ad annum 1725 authore R. P. Antonio Franco, societatis ejusdem Sacerdote —editada em 1726.

11. Historia da America Portugueza por Sebastião da Rocha Pitta, edição rara e primitiva, publicada em Lisboa em 1730.

12. A mesma obra, edição de 1880 em Lisboa.

13. A mesma obra, editada na Bahia por ordem do Barão de Homem de Mello em 1878.

14. Cartas selectas do padre Vieira publicadas pelo padre Roquete.

15. Cartas do padre Vieira publicadas em Lisboa em 1735, obra que pertenceu a Francisco Agostinho Gomes.

16. Cartas do padre Antonio Vieira editadas em Lisboa em 1735.

17. Arte de furtar do padre Vieira, edição de 1821.

18 Sermões do padre Antonio Vieira, edição de Lisboa de 1690.

19. Maria, Rosa Mystica, pelo padre Vieira, edição de Lisboa em 1686.

20. Xavier dormindo e Xavier acordado, dedicada aos tres principes, editada em Lisboa em 1694, pelo padre Vieira.

21. Carta apologetica escripta em lingua castelhana pelo padre Antonio Vieira, Ecco das vozes saudosas, editada em Lisboa em 1757

22. A mesma obra em duplicata.

23. Obras completas do padre Antonio Vieira, em (14 volumes) editadas em Lisboa em 1855.

24. Annaes Historicos do Estado do Maranhão,

por Bernardo Pereira de Berredo, edição de Lisboa em 1749.

25. A mesma obra do mesmo autor em duplicata.

26. A mesma obra de Berredo, editada no Maranhão em 1849.

27. Diccionario de Chauffepié, editado em Amsterdam em 1756 (volume 8·).

28 Bibliotheca Souzana de Manoel Caetano de Sousa, editada em Lisboa.

29. Diccionario Historico de Biographia Universal, editado em Paris no anno de 1827—(volume S—Z).

30. Bibliotheca Historica de Portugal, por diversos autores portuguezes e estrangeiros, editada em Lisboa no anno de 1801.

31. Agiologio Lusitano, por George Cardoso, editado em Lisboa em 1666 (volume 3·).

32. Biographia Universal antiga e moderna, por uma sociedade de homens de lettras e sabios, editada em Paris em 1827 (volume 48).

33 Biographia Universal de homens celebres, por F. X. Feller, editada em Paris em 1856.

34. Revista do Instituto Historico do Rio de Janeiro, anno de 1842.

35. Idem do anno de 1843.

36. Idem do anno de 1844.

37. Idem do anno de 1856.

38. Historia de Portugal, por Luiz Augusto Rebello da Silva editada em Lisboa em 1871

39. P. Larousse, DiccionarioUniversal (volume 15).

40. The Century Cyclopedia, grande obra em sete volumes, editada em New-York em 1895 (volume dos nomes).

41. Diccionario Popular, publicado por Manoel Pinheiro Chagas em 1884 (volume 13).

42. Diccionario de Biographia, por Luiz Gregoire, editado em Paris em 1871.

43. Diccionario Geral de Biographia, por Ch. Dezobery, editado em Paris em 1869.

44. Diccionario Portuguez de Farias, publicado no Rio de Janeiro no anno de 1861.

45. Historia do Brazil, por Francisco Solano Constancio, publicada em Paris em 1839.

46. Accioli, Memorias Historicas e Politicas da **Bahia, tomo 1°**, editada na Bahia em 1835.

47. Diccionario Bibliographico Portuguez, por Innocencio Francisco da Silva, editado em Lisboa em 1858, tomo 1° da obra e 1° do supplemento.

48. History of Brazil by Robert Southey, editada em Londres em 1817 (volume 2°).

49. A mesma obra em portuguez (volume 4°).

50. Anno Historico, Diccionario Portuguez, noticia abreviada das pessoas grandes e cousas notaveis de Portugal, por Francisco de Santa Maria, editado em Lisboa em 1714.

51. L'Univers, grande obra de Ferdinand Denis, volume sobre o Brazil, editado em Paris em 1837.

52. Parallelos de Principes e Varões Illustres, por Francisco Soares Toscano, comparando o padre Viera com Cicero, orador romano, editados em Lisboa em 1733.

53. Ephemerides Nacionaes do Dr. Teixeira de Mello, publicadas no Rio de Janeiro em 1881.

54. Vida do padre Antonio Vieira, por André de Barros, edição publicada na typographia do *Diario da Bahia*, quando era administrador Firmino Thomaz de Aquino em 1837. Offerecida ao arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas.

55. O Chrysostomo Portuguez ou o Padre Antonio Vieira, pelo padre Antonio Honorati, obra em quatro volumes editada em Lisboa em 1879.

56. Obras de João Francisco Lisboa, volume que traz a vida do padre Vieira, editada no Maranhão em 1865.

57. Biographia Universal Classica, (volume R. Z), editada em Paris em 1830.

58. Rebello da Silva, Varões Illustres.

59. Anno Biographico Brazileiro, por Joaquim Manuel de Macedo (volumes 2 e 3) editado no Rio de Janeiro em 1876.

60. Historia Geral do Brazil, pelo visconde de Porto

Seguro, com o retrato do grande Vieira, editada no Rio de Janeiro (2° volume.)

61. A escravidão, o clero e o abolicionismo, pelo Dr. Luiz Anselmo da Fonseca, editada na Bahia em 1887.

62. Almanack da Bahia de 1881, por Antonio Freire.

63. Cartas do padre Vieira, editadas pelo padre Francisco Antonio Martins em Lisboa, em 1746.

64. Chorographia e Historia do Brazil pelo Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis, Bahia, 1894.

Relação das obras e outros objectos expostos pelo Instituto Historico e seus socios:

Um retrato de padre Vieira, original do pintor Velasco, moldura de jacarandá com frisos dourados.

A cadeira, que a tradição diz ter sido da pregação do mesmo padre Vieira na Bahia.

Tres photographias da Quinta do Tanque (Lazaros) onde elle passou os ultimos tempos de sua vida:

Memorias Historicas pelo coronel Accioli, 1° volume, com uma vista do antigo Collegio dos Jesuitas, n'esta capital.

Manuscripto antigo contendo as peças principaes do processo do padre Vieira perante o Tribunal do Santo Officio em 1667 (Instituto).

O padre Antonio Vieira no Pará—(*Diario Official*, Belém, 1894, pelo coronel Alves da Cunha).

Jornaes do Commercio de 8 e 15 de Março de 1897—Artigos de Theophilo Braga sobre o centenario.

Plutarcho Portuguez, com retrato, 1 volume.

Archivo Pittoresco, com retrato. (1868)

Vida do padre Antonio Vieira por João Francisco Lisboa, 1 vol. Rio, 1874.

Vida do padre Antonio Vieira, reimpressa e dedicada a D. Romualdo de Seixas, 1837, Bahia, 2 vols.

Historia do Futuro pelo padre Vieira, 1 volume, Bahia, 1838.

Diccionario Encyclopedico por Corrêa de Lacerda, Lisboa, 1879, volume 2º.

Micellanea Historico—Biographica pelo professor Theodoro da Silva, Lisboa, 1877.

Historia Litteraria, conego Fernandes Pinheiro, volume 2.º

Historia do Brazil, Francisco Solano Constancio, volume 1.º

Chorographia Historica, Mello Moraes, volume 4.º

Brazil Historico, Mello Moraes, volume 2.º

Curso de Litteratura Portugueza e Brazileira, Sotero dos Reis, volume 3º.

Historia do Brazil, Robert Southey, volume 4º.

Datas e Factos para a historia do Ceará, Dr. G. Studart, volume 1º.

Datas Celebres, José de Vasconcellos, Recife, 1872.

Oração funebre recitada nas exequias do padre Antonio Vieira pelo padre D. Manoel Caetano de Souza em Dezembro de 1697, em Lisboa.

Memoria historica ácerca do padre Antonio Vieira e das suas obras por D. Francisco Alexandre Lobo.

Anthologia Nacional por Fausto Barretto e Carlos de Laet (1896).

Diccionario de Biographia e Historia, Dezobry et Bochelet, 15.º volume.

Exposição Nacional, vol. 1, pag. 492.

Novo Diccionario da lingua portugueza por Eduardo de Faria, volume 2º, Lisboa, 1857.

A litteratura brazileira nos tempos coloniaes, Eduardo Perié, Buenos-Ayres, 1885.

Vozes Saudosas da eloquencia, do espirito, do zelo e eminente sabedoria do padre Antonio Vieira, pelo padre André de Barros, Lisboa, 1736.

Diccionario Bibliographico Portuguez por Innocencio da Silva, volume 1º. Lisboa, 1858.

Diccionario Popular, por Pinheiro Chagas, volume 13.º, Lisboa, 1884.

Historia do Portugal Restaurado, Conde da Ericeira, volume 2º, Lisboa, 1710.

Obras Classicas do padre Antonio Vieira, edição da Empreza Litteraria Fluminense, 1885, 2 volumes.

O Chrysostomo Portuguez, compilação de seus sermões, pelo padre Antonio Honorati, Lisboa, 1878, 4 volumes.

Nacionalidade, lingua e litteratura de Portugal e Brazil, por Pereira da Silva, Paris, 1884.

Historia-Geral do Brazil, visconde do Porto-Seguro, Rio de Janeiro, 2.ª edição, 2 volumes.

Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal, visconde de Satarém, Paris, 1844.

Vida do padre Antonio Vieira, por João Francisco Lisboa, Maranhão, 1865, 1 volume.

Soror Margarida Ignacia. Apologia a favor do padre Antonio Vieira. Resposta ao que com o nome de Crise escreveu contra elle a religiosa mexicana Joanna Ignez da Cruz: Lisboa, 1717, 1 volume. (Este opusculo defende as doutrinas de Vieira num sermão sobre a Eucharistia.)

Cesar Cantú, Historia Universal, volume 15.

Historia do Brazil, por Silvio Roméro, Rio de Janeiro, 1893.

Memorias para a Historia do Extincto Estado do Maranhão, por Candido Mendes, 2 vols. 1860—74.

Telegrammas

Ao Instituto foi dirigido o seguinte telegramma, enviado pelo distincto socio correspondente tenente-coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha:

«Belem, Pará, 12 de Julho de 1897:
Associo-me ineffavel prazer commemoração Padre Vieira, eminente vulto historico, de veneranda memoria. *Alves da Cunha.*»

A Academia Cearense dirigiu ao illustre Sr. Dr. Satyro de Oliveira Dias, vice-presidente do «Instituto Geographico e Historico da Bahia» o seguinte despacho telegraphico de congratulação.

«Ceará, 18 de Julho de 1897.—Ao Dr. Satyro Dias —Bahia.—A Academia Cearense associa-se ao Instituto Geographico e Historico da Bahia», nas homenagens hoje prestadas ao immortal missionario da Ibiapaba.—*Thomaz Pompeu*, presidente,—*Guilherme Studart*, secretario.»

O Instituto recebeu mais o seguinte telegramma enviado pela deputação bahiana:

Rio, 19 de Julho de 1897.

«Parabens brilhante festa centenario Padre Vieira.—*Arthur Rios.— Neiva.— Adalberto. — Paranhos Montenegro—Milton. — Castro Rebello. — Marcolino Moura.—Paula Guimarães.—Manoel Caetano. —Rodrigues Lima.—Tolentino.—Seabra.—Jayme Villasboas.—Tourinho.— Torquato Moreira. —Monsenhor Mourão.—Sodré.—Eduardo Ramos.*»

TELEGRAMMA ENVIADO PARA O JORNAL DO COMMERCIO

Bahia (expedido ás 8 h. n. do dia 18).

Depois das conferencias realisadas no salão nobre da Faculdade de Medicina desta capital sobre o padre Antonio Vieira, pelos Drs. Braz do Amaral, Ernesto Carneiro, vigario Elpidio Tapiranga e monsenhor Basilio Pereira, cujas conferencias levaram ao antigo collegio dos jesuitas tudo que a Bahia tem de mais notavel no governo, nas lettras, nas sciencias, nas artes, na politica e nas outras espheras da actividade humana, realisou-se hoje a grande procissão civica para a grande commemoração do centenario do padre Antonio Vieira.

A maioria dos collegios desta Capital, faculdades superiores, diversas bandas de musica, o governador do Estado, senadores, deputados, magistrados, imprensa, varias corporações, povo, tudo isto formando o immenso prestito civico, talvez o mais imponente que se tenha visto nesta terra, desfilou depois de ouvir a bella oração do Dr. Octaviano Muniz, justamente applaudida, da Praça da Piedade, onde se organisou, para o antigo largo do Ter-

reiro, hoje 15 de Novembro, afim de assistir á collocação da pedra commemorativa na fachada da Cathedral, nessa mesma igreja onde brilhou e morreu o padre Antonio Vieira.

Era meio dia quando o prestito chegou ao Terreiro. No coreto erguido para collocar-se a pedra em logar previamente designado tomaram assento os Srs. Dr. governador do Estado, representantes da imprensa, Dr. Satyro Dias, secretario do interior, conselheiro Salvador Pires, presidente do Instituto, Drs. Silva Lima, Filinto Bastos e outros, muitos senadores e deputados.

Depois de ter sido collocada a pedra, falou o Dr. Satyro Dias, como vice-presidente do Instituto. Seu discurso foi sempre applaudido sendo o orador muito felicitado. Fizeram-se ouvir os poetas Silva Senna e Costa e Silva.

Em nome do Instituto, o conselheiro Salvador Pires agradeceu a todos que prestaram concurso a essa festa.

A cella do padre Antonio Vieira tem sido muito visitada hoje, tornando-se muitas vezes impossivel a entrada pela grande quantidade de pessoas.

Sem exagero, póde-se calcular em 5.000 a 6.000 pessoas a multidão que tomou parte nesta commeração».

TELEGRAMMA DO CORRESPONDENTE D'«O PAIZ»

A commemoração do centenario do padre Antonio Vieira continúa com brilhantismo.

A's 9 horas foi resada missa pelo arcebispo, que fez a benção da lapida, sendo a cerimonia bastante concorrida.

A's 10 1/2 sahio da praça da Piedade a procissão civica, composta de cerca de 2,000 alumnos das academias, escolas superiores, collegios particulares, escolas municipaes de ambos os sexos, diversas bandas militares e philarmonicas, principaes auctoridades estadoaes, em direcção ao Instituto Geographico,

sendo digna de todos os elogios a commissão promotora das festas.

Achava-se representada a imprensa local, reprensentantes da imprensa do norte e sul, inclusive «*O Paiz*», consul portuguez, commissões de associações portuguezas e representantes de todas as classes, formando um prestito nunca aqui visto egual.

A's 11 3/4, chegada a procissão ao Terreiro de Jesus, foi a lapida de marmore conduzida da nave da Cathedral para um estrado levantado no grandioso templo dos Jesuitas.

O Dr Satyro Dias, secretario do interior e vice-presidente do Instituto, proferio eloquente e patriotica allocução, seguindo-se diversos oradores e inspiradas poesias.

O presidente do Instituto encerrou a commemoração agradecendo a presença do selecto auditorio, superior de 4,000 pessoas.

Em seguida inaugurou-se a exposição das obras do padre Vieira no salão da Faculdade de medicina, pertencentes á bibliotheca publica.

Foi muito visitada a cella do padre Vieira.

Precedeu á sahida do prestito da praça da Piedade eloquente allocução proferida pelo director da instrucção publica, Dr. Octaviano Barretto.

TELEGRAMMA PARA A GAZETA DE NOTICIAS.

Bahia 18 de Julho de 1897:

Encerrou-se hontem a serie de conferencias sobre o Padre Antonio Vieira.

Foi extraordinaria a concurrencia para ouvir monsenhor Dr. Basilio Pereira, que occupou a attenção do auditorio por espaço de duas horas e meia, encarando Vieira como diplomata e politico: o conferente alçou-se á altura da reputação que gosa.

Monsenhor Basilio recebeo de todo o auditorio as manifestações de applauso e admiração por sua profunda e variada illustração. Como nas conferencias anteriores, estiveram presentes o governador e todo

o mundo official, além da representação selecta de todas as classes sociaes.

Falou o consul portuguez em agradecimento; sendo muito applaudido.

Hoje, ás 10 horas da manhã, na praça da Piedade, formou-se o grande prestito civico para solemnisar o acto da collocação da lapida commemorativa na fachada da cathedral, junto ao angulo do lado da Faculdade de Medicina, antigo convento dos jesuitas.

Da janella central da secretaria do interior dirigio palavras á multidão o Dr. Octaviano Muniz, inspector geral da instrucção publica. O discurso foi vibrante e analogo ao assumpto, sendo o orador bastante acclamado pelos ouvintes.

A's 11 horas desfilou o prestito nesta ordem, em direcção á praça 15 de Novembro, antiga Terreiro: musica de policia, alumnos da escola annexa e seu professor; alumnos da escola Treze de Maio com um laço de fita ao peito, estandarte e seu director; alumnos da escola de Bellas Artes e seus professores; alumnos do Collegio Florencio e seu Director; collegio União, de meninas e sua directora; collegio Carneiro e seu director; collegio S. José e seu director; collegio Piedade, de meninas, directora e professoras; musica do 5.º batalhão; Collegio S. Salvador e seu director; collegio Spencer e seu director; musica dos orphãos de S. Joaquim e alumnos do estabelecimento; musica do Lyceu de Artes e Officios, alumnos, professores e direcção; reunidas as Faculdades de Medicina e de Direito, alumnos da escola Polytechnica, seguindo-se unidos os estandartes da faculdade medica e de Direito, marchando sobre estandartes os Drs. Pacifico Pereira, José Olympio, director e vice-director da faculdade medica, seguindo-se o corpo docente da escola Polytechnica e seu director: o governador do Estado, tendo á direita o conselheiro Lopes de Vasconcellos, presidente do Tribunal de Appellação e revista, e á esquerda o consul portuguez; commissão do Instituto Geographico, official de gabinete e ajudante de ordens do governador, a imprensa d'aqui e d'ahi, presidente do senado, senado-

res, deputados, magistrados e muitas outras commissões.

O prestito chegou ao Terreiro ao meio dia. Ao lado da cathedral, onde foi collocada a lapida, estava erguido um coreto coberto de bandeiras de varias nacionalidades.

Occuparam o coreto o governador, conselheiro Salvador, presidente do Instituto Historico, Dr. Satyro Dias, vice-presidente do Instituto e secretario do interior, consul portuguez, imprensa, alguns senadores, Dr. Silva Lima, iniciador da idéa de commemoração ao padre Vieira, poetas Silva Senna, Costa e Silva e mais alguns cavalheiros.

Conduziram a lapida para o coreto os Drs. Braz do Amaral, Reis Magalhães. Filinto Bastos e Silva Lima, Conegos Hermelino Leão e Manfredo, conselheiro João Torres e Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga.

Em discurso cheio de ensinamento civico discorreu o Dr. Satyro Dias, que foi muito applaudido e felicitado ao terminar.

Recitaram poesias Costa e Silva e Silva Senna.

Collocada a lapida em seu logar, o Conselheiro Salvador agradeceu a todos em nome do Instituto Geographico e Historico da Bahia. A pedra foi benta pelo preclaro arcebispo D. Jeronimo, após a missa que celebrou.

A capella e a cella do padre Vieira serão expostas á visita publica hoje. A multidão que assistiu á commemoração ascendia a mais de cinco mil pessoas.

A IMPRENSA

O Centenario de Vieira

(Diario da Bahia)

O padre Antonio Vieira, a grande individualidade que ha 200 annos, no dia de hoje, cerrou nesta terra os olhos á vida e ao trabalho incessante de

um apostolado fecundo, recebe na canonisação de sua obra immorredoura o mais legitimo dos preitos que a humanidade pode render a um benemerito.

Esta sentença da posteridade, quando os grandiosos dotes do espirito de Vieira não tivessem subjugado e vencido os odios e a inveja que tantas vezes lhe rugiram no caminho triumphante que percorreu o intemerato apostolo christão, bastaria para reivindicar, em nome da verdade historica, a justiça que alguns dos seus coevos lhe tentaram negar.

A historia, despertando do somno centenario esse espirito, que encheu em seu seculo toda a vastidão do predominio da patria de seu nascimento, vem fazer a sagração suprema de seu nome, como o de um de seus eleitos immortaes.

A Bahia, em cuja magestosa natureza seus olhos de aguia fitaram a grandeza de seu destino, sob cujo céo sua alma se inspirou e se apaixonou pelo ideal desse apostolado que honrou até o ultimo momento, fazendo do Evangelho a clava invencivel de seus combates, paga-lhe hoje em bençãos o precioso acervo de beneficios que lhe legou com o desinteresse proprio dos espiritos superiores.

Sente-se que da poeira divina desse tumulo, de que seu vulto irrompe á evocação da posteridade, maravilhada e absorta ante a magnificencia da obra de sua palavra phenomenal, se côa uma como pulverisação abundante de luz, que transforma a sepultura do missionario humilde num arco de triumpho para todas as conquistas de sua arrojada palavra.

Essa porção de creanças gentis que lhe atiram á memoria braçadas de flores de um enthusiasmo que não murcha, entre os hymnos de uma alegria que não se apaga; essa pleiade de moços que se curvam diante das manifestações de seu genio, vem significar, em nome da civilisação e do bem, o seu reconhecimento ao catechista das tribus brazileiras, que, arrostando os perigos, vencendo as fadigas do corpo, soffrendo penurias, tendo por leito uma simples esteira de palha, foi levar ao seio virgem das florestas

os raios da fé em que se inflammava, para trazer ao trabalho e á civilisação almas que se voltassem para o céo e braços que se voltassem para a terra.

Poderoso milagre da palavra esse, que, depois de ter vertido nas almas ha dois seculos o estimulo do bem, a fé no trabalho, o amor á verdade, illuminando as cabeças e ameigando os corações, alvoroça uma geração inteira, que lhe perpetúa o prestigio, doirando-se em seus clarões, avigorando-se com a polpa de seus fructos substanciosos.

Espirito immortal da justiça, tu, que accendes nas arestas negras do erro que ensombra os povos sem fé a alampada da verdade que não se extingue; tu, que acompanhaste em toda a sua peregrinação o evangelisador intemerato, fazendo ainda mais forte, ainda mais inquebrantavel a sua austeridade, a sua tenacidade, a sua serenidade de animo; tu, que o ajudaste a transpor as serras e a percorrer as chapadas dos sertões desertos; tu, que o conduziste aos triumphos e o alentaste nos revezes, para que nós o vejamos a toda a luz de sua grandeza, abre esse portico immortal que a morte lhe arqueou sobre a cabeça laureada, para a gloria dos dois povos que elle amou, a patria de seu nascimento e a patria de sua intelligencia:—Portugal e Brazil—os dois polos do seu amor, os dois extremos de sua dedicação, os dois cantos do poema de sua vida fecundissima.

(Diario de Noticias)

Ha dous seculos exhalava o derradeiro alento de uma vida operosa, no retiro de uma cella, cercado dos confortos da religião de que fôra devotado apostolo, o Padre Antonio Vieira, um dos mais proeminentes vultos de Portugal no seculo XVII.

Vestindo a roupeta negra da celebre ordem que então refulgia pelas preclaras virtudes e notabilissimos triumphos de nossos filhos, elle alçou-se ás elevadas alturas dos conselhos regios pelo seu proprio merecimento, e d'elles desceu sem haver des-

merecido a fama que o circumdava com os applausos dos contemporaneos.

Perlustrou todos os campos da actividade e saber humano, deixando o seu nome ligado para sempre á formosa lingua portugueza, que elle esmaltava de bellezas peregrinas.

E ainda hoje, ha quarenta lustros de distancia, e sem as asperesas da luta empenhada em volta d'elle, a sua individualidade se destaca inteiriça, para vir receber a sagração da posteridade.

Honra á Bahia e aos promotores do centenario.

(Jornal de Noticias)

De quantos vultos culminaram no segundo seculo do regimen colonial, d'esta parte da America, nenhum talvez sobrelevou a individulidade do Padre Antonio Vieira, nascido portuguez, nutrido aos seios ubertosos desta carinhosa «mater nutrix», que lhe guardou os despojos e lhe glorifica a memoria.

O eminente jesuita, em razão da sua estrenua capacidade, das multiplas aptidões com que ella se revelou, dos varios objectos a que teve applicação durante uma longa existencia solicitada por ambições elevadas e nobres, conseguiu galgar na historia daquelle seculo uma altura sufficiente para que ainda hoje o contemplem os olhos admirados da geração moderna, pasma de tanto saber e tamanha força.

E é uma verdadeira constellação a gloria de Vieira. Cada uma das espheras em que empregou os seus talentos e a sua virtude, brilha como o disco de um astro, e como os proprios astros ellas apresentam ás vezes pequenos pontos opacos, que todavia não deslustram o phenomenal esplendor desse conjuncto...São as manchas do sol.

Si ha na sua carreira diplomatica e na sua politica a sombra do *Papel Forte* e do *Parecer sobre as cousas do Brazil,* e as condições, ou antes con-

descendencias, apuradas pela critica historica no seu procedimento em face da escravidão dos indios e negros, sombras aliás explicaveis pelo nivel moral do tempo e a pressão dos interesses da côrte e da ordem a que servia o grande jesuita, ficam-lhe soberanos, indestructiveis, os meritos excepcionaes do catechista abnegado, do orador sem rival, do admiravel minerador da lingua, do incansavel servidor da patria.

Os invios sertões brazileiros, as nossas praias arenosas, os nossos rios invadeaveis guardam as pegadas e a imagem daquelle apostolo da caridade, que ha duzentos annos affrontou, por ahi além, a flecha ervada do selvagem, o rigor das intemperies e a covardia sanguinaria das feras, a pregar a lei do Christo, a chamar para a luz da fé e da civilisação os cegos e rudes que viviam na grosseira animalidade da taba e da matta virgem.

A tribuna dos nossos tempos ainda repete, como echos longiquos, a voz do portentoso sermonista, aquelle verbo inflammado e rutilante, ora incendido na chamma das verdades evangelicas a doutrinar o povo, ora inspirado nos divinos exemplos da caridade, apostrophando o captiveiro:

«Oh! trato deshumano em que a mercancia são homens!» «Por ventura esses homens não são nossos irmãos?» «A natureza como mãe, desde o rei até o escravo, a todos fez eguaes, a todos livres.»

Nem o burel da roupeta em que tantos outros se amortalharam, morrendo para as cousas da terra, suffocou em aquelle espirito os estos do patriotismo.

Por isso quando a Bahia atravessava aquella epoca de resistencia ás conquistas hollandezas, de armas em punho sempre attenta á approximação dos invasores, impavido, militante, mais parecendo um guerreiro cruzado que um padre evangelista, assomava no pulpito a figura energica de Vieira, e traçava aos olhos do povo, com tanto primor de artista quanto fogo de patriota, aquelle estupendo quadro imaginario da occupação da cidade, onde ha passagens dignas da tragedia eschyliana.

Mas ainda resta a sua obra escripta, esses thesouros accumulados do idioma portuguez, esse vasto sermonario, a que um dos seus maiores continuadores na tradição litteraria de Portugal chamou, com admiração, «riquissimos minerios do mais fino ouro pelo que respeita á linguagem.»

E' a essa gloria, em que tem grande parte a Bahia, como fecunda nutriz, que foi, do genio de Vieira; é a esse homem respeitado quer pelos seus posteros, quer pelos seus contemporaneos, o unico deante de quem se refreou o genio satyrico de Gregorio de Mattos, seu emulo na capacidade, embora dissidente na vocação; a esse insigne cidadão de duas patrias é que a Bahia tributa agora a veneração a que têm direito os immortaes.

Justiça da posteridade! sêde sempre a recompensa dos que se elevam pelas proprias forças do espirito, pelo trabalho, o saber, a intelligencia, a virtude.

Ha muitos annos, esta capital não presenciava solemnidade tão bem organisada, tão engalanada das pompas do talento e do concurso popular, como a soberba apotheose que durante oito dias engrinaldamos a memoria do illustre filho de duas patrias.

Honra á Bahia, «mãe da intelligencia», pelo fausto com que eternisou sua commemoração, a mais grandiosa certamente de quantas tributadas, no mundo, por motivo d'esse bi-centenario.

Honra ao *Instituto Geographico e Historico da Bahia* pelo exito victorioso de sua idéa, valiosamente patrocinada pelo merito dos conferenciadores, pela dedicação da commissão executiva e pela solidariedade do povo, affluindo respeitoso e avultado, em todas as cerimonias havidas.

(Cidade do Salvador)

Quizeramos empunhar hoje uma penna de ouro para cantar com o povo bahiano o nome tres vezes aureolado do Padre Antonio Vieira.

Quizeramos possuir o que o genio tem de mais

vivo e sublime para que completas fossem hoje nossas homenagens.

Quizeramos, emfim, ter á nossa disposição tudo que a eloquencia tem de admiravel e encantador, para, nas azas de uma ardente imaginação, fitar de perto aquella aguia de ouro, aquelle sol tão luminoso, cujos raios atravessam dous seculos sem perder sua limpidez e seu brilho.

O insigne Jesuita, cujos feitos assombrosos a historia registrou nas suas paginas mais gloriosas, acaba de receber das gerações actuaes as honras de uma legitima apotheose.

Sempre de todos admirado, já pelas suas virtudes religiosas, já pelo seu patriotismo, umas vezes pelo seu talento diplomatico, outras vezes pelo genio politico e sempre pela sua eloquencia, que o aureolou com o principado da palavra—eil-o, depois de morto ha dois seculos, vivo na memoria dos povos, acclamado por quantos no peito bata forte e vigoroso o sentimento da liberdade, louvado com generosidade e com applausos pelos homens de lettras, querido atè o enthusiasmo pelos seus irmãos, nos quaes tambem refulgem singularmente os reflexos de sua immarcessivel gloria!

Sim, foram duzentos annos que atravessaram a memoria do illustre morto; duzentos annos com as variedades, as alternativas, as inconstancias e as destruições que sóe apresentar o tempo com sua espada inhumana e implacavel; mas o homem que não foi senão um simples religioso, zombou destes obstaculos, e hoje comparece no scenario da vida social cercado da maior grandeza.

Tal é o destino do genio: encarna-se na successão dos seculos, e, assim como o sol, quanto mais ganha o horisonte, depois de seu bello oriente, mais augmenta em fulgor, assim tambem elle, dia a dia, vai assignalando com maiores glorias sua passagem luminosa.

E ainda dizem que a Bahia é refractaria ao progresso, que a Bahia se divorcia de seus deveres, que a Bahia é filha madrasta da Republica.

Pois a Bahia que se levanta, em meio de tão profundas agitações, para não esquecer um de seus maiores bemfeitores, um dos mais importantes guerreiros da causa santa da sua civilisação, é digna de suspeita?

Pois a Bahia que, sem olvidar seus mais graves deveres e suas tremendas responsabilidades, que sem afastar-se do caminho do patriotismo, entoa hosannas ao insigne cultor da lingua patria e derrama flores sobre sua lousa preciosa, pode ser suspeita á Republica, quando celebra com delirio e magnitude uma das columnas brilhantes do edificio de suas liberdades?

E' a primeira festa essencialmente litteraria que se celebra na terra de Santa Cruz depois da proclamação da republica. E' a primeira vez que, em pleno regimem democratico, se congregam os homens de lettras congraçados com a mocidade discente para honrar o genio.

E esta primazia coube á Bahia, a Athenas brazileileira.

Associando-nos ás homenagens que o patriotico *Instituto Historico* acaba de prestar ao primoroso orador sagrado e ao mestre sem rival de nossa lingua, reverentes curvamo-nos ante sua memoria, licção preciosa aos presentes e ás gerações futuras.

CONEGO MANFREDO DE LIMA.

A Bahia não o viu nascer, mas foi a Bahia quem lhe abriu, de par em par, as portas do Parthenon das lettras, onde se sublimou nas sciencias; foi a a Bahia quem lhe burillou o nobre espirito e o formou na piedade; foi a Bahia que lhe offereceu o terreno aptissimo para a sega do bem, em que se salientou; foi na Bahia que encontrou o campo vastissimo em que empregou sua variada actividade; foi ella o theatro de suas mais nobres e elevadas acções: suas selvas incultas, seus matta-

gaes espessos, seus agros cerros, suas immensas cordilheiras lhe serviram de tecto amoroso ou de leito deleitoso; o bravo indio ou o civilisado incola lhe deram arrhas ás suas pregações.

Na Bahia não nasceu, mas na Bahia cresceu, na Bahia formou-se. Na Bahia trabalhou, na Bahia gozou. Na Bahia pregou, na Bahia salvou; e, quando mais não poude, na Bahia finou-se. Guarda, terra eleita, os despojos sagrados deste preclaro varão. Em teus celleiros litterarios alberga os prodigiosos ensinamentos deste genio soberbo, inimitavel. Florestas virgens, nos murmurios vagos de tua esverdeada folhagem, dae guarida á sombra ao teu missionario. Passarinhos dos bosques desferi os cantares dos teus chilros mimosos em honra do companheiro de tantos annos.

Terra minha muito amada, celebra com honra e distincção a memoria do teu civilisador.

A. MACHADO.

(Correio de Noticias)

A juizo geral amplamente manifesto, a commemoração do bi-centenario do Padre Antonio Vieira, promovida pela iniciativa do nosso Instituto Geographico e Historico, esteve um acontecimento na altura dos creditos litterarios, scientificos e civicos da Bahia.

A' proporção que se succediam os actos da magna solemnidade, distribuidos por sessões litterarias e terminadas por uma imponente procissão ante cuja enorme representação, na pedra do sumptuoso monumento de nossa crenças religiosas, se insculpiu o testemunho de homenagem publica rendida ao grande cidadão, á medida que esses factos foram-se succedendo, dir-se-hia que a Bahia senhoril ia tomando posse de si mesmo, e, alçada superior ás lutas pequenas e opprobriosas em que a envolvem,

surgia aquella que por tanto tempo mereceu as honras da hegemonia com que lhe cognominaram de Athenas Brazileira.

Era a Bahia a tomar posse de si mesma, acudindo pelas multiplas representações activas de seu espirito litterario, scientifico, industrial e artistico para dar mais um exemplo da superioridade de animo e serenidade de altivez, da nobreza de sentimentos e criterio de justiça, com que suas manifestações se revestem de caracteristico altruismo e notavel sobranceria, de grandes ensinamentos e adeantada civilisação.

A Bahia fechou a commemoração do bi-centenario do Padre Antonio Vieira com uma festa na altura da civilisação.

Dir-se-hia que foi o tempo lhe abrindo ensejo, bem aproveitado, para que mostrasse, serena e varonil, que sabe honrar as suas tradições democraticas sem desvarios, faz justiça ao passado com bom senso, e consciente resguarda o futuro zelando vigilante pelo presente que é de acendrada fé republicana.

(*Jornal do Commercio do Rio*)

Passa hoje o centenario da morte, na Bahia, do notabilissimo cultor da lingua portugueza, o famoso Padre Antonio Vieira.

Nasceu em Lisboa esta summidade litteraria. Educado na escola classica da sua epoca, dotado a um tempo de superiores qualidades de escriptor e de orador, o Padre Antonio Vieira deixou de si immorredouro conceito, porque ninguem como elle, na epoca em que nasceu, sabia manejar com maior opulencia e com mais aristocratico arreganho a lingua primorosa de Camões.

No pulpito, a phrase sahiu-lhe dos labios espontanea, facil, conceituosa, vivaz; no livro, nas suas *Cartas*, nos seus *Sermões*, na sua *Historia do Futu-*

ro, a observação ligava-se caprichosamente a um estylo opulento e engalanado, de sorte que ainda hoje o Padre Antonio Vieira é modelo de oratoria.

Foi jesuita, e um dos mais illustres membros desta vasta congregação.

A Bahia serviu-lhe de desterro, e alli morreu, sem ter, na opinião dos historiadores, prestado ao seu paiz os serviços que seria licito esperar do seu formidavel talento. Mas apezar desse senão, no que todos os investigadores do passado são concordes, é que o Padre Antonio Vieira ergueu, com a sua eloquencia, um monumento primoroso á litteratura do seu paiz. E, como homem de lettras, como estudioso, o Padre Antonio Vieira é um dos mais portentosos vultos da galeria portugueza.

(*O Paiz*)

E' hoje o 2.º centenario da morte do Padre Antonio Vieira, que falleceu na cidade da Bahia a 18 de Julho de 1697.

Foi um dos maiores talentos que Portugal tem produzido; pregador eminente e escriptor emerito, não foi ainda excedido na propriedade da phrase, e no arrojo das descripções.

Passou grande parte da sua existencia trabalhosa no Brazil, que lhe deveu os mais assignalados serviços. Caracter austero, probo e franco até á rudeza, a autoridade do seu conselho influio muita vez nos decretos do throno e nos destinos da colonia.

Para nós, brazileiros, honrar a sua memoria não é somente dar um preito de admiração dos seus grandes privilegios, é dever de reconhecimento aos extraordinarios serviços.

Padre Vieira

OFFERECIDO AO DR. SILVA LIMA

(Contribuição para a festa do centenario)

SONETO

Debaixo da sotaina esfarrapada
Pulsou teu coração a vida inteira;
Mais brilhante que o sol era, Vieira,
Tua voz, tua palavra adamantada.

Portuguez déste á Patria tão amada
Glorias, do berço á hora derradeira;
Ao Brazil, tua Patria na carreira,
Foste a luz no cruzeiro constellada,

Davas o pão, matando a sêde aos pobres,
Davas a luz, que entre as nações commanda
Davas a lei que soffreava os nobres,

Pequeno, forte, humilde, irmão do povo.
Tua palavra, só, venceu a Hollanda,
Teu nome é Portugal no mundo novo.

Bahia, Julho de 1897.

J. B. G. CERNE.

Padre Antonio Vieira

Que vulto é esse grandioso e altivo,
Que do Brazil na historia tanto brilha?
Que para grandes feitos veio ao mundo,
E o caminho da gloria cêdo trilha?

Pregador primoroso, grão politico,
Da Egreja luminar e defensor
Dos indios brazileiros, em que algemas
De dura escravidão quizeram pôr!

Quem é esse que outr'ora nos livrou
De ficarmos um povo escravisado,
E com tanta eloquencia doutrinou-nos,
Na lei santa de um Deus crucificado?

E' o grande portuguez, o heroe brasileo,
Do Evangelho eminente semeador,
O classico rival do magno Epico,
De Portugal o maximo orador!

Padre Antonio Vieira—eis o nome
No velho e novo mundo venerado!
Aguia sublime, filho de Loyola,
Escrevendo ou falando, um inspirado!

Tres seculos são passados! ainda vive,
Na memoria e no peito do Brazil,
O nome que immortal honra dous povos,
Mais alto do que estatua e mais gentil!

Emquanto este planeta que habitamos
Se mover a saudar o rei dos astros,
Do genio excelso do preclaro luso
Hão de luzir os fulgurantes rastros.

Vale seu nome uma epopeia rutila!
Hoje, porém, em doce orchestra echôa,
Em hymnos numerosos repetido,
Que ao seu bicentenario o mundo entôa!

Coroam tua fronte, lá na gloria,
Acções heroicas, tuas dignas filhas,
O vulto illustre, nobre e magestoso,
Que do Brazil na historia tanto brilha.

FLIVE.

O bicentenario da morte do Padre Antonio Vieira

Escriptor, diplomata, missionario,
Vivo elle está dos seculos no proscenio!
O tempo, das grandezas usurario,
Consome o corpo, mas não mata o genio!

—

O renascimento das lettras na Bahia

Não sabe-se qual foi a mais brilhante,
Nem a mais erudita conferencia . . .

.˙.

Revela-se a Bahia, a cada instante,
Ninho de glorias, «Mãe da intelligencia»!

Jornal de Noticias (*Lulú Parola*)

No bi-centenario do Padre Antonio Vieira

Gloria da patria lusa e da bahiana,
D'um justo preito te render se ufana
    Nosso brio tambem;
Paladino que em prol da caridade,
Sacrificaste—ardente—a mocidade,
    Na cruzada do bem!

Quando echoava na floresta escura
Da tua bocca sacrosanta e pura
    O verbo atroador,
O selvagem curvava-se tremendo
Ao ver-te o vulto homerico, estupendo,
    De evangelisador.

Mas que nobre missão em que te empenhas?!
O que procuram nas incultas brenhas
Os filhos de Jesus?...
A pedraria—que deslumbra a vista?...
A gloria, tão precaria, da conquista?..
O ouro que seduz?...

Irão como o paulista bandeirante
Em busca do Eldorado fascinante
As mãos cheias colher
Inexgotavel, precioso veio
Que a terra cuidadosa no seu seio
Sabe, avara, esconder?

Não, a cubiça não te guia o passo,
Sem temer nem fadigas, nem cançaço
A' chuva exposto e ao sol
D'outra victoria vás colher as palmas
Purificando embrutecidas almas
Da crença no crisol!

Terás por tecto—a abobada celeste,
Por tribuna sagrada—o monte agreste,
Por templo—os alcantis,
Porém lá, como cá, um povo inteiro,
Civilisado ou rude brazileiro,
Curvando-te a cerviz.

Estatuario debastando a pedra,
Da rocha aonde apenas joio medra
Sabias arrancar
A creatura san, civilisada,
Que inda um dia talvez fosse levada
Pr'a cima d'um altar.

E' que esse verbo altivo e magestoso,
Rolando em catadupas, caudaloso,
Por entre os matagaes,
Ardente—como sol d'aquellas zonas,
Soberbo—como o curso do Amazonas,
Como o tapir—audaz.

Da flauta canadense tinha encantos,
Qual fabuloso Orpheu sustava os cantos
Ferozes do tupy!
Da penedia pela rude escarpa
Era sonoro como as notas d'harpa
Sublime de David.

Despertava em seu antro a fera brava,
Do valente guerreiro a enorme clava
Abatia a teus pés,
Partia os arcos, deshervava as settas,
E na doutrina simples dos ascetas
Confundia os pagés.

Do indigena inculto fez o crente,
Quebrou a ignorancia—esta corrente
D'um eterno galé!
E da noite sombria d'esses craneos
Fez surgir os incendios subtaneos
Da verdadeira fé!

Nunca se viu no pulpito um gigante,
Como tu, se elevar altisonante
Dominando escarceus,
N'um arroubo sublime de insensato,
Qual outro Prometheu, intemerato,
A provocar os ceus!

Ergues a voz e rola pelas naves
Como o incenso—em espiraes suaves
A musica dos sons!
Serena a tempestade, os ares tolda,
A tua voz é um protheu, se amolda
A forma que lhe impões.

Este auditorio attento que lectrizas,
Oceano que agitas, tranquilisas,
Qual outro povo hebreu
Tua doutrina, teus conselhos sabios,
Moysés!—elle suspenso de teus labios,
Ouve-te humilde e é teu!

Se a soberba Castella o colo erguia
Ou se o batavo audaz tinha a ousadia
De querer dominar
Chamados pelas côrtes de Lisboa,
Diplomata sagaz junto a corôa
Achavas teu logar.

Alli, o teu engenho assaz fecundo,
Resolvia espantando todo o mundo
Intrincadas questões
Da politica ousado palinuro
Ensinando o caminho do futuro
A's novas gerações.

Junto dos reis teu gesto dominava,
A' tua augusta fronte circumdava
Uma aureola de luz!
Foi tua voz—o grito dos alarmas
Teu escudo—o burel, as tuas armas
—O evangelho e a cruz.

Não cabem n'uma estreita sepultura
Cinzas de quem attinge a estatura
Dos vultos collossaes;
Homens que como tu sobem tão alto
As raias do porvir tomam de assalto
E tornam-se immortaes.

Bahia, Julho 1897.

Dr. *Manoel Brito.*

O Padre Antonio Vieira

COMMEMORANDO O SEGUNDO CENTENARIO DE SUA MORTE

(*Ao Sr. Theophilo Braga*)

«...Dir-se-ha que Deus está hollandez ?...» — Sermão pregado em 1640, na Bahia, pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda.

Alto; magro; espectral; cozido na roupeta
Da morte; cruz ao peito e solidéo á fronte;
Livido a barba hirsute:—outro Jehovah no «Monte»
Da cathedra troveja o Victor Hugo asceta.
Já não tem o sorriso, em lamina secreta,
Com que ao peixe-voador vasara o orgulho insonte;
Rompe-lhe a indignação em lavas de ignea fonte,
Cedendo Juvenal o latego ao propheta
Isaias.— E alli, n'um impeto tremendo,
Rouca a voz, largo o gesto, emphatico e estupendo,
Como um raio a estalar nas tenebras dos ceus...
Contra o hollandez que affronta a «Cruz» a couce d'armas,
Não tendo em quem vingar seus intimos alarmas
—Polvo enorme do genio—elle estrangula Deus.

Rio—(1897.)

Generino dos Santos.

A' memoria de Antonio Vieira

Firme, grave, de pé, na estreita céla,
De olhar prescrutador, nesse momento
Parecia uma eterna sentinella,
Estatua contemplando do firmamento.

A seus olhos o mundo se revela
Grande e pequeno; misero e opulento!
Ora— a rugir em gritos de procella,
Ora— a espalhar a luz do pensamento.

E elle, o collosso lusitano, altivo,
Vencendo o tempo audaz que o não consome
Sempre gigante e heroe, mas sempre esquivo,

Até na fria lousa em que se some
Mostra-se ao mundo inteiro redivivo
Transpondo os sec'los a deixar seu nome!

Rio,—Julho 1897.

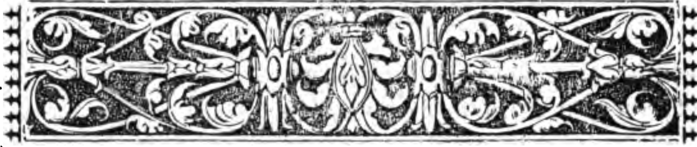
Alexandre Fernandes.

PARTE III

VIDA E OBRAS

DO

Padre Antonio Vieira



VIEIRA E SUAS OBRAS

JUIZO CRITICO

Noticia biographica do Padre Antonio Vieira

Padre Antonio Vieira, um dos mais famosos varões que produziu Portugal, nasceu na Cidade de Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608, e em 15 foi baptisado na igreja Cathedral, em cuja pia recebera a primeira graça o insigne Thaumaturgo Santo Antonio. Logo na puericia se admirou a perspicacia do juizo, e sublimidade do talento, com que a natureza prodigamente o dotara, respondendo com tão discreta promptidão ao que se lhe perguntava, que eram veneradas as suas respostas como sentenciosos apothemas.

Na tenra idade de sete annos partiu com seus paes, Christovão Vieira Ravasco e D. Maria de Azevedo para a Bahia, capital da America Portugueza, onde, obedecendo á divina vocação, desprezou heroicamente o amor e casa paterna, ausentando-se furtivamente della para a Companhia de Jesus, em cuja sagrada milicia, depois de repetidas instancias, foi alistado em 5 de Maio de 1623, quando contava 15 annos; fazendo a profissão solemne a 26 de Maio de 1634.

Desejoso de illustrar com o seu talento a religião de que era filho, se prostrou devotamente na presença de uma imagem da Virgem Santissima, supplican-

do-lhe com fervorosas instancias o fizesse digno de exercitar o ministerio de orador Evangelico, e para manifesto argumento do despacho desta supplica sentiu, que se lhe dissipava repentinamente do entendimento uma sombra, experimentando daquelle dia por diante penetrar sem difficuldade os mysterios das sciencias mais profundas, que fielmente depositou no precioso thesouro da sua memoria.

Como o seu engenho era agigantado, logo começou a fructificar ao tempo de florescer, escrevendo de dezesete annos as cartas annuaes do Brazil em a lingua latina, com elegante estylo, dictando no seguinte como mestre da primeira aos seus domesticos, as tragedias de Seneca, eruditamente illustradas, e compondo, de vinte, um Commentario Literal e Moral sobre Josué e outro sobre os Cantares de Salomão, em cinco sentidos.

Para se instruir nas sciencias escolasticas, não teve outro mestre mais que a si mesmo, compondo o curso de Philosophia e Theologia, pelo qual aprendeu estas faculdades, causando ao mesmo tempo inveja e admiração aos maiores professores dellas que disputasse, defendesse e arguisse com profunda subtileza nas questões mais difficeis, sem o soccorro de instrucção alheia, mas unicamente pela laboriosa applicação do seu estudo. Admirados os superiores de que nunca, sendo discipulo, fosse já mestre consummado, o elegeram com maduro conselho lente, esperando que da sua escola sahissem mestres todos os seus discipulos; porém não teve effeito esta eleição por ser obrigado a acompanhar D. Fernando Mascarenhas, filho do Marquez de Montalvão, governador do Brazil, quando, em nome daquelle Estado, veio dar obediencia ao Serenissimo Rei D. João o IV, novamente elevado ao throno de Portugal.

Tanto que chegou á Côrte no anno de 1641, foi recebido por este monarcha com singulares demonstrações de affecto; e, certificado occultamente da sua profunda capacidade, não somente o elegeu seu prégador, mas lhe commetteu negocios de gravissimas consequencias, que administrou com igual pru-

dencia, que fidelidade, assim nas côrtes de Paris e Hollanda no anno de 1646 e 1647, como em Roma no anno de 1650, escrevendo em todas estas negociações doutissimos tratados em obsequio do seu principe, e zelando como verdadeiro portuguez os politicos interesses desta monarchia contra as cavilosas maximas das outras corôas.

Entre tão diversas nações por onde discorreu, deu claros testemunhos da penetração do seu juizo, adquirindo, com a lição dos livros mais raros que revolveu nas melhores bibliothecas e com o commercio familiar dos professores de todo o genero de sciencia, tanta cópia de noticias, que era respeitado como oraculo da Sabedoria Christã e Politica. Com igual gloria da Religião Catholica e credito da sua profunda sciencia, convenceu em Amsterdam a Manassés Ben Israel, o mais insigne Rabino da Sinagoga, e triumphou em Roma da impiedade de um atheista.

Não alcançou menor gloria nas continuas disputas em que por varias vezes altercou com os mais doutos hereges, que, com apparentes sophismas, queriam rebater a solida efficacia dos seus argumentos, contando nesta litteraria campanha as victorias pelas disputas, e os triumphos pelos combates. Soube perfeitamente as linguas mais polidas da Europa, falando a italiana, franceza e hespanhola com propriedade e elegancia: principalmente foi insigne na materna, explicando a sublimidade dos seus conceitos e a fineza dos seus discursos com phrases puras, e termos proprios, sem mendigar vocabulos de idiomas estranhos.

Foi o maior prégador do seu tempo, e o será com inveja das outras nações em toda a posteridade, verificando em si a fabula de Hercules Gallico, pois com a torrente de sua aurea eloquencia attrahia suavemente suspensa a attenção dos seus ouvintes. Em Roma, patria dos oradores mais famosos, se venerou com profundo respeito a sublime facundia da sua lingua, e ao mesmo tempo que venerou a memoria de Tullio, lhe diminuiu a gloria e sepultou o nome. Nesta grande côrte, aonde chegou segunda

vez por ordem de el-rei D. Pedro II a 16 de Novembro de 1669, pregou os cinco Discursos das pedras de David na presença da celebre heroina a Serenissima Rainha de Suecia, Christina Alexandra, que, como outra Sabá, veio a admirar de longe a discreta elegancia deste Evangelico Salomão, sendo as acclamações e applausos que mereceu desta princeza, como de todos os principes ecclesiasticos e seculares da cabeça do mundo, pequeno brado á sua fama, limitado premio ao seu talento.

Da oratoria Ecclesiastica teve o principado, falando o commum com singularidade, o semelhante sem repetição, o vulgar com novidade, o sublime com clareza e o humilde com decoro; sendo discreto sem affectação, copioso sem redundancia, e tão corrente o estylo como nascido menos da arte, que da natureza. Representou com tão viva energia, que eram escusadas as palavras por serem eloquentes as acções. Penetrou com profunda subtileza os mysterios mais occultos da Sagrada Escriptura, que toda leu por diversas vezes, examinando as suas maiores difficuldades com as luzes dos Santos P. P. e Sagrados Interpretes, em que foi muito versado, particularmente correndo a cortina aos Oraculos dos prophetas para serem intelligiveis os seus vaticinios.

Em todas as sciencias foi eminente, sendo insigne humanista, consummado rhetorico, e elegante poeta vulgar e latino, subtil phylosopho, profundo theologo, sublime escripturario, grande chronologo e completamente douto na Historia Sagrada e profana.

Ornado de tantos dotes com que copiosamente o enriquecera a divina liberalidade, nunca se descobriu no seu animo o mais leve signal de jactancia, antes recebendo notaveis honras e estimações de muitos principes, assim naturaes como estranhos, não foram poderosas para lhe alterarem a humilde condição do seu genio; de tal sorte que, escrevendo-lhe em 12 de Setembro de 1680 o seu geral João Paulo Oliva de estar eleito confessor da rainha de Suecia, querendo esta heroina que fosse o seu director para alcançar uma coroa pela qual tinha dei-

xado heroicamente tantas, se escusou com summa modestia de ministerio tão honorifico.

Toda a sua ambição era da gloria divina, e não da humana; deixando por ella a patria e o declarado affecto da magestade de el-rei D. João IV, partiu para o Maranhão a procurar com indefesso trabalho a conversão daquella gentilidade, para cuja sagrada empreza se obrigara com voto desde a edade de 27 annos. Acompanhado de alguns varões apostolicos, promovidos do seu exemplo, chegou ao Maranhão a 22 de Novembro de 1652, onde, lançando os primeiros fundamentos áquella nova missão, de que era o fundador, foi obrigado a voltar a Portugal a 16 de Julho de 1653 a solicitar da magestade de el-rei D. João o IV a liberdade dos indios, como totalmente necessaria e conducente para a sua conversão.

Vencidos os obstaculos, que tão justificada representação se oppuzeram, segunda vez partiu para o Maranhão em companhia do seu novo governador, André Vidal de Negreiros, sendo impossivel de relatar o ardente zelo com que pelo espaço de nove annos cultivou aquella agreste vinha. Para converter gentios, doutrinar cathecumenos e conservar neophitos visitou onze vezes as residencias da missão; navegou vinte duas vezes rios mais extensos que o Mar Mediterraneo; discorreu a pé quatorze mil leguas por lugares incultos, fragosos e solitarios, tolerando excessivos calores, vigorosos frios, horrorosas tempestades, em que muitas vezes se viu quasi engolido das ondas e, por superior auxilio, livre e salvo. Em beneficio dos novos convertidos compoz seis cathecismos em diversas linguas, levantou dezeseis igrejas, para cujo ornato despendeu mais de 50 mil cruzados, sendo tal o fervor apostolico com que ensinava áquelles barbaros o caminho da vida eterna, que parecia se animavam as suas palavras do espirito de S. Paulo e do zelo de Xavier.

A tão laboriosa cultura correspondeu abundantemente o fructo, pois á efficacia das suas vozes se converteu infinita multidão de gentios Inheigaras, Tupinambás, e Poquiguarás, habitadores do Ceará,

Maranhão, Pará e o grande Rio das Amazonas, não sendo menos glorioso o triumpho com que, a 16 de Agosto de 1659, foi recebido pelos Nheengaybas em agradecimento de os ter reduzido á fé catholica e á obediencia de el-rei de Portugal.

Attendendo o Revm. geral da companhia Tyrso Gonzales ao incansavel desvelo com que tinha aggregado tantos filhos ao gremio da igreja, o nomeou a 17 de Janeiro de 1688 visitador da provincia do Brazil e superior absoluto de todas as missões, lugares que acceitou constrangido, como quem estudava mais obedecer que mandar.

*
* *

Os ultimos annos de sua vida assistiu na Bahia para onde partira no anno de 1681, elegendo com madura resolução esta cidade para sepultura, já que fôra o seu berço para a religião. Retirado em uma quinta do arrabalde da mesma cidade, se occupou como outro Cicero no seu Tusculano, preparando as suas obras para a impressão, o que executou por expressa ordem do seu geral, ordenando-lhe que tambem acabasse o livro intitulado *Clavis Prophetarum*; posto que estivesse quasi cego, para fazer mais meritoria a sua obediencia, se valia dos olhos alheios para lhe lerem os livros, cujas paginas apontava de memoria, achando-se fielmente o que nellas procurava, sendo este trabalho muito superior ás suas forças.

Praticou como religioso observante todas as virtudes proprias daquelle estado. Levantava-se muito cêdo para a oração, cortando pelo descanso necessario a sua idade para ficar expedito para o estudo. O livro espiritual de que mais frequentemente usava era o *De Imitatione Christi*, escutando como vozes divinas as sentenças que nelle lia

Teve um animo imperturbavel, soffrendo com heroica constancia o odio dissimulado em zelo de muitos emulos que, armados contra a sua pessoa, não deram grave materia para exame da sua paciencia,

não tendo outro motivo para esta injustiça do que nascer mais singular que todos em tantos dotes de que abundantemente o ornou a graça e a natureza. Retribuiu sempre beneficios por aggravos, satisfazendo-se com tão nobre vingança dos seus offensores. Nunca no seu semblante se descobriu o menor signal de alteração, ainda quando se sentiu infamado com satyras, accusado em diversos tribunaes; antes, como se fôra o Olympo, que goza de uma inalteravel tranquillidade, dissimulava com prudencia e soffria com resignação toda esta furiosa tormenta.

Entre tantas côrtes e paizes por onde discorreu, nos quaes costuma reinar licenciosamente a incontinencia, conservou, como se fosse anjo, illeza a pureza com tal privilegio, que nunca teve contra esta angelica virtude materia para a confissão. Foi exactissimo observador da pobreza religiosa, usando sempre dos vestidos mais remendados, conservando uma capa pelo largo espaço de quatorze annos, que largou violentado. Igual era ao amor á pobreza o odio das riquezas, rejeitando heroicamente 25 mil cruzados que lhe mandou a Paris el-rei D. João o IV para comprar livros para o seu uso e 40 mil cruzados que a Ilha Terceira lhe offereceu em premio de patrocinar com a sua autoridade um grave negocio. Como sempre foi superior á mais alta fortuna; fugiu das maiores estimações que do seu talento fizeram os Summos Pontifices Innocencio X e Clemente X, as magestades augustas de Luiz XIV de França, D. João o IV e D. Pedro II de Portugal, e o duque de Florença, como das dignidades a que o destinavam estes soberanos principes, assim ecclesiasticas como seculares.

Na ultima enfermidade padeceu tão acerbas dores, que o privavam do descanso, e tão resignado estava na vontade divina, que quando eram mais rigorosas rompia a sua afflicção nestas palavras: *Dominus est: quod bonum est in oculis suis faciat.*

Recebeu com ternissima piedade os sacramentos e expirou entre a meia noite e uma hora para o dia de 18 de Julho de 1697, em idade de 80 annos, 5 mezes e 12 dias, e de religião 74, 2 mezes e 13 dias.

Teve a estatura mais que mediana, o rosto grave, a testa dilatada, o nariz aquilino, os olhos vivos, a côr algum tanto morena, o cabello negro e a barba povoada.

Foi nas acções circumspecto, no trato affavel, na conversação erudito, no discurso subtil, solido e prompto, por cujos dotes conciliou o universal affecto de naturaes e estranhos.

Extraordinario sentimento causou em todos os animos a sua morte; não havendo pessoa de qualquer qualidade que deixasse de testemunhar com lagrimas copiosas tão deploravel perda.

O cabido da cathedral da Bahia lhe officiou o funeral no Collegio da Companhia, assistido de toda a nobreza ecclesiastica e secular, no fim do qual foi levado o cadaver á sepultura aos hombros de D. João de Alencastre, governador daquelle Estado, seu filho D. Rodrigo de Alencastre, o bispo eleito de S. Thomé, seu irmão o vigario geral João Calmon, o provincial da religião de S. Bento e o reitor do Collegio dos Jesuitas.

Não somente o mundo concorreu para as ultimas honras deste grande varão, mas até o céo se empenhou em canonisar a sua memoria, apparecendo-lhe tres noites antes da sua morte e tres depois uma brilhante estrella de extraordinaria grandeza, a qual, perpendicular sobre o seu cubiculo, foi vista e admirada do mar e terra, affirmando as pessoas mais judiciosas, que aquelle meteoro era uma luminosa testemunha com que o céo declarava as virtudes do P. Vieira.

Tanto que nesta côrte se recebeu a lamentavel noticia de um seu tão illustre filho, se resolveu o Exm. Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, insigne Mecenas dos estu liosos, dedicar umas sumptuosas exequias á memoria do Principe dos Oradores Evangelicos; e elegendo para theatro a casa professa de S. Roque, não perdoando a genero algum de dispendio a sua profusa liberalidade mandou levantar uma soberba machina que occupava grande parte do templo, animada de muitos emblemas e

poesias, com grande copia de luzes. Cantou o officio a Musica da Capella Real, a que fez o compasso o seu grande mestre Antonio Marquez Lesbio. Não houve pessoa grave de uma e outra jerarchia que não assistisse a este funebre obsequio, o qual coroou o P. D. Manoel Caetano de Sousa, tão illustre pelo sangue como pela erudição, com uma oração tão elegante, que renasceu nelle a eloquencia que lamentava defunta».

(DIOGO BARBOSA MACHADO)

(*Bibliotheca Lusitana. Tom. I.*)

Vinte e dous annos e meio depois de sua morte, aos 19 de Janeiro de 1720, foram exhumados os seus restos e guardados em um caixão ou urna, cujo paradeiro ignora-se.

Sua Patria

Durante muitos annos foi objecto de discussão qual a patria de tão eminente vulto, ficando, porém, desde então decidido ser elle natural da cidade de Lisboa; tendo aliás um irmão e parentes outros que nasceram na Bahia.

Diz Rocha Pitta: «Muitos annos se duvidou da «região em que nascera, passando a contenda desta «incerteza entre Portugal e o Brazil; e poderão appe«tecer a fortuna da patria do Padre Antonio Vieira «todas as cidades do mundo, como as da Grecia plei«tearam o serem patria de Homero; mas pela insigne «Côrte de Lisboa, se declarou esta prerogativa e foi «justo que produzisse ao mais famoso pregador uma «cidade que fundara o capitão mais eloquente; porém não deixou de ficar á da Bahia direito reservado para outra acção, porque vindo a ella o Padre Antonio Vieira muito menino, pode litigar-se se deve tanto a Portugal pela felicidade do horoscopo em que nasceu,

como ao Brazil pela influencia do clima em que se creou; se teve nelle mais dominio a força do planeta que o poder da educação; problema ou ponto sobre que disputam muitos autores, mais a favor da creação que do nascimento».

O Marquez de Santa Cruz respondeu ao seguinte programma do Instituto Historico Brazileiro que lhe foi distribuido por S. M. o Imperador em 10 de Março de 1855:

1.º Em que documentos se basearam os biographos do Padre Antonio Vieira, para lhe dar por patria a cidade de Lisboa?

2.º Deprehender-se-ha da leitura de suas obras ser elle filho do Brazil?

3.º Em conclusão, a ser possivel, a apresentação de copia authentica do assentamento de seu baptismo, que fixe a sua naturalidade?

Discorrendo sobre esse assumpto como se vê na *Revista* deste Instituto de 1856 D. Romualdo sustentou e provou que o eminente pregador era natural de Lisboa. E apresentou a sua certidão de idade que adiante transcrevemos.

CERTIDÃO

Manoel Pinto Corrêa d'Araujo Lima, cavalheiro da ordem de Christo e parocho da freguezia de Santa Maria Maior da Sé de Lisboa.

«Certifico que, compulsando os livros do archivo desta parochia, achei no que serviu no anno de mil quinhentos noventa e seis, até mil seiscentos e dez, para os assentamentos de baptisados, casamentos e obitos, sendo parocho Jorge Perdigão, a folhas cento e uma, um assento, cujo theor é o seguinte: Aos quinze deste Fevereiro de mil seiscentos e oito baptisei eu Jorge Perdigão, cura, a Antonio, filho de Christovão Vieira Ravasco, escrivão das devassas, e de sua mulher Maria de Azevedo. O padrinho é sómente Fernão Telles de Menezes.—Outrosim que, no verso da referida folha, é este o quarto assento, e á margem do mesmo se lê—O Padre Antonio Vieira.

Nada mais se contém no dito assento que fielmente copiei, passei por certidão, e a que me reporto. Lisboa, 13 de Dezembro de 1854.—O reitor, *Manoel Pinto Corrêa de Araujo Lima.*»

Figura natural e genio do Padre A. Vieira

«Foi o Padre A. Vieira de não pequena estatura, como se até no corporal quizesse formar a natureza mais que ordinaria habitação áquelle grande espirito: o rosto comprido e magestoso; nariz aquilino; bocca proporcionada; muita barba; o cabello na edade vigorosa preto; todo branco na velhice; a côr morena; os olhos sobremaneira vivos, e que parecia scintillavam. O seu genio era humanissimo, urbano e cortez; o engenho quasi sem egual; a memoria um real archivo de erudição, tão feliz em tomar, como em reter, o que lia. A discrição nadava-lhe tão formosa na bocca, como é admirada na penna; na conversação não era um só homem, era muitos homens, e por isso dizemos que era um Vieira, porque é dizer tudo. Si se falava em sciencias maiores, era doutissimo. Si em lettras humanas, historicas, poeticas, mathematicas, era sublime e exquisita a erudição: ainda nas artes mechanicas, na nautica, na sciencia bellica, nos systemas, ou dictames politicos, era assombroso.

Si se mettia a conversação em materias mais alegres e divertidas, era tal a viveza e jucundidade e o enleio, em que mettia os corações e os entendimentos, que arrebatava tudo.

A observancia dos votos religiosos foi no Padre Antonio Vieira exemplarissima. O seu cubiculo era o palacio da pobreza: o que alli se via, eram os livros para os seus elevados estudos; e sobre todos aquelle de que tirava, o que sabia, o serafico doutor S. Boaventura, que era um pequeno crucifixo de metal, que tinha por peanha uma caveira do mesmo. Esta pequena imagem eram todas as suas alfaias;

estas as laminas e pinturas preciosas em que se revia.

O seu desinteresse em materia de dinheiros e riquezas nunca se desmentiu um só instante em tantas occasiões, em que a tentação era tão facil e natural.

Jamais quiz acceitar por seus sermões nem a menor sombra de agradecimento, por mais disfarçada que viesse; e da impressão dos que se estamparam, outros levaram a utilidade.

(Vida do Padre Vieira. *André de Barros*).

O seu retrato sahiu aberto primorosamente em uma lamina na Cidade de Bruxellas com esta epigraphe na parte inferior: «Vera effigies celeberrimi P. Antonii Vieyra e Societ. Jesu Lusitanicorum Regum Concionatoris, et Concionatorum Principis quem dedit Lusitania mundo, Ulyssipo Lusitaniœ, Societati Brasilia. Obiit Bahiœ prope nonagenarius die Julii 18, anni 1697. Qui esit in Regio Collegii Bahiensis templo ubi sepultus frequentissimo urbis concursu œterno orbis desiderio.»

Deste retrato se tiraram varias copias que sahiram abertas em Roma, Veneza e Barcelona com a mesma epigraphe.

Seu Processo perante a Inquisição

O Padre Vieira tendo incorrido nas iras da Inquisição em cujos carceres foi cahir depois da morte de D. João IV, esteve preso e incommunicavel em Coimbra durante 27 mezes.

A base positiva da accusação eram os seus livros da *Clavis Prophetarum* e do *Quinto Imperio*.

Processado em 1661, e preso em 1665, depois de soffrer varios interrogatorios em que procurou repellir de si a mancha de heterodoxia, a sentença foi dada a 23 de Dezembro de 1667, que assim conclue:

«Mandam que o réo Padre Antonio Vieira ouça a sua sentença na sala do santo officio, na fórma costumada, perante os inquisidores, e mais ministros, officiaes e algumas pessoas religiosas e outras ecclesiasticas do corpo da universidade, e seja privado para sempre—*de voz activa e passiva e do poder de prégar*—e recluso no collegio ou casa de sua religião, que o santo officio lhe assignar, d'onde sem ordem *sua não sahirá*, e que por termo por elle assignado se obrigue a não tratar mais das proposições de que foi arguido no curso de sua causa, nem de palavra, nem por escripto, sob pena de ser rigorosamente castigado; e que depois de publicada a sentença, o seja outra vez no seu collegio d'esta cidade (Coimbra) por um dos notarios do santo officio em presença de toda a communidade; e que da maior condemnação que por suas culpas merecia,—o relevam—havendo respeito ás sobreditas desistencias e retractação e varios protestos que tinha feito de estar pela censura e determinação do *santo officio* depois que n'elle se vissem a explicação e intelligencia que ia dando a todas as suas proposições de que se lhe tinha feito carga, e ao muito tempo de sua reclusão e a outras considerações que no caso se tiveram, e pague as custas.» (*)

Vieira ouvio ler a sentença de pé, durante duas horas em presença de um grande auditorio, com os olhos cravados em um crucifixo do tribunal, sem fazer o menor gesto ou movimento. Elle, o theologo consummado, era condemnado a ser recolhido a um collegio de noviços!

Seis mezes depois, em Julho de 1688, foi perdoado pela Inquisição, e tendo partido para Roma, onde a sua recepção foi um triumpho, obteve do Papa Clemente X isempção da jurisdicção do Santo Officio.

(*) O processo original existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa. O «Instituto» possue uma copia.

O Padre Antonio Vieira no Pará

«Este vulto extraordinario, que tanto celebrisou-se em quasi todo o correr do seculo XVII, patenteando um talento altamente robusto, primeiro nos seus estudos, e depois na sua correspondencia, no pulpito, na politica e na diplomacia, chegou a esta capital em 15 de Novembro de 1653, nomeado Superior e Visitador Geral das Missões.

Apresentou á Camara a carta regia de 21 de Outubro do anno anterior, que lhe dava, além de outras faculdades, autorisação para levantar igrejas, fundar Missões nos logares que julgasse mais apropriados, trazer para ellas os indios do centro e cathechisal-os.

Acerrimo defensor da liberdade dessa pobre gente, assim como tambem o foi o Governador e Capitão-General deste Estado o Commendador André Vidal de Negreiros, um dos bravos das guerras que sustentamos contra os hollandezes, a sua vinda não agradou aos colonos, acostumados desde longos annos a se locupletarem com os serviços dos mesmos indios.

. . . .

No periodo de 1655 a 1661, que Vieira reputa assaz glorioso para si, fizeram-se sob o seu governo nove missões a diversos logares, descendo delles mais de tres mil indios forros, e cerca de mil e oitocentos escravos.

Percorreu grande parte do nosso interior, pacificou, converteu e civilisou as missões dos Nheengahibas, Cambócas, Mapuás, Mamayanás, Aruans, Anajás, Guajarás, Tupinambás, Jurunas, Tapijós, Tricujús e outras.

Compoz formularios e cathecismos tendo o portuguez de um lado e o idioma indigena de outro.

Muitas vezes para estudar e aprender as linguas de algumas tribus, Vieira applicava o ouvido á bocca dos individuos para melhor ouvil-os e entendel-os, acontecendo não perceber palavra nem syllaba nenhuma, senão mais do que o sonido.

Eram deste valor os serviços prestados pelo inimi-

tavel sacerdote, que preferia dar a sua roupa e dormir em esteiras de tabúa para não ver a pobreza soffrer.

Nenhum necessitado lhe batia á porta, que não voltasse mais on menos remediado.

Foi assim e em levantar e paramentar igrejas, assim como em dar presentes aos indios, que o Padre Antonio Vieira gastou mais de cincoenta mil cruzados, provenientes da impressão de suas obras e da liberalidade de seus amigos.

Homem completamente despido de vaidades, algumas vezes desempenhou funcções que não eram compativeis com o seu elevado cargo, e até a de cosinheiro do seu collegio, onde succedia ficar sósinho.

Entre as obras que compoz sobresahe uma a que ia dar o titulo de—*Clavis prophetarum*,—extremamente encomiada pelo Padre André de Barros, e com a qual Vieira occupou-se durante mais de vinte annos. Nunca chegou a ser impressa, nem mesmo concluida.

Deste importante e preciosissimo legado de uma epocha em que o clero prestou a este paiz incontestaveis serviços, e que é escripto em Latim, existe na bibliotheca publica desta capital, uma cópia manuscripta em volume encadernado, que foi offerecido pelo illustrado D. Antonio de Macedo Costa, que por largos annos honrou o sólio episcopal paraense, e depois foi com merecimento Arcebispo da Bahia.

Como ninguem está isento dos bótes da maledicencia, o santo missionario teve assim de pagar a ella o seu tributo, e infelizmente aqui no Pará.

Um alferes e um seu companheiro, ambos de linguagem libertina, espalharam um boato em detrimento da dignidade do exemplar sacerdote, que achando-se grandemente enfermo, e até com o sagrado viatico junto de si, declarou em presença de pessoas fidedignas ser uma calumnia que lhe levantavam, assim como que perdoava aos seus detractores.

Não obstante a Companhia, ciosa do credito dos seus membros, fez instaurar processo contra os execrandos calumniadores, que foram condemnados a degredo perpetuo para fóra do Estado, e a irem á matriz ouvir

a sentença de mordaça na bocca, e despidos da cintura para cima; mas os jesuitas intervieram, pedindo que fosse perdoada a parte mais vergonhosa da mesma.

Cansado de lutas e protelações em Portugal e na Italia, voltou o Padre Antonio Vieira para o Brazil em 1681, indo residir na Bahia, onde falleceu a 18 de Julho de 1697 com perto de noventa annos de idade, porquanto nascera em 1608 na cidade de Lisboa.

Terminamos as presentes linhas com algumas palavras de Sylvio Roméro, esse espirito superior, que tanto honra a nossa patria.

Tratando ultimamente do famoso orador, elle assim se expressou: «E' uma das maiores intelligencias que tem fulgurado no Brazil.—E' a figura mais alta da litteratura portugueza depois de Camões.—Foi um benemerito da liberdade e da consciencia em pugnar pelos infelizes caboclos.

Belém, Março de 1894.

RAYMUNDO CYRIACO ALVES DA CUNHA.

(*Diario Official do Pará*).

A proposito da grave accusação irrogada ao caracter do preclaro varão, illustre consocio, residente na Capital Federal, enviou-nos os seguintes apontamentos:

«O Padre foi accusado de ter deflorado uma india de Monção, e soffreu muitos insultos, aggressões, e quasi que o espancam.

O Padre era de tempera de ferro, não fez caso, e por isso o Sargento-mór Antonio Carneiro Homem Souto Maior fez uma queixa contra elle á Rainha: mandou esta ouvil-o; não respondeu.

Antonio Carneiro fez outra queixa, percorreu os mesmos tramites, e o Padre não respondeu, e o denunciante salientou muito o despreso do Padre ás ordens régias, a ponto de a Rainha impor-lhe o pre-

ceito de obediencia, e então o nosso Jesuita respondeu assim:

«Senhora.—Por duas vezes recusei-me a manchar a baeta das minhas vestes sacerdotaes, respondendo á queixa que contra mim deu o Sargento-mór A. C. H. de Souto Maior.

«Agora, Vossa Magestade ordena-me sob o pretexto de obediencia, e se o faz, estou certo, é porque não sabe que em todo este Estado de Maranhão, que comprehende o Piauhy, o Pará e S. José de Javary, é sabido que todo o Carneiro é doido, e toda Carneira é. . .

«Beija reverente as mãos de Vossa Magestade o humilde Capellão—Padre *Antonio Vieira.*»

Achei este papel, separado do livro dos registros do Archivo dos Jesuitas em Maranhão, o qual estava no antigo Convento da Madre de Deus.

Offereci-o ao Instituto. O Imperador admirou-se muito da linguagem do Padre, e levou o manuscripto para casa para confrontar com os que tinha em seu archivo. Lá no Paço extraviou-se . . .

O Padre Antonio Vieira

QUESTÕES DO MARANHÃO

«E' um dos vultos mais notaveis da historia do Brazil no seculo XVII.

Educado na cidade do *Salvador*, desde verdes annos a todos assombro pelo seu pujante talento, mascula eloquencia e variada illustração.

Aguia da tribuna sagrada, elle é ao mesmo tempo o habil politico, o emerito escriptor, o mestre da lingua.

Após varios trabalhos apostolicos a que se entregara na Bahia, vai a Portugal no momento da Restauração em 1641, exhibindo-se desde logo no pulpito e na côrte, firmando brilhante renome.

Encarregado de varias e melindrosas questões,

envolve-se e prepondera em todos os negocios publicos, e contribue para a restauração de Pernambuco, conseguindo a creação da *Companhia de Commercio do Brazil.*

. . . .

Voltando ao Brazil em 1652 envolve-se nas graves questões entre colonos e jesuitas no Maranhão.

Consegue n'esta capitania por meio de uma eloquentissima predica serenar os animos; mas no Pará é obrigado a transigir com as imposições dos colonos.

Vai ainda a Portugal em 1654, donde regressa no anno seguinte, portador de providencias, decretos e alvarás attinentes á liberdade dos indigenas.

N'esta quadra dedica-se a enormes e fatigantes trabalhos de catechese pelos invios sertões do Maranhão, Pará e Amazonas: mas os colonos d'essas duas capitanias irritados pelo excessivo poder temporal dos jesuitas, na questão dos indigenas, revoltam-se contra elles, prendem-nos e os deportam para Lisboa, inclusive Antonio Vieira, que é a principal victima desses odios.

. . . .

Velho e alquebrado volta á Bahia em 1681 e fallece em 1697 approximadamente com 90 annos de uma existencia agitada e util, legando á posteridade sermões, cartas, escriptos, que são um primor de eloquencia e de estylo».

(*Borges dos Reis—Chorographia e Historia do Brazil, Bahia,* 1894.)

Catalogo das Obras impressas

Sermões. Parte I—Lisboa, por João da Costa, 1679, 559 pags.

Parte II—Lisboa, por Miguel Deslandes, 1682, 470 pags.

Parte III—Lisboa, por Miguel Deslandes, 1683, 574 pags.

Parte IV—Lisboa, pelo mesmo, 1685, 600 pags.
Parte V—Lisboa, pelo mesmo, 1689, 624 pags.
Parte VI—Lisboa, pelo mesmo, 1690, 595 pags.
Parte VII—Lisboa, pelo mesmo, 1692, 558 pags.
Parte VIII—(*Xavier dormindo e Xavier acordado*). Dedicada aos tres principes. Lisboa, pelo mesmo impressor, 1694, 536 pags.

Maria Rosa Mystica. Excellencias, poderes e maravilhas do seu rosario, 30 sermões. Parte I, (e que se conta como IX dos Sermões do auctor), Lisboa, pelo mesmo impressor, 1686.

Maria Rosa Mystica, etc. Parte II (contada como X dos Sermões). Lisboa, 1688, 518 pags.

Parte XI—Offerecida á Senhora Rainha da Grã-Bretanha. Lisboa, por Miguel Deslandes, 1696, 590 pags.

Parte XII—Dedicada á purissima Conceição da Virgem Maria. Lisboa, 1699, 441 pags.

Palavra de Deus empenhada e desempenhada em dous Sermões (como Parte XIII). Lisboa, pelo mesmo, 1690, 260 pags.

Sermões e Varios Discursos. Tomo XIV. Obra posthuma. Lisboa, por Valentim Deslandes, 1710, 350 pags.

Vozes Saudosas da eloquencia, do espirito, do zelo e eminente sabedoria do Padre Antonio Vieira. Lisboa, por Miguel Rodrigues, 1736, 315 pags.

Comprehende a Relação da Missão da Serra do Ibiapaba e outros escriptos, como o *Papel Forte*, Memorial sobre os serviços do seu sobrinho Bernardo Ravasco, Defesa do livro—*Quinto Imperio*, etc.

Sermões varios e Tractados ainda não impressos: que formam o tomo XV dos Sermões, e das Vozes Saudosas o tomo 2o.—Lisboa, por Manuel da Silva, 1748, 434 pags.

Sermões Selectos do P. Antonio Vieira. Lisboa, na Typ. Rollandiana, 1852-1853, 6 tomos.

Historia do Futuro. Livro ante-primeiro. Lisboa, Pedroso Galrão, 1718; 2ª edicc. Domingos Rodrigues, 1755, 220 pags.: reimpressa na Bahia em 1838,

Voz Sagrada, politica, etc., supplemento ás Vozes Saudosas. Lisboa, Luiz Ameno, 1748, 247 pags.

Rhetorica sagrada, ou Arte de pregar, descoberta entre outros fragmentos litterarios do P. Antonio Vieira, por Carvalho Bandeira, Lisboa, 1745, 37 pags.

Ecco das Vozes saudosas, formado em uma carta apologetica em lingua castelhana. Lisboa, Luiz Ameno, 1757, 143 pags.

Cartas. Tomo I—Offerecido ao Cardeal Nuno de Ataide. Lisboa, 1735, 468 pags.

Tomo II—1735, 479 pags. Estes dous volumes sahiram por diligencia do Conde da Ericeira.

Tomo III—Offerecido ao patriarcha de Lisboa, D. Thomás de Almeida. Lisboa, 1746, 451 pags.

Cartas do Padre Antonio Vieira a Duarte Ribeiro de Macedo. Lisboa, 1827, 354 pags. typ. de Eugenio Augusto.

Carta escripta a El-rei, e datada do Maranhão a 11 de Fevereiro de 1660, em que lhe dá conta do estado das missões na provincia do Brazil. (*Rev. do Inst. Geog. Braz*. vol. 4, 1842).

Annua da Missão dos Mares Verdes (1624-1625) mandada a Roma. E outra da missão da Capitania do Espirito-Santo, dos mesmos annos. (*Rev.*, idem, vol. V.)

Arte de Furtar, espelho de enganos, theatro de verdades etc. Composta pelo P. Antonio Vieira. Amsterdam 1652, 512 pags: reimpressa em Londres, 1820.

Noticias reconditas do modo de proceder a Inquisição de Portugal com os seus presos. Informação que ao Pontifice Clemente X deu o P. Antonio Vieira. Lisboa, Imp. Nacional, 1821, 272 pags.

Os seus sermões foram traduzidos em italiano, francez e castelhano.

A collecção completa das obras consiste em 14 volumes de *Sermões*, 2 das Vozes *Saudosas*, 3 das *Cartas, A Historia do Futuro* e *A Arte de Furtar*.

Opiniões sobre Vieira

Seria impossivel repetir os elogios com que celebres escriptores exaltaram o nome deste grande varão: sómente transcreveremos alguns, para que claramente se conheça a sua grandeza.

Não ha escriptor estrangeiro, que tenha tratado de nossa litteratura, que não fale de Vieira com assombro e enthusiasmo.

Seja o primeiro aquelle que o foi na dignidade o Summo Pontifice Clemente X, no Breve, que lhe expediu para que pudesse publicar as suas obras sem que fossem examinadas por algum Censor. Começa. «Dilecte Fili: Salutem, et Apostolicam Benedictionem. Religionis zelus, Sacrarum litterarum scientia, vitœ, ac morum honestas, aliaque laudabilia, probitatis, ac virtutum merita, super quœ apud nos fide digno commendaris testimonio».

Foi ainda o Santo Padre Clemente X quem admirando a agudesa de engenho e sciencia das Escripturas, disse d'elle: «Devemos dar muitas graças a Deus, por fazer este homem Catholico; porque si o não fosse, poderia dar muito cuidado á Igreja de Deus».

João Paulo Oliva, Geral da Companhia, congratulando-o do sermão de S. Estanisláu em uma carta escripta a 13 de Março de 1675: «Dou graças a Deus por ter dado á Companhia um homem, que pode falar tão divinamente, e que sabe proferir o seu conceito, e que todos confessam que é igualmente maravilhoso assim no que entendemos, como no que não penetramos, mas igualmente veneramos nas suas intelligencias».

«Que sermon del Padre Antonio Vieira nó es un assombro? Hombre verdaderamente sin semejante de

quien me attrevera decir lo que Veleyo Paterculo di de Homero:

«Neque ante illum quem imitaretur, neque post illum qui eum imitari possit, inventus est».

(*Fr. Bento Feijó, Theatro Critico*).

«A melhor censura que se pode dar ás suas obras é e será sempre o seu nome».

(*Dr. Frei Jeronymo de Santiago*).

«Principe de todos os pregadores, sem competencia de nenhum, (posto que com inveja de todos) respeitado pelo oraculo do pulpito entre as nações do mundo».

(*D. Frei João da Madre de Deus, Arcebispo da Bahia*).

«De cada uma das suas virtudes se podia fazer diverso e largo capitulo: e si o mundo as visse no pulpito sem sobrepelliz, seria da opinião, que concebi e conservo persuadido, que entre tantos talentos de espirito e naturaes, o menor no Padre Antonio Vieira era o de pregador».

(*Padre Gaspar Ribeiro*).

«Mestre dos pregadores evangelicos e sempre com uma vida inculpavel e justificada.

Não podia caber em povoações pequenas, quem havia de occupar com a sua fama o mundo inteiro.

Representa na subtileza a um Agostinho, na profundidade a um Tertuliano, na magestade a um Leão, e na suavidade a um Ambrosio ou um Bernardo.

Nascendo em Lisboa e morrendo na Bahia, honrou a uma com o berço, á outra com a sepultura. Ninguem poderá negar que foi o Padre Vieira um varão de tão alta esphera que bastou para honrar dois mundos».

(*D. José Barbosa*, synodal do patriarchado e censor da Academia Real, etc).

«Evangelico Pregador, de quem podemos dizer, o que o Grande Bautista de si, que era a voz. Sempre tive ao Padre Antonio Vieira por homem espiritual».

(*Padre Bartholomeu do Quental, fundador da congregação do Oratorio*).

«Grande Homem, que nascendo para ensinar e explicar tudo e a todos, só em si se nos fez sempre incomprehensivel».

(*Dr. D. João Evangelista,* consultor do *Santo Officio*).

«Pregador divino, apostolo elevado, missionario angelico».

(*D. Manoel Caetano de Sousa. Oração Funebre, 1697*).

«A sua eloquencia vence a admiração. Glorioso timbre da nação portugueza».

(*D. Diogo Justiniano, arcebispo de Granganor*).

«Feliz parto da famosa Lisboa».

(*Fr. José de Sousa, qualificador do Santo-Officio*).

«Pregador, ou S. Paulo, ou Vieira».

(*D. Luiz de Sousa, Primaz das Hespanhas*).

«E' entre todos os pregadores o que o sol entre todas as luzes».

(*Padre Manoel de Sousa, Congregação do Oratorio*).

«Principe dos pregadores evangelicos, o Grande por antonomasia, mas nunca bastantemente engrandecido».

(*Fr. José Pereira de Sant'Anna, consultor do Santo Officio*).

«Varão incomparavel e de entendimento muito além da esphera dos humanos».

(*Padre Carlos A. Casnedi*)

«Será talvez opinião temeraria, mas a minha é que nenhum povo possuiu jamais nas obras de um só homem tão rico e tão escolhido thesouro da lingua propria, como nós possuimos nas deste notavel jesuita.

Se a nossa lingua, como agradecida, e em certo modo desvanecida de se ver tratada por quem a sabia aperfeiçoar e honrar, se prestava a quasi tudo que d'ella requeria Vieira, de sua parte Vieira pelo disvello, pela estimação, pelo mais fino respeito, plenamente lhe merecia tão primorosa complacencia.

Se o uso da nossa lingua se perder, e com ella por acaso acabarem todos os nossos escriptos que não são os *Lusiadas* e as obras de Vieira; o portuguez, quer no estylo da prosa, quer no poetico, ainda viverá na sua perfeita indole nativa, na sua riquissima copia e louçania.

Não ha uma composição de Vieira, que não mostre muita capacidade de entendimento, sufficiente ordem e expressão clarissima dos seus conceitos».

(D. Francisco Alexandre Lobo, Bispo de Viseu.— Mem. Hist. e Crit. 2.ª Edic. 1897).

«Sujeito em quem concorriam todas as partes necessarias para ser contado pelo maior pregador do seu tempo».

(Conde de Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes).

«Proponho ao Mundo um dos maiores homens de Portugal, e proponho a Portugal o maior homem, que em muitas idades elle deo ao Mundo.

Lustre immortal da Companhia de Jesus, a patria lhe deu o titulo de *Grande*, o mundo todo o admirou ainda maior e será seu nome em todos os seculos occupação da fama.

Pae da eloquencia e do magestoso idioma portuguez, honra da patria e em tudo heróe consummado.

«Vai-te mil vezes ditoso: que emquanto houver homens te acclamará a fama; emquanto engenhos, te cederão os maiores; emquanto houver pulpito, se suspirará tua voz; emquanto houver Mundo, se ouvirá teu nome; emquanto houver Deus, durará tua gloria».

(André de Barros, Vida do Apostolico Padre Antonio Vieira. Lisboa 1746).

A' FAMA DO PADRE ANTONIO VIEIRA (*)

Cessem do orador grego e do romano
As glorias immortaes, que a fama canta,
Que outro orador mais alto se levanta
N'outro sol da eloquencia soberano.

Demosthenes, e Tullio Luzitano
Antonio foi, mas com vantagem tanta
Quanta leva a doutrina illustre e santa
Aos assumptos politico e profano.

Sol da eloquencia foi no movimento
Com que girou; qual sol á terra escura,
A todo o mundo encheu de luzimento,

E teve, como o sol, esta luz pura
N'uma parte do mundo o nascimento,
N'outra parte do mundo a sepultura.

Antonio Telles da Silva.

Soror Violante do Céo, religiosa dominicana no convento da Rosa em Lisboa e celebre poetiza, lhe fez em seu applauso a *Sylva* seguinte, que está nas suas *Rimas*, á pag. 74:

«E' vosso entendimento
Felice suspensão do pensamento;
Vossa doce elegancia
Cifra da mais perfeita consonancia.
Vossa graça excessiva
A pedra de Cedar mais attrativa.
Vosso saber profundo
Portentoso exemplar de todo o mundo;
Vossa agudeza rara
Delicia do discurso altiva e clara;
Vosso estylo famoso
Agradavel motivo do invejoso.

(*) O original acha-se na Torre do Tombo, em Lisboa.

Emfim vosso juizo soberano,
Credito do divino, honra do humano.
Oh! vivei assombro das edades,
    Gosto das magestades,
    Extasis dos sentidos,
    Prodigio dos nascidos,
    Excesso dos passados:
Vivei para motivo dos agrados,
    Objecto dos louvores,
    Archivo dos favores,
Compendio de excellencias,
    Thesouro das elegancias.
E se minhas grosseiras ignorancias
    Têm sido dilatadas,
    Deixae-as castigadas.
Mas confessae, doutissimo Vieira,
Que se ignorante sou, sou verdadeira».

Soror Joanna Ignes de la Cruz na *Censura* que fez ao Sermão do Mandato, impressa no 2o Tomo das suas obras diz: «Siempre admirandome de su sin igual ingenio. Las proposiciones deste subtilissimo talento, que es tal su suavidad, su viveza, su energia, que al mismo que dissient enamora com la belleza bella Oracion suspende com la dulçura, Hechiza com la gracia, eleva, admira, y encanta com el todo. . . admirable pasmo delos ingenios».

Bonucci Istor. del Re D. Affonso Enriq. liv. 3. cap. 10. «Ben noto al mond pea il suo singolare ingegno, profunditá de sapere, e destrezza ammirabile in manegiar le divine Scriture».

Innocencio Francisco da Silva em seu Diccionario Bibliographico, traz uma minuciosa biographia do Padre Antonio Vieira, na qual cita a seguinte apreciação e conceito do bispo de Viseu em relação a

Vieira: depois de chamar ao corpo completo das suas obras um monumento admiravel da propria linguagem, não duvida assegurar que—se o uso da nossa lingua se perder, e com elle por acaso acabarem todos os nossos escriptos que não sejam os Luziadas e as obras de Vieira; o portuguez quer no estylo da prosa quer no poetico ainda viverá na perfeita indole nativa, na sua riquissima cópia e louçania».

(Dicc. Bib. Vol. 1,º Lisboa, 1858.)

Pedro José da Fonseca, no Diccionario da lingua portugueza da Academia Real das Sciencias, traz brilhante biographia do erudito pregador, na qual relaciona entre outras proposições as seguintes, de diversos escriptores, relativas ao mesmo Padre Vieira:

a) Principe de todos os pregadores.

b) Sem competencia de nenhuma (posto que com inveja de todos), respeitado pelo oraculo do pulpito entre as nações do mundo.

c) Principe da eloquencia sagrada.

d) E' entre todos os pregadores o que o sol entre todas as luzes.

e) Oraculo dos pregadores.

f) Mestre de todos pregadores.

g) Mestre de todas as sciencias.

h) Verdadeiramente foi pregador real ou o rei de todos os pregadores.

i) Glorioso timbre da nação portugueza, mestre universal de todos os declamadores evangelicos.

k) O grande, memoravel, insigne Padre Antonio Vieira, feliz parto da formosa Lisboa, glorioso ornato da virtuosa companhia, invejado ornamento do esclarecido Portugal.

l) Engenho soberano.

m) Foi quasi outro Salomão.

n) Homem maravilhoso.

o) Julgaram sempre os mais discretos e sabios

quanto fosse obra de entendimento, tão raro devia sahir á luz para accrescentar mais luz á patria; que a não ter outros esclarecidos filhos, bastavam as luzes de um só Vieira para darem a todo o Portugal o illustre nome de Luzitania.

p) Varão raro, o maior orador de todas as edades.

q) Egualmente mestre, que milagre dos oradores sagrados e profanos.

r) Singular orador, angelico pregador.

s) Grande heroe, lustre de Lisboa, credito de Portugal e admiração do mundo todo.

t) Admiravel e inimitavel heroe, verdadeiro Salomão e apostolo dos nossos tempos.

u) O padre Manoel Bernardes, que o alcançou, e que por sua grande autoridade, intelligencia e virtude se não póde lançar de suspeito, o cita varias vezes com veneração e louvor desta maneira:

v) segundo disse um discreto;

x) como discretamente disse o Padre Antonio Vieira;

y) como uma vez ideava um grande pregador.

z) Outro escriptor tambem coevo o intitula o mais insigne pregador de todas as edades».

(*Dicc. Port. da Academ. Real de Sciencias*).

«Os seus sermões são dignos de ser perpetuados não só para a utilidade universal, mas para singular gloria do Reino; pois quando não tivesse produzido mais talentos, que os do Padre Antonio Vieira em tudo eminente, lhe bastava para summo credito».

(*D. Fr. Francisco de Lima, Bispo do Maranhão*).

«Porém tão fóra estou de o poder desculpar, que é forçoso que o torne a arguir de dous crimes: da inveja, que do seu talento toda a Europa tem a Por-

tugal, e da desesperação em que mette os Oradores, de poder imitar o seu estylo».

(*P. D. Raphael Bluteau, Clerigo Regular*).

«Antonio Vieira, da Companhia de Jesus. Foi bautisado na Freguesia da Sé de Lisboa, na mesma pia, onde o fora Santo Antonio, cuja lingua e espirito soube imitar na eloquencia, agudeza, fervor com que expoz a palavra divina, sendo, sem controversia, no seu tempo (e o será nos futuros) a gloria dos Pulpitos, a luz e mestre dos Pregadores».

(*Francisco de Santa Maria. Annua Historica, Diario Portuguez*, Lisboa, 1714).

«O seu talento foi ainda maior que o seu nome, com o qual voou por todos os hemispherios a fama elevada pela sua penna. Foi em Portugal prégador dos seus augustissimos monarchas e da serenissima rainha de Suecia em Roma, cuja sagrada curia o ouviu com admiração e lhe respondera com o premio de altas dignidades, se a sua religiosa modestia o não obrigara a fugir entre os estrangeiros das honras e logares de que já se livrara entre os naturaes, onde, achando na vida e na posteridade as maiores estimações são ainda inferiores ás que tem entre as outras nações, andando os seus escriptos traduzidos e venerados por todo mundo catholico com grande gloria do nome portuguez».

(*Rocha Pitta. Hist. da Am. Port. Liv. 8. n. 54*)

«Resta só que, satisfeito o Brazil com a subida honra, que ninguem lhe contesta, de haver creado em seu seio esse homem notavel, e servido de amplissimo theatro de suas heroicas virtudes, em vez de inu-

teis e interminaveis disputas sobre a sua naturalidade, consagre á sua memoria um voto ou testemunho publico desse vivo interesse e sympathia, que lhe tributa; e nesta consideração ousamos lembrar que o seu retrato, outr'ora venerado em muitas cidades da Europa, seja collocado em todas as bibliothecas do imperio, e se promova em beneficio da mocidade que cultiva as lettras, a vulgarisação das mais escolhidas dessas obras admiraveis, onde felizmente se conserva o precioso thesouro de uma lingua tão rica, harmoniosa, e musical, qual é a portugueza, sem duvida uma das principaes glorias das duas nações, a que pertence este homem extraordinario».

(*D. Romualdo, Arcebispo da Bahia. Revista do Instituto Historico Brazileiro. Vol. X.*).

«Antonio Vieira, cujo renome fez epoca por quasi toda a Europa, e pela maior parte da America, nasceu em Lisboa aos 6 de Fevereiro de 1608, e teve por paes a Christovão Vieira Ravasco, fidalgo da casa real, e D. Maria de Azevedo. De oito annos incompletos de idade, embarcou-se para a Bahia, escapando nessa viagem do naufragio, na altura da Parahiba, em o dia 20 de Janeiro do 1616, e alistado na companhia dos Jesuitas, foi elevado ao sacerdocio a 13 de Dezembro de 1635.

Tão grande apostolico quanto estadista, lhe foram confiados importantes negocios ante as nações estrangeiras, e no Brazil, com especialidade no Maranhão e Pará; o seu nome hade sempre ser duradouro, pois, munido unicamente da força suasoria, que o distinguiu, fez mais reducções e estabelecimentos de indios do que poderião fazer grossos exercitos: foi na Bahia o nono reitor do collegio da companhia, e o decimo provincial, e são geralmente estimadas as suas producções litterarias, pela facundia, elegancia e sublimidade de principios, que encerrão.

Falleceu no mesmo collegio á primeira hora do dia 18 de Julho de 1697, com perto de 90 annos de idade, e 75 de religião, tendo feito profissão do 4º voto em 26 de Maio de 1644. Sua molestia foi rapida, e, a despeito da idade avançada, jamais perdeu o uso inteiro de suas faculdades intellectuaes, porquanto, ainda entre as dores da enfermidade, compunha, dictando aos amanuenses, por já estar cégo.

No dia immediato ao de sua morte, falleceu seu irmão Bernardo Vieira Ravasco, que no emprego de secretario d'estado do Brazil tinha feito serviços importantes».

(*Ignacio Accioli. Memorias Historicas*).

«Foi Antonio Vieira dotado de um engenho subtil e importante, de uma imaginação viva e asisada, de uma alma nobre e aspirante a grandes emprezas; qualidades estas, que, sendo cultivadas pela desvelada educação que de seus paes recebeu, se desenvolveram tão promptamente, e se mostraram tão suas, que a mesma subtileza e penetração, que se notava nas respostas e ditos de sua puericia, se admirou na sua decrepitude, com a addição de uma firmeza de memoria, de uma clareza de idéas, e de uma facilidade de expressão que raramente se encontra em a avançada idade em que elle terminou seus dias.

Dos seus sermões sahiam os ouvintes uns commovidos, outros satisfeitos, e todos admirados do engenho, do saber e espirito do pregador. (Não só o diz André de Barros, e Francisco de Santa Maria no Diario Portuguez; mas até o confessa o auctor da Deducção Chronologica, o mais ardente adversario da gloria de Vieira).

As cartas (4 volumes), posto que não tenham as graças das de Cicero, nem o delicado gosto das de Sevigné, são a umas e outras pouco inferiores na elegancia e nobreza de linguagem, e por ventura superiores na qualidade e importancia dos assumptos. São modelos de estylo epistolar, e não se encontram

n'ellas aquelles defeitos tão frequentes nos sermões de que tanto adoecia o seu seculo, por isso foram sempre tidas pelos portuguezes entendidos em subida estimação.

Não se encontra, é verdade, em Vieira um estylo melifluo e cadencioso; sua imaginação viva e ardente fallece de suavidade; seu coração secco não ministra á penna os doces traços da sensibilidade; assim que, debalde buscaremos em seus discursos os movimentos patheticos tão necessarios a um orador christão; porém não ha um só escripto d'este homem extraordinario que seja desprezivel, e que não mereça ser lido; e pelo que respeita á linguagem, em que sobreleva a todos os escriptores portuguezes, concluiremos repetindo o que disse o mais douto, o mais justo apreciador de Vieira e de suas obras, que—«se o uso da nossa lingua se perder, e com ella por acaso acabarem todos os nossos escriptos, que não são os Luziadas e as obras de Vieira, o portuguez, quer no estylo de prosa, quer no poetico, ainda viverá na sua perfeita indole nativa, na sua riquissima copia e louçania. Será talvez opinião temeraria; mas a minha é que nenhum povo possuiu jamais nas obras de um só homem, tão rico, tão escolhido thesouro da lingua propria, como nós possuimos nos d'este notavel jesuita».

Elle empregou a linguagem culta e publica, e tambem a familiar e domestica; fallou a dos negocios, a da cortezia, a das artes, a dos proverbios: e como tratou tantos e tão diversos assumptos, pode affirmar-se, fóra de hyperbole, que em suas composições a resumiu toda inteira com felicidade singular».

(*Roquete—Biographia do Padre Vieira. Rev. do Inst. Hist. Bras. Vol. 6. pags. 229 a 252*).

«Vieira (Antoine), né à Lisbonne le 6 février 1608 d'une famille illustre, ayant été mené par ses parents au Brésil, fut si frappé des travaux des jesuites pour

la propagation de la foi dans cette contrée, qu'il entra dans leur societé en 1623. Envoyé en Portugal, il y prêcha avec une réputation extraordinaire: Philippe IV, qui lui connaissait encore d'autres talents, l'employa dans les ambassades de Hollande et d Angleterre.

Appelé à Rome il y donna de nouveau l'essor à ses talents pour la chaire; mais la societé des barbares du Brésil lui fut plus chère que les applaudissements qu'il recevait dans la capitale du monde chrétien. Il demanda de retourner chez eux et y arriva le 22 octobre 1652.

Il parcourut ces vastes contrées en instruissant et en convertissant une multitude incroyable de sauvages. Ses forces étant épuisées, et ayant perdu la vue, il se retira à la Baie de tous les Saints, où, avec les secours d'un de ses confréres, il mit la derniére main, à un ouvrage qu'il avait commencé depuis longtemps intitulé: *Clavis prophetarum.*

Il mourut le 18 juillet 1697, agé de 89 ans. Le chapitre cathédral assista à son enterrement, et son corps fut porté par le gouverneur da Brésil, son fils, l'évêque de Saint Thomas et deux autres grands seigneurs.

Ses *Sermons* ont été imprimés à Lisbonne, 1673--1693, 12 vols. C'est ce qu'il y a de mieux écrit en portugais.

Ils ont paru à Madrid, traduits en espagnol, 21 vols. Son *Clavis prophetarum* parut à Rome en 1723».

(*F. X. Feller Biographie Universelle, T. 8. Paris, 1856*).

«Distincto prégador portuguez, e um dos escriptores classicos de nossa lingua. Pertencia á ordem dos Jesuitas, e foi o mais distincto prégador do seu seculo, merecendo nas differentes côrtes da Europa, onde prégou em latim e francez os applausos de todos os doutos. Manejou a lingua patria com energia e natural propriedade; a sua eloquencia arrebatava e grangeou-lhe os titulos de Cicero catholico e pae da eloquencia

portugueza. Escreveu Sermões, Cartas e a Historia do Futuro. Falleceu na Bahia a 18 de Julho de 1697».

(*C. de Lacerda. Dicc. Port.* pag. 1107).

«Vieira (Antoine) jesuite et predicateur portugais, nè a Lisbonne en 1608, m. à Bahia en 1697.

. . . .

Ses discours lui ont merité le surnom de Ciceron lusitanien: il a de la hardiesse, de l'energie, de la grandeur; mais son gout n'est pas toujours pur.»

(*Dezobry et Bachelet. Dicc. de Biographie et d'Histoire*).

«Vieira, celebre pregador, e, no pensar dos criticos portuguezes, um dos melhores escriptores d'esta nação, nasceu em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608...

Passou os ultimos annos de sua vida no Collegio da Bahia, occupado em preparar uma edição de seus Sermões.

Seus compatriotas o tem chamado o *Cicero Lusitano*; e de facto elle merece esta honrosa distincção.

A abundancia, a imaginação e as outras qualidades que fazem do Padre Vieira um dos primeiros escriptores de sua nação, não podem occultar a nossos olhos a falta de gosto que se nota em todas as suas composições».

(*Biographia Universal, vol. 48 Paris, 1827*).

«Vieira (Antonio), missionario portuguez, da ordem dos jesuitas, foi nomeado pregador de João IV, e encarregado de missões diplomaticas em Paris, Haya, Londres, Roma e Napoles, tendo-se consagrado posteriormente á conversão dos indios, onde encontrou os maiores obstaculos.

Distinguiu-se sobretudo como pregador, e é considerado como um dos melhores prosadores de Portugal».

(Louis Gregoire, Dicc. de Historia e Biographia e Geographia, Paris, 1871).

«Excluir o nome deste insigne orador do catalogo dos escriptores brazileiros, é roubar ao Brazil uma das suas mais esplendentes glorias do seculo XVII, pois, comquanto nascesse em Portugal, foi no Brazil que o menino se fez homem, e que o seu descommunal talento cresceu, robusteceu e floriu de modo tal que quando na força da edade foi ao reino, já era um orador notabilissimo, e um varão de tão grande saber, que a Côrte o attrahiu a si, e tentou sequestral-o completamente á Companhia de Jesus, de que era na verdade genuino filho. Tudo quanto já então era e sabia, aprendera e conquistára na Bahia, sua segunda patria».

(Eduardo Perié. A Litteratura Brazileira nos tempos coloniaes, Buenos-Ayres, 1885).

«O Padre Antonio Vieira foi diplomata em paizes estrangeiros; e não consta da sua vida que subtrahisse ás alfandegas o valor de um ceitil.

Precisando el-rei D. João IV de dinheiro para comprar umas fragatas, o Padre A. Vieira lhe fez emprestar trezentos mil cruzados. Não fez menores serviços na Hollanda: obteve a confirmação da alliança com Portugal, e um emprestimo consideravel.

Os seus sermões dizem mais, que os artigos sem fundo, de alguns periodicos. E' muito para se ver e admirar o modo, por que esse famoso prégador censura os costumes da côrte.

(Pedro Diniz. As Ordens Religiosas em Portugal).

«Teve Portugal jesuitas sabios e habeis professores. Um delles nos é apresentado por Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusitana* como um dos personagens mais illustres que produzio o Reino: é o Padre Antonio, nascido em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608.

Theologo, poeta, orador, philosopho, historiador, elle unia a todos os dons do espirito a força de vontade e a energia da intelligencia. Embaixador de João IV em Paris, na Hollanda e em Roma, mostrava-se ao mesmo tempo um profundo diplomata, um elegante prégador e um douto controversista. Elle procurava nas missões de além mar, nos collegios, na côrte e nos pulpitos, despertar o espirito nacional, cuja indolencia era para elle um supplicio.»

(Cretineau-Joly. Hist. da Companhia de Jesus, Paris, 1846).

«O Padre A. Vieira, um dos vultos mais grandiosos do seculo XVII por sua palavra eloquente, por sua capacidade superior em administração e diplomacia, por seu fervoroso apostolado na America, pertenceu-nos por mais de um titulo. Grande orador, epistolographo, e escriptor mistico e politico, é um dos maiores engenhos que produzio Portugal depois de Camões.

Este orador sagrado, que pode por sua eloquencia ser comparado a Cicero, ou a Bossuet, apezar do abuso que fez da agudeza de seu engenho, um dos mais perspicazes que se conhecem na Republica das Lettras, é ao mesmo tempo o prosador mais eloquente da lingua portugueza, o mais correcto e perfeito sem contradicção, e pela ventura o mais bem apreciado de todos, por ser o que mais se approxima de nossa idade e modo de fallar.

Linguagem depurada e castiça, admiravel propriedade de termos, riqueza e variedade de elocução, viveza de imagens, novidade e primor de pinturas, modos de dizer concisos, expressivos, engenhosos, são dotes que sobresahem a cada passo neste es-

criptor insigne, e lhe assignam como mestre da lingua um dos primeiros logares, entre os primeiros.

Vieira não é um homem, mas a eloquencia encarnada no homem.

Como epistolographo não tem rival em Portugal e corre parelhas com os grandes modelos da antiguidade.

As cartas de Vieira são modelos de estylo epistolar.

Taes são os grandes dotes do seu engenho, que a posteridade o admirará sempre como uma das intelligencias mais privilegiadas.

Os brazileiros, e sobretudo os maranhenses e paraenses, devem um testemunho de gratidão á memoria deste homem superior ao seu seculo, que tantos serviços prestou á grande causa da humanidade na America».

Francisco Sotero dos Reis. Curso de Litteratura, vol. 2.º, 1867).

«Um dos mais distinctos ornamentos da sua ordem e da sua patria. Nomeado pregador régio, grangearam-lhe os seus sermões a maior reputação. São elles realmente as mais extraordinarias composições deste genero: nada lhes pode exceder a absurdidade na parte typica e allegorica, a não ser talvez a ingenuidade assim pervertida, mas a par disto encontrão-se uma liberdade politica egual á de Latimer, com quem o orador frequentemente se assemelha tanto no estylo como na destemida honestidade, uma satyra pungente, uma felicidade de expressão, uma valentia de linguagem, e uma eloquencia a jorrar da plenitude duma imaginação rica e dum nobre coração, que têm feito dos escriptos de Vieira, apezar de toda a sua liga, a gloria e o orgulho da litteratura portugueza.»

(*Robert Southey. Historia do Brazil,* Edic. Port., Rio de Janeiro, 1862, vol. IV).

«Vieira (Antonio), celebre pregador portuguez; nascido em Lisboa em 1608, entrou com a idade de 15 annos para a ordem dos jesuitas, na Bahia, Brazil, e fez presentir desde então o futuro orador da cadeira christã.

A datar de 1652 Vieira, depois de ter recusado o episcopado, dedicou-se particularmente ás missões dos selvagens do Brazil, onde chegou a civilisar mais de 600 leguas do paiz, e estabeleceu o Evangelho, as artes e a liberdade.

Accusado perante a Inquisição de ter enunciado proposições condemnadas pela Egreja, recobrou sua liberdade em 1667 depois de dous annos de prisão, sem que se lhe exigisse retratacção alguma.

Seus sermões têm sido traduzidos em hespanhol; em italiano, em latim e em allemão».

(*Goslchler. Dicc. Encyc. da Theologia Cath.*, vol. 25).

«Chrisostomo e Vieira, estes dous luzeiros da oratoria sagrada, chegaram ao apogeu de seus resplendores vingando os arduos caminhos da virtude, a par e passo que subiam nos da sciencia. Verdadeiros gigantes desde o principio de sua carreira!

Ambos, pelos raros talentos com que a natureza e a graça os enriquecera, oppozeram um peito de bronze á prepotencia dos grandes por zelo da honra de Deus e em prol de desvalidos; e quanto não soffreram por isto!

E para mais particularisar a eloquencia de ambos, tres qualidades caracteristicas nota Isidoro na de Chrysostomo: a facundia da dicção, a belleza das sentenças, a multiplicidade e força dos argumentos. O mesmo louvor merece a eloquencia de Vieira, salvo os gongorismos e outros desprimores de seu tempo.

Em seus sermões nota-se dicção altamente fecunda, sentenças em grande numero e sobremodo bellas, argumentos multiplicados e qual delles mais poderoso; o seu estylo se conforma com a natureza do assumpto,

já sublime, já tenue, já impetuoso, já insinuante, já florido e pomposo.»

(*Padre Antonio Honorati. O Chrysostomo Portuguez*, Lisboa, 1878).

«Grande orador, eximio litterato, escriptor de agigantado folego, politico, diplomatico, economista, cathequisador, religioso activo, o mais audaz conselheiro em alvitres lembrados, e o mais perspicaz nos designios e planos, tal foi o Padre Antonio Vieira.

Foi elle o mais genuino e fiel representante do seu tempo, da politica, da nacionalidade, da lingua e da litteratura de Portugal.

Caracter forte, natureza robusta e vontade firme nunca recuou, nunca se atemorisou diante do perigo, e nunca se desvaneceu no seio da potestade e da grandeza.»

(*Conselheiro Pereira da Silva. Nacionalidade, lingua e litteratura de Portugal e Brazil*, Paris, 1884).

João Lisboa trata o notavel jesuita com demasiado rigor, e não obstante accrescenta em seu importante trabalho:

«Homem singular e extraordinario, escriptor eloquente e soberbamente inspirado, e grande orador, esse insigne A. Vieira tanto deve viver hoje pelos seus escriptos, como outr'ora viveu pelas suas palavras e façanhas.

«A' uma noticia vasta, immensa e quasi universal de todas as sciencias, reunia Vieira a novidade e agudeza, propria do seu engenho, com que tratava e desenvolvia as materias, a facilidade, pureza, cópia e energia da linguagem, não menos que a efficacia e nobreza da declamação e do gesto, em que era singularmente ajudado pelos dotes corporaes.

«Fizeram-lhe sumptuosas exequias tanto na Bahia

como em Lisboa. Quanto havia de illustre na nobreza, na religião e nas lettras acudio a honrar nestas solemnidades a memoria do grande prégador, sopeados ou esquecidos então os sentimentos de inveja e de odio, absorvidos todos nos da admiração e estima dos seus grandes talentos e virtudes.»

(*João Francisco Lisboa. Vida do Padre Antonio Vieira*, Rio, 1877).

«Orador sagrado, epistolographo, escriptor politico, habil diplomata e primeiro estadista de seu tempo, o grande Padre Antonio Vieira, em summa, é—um dos vultos mais extraordinarios do seu seculo, com quem a natureza ás mãos largas fôra prodiga em dotar com todas as virtudes e grandes qualidades do genio, e defeitos de sua indole e da sua épocha, e que deslumbraria o velho mundo como estadista e politico, si a vocação lhe não andasse errada, constringindo-lhe e abafando as aspirações e ousadias na roupeta do jesuita.»

(*Dr. Antonio Henriques Leal. Vida e obras de João Lisboa*).

«Vieyra (Antonio), celebre pregador e missionario portuguez, nasceu em Lisboa em 1608, morto na Bahia em 1697.

O padre Vieira era um destes pregadores de temperamento singular, de estylo colorido e extravagante, homem de profundo saber e um dos mais vigorosos espiritos que produziu Portugal.

Versado no estudo das linguas antigas, escrevia em latim com o talento de Erasmo, falava e escrevia as principaes linguas da Europa, tendo aprendido todos os idiomas do Brazil. Era, de mais, um historiador exacto, escrupuloso, cousa rara em sua época, e elle mostrou nas suas cartas politicas sobre as

missões do Brazil uma grande elevação de ideias e de sentimentos.

Os seus sermões são seguramente neste genero a collecção mais original que existe. Um delles, o que foi pronunciado na Bahia, na egreja d'Ajuda, pode passar por uma obra prima. O Abbade Raynal, traduzindo as principaes passagens, diz, com razão, que é o discurso mais extraordinario, que se tenha jamais ouvido num pulpito christão.

Perseguido pela Inquisição, onde esteve preso cerca de 26 mezes, recebeu do Papa Clemente X uma brilhante reparação e uma distincção talvez unica na historia ecclesiastica, qual a de ser julgado por um concilio de cardeaes e publicar suas obras independente de qualquer censura.»

(*P. Larousse. Dicc. Universal*, vol. XV).

«Ninguem antes do Padre Vieira penetrára em Portugal nos arcanos da verdadeira eloquencia, nenhum affrontára os raios da imprensa, sendo por isso impossivel aquilatar-lhe o merito.

Partecipava de quasi heterogeneos predicados; possuia a violencia de Demosthenes, a abundancia e fluencia de Cicero, não desconhecia os recursos oratorios de S. João Chrysostomo, nem o imaginoso estylo dos padres alexandrinos, entresachado de distincções e subtilesas. Arrastava-o o excessivo amor do paradoxo; era-lhe a antithese saboroso alimento, pagando pingue tributo ao máo gosto da época em que vivia.

O que entretanto tem deslumbrado grande numero de criticos é a admiração pelo magestoso estylo de Vieira e pelo cabal conhecimento que tinha da lingua vernacula de que ainda é um dos primeiros classicos.

A' imitação das de Cicero são as *cartas* do Padre Vieira uma especie d'auto-biographia, repleta de abundantes dados para a historia de seu tempo.»

(*Conego Dr. Fernandes Pinheiro. Historia Litteraria*, vol. II, Rio, 1873).

«O nosso compatriota, o grande Padre Antonio Vieira, o maior orador sagrado, a maior intelligencia politica, o maior estadista e o mais atillado diplomata de seu tempo, já em 1640 sentindo as agonias dos seus conterraneos, em um sermão de visitação, pregado na igreja da Misericordia da Bahia, em presença do 1.º Vice-rei, Marquez de Montalvão, falou-lhe com a sua costumada franqueza, reconhecendo a má politica do governo metropolitano, e ameaçava-o com a independencia, demonstrando com os factos a necessidade de separar-se o Brazil de sua metropole, se as causas que tanto tinham aggravado as circumstancias, seguissem o mesmo rumo.»

(*Dr. Mello Moraes. Brazil Historico*, 1867).

Fevereiro, 26—1641.—«Para felicitar o rei acclamado (D. João IV), dando-lhe conta do reconhecimento de sua autoridade e acclamação no Brazil, ordena o Marquez de Montalvão, vice-rei da Bahia, que partisse seu filho e mestre de campo D. Fernando, acompanhado de dous jesuitas celebres, o padre Simão de Vasconcellos, chronista da Companhia de Jesus e autor de varios escriptos, e o fecundo padre Antonio Vieira que com 33 annos de idade ia agora recommendar-se por seus talentos na Europa, não só como pregador de primeira ordem, vindo a sel-o da Côrte, mas até como estadista e conselheiro dos reis nos casos mais criticos.»

Julho, 18—1697—«Morre no seu collegio da Bahia o celebre jesuita Antonio Vieira com cerca de 90 annos de idade. Era filho de Lisboa e tinha vindo para a Bahia de 8 annos de idade em companhia de seus pais.

O nome do Padre Antonio Vieira é classico em Portugal e no Brazil não só por seus escriptos, como pelos seus serviços durante muitos annos empregados na cathechese dos indios, dos quaes foi o mais valioso patrono.»

(*José de Vasconcellos. Datas Celebres*, Recife, 1872).

«O nome de Vieira é popular em Portugal e no Brazil, não só pelos seus numerosos escriptos, em que joga admiravelmente e de um modo peregrino com a nossa lingua, como pelos serviços que prestou durante longos annos na cathechese e civilisação dos indigenas, dos quaes foi, no seu seculo, o mais valioso patrono e infatigavel apostolo.

Como escriptor e orador sagrado é considerado um dos mais puros e portentosos da lingua portugueza, a qual muito lhe deve em conceito e elegancia.»

Depois de transcrever a apologia, que do famoso jesuita, fez o bispo de Viseu, accrescenta: «E' o maior elogio que se possa tecer a um escriptor por mais competente juiz: Vieira merece-o.»

(*Dr. Teixeira de Mello. Ephemerides Nacionaes*, Rio, 1881).

«Iguala em autoridade, acerca do mesmo successo, (tomada da Bahia) a Annua da Provincia Brazilica da Companhia de Jesus em 1624 e 1625, escripta pelo Padre Antonio Vieira, ainda então muito joven, mas já manejando a penna com a facilidade, lucidez e brilho com que veio mais tarde a distinguir-se tanto nas lettras.»

(*Visconde de Porto-Seguro. Historia das Luctas*).

«Foi um verdadeiro genio este homem notavel...

Era Vieira dotado de espirito agudo e prompto, bastante instruido, de muito engenho, e facil e sentencioso no dizer. O seu estylo, corrente e vivo, é as vezes magestoso. Sua linguagem é sempre correcta, agradavel e pura. Os seus pareceres politicos, bem que nem sempre conscienciosos, nem coherentes uns com os outros, são admiravelmente deduzidos; e a sua correspondencia epistolar é sentenciosa, cheia de continuados encantos, e repleta de noticias, que se-

riam de mais importancia para a historia, se o escriptor se recommendasse por dotes de verdade e de boa fé a toda prova.»

(*V. de Porto-Seguro. Historia Geral do Brazil, vol. 2º*).

«Vieira foi um homem de peregrina intelligencia, de instrucção muito ampla para seu tempo, e ao mesmo tempo um orador eminente e um escriptor distincto.

Ha na sua vida factos que provam que elle era dotado de uma força de vontade extraordinaria e capaz de virtudes raras.»

(*Dr. Anselmo da Fonseca. A Escravidão, o Clero e o Abolicionismo*, Bahia, 1887).

«Os grandes oradores da tribuna portugueza, Garrett, Rodrigo da Fonseca, José Estevão, Rebello da Silva, todos o manuseavam com fructo. O Sr. Latino Coelho toma-o como um dos seus mais queridos convivas litterarios: sabe quasi de cór os seus sermões, muitas vezes molda pela phrase vieirense a phrase dos seus proprios escriptos.»

(*Diccionario Popular. Vol. 13. Pag. 193. Lisboa, 1884*).

«Se me não enganam os testemunhos de sabios infinitos, nem antes nem depois deste singular orador tivemos penna do mesmo aparo. Possuiu em grau sublime todas as delicadezas, propriedades e energias da lingua; por isso ainda ninguem duvidou usar de vocabulo, phrase e expressão achada em seus escriptos. Seguir sempre em tudo e por tudo o fallar de Vieira é uma segurissima regra de conseguir não só a pureza, mas o louvor de ter todo o co-

nhecimento das subtilezas do idioma portuguez; porque nenhum outro classico temos que escrevesse tanto e sobre tão diversas materias.»

(*Francisco José Freire. Reflexões sobre a lingua portugueza, Lisboa, 1842*).

ANTONIO VIEIRA E A RAINHA DA SUECIA

«En 1669 il fut appellé á Rome par son Général, á la sollicitation de la Reine Christine, toujours curieuse de voir et d'entendre les hommes extraordinaires.

Elle entendit Vieira, et l'invita aux Conférences savantes, qui se faisaient dans son Palais; elle le gouta même á un tel point, qu'elle résolut de le fixer á Rome, et de se l'attacher á titre de Confesseur: mais l'air de Rome lui étant contraire, il fut obligé de retourner á Lisbonne, ou vil revint en 1676. La Reine de Suéde persista néanmoins á vouloir l'avoir pour Confesseur; elle engagea le Géneral de la Compagnie á lui écrire, ce qu'il fit le premier Décembre 1678; mais en lui proposant la chose, il lui laissa la liberté de faire ce qu'il jugerait á propós. Vieira s'excusa, et pour n'étre pas exposé á de nouvelles sollicitations, il s'embarqua pour le Brésil en 1681.

(*Chaufepiè. Dictionnaire Historique, vol. 8, pag. 573 1756*).

Latino Coelho fazendo um confronto entre o Padre Antonio Vieira e D. Francisco de S. Luiz, assim se exprime:

«Em ambos é o patriotismo ardente a principal camena que os inspira. Em Antonio Vieira, o amor de sua terra exalta sob a roupeta do jesuita os talentos e os recursos do estadista. Em D. Fr. Francisco de S. Luiz, similhante e não menos fervoroos

sentimento lhe accende, sob a humildade da cogulla os brios e os esforços para as grandes emprezas, em que vae a salvação e o bem do estado. Fr. Francisco de S. Luiz apparece pela primeira vez na scena publica, membro de uma junta popular levantada no Minho para organisar a resistencia da provincia contra as phalanges invasoras do primeiro Napoleão. O padre Antonio Vieira apparece como figura principal em todas as occasiões e em todos os logares, em que se pede contra a arrogancia castelhana um coração verdadeiramente portuguez, um espirito fertil e inventivo, um animo aventuroso e resoluto e um conselho prudente e moderado.

Quasi que não subiu uma só vez ao pulpito, que não aproveitasse aquella só tribuna dos seus tempos para vindicar os fóros dos humildes, e para dourar nas apparencias da homilia a objurgação politica e a vehemente imprecação contra os que, por ambições e desacertos, arriscavam a honra d'este reino e devoravam a mais preciosa substancia da nação.

Em um e em outro sempre o culto da patria nas emprezas e nos escriptos.

O padre Vieira que descorrera por tantas peregrinas regiões, enriqueceu a lingua com palavras e modismos que João de Barros houvera taxado de contrarios á vernaculidade, como a elle entendia e praticava.»

(*Latino Coelho. Elogios Academicos, vol. 1*).

ANTONIO VIEIRA E JOSÉ ESTEVAM

«Notava-se-lhe certa familiaridade com alguns dos nossos classicos, e sobretudo intima convivencia com os livros do Padre Vieira.

A cada momento appareciam trechos, que lembravam as ousadias e as elegancias, que em tantos periodos estimados cunham o estylo admiravel daquelle engenho ainda mais apto para a eloquencia

politica, do que para a persuasão religiosa, engenho comprimido pelo habito e pela época, cujas explosões repentinas transformando o pulpito em tribuna, tantas vezes converteram o panegyrico em satyras, para cravar os validos na cruz do mau ladrão, ou para na mais plangente das ironias, flagellar uma legião inteira de perseguidores, pedindo aos peixes o thema e o disfarce.»

(*Rebello da Silva. Biographia de José Estevam*).

O idioma patrio tornou-se em suas mãos um instrumento docil, poderoso e irresistivel.

(*Rebello da Silva. Varões Illustres*).

«Homem extraordinario, patriota ardente como ninguem, o Padre Antonio Vieira foi um conselheiro cujo genio quasi universal o rei (D. João IV) admirava, um amigo querido, que valia para elle mais do que todos os seus ministros e diplomatas, *porque lhe dizia a verdade*.

O Padre era grande demais para ser um favorito.»

(*Joaquim de Vasconcellos. Plutarcho Portuguez*).

«A face dominante do Padre Vieira é a sua cooperação diplomatica em todos os negocios que a nova dynastia dos Braganças teve de propor ou propugnar nas côrtes estrangeiras. Visto a esta luz o vulto de Vieira toma proporções colossaes.

«Plinio escrevendo a Tacito, dizia-lhe: «Felizes os que sabem praticar cousas dignas de serem escriptas, ou de escreverem cousas dignas de serem lidas.» Tal é a caracteristica do grande homem; Vieira possuiu esta dupla capacidade.»

(*Theophilo Braga. Plutarcho Portuguez*).

«Homem eminente, que na longa carreira de quasi um seculo deu á patria no velho e no novo mundo provas irrecusaveis de vastissimo talento, não menos que de applicação estudiosa, e de subtil penetração nos negocios mais arduos da monarchia. Admirado no retiro do seu cubiculo, applaudido nos pulpitos, ouvido e consultado nos gabinetes dos soberanos em tempos de maior perigo, legou por fim á posteridade apesar de emulos e detractores um nome imperecivel.»

(*Innocencio Francisco da Silva, Archivo Pittoresco, 1868*).

«Nunca a nossa lingua soou mais bella, opulenta, energica e magestosa, do que na bocca deste eminente orador. Para elle, o pulpito foi muitas vezes tribuna. As suas orações não excitavam unicamente sentimento religioso; mas, quantas vezes enthusiasmavam, quantas vezes tambem verberavam a corrupção da côrte e os escandalos do governo. Era um poeta e um pensador. O homem que nos sermões sabia casar com um lyrismo inexcedivel de phrase, a alteza do pensamento phylosophico, o homem que fazendo vibrar essa lyra de mil cordas que tinha na voz, ora arrancava lagrimas ao auditorio, ora lhe fazia correr nas veias o fremito do patriotismo, da ira sagrada, do nobre enthusiasmo, áquelles que tinha presos da sua palavra colorida, em que se traduziam sublimes ideias, a côrte e o povo, os reis e os pontifices, os nobres e os plebeus, os ignorantes e os sabios!!»

E mais adiante: «Os seus «Sermões» e as suas «Cartas», além de outras obras notaveis que publicou, dão-lhe um dos primeiros lugares entre os Classicos portuguezes; e se haverá quem o vença em limpidez de linguagem, ninguem o excede na energia da locução e na propriedade dos termos. Soube afinar admiravelmente o idioma portuguez, instrumento ma-

ravilhoso, em que elle fez vibrar melodias immortaes.»

(*Pinheiro Chagas. Portuguezes Illustres*).

«Illustre jesuita, sabio orador e o classico mais autorisado da lingua portugueza. Nenhum outro classico temos que tanto escrevesse e sobre tão diversas materias, e foi encarregado de importantes missões diplomaticas em Paris, Amsterdam e Roma mostrando grande vocação para a politica.»

(*Theodoro José da Silva. Miscelanea Historico-Biographica. Lisboa, 1877*).

—«E' elle um dos primeiros, senão o maior dos prozadores portuguezes.»

(*The Century cyclopedia. New-York, 1895*).

«E' incontestavelmente a individualidade mais saliente d'entre os jesuitas de seu tempo em Portugal e Brazil, tendo por mestre entre outros a Fernão Cardim. Notabilisou-se no pulpito, nas lettras, na politica, quer no Brazil, quer em Portugal, quer na cidade dos Papas.

Suas viagens ao Marajó, á Serra da Ibiapaba são conhecidas pelas luctas, que travou em favor da liberdade dos indios, pela tenacidade e zelo apostolico com que se houve, pelos resultados que colheu na pregação da fé catholica.

Essa grande figura do seculo XVII pertence-nos por mais de um titulo. Elle proprio disse-o: «Pelo segundo nascimento devo ao Brazil as obrigações de patria.»

(*Dr. Guilherme Studart—Datas e Factos sobre a Historia do Ceará, 1896*).

«Foi eximio pregador, notavel epistolographo e autor de opusculos de menor valia.

Como orador sagrado attinge universal nomeada, e aos Brazileiros sympathicamente se recommenda como propugnador da liberdade dos Indios, e eloquente adrersario da invasão hollandeza. Envolvido nos interesses politicos da epoca, prestou relevantes serviços á sua patria.

Viveu largos annos no Brazil, e em Roma pregou perante o summo pontifice Clemente X. Em sua trabalhosa existencia duas vezes provou as agruras do carcere: no Maranhão, onde foi preso pelos sectarios do escravisamento dos indigenas e remettido para o reino; e pela Inquisição, que levara a mal certas arriscadas proposições do *Quinto Imperio*.

Posto que pague copioso tributo ao immoderado gosto das antitheses, Vieira é um dos melhores mestres da lingua e offerece lato campo de estudo aos amadores da vernaculidade.»

(*Fausto Barreto e Carlos de Laet—Anthologia Nacional. Rio de Janeiro, 1896*).

«*Grande Padre!* chamavam os innocentes indios do Brazil ao seu generoso mestre; e, tão grande, que, até hoje, em terras portuguezas, nenhum outro se lhe avantajou na universalidade da grandeza. Eu confesso abertamente que, ao ler a historia patria, nunca vi passar ante meus olhos, um vulto mais enormemente grande. Que orador! que escriptor! que diplomata! que sabio! que apostolo!

Como orador, deve medir-se pela estatura de Demosthenes, pela pujança de Cicero, pela envergadura de Chrysostomo e pela magestade de Bossuet; a não ser que na erudição phenomenal e no engenho subtilissimo e fertilissimo, ganhe sobre excellencia a todos quatro. Accresce, que nunca recebeu sombra de reconhecimento ou um real pelos seus sermões, e, dos estampados, outros gosaram o proveito.

Como escriptor, é indubitavelmente o nossopri-

meiro classico, representando e resumindo com Luiz de Camões a maxima gloria litteraria de Portugal.

Como apostolo, excedendo em aptidões o proprio S. Francisco Xavier, não admitte, depois de S. Paulo, confrontos e parallelos em toda a Egreja Catholica. Elle, o egregio pregador da côrte de Lisboa e da cidade Eterna, o Bossuet portuguez, que regeitara mitras episcopaes e purpuras cardinalicias offerecidas á sua escolha, o sacerdote portuguez mais celebrado e afamado na Europa, um tal homem, n'um arranco de fervor apostolico, despreza a opulencia dos paços, abandona o luzimento dos principes, esquece o applauso dos admiradores, e no impulso de civilisar gentios, abala, foz em fóra, aproando aos sertões do Brazil!»

(*Alves Mendes—Lisboa, 1897*).

«A sua existencia foi uma das mais activas e illustres do seu tempo. Grande pregador, grande politico, grande escriptor, missionario, grande colonisador, esteve envolvido nos maiores negocios, tratou com os maiores personagens e trabalhou pelas maiores idéas de sua epoca.

Os seus magnificos sermões arrebatavam tanto a gente inculta do Brazil, como encantavam em Roma o sabio e requintado mundo dos prelados romanos. A sua fama estendeu-se por toda a Europa.

Depois de ser confidente dos reis e dos papas, de ter conhecido as grandezas do mundo e as do alto saber, morreu com a pobresa e a simplicidade de um mystico, na capital da Bahia.»

(*Eça de Queiroz. Almanak Encyclopedico para 1897*).

«Quem ha ahi que o não conheça? Quem não terá lido, em mil fragmentos, dispersos em logares se-

lectos e rapsodias classicas, os mais bellos trechos d'esse escriptor incomparavel?

E se ha vultos gloriosos, que immortalisam uma nação, Vieira é um d'elles; tão sublime e enorme é a sua compleição genial, e tão levantada a sua figura!»

(*Revista Catholica—Lisboa, 1897*).

«Nas missões do Brazil serviu a causa da humanidade e do progresso, nas commissões diplomaticas serviu a causa da patria, e do pulpito abaixo, com a eloquencia de sua palavra inspirada, serviu a causa da lingua nacional, descobrindo n'ella primores e encantos de harmonia e de vigor, que talvez desde Camões não tivessem sido muito explorados e que no seu tempo estavam a submergir-se sob a onda infecundante do gongorismo.

Os serviços que Antonio Vieira prestou ao idioma portuguez bastavam para o glorificar.»

(*Correio da Europa—Julho de 1897*).

«Quem appareceu n'aquella epoca mais patriota, mais trabalhador, que mais se multiplicasse em serviços de toda a especie e em toda a parte do que o Padre Vieira?

Cumpre um dever exaltando a memoria de Vieira, portuguez de lei e servidor da sua patria, como poucos.

O Padre Antonio Vieira, debaixo da sua sotaina, foi o maior liberal de seu tempo. Disse verdades amargas ao povo e ao Rei.»

(*Thomaz Ribeiro*).

«Glorioso sacerdote, exemplo sublime de genio, de talento, de saber, de zelo, de dedicação, de actividade e de patriotismo, qualidades que sobrenadam e resistem atravez a Historia.

Quando parecer que a memoria do grande Vieira desceu novamente á obscuridade e ao esquecimento, vel-a-hemos dentro em pouco reapparecer triumphante e ainda mais pujante da vida, no apreço universal do seu nome, na reedição de suas obras, verdadeiras joias litterarias, na sua leitura muito mais assidua, no culto mais positivo e na imitação d'essa lingua que elle fixou, que elle crystalisou na perfeição, que elle manejou com tanta clareza, riqueza e magestade.»

(*Padre Senna Freitas. Lisboa, 1897*).



INDICE

PARTE PRIMEIRA

Conferencias sobre o Centenario

PARTE SEGUNDA

A commemoração do Centenario

PARTE TERCEIRA

Vida e obras do Padre Vieira

Homenagem do Instituto Geographico e Historico da Bahia

Ao Padre Antonio Vieira

☆



1697 - 1897.




3 2044 019 630 656

